



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

KALINE GIRÃO JAMISON

**MOVIMENTOS DE EMPATIA NO DISCURSO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL: UMA
ANÁLISE LINGUÍSTICO-COGNITIVA NO ENQUADRE COMUNICATIVO DOS
BOLETINS DE OCORRÊNCIA**

FORTALEZA
2015

KALINE GIRÃO JAMISON

**MOVIMENTOS DE EMPATIA NO DISCURSO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL: UMA
ANÁLISE LINGUÍSTICO-COGNITIVA NO ENQUADRE COMUNICATIVO DOS
BOLETINS DE OCORRÊNCIA**

Tese apresentada à banca examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi

Coorientadora: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

J31m Jamison, Kaline Girão.
Movimentos de empatia no discurso da violência conjugal : uma análise linguístico-cognitiva no enquadre comunicativo dos boletins de ocorrência / Kaline Girão Jamison. – 2015.
204 f. : il. color., enc. ; 30 cm..

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Linguística.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi.

Coorientação: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

1.Empatia. 2.Interação social. 3.Violência contra as mulheres – Fortaleza(CE). 4.Violência conjugal – Fortaleza(CE). 5.Análise da conversação – Fortaleza(CE). 6.Boletim de ocorrência – Fortaleza(CE) – Análise do discurso. I.Título.

CDD 362.8292098131

KALINE GIRÃO JAMISON

**MOVIMENTOS DE EMPATIA NO DISCURSO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL: UMA
ANÁLISE LINGUÍSTICO-COGNITIVA NO ENQUADRE COMUNICATIVO DOS
BOLETINS DE OCORRÊNCIA**

Tese apresentada à banca examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi

Coorientadora: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Aprovada em: 23/03/2015

BANCA EXAMINADORA



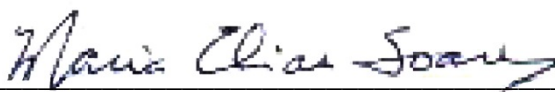
Prof.^a Dr.^a Heloísa Pedroso M. Feltes (Coorientadora)
Universidade de Caxias do Sul (UCS)



Prof.^a Dr.^a Paula Lenz Costa Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof.^a Dr.^a Letícia Adriana Pires Ferreira do Santos
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof.^a Dr.^a Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof.^a Dr.^a Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À memória de Antônio Carlos Souza da Silva, o
comandante do vôo para este destino.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, por possibilitar a realização e a conclusão desse estudo.

À professora Ana Pelosi, minha orientadora, pela empatia doada a mim. Por ter sonhado comigo o meu sonho e lutado comigo para que ele se tornasse realidade. Pelas valiosas observações, pela atenção e carinho doados de forma constante aos meus emails e demandas e pela generosidade em me ajudar a todo momento.

À professora Heloísa Feltes, pelo acolhimento generoso e caloroso quando cheguei à fria Caxias do Sul. Pelas aulas inspiradoras, pela coorientação cuidadosa, pelos *insights* valiosos durante nossas conversas regadas à café com leite na lancheria do Bloco H da UCS e pelas carinhosas palavras de incentivo que tanto me motivaram a dar o melhor de mim.

À Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima, por suas inestimáveis contribuições durante o exame de qualificação que resultaram no aprimoramento desse estudo. Mas, especialmente, por ter acreditado em mim e por ter feito parte de toda minha estrada acadêmica, desde o Mestrado.

À Profa. Dra. Maria Elias, pela disponibilidade, empenho e empatia.

À Profa. Dra. Eulália Leurquin, pela disponibilidade e contribuições desde o exame de qualificação.

A todo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, na pessoa da Profa. Dra. Margareth Fernandes, pela oportunidade dada ao meu crescimento profissional.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Eduardo, Antonia e Vanessa, pela atenção, gentileza e disponibilidade ao longo de todo o curso.

Aos meus pais, Robério e Francisca, pelo suporte emocional e por todo apoio dado aos meus filhos, em função da minha ausência.

Aos meus filhos, Brisa, Luara e Caio, por entenderem minha ausência e por me darem a força necessária para realizar, prosseguir e progredir.

Ao meu companheiro, Luciano Krause, pelo apoio incondicional para a realização de mais um sonho.

À professora Dra. Letícia Adriana, por cada alegria compartilhada, por ter sempre acreditado em mim e por ter me incentivado a dar prosseguimento às etapas da vida acadêmica.

Ao colega Pedro Henrique, pela ajuda com o cálculo estatístico e pelas conversas dinâmicas e complexas sobre Linguística.

Às colegas e, sobretudo, amigas Meire Virgínia, Ana Cristina Cunha, Julianne Larens, Hermínia Lima e Karina Siqueira, por terem sido mais do que colegas de Doutorado e suavizado o percurso dessa árdua caminhada.

“Elas se tornaram calejadas por terem passado por tudo o que passaram. Independentemente do custo, mesmo agora, elas *vêem*, seus ouvidos *ouvem*, suas línguas *falam*, e elas são tão gentis.”

Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o fenômeno da empatia nos relatos verbais de quatro vítimas de violência conjugal no momento da confecção de boletins de ocorrência em uma Delegacia Especializada em Atendimento às Mulheres, em Fortaleza, Ceará. O objetivo desse estudo é observar e analisar a emergência de indícios empáticos fornecidos pelas participantes, na perspectiva das funções de empatia (MARTINOVSKY; MAO, 2009). Para isso, procuramos verificar como essas mulheres utilizam o trabalho de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967), os dispositivos emotivos da comunicação (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) e mecanismos linguístico-cognitivos (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987, JOHNSON, 1987), como estratégias de envolvimento, de atenuação de seu dizer e de construção de movimentos empáticos dinâmicos e multidirecionais. Adotamos a Análise da Conversação para analisar as quatro interações, as quais foram subdividas em tópicos discursivos, a fim de facilitar a identificação da emergência de movimentos empáticos, assim como dos trabalhos de preservação e proteção de face das participantes. Também realizamos um teste de frequência estatístico, o Qui-quadrado para averiguar se havia diferença estatística significativa na emergência empática e nas manifestações de elaboração de faces entre o grupo de mulheres que desejavam requer medidas legais contra seus agressores (“empatia ofensiva”) e as que não tinham esse interesse (“empatia defensiva”). Verificamos uma diferença no número de ocorrências de movimentos empáticos e de ações de preservação e proteção de faces entre os grupos de “empatia ofensiva” e “empatia defensiva”, que foi confirmada pelo seguinte resultado, obtido a partir do teste estatístico de frequência do Qui-quadrado: $X^2=4,00$; $df=1$; $p<0,05$. Percebemos que o grupo “empatia defensiva” apresentou um índice maior de movimentos empáticos em relação ao grupo “empatia ofensiva”. Verificamos ainda que, nesse evento discursivo, os movimentos empáticos detectados são dinâmicos e ocorrem multidirecionalmente (da vítima ao agressor e também da escritã à vítima). Constatamos que, embora a confecção de boletins de ocorrência em DEAM se constitua um evento discursivo de natureza estruturada e bem definida, trabalhos de preservação de faces podem ser observados como propulsores de movimentos que indiciam a emergência empática. Além disso, observamos que a recursos cognitivos exercem um importante papel na construção de estratégias de elicitación empática.

Palavras-Chave: Empatia. Faces. Violência contra a mulher.

ABSTRACT

This study investigates the phenomenon of empathy in recorded police reports of four female victims of intimate partner violence, who went to a local Police Station for Women, located in Fortaleza, Ceará. The aim of this study is to observe and analyze the emergence of empathic indication provided by the participants, from the perspective of functions of empathy (MARTINOVSKY; MAO, 2009). For this, we assessed how these women perform their face work (GOFFMAN, 1967) through the emotive communication devices (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007) and cognitive mechanisms linguistic (LAFOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON 1987) as strategies for interactional engagement, mitigation and the building of multidirectional dynamic empathy movements. We adopted Conversation Analysis to analyze the four interactions, which were subdivided into discursive topics, in order to facilitate the identification of empathy movements, as well as face preservation and face protection of the participants. We also performed a statistical frequency test, named chi-square, to see if there were any statistically significant difference in empathic surfacing and in face work demonstrations between the group of women who wanted to take legal action against their abusers ("offensive empathy") and the other group who had no such interest ("defensive empathy"). We found a difference in the number of occurrences of empathic movements and actions of face preservation and face protection between the groups of "offensive empathy" and "defensive empathy", which was confirmed by the following result, obtained from a chi-squared test; $X^2 = 4.00$; $df = 1$; $p < 0.05$. We perceived that the "defensive empathy" group demonstrated higher index of empathic movements in relation to the "Offensive empathy". We observed that the "defensive empathy" group presented a more significant level of empathic movements in relation to "offensive empathy" one. Yet, we found that, in this discursive event, detected empathy movements are dynamic and occur in multi directions (from the victim to the offender and also from the police officer to the victim). We perceived that, although the production of police reports done in a Police Station for Women constitute a structured and well define discourse event, face preservation and protection could be seen as propellers for actions that indicate the empathy surfacing. In addition, we observed that the cognitive linguistic mechanisms play an important role in building empathic elicitation strategies.

Key-Words: Empathy. Face work. Violence against women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo do Processo Empático	28
Figura 2: Dinâmica das Funções de Empatia da Interação	33
Figura 3: Modelo de Elaboração de Faces	50
Figura 4: COMPULSÃO.....	56
Figura 5: BLOQUEIO	57
Figura 6: CONTRAFORÇAS	57
Figura 7: REMOÇÃO DE BLOQUEIO	57
Figura 8: HABILITAÇÃO	58
Figura 9: A dinâmica do sistema da empatia em interações de registro de BO por vítimas de violência conjugal	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Metáforas de ESTRUTURAS DE EVENTO.....	60
Quadro 2: Marcadores discursivos identificados nas interações	82
Quadro 3: Marcadores de dificuldade de formulação verbal e envolvimento	83
Quadro 4: Convenções de transcrição	85
Quadro 5: Códigos utilizados nas análises	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Movimentos de empatia e de trabalho de faces na interação entre V1 e E1	102
Tabela 2: Movimentos de empatia e de trabalho de faces na interação entre V2 e E2	121
Tabela 3: Movimentos de empatia e de trabalho de faces na interação entre V3 e E3	135
Tabela 4: Movimentos de empatia e de trabalho de faces na interação entre V4 e E4	143
Tabela 5: Comparação entre as empatias “defensiva” e “ofensiva” nas interações das VVC	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Panorama da interação entre V1 e E1	103
Gráfico 2: Panorama da interação entre V2 e E2	122
Gráfico 3: Panorama da interação entre V3 e E3	136
Gráfico 4: Panorama da interação entre V4 e E4	144

ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA-/AVA+	Dispositivo emotivo de menor ou maior avaliatividade
BO	Boletim de Ocorrência
Compl	Complementação do discurso do interlocutor
DEAM	Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher
DF: An	Marcador de dificuldade de formulação: anacoluto
DF:PVo	Marcador de dificuldade de formulação: prolongamento de vogal
DF:PLV	Marcador de dificuldade de formulação: planejamento verbal
DF: Rep	Marcador de dificuldade de formulação: repetição
EMP: AC	Ação de aceitação da empatia doada
EMP: EL	Ação de elicitación empática
EMP: D	Ação de doação empática
EMP: R+	Ação de resposta empática favorável
EsqIm: F	Esquema imagético de FORÇA
EsqIm: OPM	Esquema imagético de ORIGEM-PERCURSO-META
EsqIm: C-P	Esquema imagético de CENTRO-PERIFERIA
EsqIm: D-F	Esquema imagético de RECIPIENTE
EsqIm: RemBloq	Esquema imagético de REMOÇÃO DE BLOQUEIO
EsqIm: TraPF	Esquema imagético de TRAJETO AO PONTO FINAL
EsqIm: Vert	Esquema imagético de VERTICALIDADE
ESP-/ESP+	Dispositivo emotivo de menor ou maior especificidade
EVI-/EVI+	Dispositivo emotivo de menor ou maior evidencialidade
FC: AmF	Trabalho de ameaça à face do interlocutor
FC: AmFO	Trabalho de ameaça à face do outro (agressor)
FC: PPF	Trabalho de preservação da própria face
FC: PFO	Trabalho de preservação da face do outro
FC: AtOf	Manifestação de atenuação de ofensa
MD	Marcador discursivo
MD: EL	Marcador discursivo de elicitación empática
MD: Mon	Marcador discursivo de monitoramento
MD: ASS	Marcador discursivo de assentimento
MD: Inc	Marcador discursivo de incerteza

Meta	Metáfora
Meto	Metonímia
QUA-/QUA+	Dispositivo emotivo de menor ou maior quantificação
Paraf	Paráfrase
PROX-/PROX+	Dispositivo emotivo de menor ou maior proximidade
SAC	Sistemas Adaptativos Complexos
TD	Tópico Discursivo
VOL-/VOL+	Dispositivo emotivo de menor ou maior volitividade
VVC	Vítimas de violência conjugal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 EMPATIA, DISCURSO E COGNIÇÃO	18
2.1 Empatia: da estética à neurociência	18
2.1.1 Tipos e definições de empatia	22
2.1.2 Modelo do processo empático	27
2.1.3 Empatia e linguagem.....	28
2.1.4 Funções da empatia na interação.....	32
2.1.5 Emotividade e suas manifestações no discurso.....	35
2.1.6 Os dispositivos emotivos da comunicação	37
2.2 A imagem social: refletindo pertencimentos.....	40
2.2.1 O papel da linguagem para a imagem social	42
2.2.2 As faces da interação: à procura do alinhamento	44
2.2.2.1 A face da vítima de violência conjugal e suas relações com o enquadramento.....	45
2.3 A noção de mente corpórea e suas implicações na linguagem.....	51
2.3.1 Esquemas de Imagens	53
2.3.2 Teoria da Metáfora Conceitual.....	58
2.3.3 Teoria da Metáfora Primária.....	60
2.3.3.1 Metáforas da moralidade: as bases de um conceito.....	62
2.3.4 Metonímias	65
2.3.4.1 Interação entre metonímia e metáfora: a metafonímia	68
3 METODOLOGIA	71
3.1 Método e coleta dos dados	73
3.2 Participantes da pesquisa	76
3.3 As propriedades estruturais e discursivas do BO.....	77
3.3.1 A estrutura organizacional do BO.....	77
3.3.2 A organização das partes: os tópicos discursivos do BO	79
3.3.3 A conexão entre as partes do BO: os turnos conversacionais	80
3.3.4 Marcadores discursivos: estruturas da coesão e coerência interacional do BO.....	81
3.4 Normas para transcrição.....	83
3.5 Procedimento de análise do corpus	85
4 ANÁLISE DOS DADOS	90
4.1 A interação de V1 com E1	90
4.1.1 Tópico discursivo “identificação do agressor”	91
4.1.2 Tópico discursivo “descrição da violência”	92
4.1.3 Tópico discursivo “razões da ida à delegacia”	93
4.1.4 Tópico discursivo “oferta de alternativa para resolução do problema”.....	94

4.1.6 Tópico discursivo “aconselhamento e oferta de solução da escritã”.....	96
4.1.8 Tópico “motivo pelo qual V1 não fez feito exame de corpo e delito”.....	100
4.1.9 Tópico discursivo: “desistência de chamar o acusado para uma audiência”.....	101
4.1.10 Panorama da interação entre V1 e E1.....	102
4.2 A interação de V2 com E2.....	104
4.2.1 Tópico discursivo: “motivo do retorno do ex-companheiro à casa”.....	104
4.2.2 Tópico discursivo: “motivo do BO”.....	106
4.2.3 Tópico discursivo “violência psicológica”.....	107
4.2.4 Tópico discursivo “marido não provedor”.....	109
4.2.5 Tópico “esclarecimento sobre as medidas protetivas e suas consequências”.....	111
4.2.6 Tópico discursivo “decisão de V2: desistência de pedir medidas protetivas”.....	119
4.2.7 Panorama da interação entre V2 e E2.....	121
4.3 A interação de V3 com E3.....	123
4.3.1 Tópico discursivo: “retorno à DEAM”.....	123
4.3.2 Tópico discursivo: “última agressão sofrida”.....	125
4.3.3 Tópico discursivo: “violência sofrida”.....	126
4.3.5 Tópico discursivo: “motivo do BO”.....	132
4.3.6 Panorama da interação entre V3 e E3.....	135
4.4 Interação de V4 e E4.....	137
4.4.1 Tópico discursivo “Motivo do BO”.....	137
4.4.2 Tópico discursivo “desejo de V4”.....	139
4.4.3 Tópico discursivo “violência psicológica e risco de morte”.....	141
4.4.5 Panorama da interação entre V4 e E4.....	143
4.5 Empatia ofensiva e empatia defensiva: dois movimentos de interação.....	145
4.6 A dinâmica da empatia em interações de registro de BO por vítimas de violência conjugal.....	147
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXOS.....	161

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta tese é analisar a emergência da empatia nos relatos verbais de vítimas de violência conjugal por ocasião da confecção de boletins de ocorrência (BO) em uma DEAM de Fortaleza, Ceará. Com esse propósito em mente, buscamos investigar como vítimas e escritoras utilizam o trabalho de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967), os dispositivos comunicativos da comunicação (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) e os mecanismos linguístico-cognitivos (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), assim como estratégias de envolvimento, de atenuação de seu dizer e da construção de movimentos empáticos numa perspectiva dinâmica e multidimensional.

Nossa decisão de trabalhar com perspectivas teóricas interdisciplinares deve-se ao fato de considerarmos a linguagem um sistema multifacetado para cuja emergência se agregam fatores biopsicossociais numa dinâmica complexa. Assim, lançamos mão do estudo de manifestações de preservação e proteção de face das vítimas durante o registro de BO, por acreditarmos que esses processos corroboram a emergência de indícios empáticos.

Esse tema surgiu de uma lacuna verificada nos estudos de Cameron (2010; 2011; 2012) sobre o fenômeno da empatia na perspectiva da linguagem. A autora propõe um modelo de empatia e investiga, pelo prisma dos recursos metafóricos, como esse fenômeno emerge na dinâmica do discurso. Ela sugere que a metáfora revela pensamentos difíceis de serem expressados em uma linguagem mais direta. Portanto, a figuratividade fornece *insights* para o processo de desenvolvimento de empatia entre os interactantes. Com base nisso, passamos a nos questionar como os mecanismos de preservação, proteção e ameaça de face influenciavam no uso da linguagem metafórica, assim como nos movimentos de empatia no discurso dessas mulheres durante os registros de BO.

O interesse pela temática da empatia surgiu a partir de nosso envolvimento com o estudo sobre violência conjugal iniciado desde o Mestrado. Em nossa pesquisa de dissertação, intitulada *Quem Casa quer Casa- Conceitualização e Categorização de Violência por Mulheres Vítimas de Violência Conjugal* (JAMISON, 2011), estudamos como essas vítimas categorizam e conceitualizam a violência sofrida, a partir da hipótese dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). Os dados consistiram em gravações e transcrições de boletins de ocorrência de seis vítimas de violência conjugal que procuraram a Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Fortaleza. Dentre outras conclusões, constatamos que o modelo de CASAMENTO serve como base pré-conceitual para a constituição do modelo de VIOLÊNCIA CONJUGAL e que apesar de não terem conceitualizado a violência sofrida apenas em termos de agressão física, como esperávamos, mas principalmente em

termos de xingamentos, falta de apoio financeiro/emocional e rejeição aos filhos, essas vítimas, expressaram em seus discursos o elemento: a predominância do eu não verdadeiro do marido/não melhora moral, indicando um possível indício de construção de sentimento de empatia em relação ao denunciado (JAMISON, 2011).

Desse modo, decidimos aprofundar nosso estudo sobre o fenômeno da violência conjugal iniciado no mestrado e preencher algumas lacunas. Assim, incluímos em nossas análises a perspectiva das escritãs durante as interações discursivas com as vítimas, uma vez que esses dados podem revelar até que ponto a decisão de perdoar ou não seu algoz pode sofrer interferência da interlocutora da instituição policial. Além disso, lançamos um olhar sobre questões ligadas à imagem social reivindicada pelas interactantes durante o registro de BO.

Nesse sentido, percebemos que nas conversas das vítimas de violência conjugal com as escritãs eram postos em ação processos por meio dos quais as interactantes se representavam uma diante da outra, de determinadas maneiras, em termos de linguagem. Identificamos que a ação comunicativa dessas vítimas eram orientadas por objetivos e estratégias, pois tinham ido à DEAM para solicitar algum tipo de ajuda policial.

Destacamos que o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios entre 2009 e 2011, conforme revela estudo preliminar do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Segundo esse estudo, o Ceará representa o quarto estado com maior taxa de violência contra a mulher, que apresentou 6,9 casos a cada 100 mil mulheres.¹

Foi em Belém do Pará, em 1994, durante a Convenção Interamericana para *Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher*, que a definição de violência doméstica contra a mulher, já estabelecida em 1993 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, foi legitimamente ratificada. Com isso, violência contra a mulher consiste em qualquer ato de violência de gênero que cause ou possa causar danos psicológicos, físicos, ou qualquer outro tipo de sofrimento para a mulher. Da mesma forma, também é considerado um ato violento praticar qualquer tipo de coerção ou privação arbitrária de liberdade, independentemente de onde isso aconteça, seja em público ou na vida privada.

Considerada um marco na luta contra a violência doméstica, a lei 11.340, mais conhecida como “Lei Maria da Penha”, em referência à farmacêutica cearense que ficou paraplégica após ter recebido um tiro de seu ex-marido, foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Lula em 07 de agosto de 2006. A Lei, que objetiva inibir a violência praticada contra a mulher, principalmente aquela que é agredida por quem

¹ Dado retirado do Site do IPEA Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873> Acesso em 20 de janeiro de 2015.

mantém relações afetivas, aumentou o tempo de prisão dos agressores e eliminou a pagamento de cestas básicas como forma de punição. Outra medida importante é o fato de o agressor poder ser preso em flagrante ou ter sua prisão de conciliação decretada, o que antes não era possível.

Embora a lei Maria da Penha tenha favorecido a defesa da integridade física e psicológica das mulheres e dado às vítimas a chance de romperem com o silêncio contra todas as formas de violência, quer seja de natureza conjugal ou não, nem sempre elas mantêm as denúncias feitas contra os agressores com quem têm ou tiveram relação afetiva. Infelizmente, conforme declara um promotor de justiça de Teresina, “de cada dez mulheres que denunciam, sete retiram as queixas” (PEDROSA, 2011). Os pedidos de retratação em juízo estão previstos no artigo 16 da Lei Maria da Penha e tem como objetivo a restauração dos laços familiares. Estudos apontam que os motivos da retirada da queixa, ou pedido de retratação em juízo, podem ocorrer em função da dependência econômica do agressor e “pela perspectiva assimétrica de gênero” (PASCAL; SCHWARTZ, 2006, S/N).

Assim, devido à complexidade do tema da violência conjugal ², o ideal é que ele seja analisado também dentro de um contexto que leve em consideração a perspectiva da vítima, cuja investigação deverá ocorrer a partir do discurso dessas mulheres, a fim de obtermos *insights* mais ricos a cerca do sentimento de empatia que, possivelmente, as fazem pedir retratação em juízo, ou seja, “tirar a queixa” contra seus agressores.

Durante a revisão de literatura, verificamos que pesquisadores das mais diversas áreas, com Antropologia, Medicina, Psicologia, Biologia, Neurociência, Sociologia têm realizado inúmeras pesquisas sobre o fenômeno da empatia. Dentre essas, na área de Psicologia e de Medicina, por exemplo, são usados questionários para efetuar medição de empatia, como o teste da escala da empatia de Hogan, desenvolvido em 1969, o questionário de Mehrabian Epstein's para medir empatia emocional, desenvolvido em 1972, além do Índice de Reatividade Interpessoal de Davis, de 1980. (STUEBER, 2013).

Contudo, percebemos que, apesar de o fenômeno da empatia estar sendo bastante discutido em todos os âmbitos das ciências, ainda há poucas discussões do ponto de vista da linguagem. Nesse sentido, ressaltamos ainda que não identificamos estudos que relacionem a empatia à temática da violência conjugal, principalmente sob o ponto de vista dos sentimentos dessas vítimas, como a empatia que elas podem sentir em relação ao agressor.

Dentre os estudos linguísticos com interesse em analisar a emergência da empatia no discurso, destacamos o de Martinovsky (2006), que descreve empatia como um dinâmico

² De modo geral, a literatura utiliza o termos violência doméstica para tratar da violência praticada principalmente contra a mulher, sem especificar se esta se refere à violência intrafamiliar ou conjugal.

processo da teoria da mente. Ela utiliza a análise da conversação e do discurso, sob o ponto de vista da teoria da mente, para compreender a relação que há entre as características da linguagem e do discurso e funções de empatia. Os dados foram de conversas informais entre amigos e de diálogos entre médicos e pacientes. Além de identificar três funções presentes no ato da empatia: *elicitação, doação e recepção*, a autora também detectou resistência à empatia em certos casos. Martinovsky (2006) reconhece o estudo da empatia como de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo em seu mundo social e discursivo.

Conforme já assinalamos, outro trabalho que abordou a temática da emergência de empatia na linguagem verbal, foi a pesquisa de Cameron (2010, 2011, 2012), que investigou por meio da metáfora como duas pessoas criaram e construíram empatia em diversos momentos em que se encontraram e conversaram sobre seus sentimentos e motivações. Patrick Magee, ex-membro do IRA, em 1984, foi condenado por bombardear um edifício e matar o pai de Jo Berry, o qual fazia parte do governo britânico. Por meio da análise da metáfora, a autora aprofunda-se no estudo da linguagem e no significado conversacional, em uma perspectiva dinâmica do discurso, buscando compreender a dinamicidade da emergência do sentimento empático nas falas da vítima e de seu algoz. A metáfora foi investigada como uma atividade discursiva e parte de um sistema dinâmico complexo de múltiplas dimensões sociocognitivas. Logo, a autora atribuiu à metáfora um papel considerável na busca da compreensão aprofundada do outro durante um processo de conciliação.

Sabemos, no entanto, que em relação à comunicação de mulheres que foram vítimas de violência no âmbito doméstico, ainda há muito o que se pesquisar, pois suas conversas contém elementos significativos acerca de sentimentos empáticos que necessitam de uma abordagem científica para serem melhor entendidos, como mostrou a pesquisa de Mestrado.

Dessa forma, sob o prisma linguístico-cognitivo, que concebe a linguagem como parte de um sistema cognitivo que abrange percepção, emoções, categorização, processos de abstração e razão, percebemos a necessidade de buscar uma maior compreensão acerca dos sentimentos ligados às manifestações de empatia no discurso dessas vítimas, como, por exemplo, intenções e noções de enquadramento.

Em suma, nossa proposta de pesquisa de doutorado assemelha-se ao estudo de Cameron (2011) na medida em que também se propõe a verificar a emergência do sentimento de empatia em linguagem em uso. Entretanto, não nos valem apenas da análise de metáforas para investigar esse fenômeno, conforme a proposta de Cameron (2011). Além de utilizarmos as metáforas e as metonímias como ferramentas empíricas para entendermos a forma como essas mulheres estão pensando e como articulam seus discursos às intenções comunicativas,

nos valem ainda da proposta teórica dos *dispositivos emotivos da comunicação* (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) para investigarmos nosso *corpus*.

E assim como Martinovsky (2006), também utilizamos as *funções de empatia* numa perspectiva discursiva, mas para entendermos melhor o processo de construção de sentimentos empáticos em situações de interação, decidimos lançar um olhar sobre a forma como as participantes negociam suas imagens sociais nas situações comunicativas de registros de boletins de ocorrência (BO).

Nesse sentido, Villaça e Bentes ressaltam que Brown e Levinson (1987), ao proporem um modelo universal de polidez fundamentado racionalmente, mostram que a imagem que se constrói na vida social é frágil, de modo que precisa ser defendida pelos atores sociais. Por seu turno, Leech (1983) também elabora um modelo conversacional que propõe uma distinção entre objetivos sociais e ilocucionários, considerando a polidez no domínio da Retórica Interpessoal. Já pelo Modelo do Contrato Conversacional, Fraser (1990 *apud* VILLAÇA; BENTES, 2008. p. 27) também assume que,

ao entrar numa conversação, cada participante traz consigo a compreensão do conjunto de direitos e obrigações que vão determinar, pelo menos nos primeiros estágios, o que cada participante pode esperar do (s) outro (s); mas que, no decorrer da interação ou devido a uma mudança de contexto, os parceiros necessitam reajustar o conhecimento de quais direitos e obrigações têm para com os outros.

Sabemos que quando se entra em contato com outra pessoa, existe a preocupação de preservar a autoimagem pública e em uma interação, é possível que essa imagem reivindicada não se concretize ou seja abalada por incidentes de uma situação interacional. Com isso, achamos pertinente adotar a perspectiva de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967)³ para investigar os mecanismos de construção de empatia, pois acreditamos que ações de orientação defensiva, que visam à preservação da própria face e ações de orientação protetora, que buscam proteger a imagem do outro, podem ajudar a promover movimentos de natureza empática.

Quanto à decisão de também analisarmos os recursos linguístico-cognitivos subjacentes ao discurso, assim como Cameron (2010), acreditamos que a metáfora e a metonímia são importantes ferramentas que ajudam a revelar mais sobre a forma como as pessoas estão pensando. Entretanto, por considerarmos que as memórias básicas corpóreas, oriundas das primeiras experiências, participam e organizam a emergência das formas de expressão, propomos uma análise que leve em consideração os tipos de esquemas imagéticos-

³ Frisamos que usaremos Goffman (2011), que se trata da tradução dessa mesma obra, quando for necessário fazer citações diretas.

cinestésicos envolvidos na interação discursiva. Ou seja, além da análise da conversação e da observação de trabalhos com faces, também levamos em consideração aspectos como a metáfora, metonímia e outras operações cognitivas de natureza corpórea e social (esquemas imagéticos), pois acreditamos que servem de formas pré-linguísticas para a elaboração de conceitos.

Logo, acreditamos que a construção de conceitos que promovem a empatia no discurso é criativa e multifacetada, portanto, sendo necessário tratá-la por meio de uma abordagem mais abrangente e que trate de processos dinâmicos da construção do significado, sem deixar de considerar os aspectos cognitivos, experienciais, corpóreos, sociais, culturais como constitutivos de conceitos subjetivos.

Corroboramos a opinião de Cameron de que o pensamento metafórico é revelado na linguagem em situações de interações sociais e que a metáfora, portanto, deve ser estudada apenas no contexto de uso, chamados de eventos discursivos. Para analisar a metáfora em um contexto situado, Cameron (2010) propõe um arcabouço teórico de estudo numa perspectiva dinâmica e discursiva, sob a ótica da teoria dos sistemas dinâmicos complexos e baseada na *Análise da Dinâmica do Discurso à Luz da Metáfora (The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Analysis)*.

Sob ótica semelhante, adotamos a noção de que o discurso é um sistema adaptativo dinâmico complexo, composto por agentes (os falantes de uma comunidade) que interagem constantemente e que por meio dessas interações vão se modificando, se desestabilizando e exibindo novos padrões de estabilidade no discurso, dando início a um novo ciclo. Segundo Cameron (2010), Um sistema dinâmico complexo, consiste em uma coleção gradual de elementos heterogêneos ou agentes (pessoas, linguagem, recursos, ideias etc). Esses elementos do sistema são dinâmicos, pois estão sempre em processo de mudanças, que também acontecem nas conexões ou relações entre os componentes desse sistema.

Nesse prisma, também tratamos a emergência da empatia no discurso como um sistema adaptativo dinâmico complexo (SAC), composto por agentes (os falantes de uma comunidade) que, a partir de um enquadramento sociocomunicativo, interagem, gerenciam suas faces, administram conflitos de ordem interpessoal, vão se modificando, se desestabilizando e exibindo novos padrões de estabilidade no discurso, dando início a um novo ciclo. Em outros termos, a empatia, assim como o discurso, está aberta e sujeita a influências de inúmeras variáveis, como as experiências e interações anteriores dos falantes,

suas intenções, assim como os mecanismos cognitivos e a própria interação social, que se adaptam ao contexto discursivo (THE FIVE GRACES GROUP, 2009)⁴.

No entanto, nossa análise se difere do estudo de Cameron, pois não nos baseamos nos pressupostos teóricos de Análise da Dinâmica do Discurso à Luz da Metáfora (*The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Analysis*) (CAMERON, 2007, CAMERON ET AL., 2009, CAMERON; MASLEN, 2010). Segundo essa abordagem, as metáforas sistemáticas são “destiladas” no decorrer de um evento discursivo, e inferidas a partir de um grupo de metáforas linguísticas quando se referem a um determinado tópico, ou tópicos semelhantes. Em outras palavras, a metáfora sistemática não é uma única metáfora, mas um conjunto de metáforas semelhantes.

Ao nosso ver, esse agrupamento de metáforas, que recebe uma legenda, como se fosse um hipônimo da metáfora, chamado de metáfora sistemática, assemelha-se às Metáforas Conceituais de Lakoff e Johnson (1980), visto que essas também nomeiam concorrências de conceitos que foram estruturados por metáforas linguísticas. Ademais, não nos interessa investigar o desenvolvimento dessa metáfora ou da metonímia dentro do evento discursivo, mas a forma como esses recursos linguístico-cognitivos organizam os conceitos que subjazem aos movimentos de empatia e de elaboração de faces, que ocorrem em pontos variados do discurso.

Esta tese, portanto, tem como abordagem teórica para o estudo da metáfora, metonímia e esquemas de imagens a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999), a Teoria da Metáfora Primária (GRADY, 1997), a Hipótese da Teoria da Metonímia (RADDEN; KÖVECSES, 2007) a proposta de Johnson (1987) sobre Esquemas Imagéticos.

Em suma, esta pesquisa, de caráter quali-quantitativo, baseia-se nas propostas de *Funções de Empatia* (MARTINOVSKY; MAO, 2009), que denominamos de movimentos empáticos e na noção de Elaboração de Faces (GOFFMAN, 1967), cuja análise se apoiará no arcabouço teórico dos *Dispositivos Emotivos da Comunicação* (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007) e na Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999), na Teoria da Metáfora Primária (GRADY, 1997), na Hipótese da Teoria da Metonímia (RADDEN; KÖVECSES, 2007) e na proposta de Johnson (1987) sobre Esquemas Imagéticos.

E com o propósito de compreender o fenômeno da empatia e as formas de sua manifestação em discursos de vítimas de violência conjugal e escritas, durante o registro de

⁴ O termo *The Five Graces Group* designa um grupo de pesquisadores da Linguística Aplicada e de outras áreas que defendem a tese de que a linguagem consiste em um Sistema Dinâmico Complexo (SAC). Os nomes desses pesquisadores são: Clay Beckner; Joan Bybee, William Croft, Nick Ellis, Jinyun Ke, Diane Larsen-Freeman, John Holland, Richard Blythe, Morten Christiansen e Tom Schoenemann.

BO em uma DEAM de Fortaleza, Ceará, buscamos responder a seguinte pergunta: Como as vítimas de violência conjugal expressam às escritas possíveis sentimentos de empatia em relação a seus agressores? Para a compreensão dos indícios empáticos, nos discursos dessas mulheres, também são consideradas relevantes as respostas às seguintes perguntas:

- (1) Quais os mecanismos linguísticos e paralinguísticos que indiciam os movimentos de empatia na dinâmica da interação entre vítimas de violência conjugal e escritas durante o registro de BO?
- (2) Como as ações de elaboração de faces se manifestam na fala de vítimas e escritas durante os registros de BO e qual sua função no processo de emergência de indícios empáticos?

Desejamos oferecer dados relevantes para uma melhor compreensão sobre o fenômeno da empatia e sobre o modo como vítimas de violência conjugal manifestam seus sentimentos em relação a seus agressores, ainda como as escritas respondem às possíveis manifestações de empatia. Acreditamos que este estudo poderá ser útil na preparação de políticas públicas mais efetivas, além de contribuir para tornar mais eficiente a mediação de conflitos entre vítimas e agressores.

Dividimos estruturalmente este trabalho em cinco capítulos. No primeiro, introduzimos as nossas questões de pesquisa, bem como as hipóteses e os objetivos do estudo. Além disso, abordamos a relevância pessoal, social e científica, evidenciando o “estado da arte” em que se encontram os conhecimentos científicos sobre os temas que se apresentam nessa tese. Essa evidência será relevante para suprir possíveis lacunas linguísticas nos temas propostos. Em outros termos, na introdução, trataremos de algumas questões que servem como pano de fundo para entendermos a problemática que envolve o nosso tema. Apresentamos tanto o objeto de estudo, quanto a motivação para sua realização. Após, termos delineado nossos objetivos, fizemos o capítulo sobre os posicionamentos discursivo-argumentativos de renomados teóricos, tais como Cameron (2010; 2011), Cameron *et al.* (2009), Martinovsky (2006), Goffman (1967), *The Five Aces Group* (2009), que intitulamos de fundamentação teórica e subdividimos em quatro seções: empatia; emotividade e suas manifestações no discurso; a imagem social: refletindo pertencimentos e a noção de mente corpórea e suas implicações na linguagem.

No terceiro capítulo, há a descrição da metodologia, enfocando principalmente os métodos e coletas de dados, sujeitos da pesquisa, as propriedades estruturais e discursivas do Boletim de Ocorrência, doravante também chamado de BO, normas para transcrição e procedimentos de análise do *corpus*.

Iniciamos, posteriormente, a análise dos dados das quatro interações entre mulheres vítimas de violência conjugal e escrivãs, funcionárias de uma Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher, DEAM, de Fortaleza, Ceará. Cada interação foi estruturada e subdivida em tópicos discursivos, culminando, ao final de cada análise, com uma seção intitulada “panorama da interação”, na qual propusemos um gráfico para visualizar as ações de natureza empática de elaboração de faces de cada tópico discursivo. Na quinta seção desse capítulo, apresentamos uma comparação entre as vítimas que não desejavam requerer medidas legais contra seus agressores (“empatia defensiva”) e as que tinham interesse em representá-los judicialmente (“empatia ofensiva”). Na última seção do quarto capítulo, delineamos um quadro que descreve a dinamicidade dos processos que envolvem a emergência de movimentos empáticos em interações durante o registro de BO.

Por último, fizemos as considerações do estudo, argumentando que, em geral, vítimas de violência conjugal buscam preservar sua face durante a interação com as escrivãs no processo de registro de BO, independentemente de seu desejo de requerer, ou não, medidas legais contra seus agressores. Contudo, verificamos uma diferença nas ocorrências de ações de manifestação de elaboração de faces e de movimentos empáticos entre os grupos de “empatia defensiva” e “empatia ofensiva”. Percebemos que o primeiro grupo produziu mais indicadores de movimentação empática, assim como de preservação e proteção de face do que o segundo. Atribuímos esse fato ao processo de enquadramento, responsável por organizar as regras de conduta apropriadas à tal evento comunicativo e que funciona como auxiliar no processo de movimentação empática, principalmente da elicitación.

Destacamos que apenas começamos o processo de entendimento da complexa relação linguística que envolve atos de fala e o fenômeno da violência e que este estudo representa um ponto de partida para uma melhor compreensão acerca do fenômeno da empatia no contexto sociointeracional.

2 EMPATIA, DISCURSO E COGNIÇÃO

Iniciamos esse capítulo apresentando as raízes do estudo sobre a empatia para, em seguida, elucidar os desdobramentos teóricos sobre esse fenômeno. Em seguida, delineamos diferentes conceitos e definições, a partir de diferentes autores, que nos ajudam a propor um modelo de processo empático mais geral, o qual acreditamos ser a base para entendermos os outros mecanismos envolvidos na emergência empática no contexto de nosso trabalho.

A seguir, abordamos a relação entre empatia e linguagem e tratamos do caráter dinâmico, complexo e não linear que compõe as interações face a face, responsável pelas mudanças que ocorrem na estrutura do sistema e que possibilita movimentos empáticos multi e interdirecionais. Chamamos de movimentos empáticos as manifestações de empatia em discursos, caracterizados pelas *funções de empatia* (MARTINOVSKY; MAO, 2009), tópico que representa uma de nossas principais categorias de análise, usada na observação da dinâmica e das mudanças no sistema interacional.

Posteriormente, lançamos mão de uma abordagem que visa o estudo da emotividade a partir da manifestação linguística, para conseguirmos averiguar os processos que indiciam movimentos empáticos em nosso trabalho. Nesse sentido, propomos o uso de *dispositivos emotivos da comunicação* (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007), que serviram como um dos pilares para a execução das análises.

Atrelados aos mecanismos interacionais que regem as mudanças nas estruturas do sistema, também estão os trabalhos de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967, 2011), que apresentamos como um dos pilares de nossa base teórica.

Por fim, trazemos à baila a concepção de mente corpórea, de esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987) e os recursos linguístico-cognitivos, como a metáfora e a metonímia (LAKOFF; JOHNSON, 1980, LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), como suporte para compreendermos melhor os mecanismos linguísticos que indiciam a emergência empática.

2.1 Empatia: da estética à neurociência

Muitos se perguntam: por que somos capazes de não somente observar, mas também de perceber os estados mentais e emocionais de pessoas que não conhecemos, mesmo quando, muitas vezes, elas tentam esconder? Como somos aptos a perceber que por trás de um sorriso pode haver maus sentimentos e até más intenções? Isso é sentir empatia? Nosso cérebro

exerce influência sobre nossa capacidade empática? Qual a relação entre a linguagem e a empatia?

Foram esses e muitos outros questionamentos que levaram filósofos, antropólogos, neurocientistas e linguistas a se interessarem pelo estudo desse fenômeno intersubjetivo chamado empatia.

Filósofos já reconheciam a importância do estudo da intersubjetividade nos homens há muito tempo. Apesar de suas raízes linguísticas em grego antigo, o conceito de empatia é de herança intelectual recente. Stueber (2013) argumenta que, no entanto, sua história tem sido variada, o que também se reflete na multiplicidade de definições associadas ao conceito empatia em um número de diferentes discursos científicos e não científicos.

O uso moderno do termo empatia tem suas raízes na Estética alemã, quando Robert Visser, em 1873, criou o termo *Einfühlung*, que significa um meio de conhecer melhor, aproximar-se da forma. Esse termo, no final do século XIX, fazia parte dos círculos filosóficos alemães e era concebido como uma categoria importante na estética filosófica (STUEBER, 2013).

No início do século XX, Theodor Lipps (1907) introduziu a ideia de empatia, a partir do termo em alemão, "*Einfühlung*", que significa "feeling into" (sentir-se em) (*apud* BAAREN *et al.*, 2009). O ponto de partida do conceito empatia inseriu-se na disciplina de estética da psicologia e tratava da interpretação de trabalhos de arte, através da projeção de si próprio no intuito de experienciar a emoção sentida pelo artista. Atualmente, o estudo de empatia tem sido de interesse de diferentes disciplinas e vem sendo explorado pelo campo da Filosofia, Artes, Medicina, Educação, Neurociência etc. Inclusive, a Neurociência tem se ocupado do estudo da empatia no contexto de resolução de conflitos e reconciliação pós-conflito.

Desde então, vários conceitos sobre empatia têm sido gerados. Zahavi e Overgaard (2012) acreditam que esse interesse pela noção de empatia dá-se devido a importância que ela tem na teoria da moral, ou seja, de que é a empatia que leva alguém a responder sensivelmente ao sofrimentos de outros, promovendo um comportamento pró-social. Essa habilidade humana, portanto, de compreensão dos sentimentos dos outros, ajuda a promover conexões sociais, estreitar laços e construir pontes para comportamentos cooperativos entre membros do mesmo grupo social.

Na última década, o estudo da empatia tem despertado interesse principalmente dos neurocientistas, que fizeram descobertas importantes sobre a natureza desse processo que é "um componente crucial dos relacionamentos humanos e até da existência humana" (TERMAN, 2012, p. 291).

A ciência, influenciada pelo dualismo substancial de Descartes, isolava a mente do corpo, da natureza e também da mente de outras pessoas. Achava-se que cada mente era imaterial e construída individualmente e que nossos estados mentais não afetariam nossas ações e comportamentos, mas, de certa forma, os influenciariam. Por exemplo, uma notícia ruim pode afetar meus batimentos cardíacos ou até me causar dor no estômago. Teixeira (2009) argumenta como a mente imaterial era capaz de interagir “carnalmente” com o corpo, Descartes propôs, em sua obra *As Paixões da Alma* (1649), que a glândula pineal era responsável pela interface entre corpo e mente, mas essa proposta não foi amplamente aceita. Como algo material, como a glândula pineal, pode influenciar em algo imaterial, como a mente?

Este problema levou diversos filósofos, como Leibniz (1646-1716), Malebranche (1638-1715), Hobbes (1588-1679) e La Mettrie (1709-1751), nos séculos XVII e XVIII, a buscar soluções para o problema cartesiano e explicar como a mente interage com o corpo. De todo modo, a herança cartesiana de um problema insolúvel inspirou outros cientistas, como os das correntes *materialistas*, que defendiam a teoria da identidade mente-cérebro e que anunciaram que a neurociência, num futuro não muito distante provaria a verdade da equação “estados mentais=estados cerebrais” (TEIXEIRA, 2009). De fato, o que era antes improvável de se imaginar, já é verificável parcialmente por meio de técnicas de neuroimagem, como o fato de ser possível detectar quais as áreas do cérebro ativadas quando sonhamos, ou quando temos ansiedade. Não obstante, a relação entre mente e cérebro ainda é uma nó a ser desatado pela Filosofia da Mente e constitui o cerne de grande parte dos temas tratados por essa disciplina.

Desde a descoberta dos neurônios por S. Ramón Cajal, há cerca de um século, a neurociência ocupa lugar de destaque entre as ciências, conquistado pelo conhecimento cada vez mais detalhado da máquina cerebral, de suas unidades básicas e das reações químicas que lá ocorrem. Nesse sentido, o desenvolvimento da neurociência reserva lugar privilegiado à busca de soluções empíricas para as questões da filosofia da mente, a partir de um estudo aprofundado acerca do funcionamento do cérebro. Técnicas experimentais vêm sendo desenvolvidas, nas quais se destacam as de neuroimagem, o que abre caminho para sedimentação progressiva da neurociência cognitiva.

No começo dos anos noventa, na Universidade de Parma, na Itália, Leonardo Fogassi, Vittorio Gallese e Giacomo Rizzolatti descobriram algumas células cerebrais especiais, às quais deram o nome de neurônios espelho. Segundo Keyers (2011), tal achado mudou dramaticamente o modo como vemos o cérebro e principalmente, nossas interações sociais. Para Keyers (2011), o impacto da descoberta dessas células neuronais foi tão expressivo que

o neurocientista Vilayanur Ramachandran declarou que “os neurônios espelhos farão para a psicologia o que o DNA fez para a biologia” (REYERS, 2011, p. 13).

O fato aconteceu quando Gallese percebeu que, no momento em que ele pegou da bandeja de macacos usados em um experimento uma uva, se podia ouvir um disparo referente à atividade neuronal captada pelo eletrodo colocado no cérebro do primata, mais precisamente, no córtex pré-motor, que havia sido acionada pela ação do cientista. Até então, não estava sendo estudada a percepção social, mas uma maior compreensão sobre o sistema motor dos macacos e acreditava-se que os disparos de tais células nervosas só ocorressem quando o próprio macaco executava a ação e não quando ele assistia alguém fazer o mesmo. Essa descoberta fazia cair por terra a dicotomia cognição e ação e a concepção cartesiana de que a mente está totalmente separada do corpo físico, cujas sensações e percepções não são verdades confiáveis, mas ilusões. Surge assim, a noção de um cérebro que trabalha de forma seriada e dinâmica e que interage ativa e simultaneamente com outras regiões cerebrais.

Nesse sentido, Iacobanni (2009) aponta que pesquisas como essa são importantes por nos fornecerem valor inferencial para a compreensão de nosso próprio cérebro que é considerado uma das entidades mais complexas do universo. Essa complexidade pode ser explicada pelo fato do cérebro ser constituído por centenas de bilhões de neurônios que se comunicam uns com os outros por meio de sinapses. Apesar de macacos terem cérebros que são apenas um quarto do tamanho do nosso, neuroanatomistas acreditam que as estruturas no neocórtex dos macacos e dos homens têm correspondências estruturais, apesar de suas diferenças. Dessa forma, podemos concluir que o mesmo acontece conosco a todo instante no momento em que observamos outros executando certas ações, ou seja, quando observamos alguém executando uma ação, nosso córtex pré-motor também é acionado, pois visão e simulação estão diretamente conectadas em nosso cérebro.

Sobre esse aspecto, vinte anos após a primeira descoberta dos neurônios espelho em laboratório, cientistas de toda parte do mundo (cf. DECETY, 2012) desenvolveram estudos experimentais com macacos e depois com humanos (sem eletrodos inseridos no cérebro) que confirmaram esse extraordinária descoberta. O simples fato de que um grupo de células neuronais, chamadas de neurônios espelho, dispara quando um indivíduo chuta uma bola, ou quando ele apenas observa a bola sendo chutada por outra pessoa, ou ainda quando ele escuta a bola sendo chutada tem implicações interessantes para os estudos de aprendizagem e comportamento humano. Diante dessas descobertas, o paradigma prevalecente dos anos oitenta, de que percepção, cognição e ação alojavam-se em caixas separadas, cai por terra.

Keyzers (2011) demonstra ter chegado o momento de nos afastarmos da ideia de que o cérebro processa informações de forma lógica, abstrata e consciente ao evidenciar que, com a

descoberta dos neurônios-espelho, é possível declarar que ao observarmos pessoas executando ações, é feita uma conexão direta com nosso próprio sistema pré-motor, o qual habilitaria em nós uma capacidade de previsibilidade do comportamento e da ação dos outros. Ou seja, por meio da observação, somos capazes de prever e desenvolver o que o autor chama de “intuição” em relação à ação de outras pessoas, em outros termos, nosso próprio sistema motor é o grande responsável pela conexão que sentimos em relação aos outros e pelo surgimento da empatia.

2.1.1 Tipos e definições de empatia

O despertar para o estudo desse fenômeno surgiu devido à sua importância para a teoria moral: “a ideia de que é a empatia que leva alguém a responder com sensibilidade e cuidado ao sofrimento dos outros”⁵ (ZAHAVI; OVERGAARD, 2012, p. 3). Pesquisas em cognição social enfatizam que a empatia tem a chave para entendermos questões relacionadas à compreensão intersocial (DECETY, 2012).

O conceito de empatia, contudo, é complexo e varia não apenas entre disciplinas, mas até mesmo dentro de uma mesma disciplina. De um lado, a *teoria da mente* argumenta que nossos estados mentais são conferidos a outras pessoas com base na nossa habilidade de atribuir estados mentais aos outros. Segundo essa teoria, a capacidade de nos ligarmos ao que outros sentem e pensam se deve ao desenvolvimento e maturação da mente da criança (GOLPNIK; WELLMAN, 1995 *apud* ZAHAVI; OVERGAARD, 2012) ou a partir do desenvolvimento de módulos de leitura-metal que são inatos ao homem (BARON; COHEN, 1995 *apud* ZAHAVI; OVERGAARD, 2012). Por outro lado, a *simulação da teoria da mente* nega que a compreensão que temos dos outros seja primariamente teórica e afirma que usamos nossa própria mente como um modelo quando entendemos a mente dos outros. Dentro dessa visão, há uma, à qual nos afiliamos, que postula que essa simulação não ocorre de forma explícita e consciente, mas de forma implícita, como uma imitação interna, a qual nos permite entender não só as ações, mas também as sensações e emoções exibidas pelos outros, conforme declara Gallese (2003, p. 176)⁶:

O Eu e o outro relacionam-se um ao outro, uma vez que eles representam extensões opostas do mesmo sistema reversível e correlacionado do eu/outro. O observador e o observado são partes de um sistema dinâmico operacionalizado por regras de reversibilidade.

⁵ The idea being that it is empathy that leads somebody to respond with sensitivity and care to the suffering of others (ZAHAVI; OVERGAARD, 2012, p. 3).

⁶ Self and other relate to each other, as they both represent opposite extensions of the same correlative and reversible system *self/other*. The observer and the observed are part of a dynamic system governed by *reversibility rules* (GALLESE 2003, p. 176).

Esse fenômeno psicológico complexo chamado empatia, contudo, gera uma multiplicidade de significados e definições, muitas vezes, discrepantes e até inconsistentes entre si. De acordo com Batson (2009), existem oito tipos de estados psicológicos⁷ que podemos experienciar no intercâmbio com outras pessoas que correspondem a conceitos distintos de empatia:

- 1) *conhecimento do estado interno de outra pessoa, incluindo seus pensamentos e sentimentos*: alguns chamam esse conhecimento de “empatia cognitiva”⁸ e outros de “acurácia empática”⁹ e refere-se à capacidade de inferirmos o que a outra pessoa está sentindo quando, por exemplo, perde o emprego. Sabemos, grosso modo, que sentimentos de tristeza, desespero e frustração podem constuir o estado mental dessa pessoa.
- 2) *adoção de uma postura ou condição de respostas neurais que correspondem à(s) da pessoa observada*: proposta como “empatia facial”¹⁰, como “mimetismo motor”¹¹ ou “imitação”¹². Esse conceito diz respeito à nossa capacidade de perceber o outro em uma dada situação e automaticamente formar um estado de correspondência neural em relação a seu estado;
- 3) *formulação de sentimento semelhante ao do outro*: esse conceito também é conhecido como “fisiologia compartilhada”¹³, “simpatia”¹⁴, “contágio emocional”¹⁵, “empatia afetiva”¹⁶ ou “empatia automática emocional”¹⁷. Essa noção se refere à habilidade que temos de “capturar” como o outro se sente, devido ao nosso aparato fisiológico compartilhado;
- 4) *intuição e projeção de si mesmo na situação do outro*: baseada nas primeiras definições de empatia no contexto de apreciação estética¹⁸, diz respeito à capacidade de nos imaginarmos como se fôssemos outra pessoa, ou mesmo um objeto inanimado;

⁷ 1) knowing another person's internal state, including his or her thoughts and feelings; 2) adopting the posture or matching the neural responses of an observed other; 3) coming to feel as another person feels; 4) intuiting or projecting oneself into another's situation; 5) imagining how another is thinking and feeling; 6) imagining how one would think and feel in the other's place; 7) feeling distress at witnessing another Person's suffering; 8) feeling for another person who is suffering (BATSON, 2009).

⁸ Cognitive empathy, Eslinger, 1998; Zahn-Waxler, Robinson, Emde, 1992 (*apud* BATSON, 2009).

⁹ Empathic Accuracy, Ickes, 1993 (BATSON, 2009).

¹⁰ Facial empathy, Gordon, 1995 (*apud* BASTON, 2009).

¹¹ Motor Mimicry, Dimberg, Thurnberg e Elmehed, 2000 e Hoffman, 2000 (*apud* BASTON, 2009).

¹² Imitation, Lipps (1902) e Titchener (1909) (*apud* BATSON, 2009).

¹³ Shared Physiology, Levenson and Ruef (1992 (*apud* BATSON, 2009).

¹⁴ Sympathy, Hume, 1740/1896; Smith, 1759/1853 (*apud* BATSON, 2009).

¹⁵ Emotion Contagion, Hatfield, Cacioppo, & Rapson, 1994 (*apud* BATSON, 2009).

¹⁶ Affective empathy, Zahn-Waxler, Robinson, Emde, 1992 (*apud* BATSON, 2009).

¹⁷ Automatic emotional empathy, Hodges; Wegner, 1997(*apud* BATSON, 2009).

¹⁸ 18 Lipps (1903)

- 5) *ação de imaginar o que o outro está pensando ou sentindo*: em vez de nos imaginarmos no lugar da outra pessoa, esse conceito diz respeito à capacidade de imaginarmos a situação na perspectiva do outro, baseado em seus valores, caráter e no modo de ser. Ou seja, como uma “tomada de perspectiva”¹⁹, também denominada “empatia psicológica”²⁰;
- 6) *ação de imaginar como nos sentiríamos ou o que pensaríamos no lugar de outro*; também chamado de “troca de papéis”²¹, “empatia cognitiva”²²;
- 7) *ação de nos angustiarmos ao testemunharmos o sofrimento de outra pessoa*; esse sentimento recebeu várias outras denominações: “desconforto emocional empático”²³, “angústia pessoal”²⁴, que se refere ao sentimento de aflição não como se fossemos o outro, mas como uma reação ao que o outro está sentindo;
- 8) *ação de sentirmos pelo outro que está em sofrimento*; esse sentimento orientado pelo outro e acionado quando percebemos que o outro está em desvantagem nem sempre foi considerado como empatia, mas denominado como “pena” ou “compaixão”²⁵, “aflição simpática”²⁶.

Como vimos, “a empatia é uma forma complexa de inferência psicológica, na qual observação, memória, conhecimento e pensamento se combinam para fornecer *insights* sobre os pensamentos e sentimentos dos outros”²⁷ (JACKSON; MELTZOFF; DECETY, 2005, p. 772). Sobre isso, Stueber (2006) ressalta que essa diversidade de conceitos diz respeito às diversas capacidades e atitudes que uma pessoa tem em relação à percepção do estado mental e situação de outra pessoa.

Acreditamos, portanto, que as diferentes visões sobre a empatia já apresentadas podem ser, de um certo modo, associadas entre si a fim de formar um modelo mais abrangente. Logo, apoiamos nossa definição de empatia na perspectiva de alguns pesquisadores (HODGES; LEWIS, 2012; STUEBER, 2006; THOMPSON, 1999; PRESTON; DE WAAL, 2001; STEIN, 1964) lançamos mão de duas formas de empatia (básica e avançada), baseadas em Hodges e Lewis (2012). Consideramos que a primeira delas é constitutiva da segunda e essa, pré-condição para os conceitos 6, 7 e 8, descritos acima:

¹⁹ “Perspective taking”: Stotland (1969)

²⁰ “Psychological empathy”: Wispe (1968)

²¹ “Role taking”: Mead (1934)

²² “cognitive empathy”: Povinelli (1993)

²³ “empathic distress”: Hoffman (1981)

²⁴ “Personal distress”: Batson (1991)

²⁵ “Pitty” ou “compassion”: Hume, 1740/1896; Smith, 1759/1853

²⁶ sympathetic distress”: Hoffman, 1981, 2000)

²⁷ Empathy is a complex form of psychological inference in which observation, memory, knowledge, and reasoning are combined to yield insights into the thoughts and feelings of others” (JACKSON, MELTZOFF e DECETY, 2005, p. 772).

- 1) *empatia básica*, na qual o observador capta e decodifica pistas, como expressões faciais, a fim de entender o outro, mas não significa, necessariamente, sentir o que o outro sente. Baseando-nos em Thompson (2001), consideramos que essa empatia serve de base para outras manifestações empáticas, por ser de base corpórea, ou seja, aquela que reconhecemos no corpo do outro, um corpo vivo como o nosso (THOMPSON, 2001)
- 2) *empatia avançada*, que requer habilidades cognitivas mais complexas, como o uso de conhecimento prévio, para entender o comportamento e intenção do outro, o que pode acarretar no observador um sentimento similar ao do outro. Ressaltamos que esse tipo de empatia pode gerar no observador sentimentos de contágio emocional, ou até desconforto e sofrimento, podendo ou não resultar em uma ressonância empática, a ser refletida no outro, um comportamento pró-social, o qual pode ser manifestado também em forma de escuta ativa, reflexão e validação verbal (MORSE *et al.*., 1992), ;

Lewis e Hodges (2012) explicam que esses dois tipos de empatia requerem diferentes habilidades por parte de quem sente a empatia. Enquanto na *empatia básica* o observador detecta pistas diretas, como lágrimas, demonstração de frustração, na *empatia complexa*, ou mais avançada, ele precisaria recorrer a suas próprias representações mentais, visto que essas pistas não estariam tão disponíveis. Os observadores usariam, portanto, seu estado mental, suas experiências e seu conhecimento de mundo e principalmente sua capacidade de categorização para simular como o outro estaria se sentindo e o que ele estaria pensando.

Nessa perspectiva, Buchholz (2014) declara que a empatia não consiste em um empenho de “mão única”, individualístico. Apoiando-se em Sacks (1992), Buchholz (2014) acrescenta que a empatia representa uma prática cujos participantes utilizam-se da categorização para organizar elementos observáveis (aspectos corpóreos, expressões faciais, gênero, raça etc.) para depois, inferir aspectos gerais relacionados ao estado mental do outro (alegria, tristeza, vergonha etc.), criando, assim, um ciclo mútuo de observação e interpretação.

Para Lewis e Hodges (2012), a ação de criar empatia com estranhos, cujas emoções e pensamentos desconhecemos, requer o uso de esquemas mentais e, mais precisamente, de estereótipos associados a alguma categoria que também serve como fonte de informação para que observadores formem suas impressões sobre o alvo, com quem não se tem qualquer interação ou intimidade.

Estudos experimentais (MYERS; HODGES, 2009; STINSON; ICKES, 1992; THOMAS; FLETCHER, 2003 *apud* LEWIS; HODGES, 2012) demonstram que a acurácia

empática é maior na medida em que aumentam a intimidade e o nível de convivência entre as pessoas. A explicação, segundo os pesquisadores, é que o empatizante tem acesso a um *schema* mais extenso, construído por meio de interações e experiências passadas com o empatizador.

Nesse sentido, Echols e Correll (2012) explicam que a empatia que existe entre membros de um mesmo grupo pode ter sido originada para que nos protegêssemos e assegurássemos a reprodução e sobrevivência da nossa espécie. Nós, seres humanos, por sermos espécies sociais, formamos conexões sociais, compartilhamos recursos, trabalhamos juntos para nos proteger de ameaças, vivemos a experiência da dor social quando nos separamos de nosso grupo, o que caracteriza uma certa *interdependência obrigatória*.

No caso das participantes da interação do momento da confecção do BO, vítimas e escritãs, podemos entender a pré-disponibilidade a ouvir e a entender uma a outra. Tal comportamento já caracteriza uma empatia relativa ao tipo de informação usada para que sejam feitas inferências sobre os possíveis sentimentos e pensamentos entre as interactantes, o que provém, também, da sensação de pertencimento às mesmas categoria de gênero e social entre elas.

Como já vimos, a empatia requer que haja uma simulação no observador do sentimento do outro. Keyzers (2011) nos mostra, por meio de um exemplo, que o sentimento de empatia, na verdade, não está relacionado a meramente, sentir o que o outro supostamente sente. Ou seja, ao observarmos alguém pegar um copo e levá-lo à boca, não percebemos, simplesmente, a sensação dessa ação realizada pelo outro, de fato, por meio da projeção que é feita em nossos cérebros, de forma inconsciente, é como se nós mesmos executássemos a mesma ação. No entanto, essa capacidade de “sintonizar com o outro” é reduzida no cérebro de algumas pessoas, como no caso de autistas²⁸ ou psicopatas²⁹. Já Além desses dois casos, nos quais a empatia é prejudicada por questões neurobiológicas e psicológicas do indivíduo, há ainda o grupo daqueles que não a tem por uma questão de resistência. Há casos em que o não pertencimento ao mesmo grupo exerce influência na empatia automática. Em caso de

²⁸ Os portadores de autismo, por exemplo, além de apresentarem comportamentos repetitivos e restritos, também demonstram ter menor sentimento de conectividade em relação a outras pessoas, pois recrutam seu sistema motor menos intensamente do que os não-autistas e sua capacidade de imitar expressões faciais também é menor. Estudos apontam que além de um sistema espelho deficiente, o cérebro de pessoas autistas também carecem de algumas proteínas importantes para que haja as sinapses, indicando que várias podem ser as causas da deficiente plasticidade sináptica dos cérebros dos autistas, resultando em um déficit social.

²⁹ As personalidades psicopatas também demonstram uma certa incapacidade em compreender as emoções dos outros por causa de sua própria experiência emocional deficiente (MEALEY & KINNER, 2002 *apud* CAMERON, 2011). O psicopata, por não ser capaz de sentir emoções, não possui um repertório emocional exigido para a simulação dos sentimentos das outras pessoas. O curioso, porém, é que o componente não-emocional da empatia ainda funciona, o que permite que pessoas com esse transtorno desenvolvam estratégias cognitivas para compreender os outros. O desenvolvimento moral normal deles é prejudicado, porém, pela falta de experiências com emoções e suas consequências.

situações de conflitos entre grupos, o outro é visto como não merecedor de atenção e tido como uma pessoa má e isso, de alguma forma, bloqueia a sintonia empática. Bandura (2002, *apud* CAMERON, 2011, p.11) ressalta que forças sociais operam de modo a remover o outro de uma atenção potencialmente empática, ou a empatia é ativada, mas inibida pelos processos cognitivos de aceitação social e/ou ideológica.

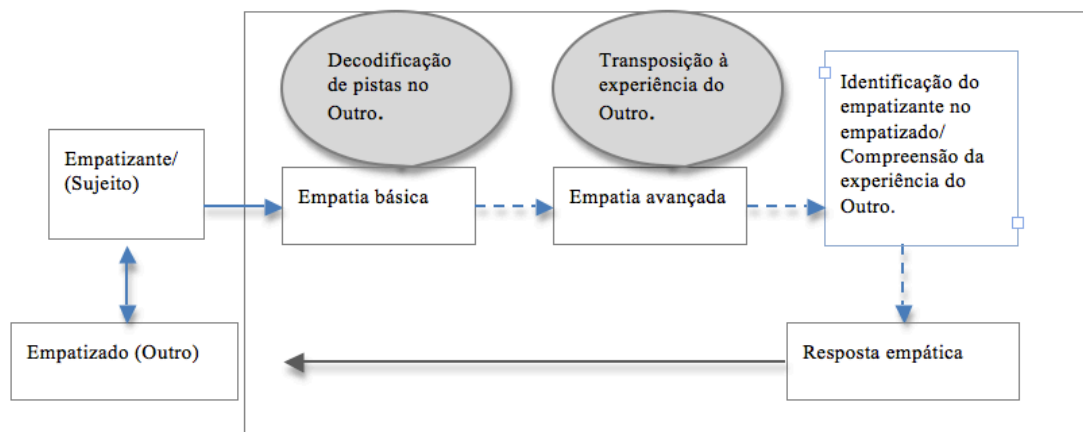
Ressaltamos que o fenômeno da empatia não representa algo inerentemente positivo, ou negativo, mas de valor neutro. Do mesmo modo que a empatia pode gerar sentimentos pro-sociais e de altruísmo, também é capaz de suscitar sentimentos negativos, como, por exemplo, provocar raiva em alguém que empatiza com quem sente raiva.

Por fim, Bandura (*apud* CAMERON, 2011, p.11) sugere que as pessoas desenvolvem um controle proativo a nível psicossocial a fim de regular sua vida social, usando estratégias que os isolam das “mazelas” alheias. Certamente, conforme nos mostra Cameron (2011d), se ficássemos continuamente “em sintonia” com as emoções das outras pessoas, nosso estado de ansiedade e frustração seria constante, o que nos deixaria exaustos. Isso justifica nosso dispositivo inibitório que “filtra” a empatia emocional trazida pelo cérebro, mesmo sem percebermos.

2.1.2 Modelo do processo empático

Corroboramos o ponto de vista de Stueber (2006) no que concerne ao aspecto multidimensional da empatia: o autor explica que a empatia abrange desde nossa capacidade cognitiva de termos ciência do estado mental de outras pessoas (independentemente do modo como fazemos esse julgamento) à habilidade de mudarmos de perspectiva em relação à outra pessoa e de, possivelmente, respondermos emocionalmente à detecção do estado mental e situação do outro, o que corresponde a um aspecto processual.

Acreditamos, portanto, que diferentes concepções de empatia podem ser unificadas, de modo a formarem um modelo básico que leve em consideração *o processo empático*, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1: Modelo do Processo Empático

Fonte: Elaborado pela autora, baseado nas propostas de Lewis e Hodges (2012), Stueber (2006), Thompson (2001) e Morse *et al.* . (1992).

O simples contato entre o Sujeito e o outro, dotados de consciências que já os situam como indivíduos corporificados, desperta em ambos uma cognição empática, uma “associação passiva do meu corpo vivo com o corpo vivo do outro” ³⁰(THOMPSON, 2001).

Conforme nos apresenta a Figura 1, o contato entre empatizante e empatizado promove a empatia básica segundo a qual, pistas corpóreas são identificadas e decodificadas de forma automática, funcionando com pré-condição para a empatia avançada. O pontilhado na seta em direção à empatia avançada significa que a tomada de perspectiva poderá ou não ocorrer, ocasião na qual se processa a transposição de “lugares” (o empatizante se coloca no lugar do empatizado). E, caso ocorra, poderá, ou não (indicado pela seta pontilhada), ocasionar no empatizante um sentimento de captação e compreensão do estado mental e da condição do Outro. Caso surja no empatizante uma interpretação/compreensão emocional congruente ao estado percebido do outro, respostas emocionais possivelmente também ocorrerão. Essas respostas podem ser desde sentimentos não sinalizados pelo empatizante de simpatia e compaixão à verbalização empática ou ainda algum tipo de comportamento pró-social, as quais também serão recebidas, decodificadas e interpretadas pelo outro.

2.1.3 Empatia e linguagem

Vários estudos (KEYSERS, 2011; GALLESE, 2005; DECETY, 2012; IACOBONNI, 2009) mostram que humanos são naturalmente aptos a conectarem-se uns aos outros por meio da observação e, conseqüentemente, pela ativação de nosso aparato neuronal. Outro componente poderoso para que sejam estabelecidas “ligações” entre nós, seres humanos, é a

³⁰ The passive association of my lived body with the lived body of the Other (THOMPSON, 1999, p. 35).

linguagem. Em outras palavras, a linguagem também funciona como um rico instrumento que nos possibilita “abrir janelas para a mente do outro”.

Conforme nos explica Keysers (2011), a linguagem evoluiu de acordo com as crescentes necessidades de nossos ancestrais *homo habilis* e depois dos *homo sapiens sapiens*, que precisavam aprimorar a troca de conhecimento, o que acarretou no desenvolvimento do sistema motor verbal, do qual os neurônios-espelho também fazem parte. Desse modo, nós ativamos programas motores por meio de nosso sistema de espelhamento auditivo enquanto ouvimos o que as pessoas dizem, o que nos leva a concluir que “ouvir é fazer”.

Nesse sentido, Keysers (2011) assegura que existem evidências de experimentos feitos com fMRI (imageamento funcional de ressonância magnética), que mostram que ao ouvirmos a palavra “lamber”, por exemplo, ativamos uma parte do córtex premotor também usado para mover a boca. E se ouvirmos a palavra “chutar”, representações premotoras das ações de nossos pés também são ativadas. O interessante é que todas essas ativações ocorrem nas mesmas regiões do cérebro onde existem neurônios-espelho que respondem também quando vemos alguém praticando a mesma ação.

Com respeito à linguagem, Arbid (2002 *apud* CAMERON, 2011) destaca que, além de responderem à observação de ação em outras pessoas, os neurônios-espelho também respondem ao *som* dessas ações, o que demonstra haver uma estreita relação entre tais neurônios, gestos e linguagem. Essa relação sugere que as representações simbólicas na linguagem também podem evocar a ativação de tais neurônios e, portanto, influenciar diretamente as ideias e atitudes das pessoas em relação aos outros.

Assim, atribuímos um caráter dialógico e dinâmico à empatia em interações de relatos de BO em DEAM, cuja ativação é promovida por meio de recursos verbais e não-verbais e “aprimorada por esforços conscientes de cada um, para entender o outro ³¹” (DEKEYSER; ELLIOT; LEIJSEN, p. 114, 2009). Segundo Bakhtin (1981), é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem e se percebem. Nesse sentido, Bakhtin lança a noção de “compreensão criativa”, de acordo com a qual, um sujeito é capaz de entrar ativamente na individualidade do outro e em outra perspectiva de mundo, sem perder sua própria perspectiva e senso de si mesmo (CAMERON, 2010).

No que concerne à dinamicidade e complexidade do processo empático, argumentamos que isso ocorre pois o mundo não é feito de “coisas”, ou seja, de entidades objetificadas estáveis, mas sim de mudanças e de adaptações contínuas, consiste no cerne da teoria da complexidade. Para entendermos um sistema complexo é preciso imaginá-lo como

³¹ (...) enhanced by conscious efforts by each to understand the other. (DEKEYSER; ELLIOT; LEIJSEN, p. 114, 2009).

um aglomerado de agentes, cuja interação dinâmica e não-linear entre seus componentes ocasiona um comportamento temporariamente estável. Isso explica porque a linguagem, enquanto instrumento de interação social, tem se modificado ao longo da história para acomodar restrições interacionais, como a estrutura dos processos do pensamento, restrições motoras e perceptuais, limitações cognitivas e fatores sociopragmáticos (THE FIVE GRACES GROUP, 2009).

De acordo com Paiva (2011, p. 24) “A complexidade vem nos oferecendo conceitos que nos ajudam a entender diferentes fenômenos em diversas áreas do conhecimento”. Nesse sentido, Larsen-Freeman e Cameron (2008) justificam que a Teoria da Complexidade seria a abordagem mais indicada para responder a questões referentes à relação entre partes interativas que envolva processos de complexidade, interconectividade, dinamismo e mudança. Logo, a teoria dos sistemas dinâmicos complexos mostra-se adequada ao estudo do discurso, cuja interação de agentes e elementos fazem dele um sistema complexo, que, ao ter contato com o meio, sofre modificações e estabilizações constantes.

Sob a mesma perspectiva The Five Graces Group (2009, p. 2) acrescentam que por exercer uma função social, a linguagem, juntamente aos processos de interação humana e aos processos cognitivos de domínio geral, molda a estrutura do conhecimento e que “padrões de uso afetam consideravelmente o modo como a linguagem é adquirida, estruturada, organizada cognitivamente, e modificada no decorrer no tempo”. Segundo esses autores, a linguagem deve ser vista, portanto, como um sistema complexo composto dos seguintes aspectos:

1. agentes que interagem uns com os outros (os falantes, por exemplo);
2. é adaptativa, pois o comportamento dos falantes é baseado nas suas interações passadas, assim como as interações atuais e passadas interferirão nas futuras;
3. o comportamento do falante é a consequência de fatores convergentes que vão desde os mecanismos perceptuais a motivações sociais;
4. a estrutura da linguagem emerge de padrões inter-relacionados da experiência, interação social e processos cognitivos.

Nesse sentido, Larsen-Freeman (2008) justifica que a Teoria da Complexidade seria a abordagem mais indicada a responder questões de como a relação das partes interativas e de um sistema complexo, como o discurso, fazem emergir um comportamento coletivo do sistema, como, por exemplo, manifestações linguísticas de empatia.

Corroboramos a perspectiva de Cameron (2012), segundo a qual a empatia em contexto face a face é identificada como um processo interativo, dinâmico e complexo. Acreditamos que, nesse processo, ambas as formas de empatia (básica e avançada) podem ser acionadas repetida e simultaneamente no decorrer no evento discursivo.

Conforme ainda nos esclarecem Gibbs e Cameron (2007), uma das características fundamentais de um sistema dinâmico é o equilíbrio entre variabilidade e estabilidade. Por causa de sua não-linearidade, os sistemas complexos desenvolvem-se e adaptam-se de maneiras diferentes: internamente e por conexões com o meio exterior. Larsen-Freeman e Cameron (2008) explicam que as mudanças auto-organizáveis internas alteram a estrutura do sistema, enquanto a interação com o lado exterior pode fazer com que essas mudanças sejam mantidas ou não. Segundo elas, tais características são observadas na perspectiva de uma trajetória temporal, na qual o sistema passa por fases, ou estados, podendo apresentar um período de mudanças mais suaves ou bruscas. No caso da linguagem essa dinâmica é mais contínua e nunca para.

Quando o sistema apresenta um espaço-fase (*phase space*), ou estado, isso quer dizer que foi evidenciado em um determinado momento temporal um comportamento de padrões de atividade entre os componentes do sistema. Ou seja, houve uma certa estabilidade no sistema. A área na qual o estado é apontado, onde a estabilidade ocorre, recebe o nome de atrator. Gibbs e Cameron (2007) fazem uma analogia a uma depressão terrestre, ou uma inclinação, que “puxa” o sistema para si. Em outras palavras, o atrator influencia uma certa estabilidade do comportamento do sistema.

Um exemplo de atrator, na perspectiva de nosso trabalho, seria o machismo em nossa sociedade nordestina brasileira, que funciona como uma enorme “depressão terrestre”, um padrão comportamental que arrasta homens e mulheres para dentro dele, ocasionando a violência contra a mulher em nossa sociedade e que, no *corpus* de nosso trabalho, funciona como a justificativa para a passividade de muitas vítimas diante da violência sofrida. Quando há uma mudança entre um atrator e outro, dizemos que houve uma mudança de fase.

Nesse sentido, no contexto de confecção de BO, quando há indícios de doação empática nas interações face a face, pode-se dizer que ali existe uma estabilidade que surgiu a partir da dinâmica discursiva entre subsistemas (da vítima e da escritã). Ou seja, a construção empática ocorreu como um resultado de uma atividade interativa, por meio de recursos de elicitación empática e de mecanismos de proteção de face, dentro de uma escala de tempo ou de um grupo social. À essa atividade discursiva em uma escala temporal local, Cameron (2007a) dá o nome de evento discursivo, que pode ter duração de minutos ou horas. Em nosso trabalho, adotaremos o tópico discursivo como a atividade na qual emergem padrões que indiciam movimentos empáticos.

Acreditamos, portanto, que padrões de emergência empática ocorrem como um resultado de uma atividade no decorrer de múltiplas escalas temporais menores, entre segundos a minutos, que são chamadas de episódios de fala, os quais interagem entre si e

intersocialmente. A manifestação de empatia no contexto discursivo da confecção de BO, por exemplo, percorre o caminho do discurso, podendo modificar-se, (re) adaptar-se ou estabilizar-se, até que surja algo que force essa estabilidade empática a uma nova mudança, como, por exemplo, um dano à face de um dos participantes, o que ocasionaria um desequilíbrio na interação e um prejuízo à construção empática.

2.1.4 Funções da empatia na interação

De acordo com Martinovsky e Mao (2009), a emergência da empatia ou a falta dela representa uma das características de qualquer situação interativa e acrescentam ainda que podemos sentir empatia sem comunicá-la intencionalmente, assim como a não manifestação da empatia não significa a ausência de uma consideração cognitiva, mas, possivelmente, um baixo nível de consideração cognitiva.

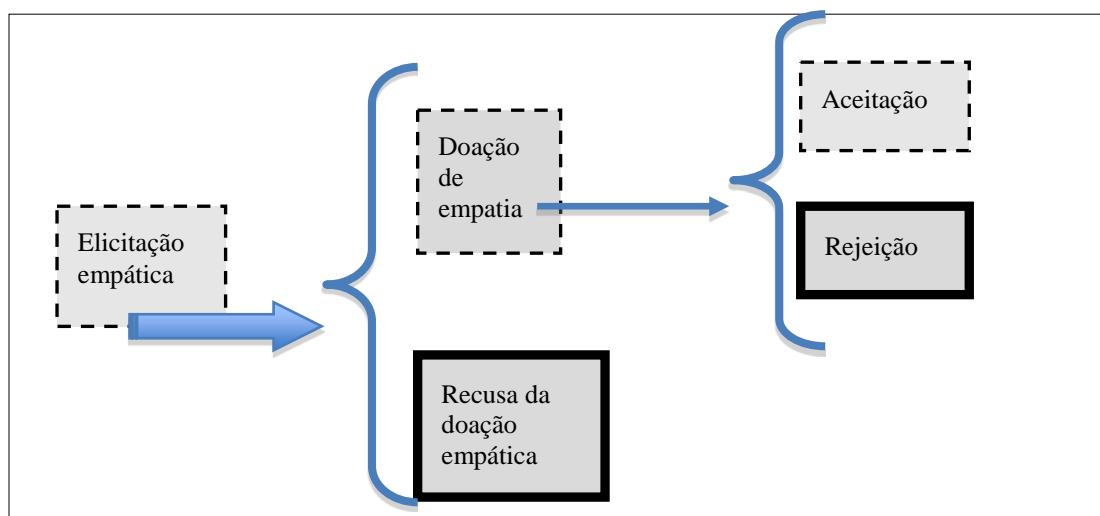
De acordo com esses autores, a empatia tem diferentes funções no discurso, podendo ser experienciada, doada, elicitada, aceita, rejeitada ou recusada. Nesse sentido, Martinovsky e Mao (2009) investigam as manifestações da empatia em discursos baseados em dados autênticos na língua inglesa e propõem as seguintes funções da empatia no discurso:

- 1) *elicitação*: quando na comunicação um dos participantes avalia e sente a necessidade de elicitare empatia ao outro e se isso não era o objetivo desde o início da interação, significa que houve mudança de objetivos interacionais, estratégias de negociação de modo a receber empatia de seu interlocutor (A elicitare empatia de B se A deseja que B sintare empatia por B);
- 2) *doação*: quando na interação há uma reorganização e reavaliação temporária ou permanente dos objetivos interacionais em benefício do outro (A dá empatia a B se A entende/sente o que B sente):
- 3) *aceitação de empatia*: quando na interação um sente e aprecia a empatia recebida (B aceita empatia de A se B acredita que A sente empatia por B);
- 4) *demonstração de rejeição à empatia doada*: quando durante a comunicação alguém avalia e demonstra empatia pelo outro, o qual pode escolher rejeitá-la, por razões locais ou por não querer que o outro tenha poder sobre ele, ou por não se sentir próximo ao empatizador (B rejeita empatia dada por A se B não deseja que A sintare empatia por B);
- 5) *recusa da doação de empatia*: quando durante a interação, alguém rejeita doar empatia ao outro em função de uma reconsideração de objetivos e estratégias de modo que o leve a combater o outro, bloqueando, assim, uma doação empática.

Baseando-nos nas funções empáticas explanadas acima, propostas por Martinovsky e Mao (2009), concebemos que o processo da empatia se constitui de passos e de momentos empáticos e que, por meio de uma observação baseada no discurso e em sua dinâmica, seria possível verificar o uso sistemático mecanismos linguísticos no mesmo tópico discursivo que funcionam como elicitadores empáticos, os quais podem promover movimentos de doação ou rejeição empática.

Tal dinâmica das funções da empatia na interação, proposta por Martinovsky e Mao (2009), pode ser esboçada da seguinte forma, conforme a Figura 2:

Figura 2: Dinâmica das funções da empatia na interação.



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Martinovsky e Mao (2009)

Conforme o diagrama acima demonstra, a empatia poderá ser doada mediante elicitação, o que ocasionará uma aceitação ou rejeição à doação empática. Salientamos que, em nossas análises, nomeamos “resposta empática positiva” as manifestações de doação empática que ocorrem mediante uma solicitação do interlocutor. Nesse sentido, chamamos de “doação empática” aquelas ações que não estão atreladas a pedidos de empatia aparente.

Ilustramos por meio de linhas pontilhadas as funções com natureza “permeável”, ou seja, aquelas em que ocorrem movimentos de “dentro para fora”, como nas funções de elicitação, doação e aceitação empática. Já as funções de rejeição à empatia doada e de recusa à doação empática foram demonstradas por meio de uma linha contínua mais espessa, a fim de caracterizar esse impedimento.

Assim, ressaltamos que, em nosso estudo, utilizamos os recursos da linguagem como ferramenta para identificarmos movimentos na interação que caracterizem:

- a) elicitação empática direcionados às escritas;
- b) doação empática das escritas para a vítimas;

- c) doação empática das vítimas para seus agressores;
- d) aceitação da empatia doada pelas escritoras;
- e) rejeição empática das escritoras;
- f) ou recusa de doação empática das escritoras às vítimas;

Logo, consideramos que o momento de confecção de BO representa um momento oportuno para investigarmos como esses movimentos empáticos, representados pelas funções da empatia na interação (MARTINOVSKY; MAO, 2009) se comportam e o que os fazem emergir.

De acordo com Damásio (1999, p. 24³²), “sem exceção, homens e mulheres de todas as idades, de todas as culturas, em todos os níveis de educação e em todos os tipos de vida econômica, sentem emoções e têm consciência das emoções dos outros (...)”. Damásio declara que a emoção humana está conectada a ideias complexas, princípios, valores e julgamentos (1999) e que pode ser desencadeada pelo contato com músicas, pensamentos, conversas, leituras etc. Contudo, os tipos de emoções a serem induzidos pelos estímulos dependem

dos sentimentos, que estão engendrados nessas emoções. É por meio dos sentimentos, os quais são direcionados para dentro e de caráter privado, que as emoções, que são direcionadas para fora e públicas, começam a causar impacto na mente; porém, o impacto completo e duradouro dos sentimentos requer a consciência (...) (DAMASIO, 1999, p. 25)³³.

Damásio (1999, p. 29) explica ainda que os mecanismos que subjazem à emergência da emoção não requerem que estejamos cientes deles, embora possamos, eventualmente, iniciar uma cascata de processos que conduzem à revelação emocional, sem que estejamos conscientes do que induziu a tal emoção e nem dos processos que a antecederam. Podemos, por exemplo, sentir uma angústia ocasionada após vermos alguém em sofrimento, sem que façamos uma correlação direta e imediata ao que fez com que nos sentíssemos angustiados.

Segundo Damásio (1999), sentimento e emoção fazem parte de um continuum funcional, no qual, sentimentos podem gerar emoções, as quais podem ser “levadas à consciência” e gerar novos sentimentos. Nesse sentido, no que concerne à empatia, podemos relacionar o aspecto processual sentimento - emoção, portanto, ao modelo de processo empático, apresentado na Figura 1.

³² without exception, men and women of all ages, of all cultures, of all levels of education, and of all walks of economic life have emotions, are mindful of the emotions of others (...)” (DAMASIO, 1999, p. 24).

³³ it is through feelings, which are inwardly directed and private, that emotions, which are outwardly directed and public, begin their impact on the mind; but the full and lasting impact of feelings requires consciousness(...)”(DAMASIO, 1999, p. 25).

Do mesmo modo, esse aspecto da empatia é observado por Kohut (1988), citado por Bolognini (2008), o qual a define como uma “modalidade cognitiva adequada à percepção de configurações psicológicas complexas” (p. 66), cujas etapas também são inconscientes e, assim como as emoções, podem ou não ser publicamente observáveis.

Em outros termos, a emoção é de ordem neurofisiológica, uma ação que passa pelos processos neurais e que é levada a uma reação orgânica e, em seguida, interpretada como um tipo de sentimento.

Logo, inferimos que empatia se constitui de um sentimento, que não é automático, mas sim, gerado por emoções de natureza neural. O sentimento da empatia não é automático, mas provocado por mudanças inter-relacionadas e sincronizadas, a partir das reações motoras ou glandulares que se unem às emoções. Por exemplo, o sentimento de empatia pode ser evocado pelo contato com o outro (a partir da representação sensorial inicial). Contudo, a interpretação dessa emoção poderá ser diferente de pessoa para pessoa. Logo, o sentimento de empatia envolve diferentes graus e níveis de percepção. Uma pessoa pode ter a emoção empática ao se deparar com uma situação favorável a esse desencadeamento neurofisiológico, mas desenvolver repercussões e ações afetivas diferenciadas.

2.1.5 Emotividade e suas manifestações no discurso

No que tange aos estudos sobre emoção e linguagem, Bednarek (2008) observa que o interesse, nessa perspectiva, é recente; contudo, segundo essa estudiosa, não há nenhuma teoria unificada sobre emoção ou afeto com a linguagem. Apenas abordagens discrepantes e amplas sobre a expressão emotiva de modo geral. A autora remete essa lacuna à complexidade da forma com que expressamos emoções: podemos expressar o que não sentimos, podemos sentir algo e não expressarmos, expressarmos algo de forma consciente, inconsciente, intencional ou não-intencional.

De todo modo, Caffi e Janney (1994, p. 326) declaram que, apesar de inconsistências teórico-metodológicas e de resultados divergentes, obtidos dos estudos acerca da linguagem e emoção, há algo que não podemos questionar enquanto usuários da linguagem: “nossa percepção, profundamente enraizada em nossa experiência diária enquanto comunicadores, de que emoções e linguagem estão intimamente interconectados à fala e à escrita”³⁴. De fato, segundo os autores, todos temos uma capacidade emotiva de comunicação, da qual, de certo modo, depende uma interação bem sucedida (CAFFI; JANNEY, 1994). Parecemos ser capazes de produzir, modificar e modalizar expressões linguísticas carregadas de emoção, de

³⁴ (...) it is awareness, deeply rooted in our everyday experience as communicators, that feelings and language are intimately interconnected in speech and writing” (CAFFI; JANNEY, 1994, p. 326).

acordo com nossa vontade, de forma sutil, a fim de adequarmos exigências pessoais e interpessoais, de modo a nos ajustarmos às situações.

Nessa perspectiva, Caffi e Janney (1994) propõem uma abordagem denominada *pragmática da comunicação emotiva*, baseada nas noções de: a) comunicação emotiva³⁵ de Marty (1908); b) na perspectiva argumentativa da retórica de Aristóteles³⁶; c) na estilística linguística de Charles Bally³⁷(1970) e d) em algumas contribuições sobre emotividade na linguagem, propostas pelo funcionalismo da escola de Praga³⁸.

Caffi e Janney (1994), destacam, contudo, que os estudos da comunicação emotiva na linguagem dependem de interpretações e de significados em potencial, sob o ponto de vista pragmático, e precisam adotar categorias interpretativas aliadas a abordagens psicológicas sobre o afeto, como *dimensões básicas do afeto* (cf. BROWN; GILLMAN, 1960; WIENER; MEHRABIAN, 1968, DITTMAN, 1972; ARNDT; JANNEY, 1983; BROWN; LEVINSON, 1987). Caffi e Janney explicam que o termo “dimensão” diz respeito às características dinâmicas e graduais dos processos mentais, os quais são representados e medidos por meio de variáveis nas escalas mais/menos

Embora considerassem que a contribuição de estudos sobre emotividade na perspectiva psicológica fosse indispensável para a proposta de um modelo de caráter linguístico-pragmático, Caffi e Janney (1994) depararam-se com uma falta de consonância entre as duas abordagens. Em outras palavras, a interface das categorias emotivas, propostas por diversos estudiosos da Linguística³⁹ (cf. CAFFI; JANNEY, 1994, p. 340), com as categorias de dimensões básicas do afeto⁴⁰, propostas pela Psicologia (OSGOOD *et al.* ..

³⁵ Marty (1908) diferenciou os termos: *comunicação emotiva* de *comunicação emocional*. Enquanto o primeiro se refere à informação emotiva, intencional e estratégica na fala e na escrita para causar algum efeito na interpretação do interlocutor, o segundo diz respeito à manifestação espontânea e não intencional de emoção na fala (*apud* CAFFI; JANNEY, 1994).

³⁶ Caffi e Janney (1994) consideram essa noção importante devido à orientação intersubjetiva e interativa que subjazem ao discurso persuasivo proposto por Aristóteles.

³⁷ Para Bally “a Estilística estuda os fatos expressivos da linguagem a partir do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, em outras palavras, a expressão dos sentimentos por meio da linguagem e a ação da linguagem nos sentimentos” (CAFFI; JANNEY, 1994, p. 333)

³⁸ O Círculo Linguístico de Praga distinguiu noções de fala “interna” e “manifestada”, atribuindo importância às funções linguísticas de intelectualidade e emotividade, as quais se interpenetram ou se destacam individualmente no discurso. Além disso, a noção promovida por Jakobson de *função expressiva ou emotiva da linguagem*, de orientação baseada no falante, também foi levada em consideração por Caffi e Janney (1994) para a formulação da proposta de *pragmática da comunicação emotiva*.

³⁹ Caffi e Janney propõem uma tabela denominada “Categorias Emotivas da Linguística” constando diversos pesquisadores que propuseram estudos da emotividade na linguagem, assim como as categorias emotivas sugeridas por eles.

⁴⁰ Nesse sentido, Caffi e Janney (1994), explicam que psicólogos ocidentais sugerem três categorias básicas das dimensões de afetos: 1) uma dimensão avaliativa positiva ou negativa; 2) uma dimensão de controle e poder; 3) uma dimensão de intensidade e atividade. Em suma, segundo essa visão, as pessoas respondem positiva ou negativamente (quando respondem) ao contato com objetos ou avaliações, por meio de respostas com variação de intensidade ou força.

1957 *apud* CAFFI; JANNEY, 1994), foi dificultada pela falta de consenso em níveis epistemológicos.

2.1.6 Os dispositivos emotivos da comunicação

Com o objetivo de estabelecer uma conexão entre as abordagens psicológica e linguística, Caffi e Janney (1994) propõem seis dispositivos emotivos diferentes, cujo foco não está apenas no conteúdo proposicional das unidades de análise (nos níveis semânticos e lexicais). As autoras buscam uma proposta que ressalte o fenômeno emotivo da comunicação de modo mais globalizado. Ou seja, que vise analisar não apenas o conteúdo proposicional, mas as “identificações emotivas” ou “tonalidade afetiva global”, como, também, alguns recursos paralinguísticos ⁴¹

Nesse sentido, Caffi e Janney (1994) organizaram, de forma sistemática, diferentes tipos do que chamaram de “dispositivos estruturantes”, “indicadores”, ou “marcadores”. Esses dispositivos, os quais adotamos em nossas análises, são baseados nos aspectos retóricos, estilísticos, prosódicos e paralinguísticos usados pelos falantes para produzirem diferentes efeitos emotivos e que estão conectados aos tipos de instâncias emotivas que os falantes desejam revelar. São eles:

1. *dispositivos emotivos de avaliatividade* (distinção central: positivo/negativo): essa categoria “inclui todos os tipos de escolhas verbais e não verbais que sugerem uma instância inferível de avaliação positiva ou negativa por parte do falante em relação a um tópico, interlocutor, ou interlocutores no discurso. Ou seja, todas as atividades discursivas que podem ser interpretadas como índices de prazer ou desprazer, concordância ou discordância, agrado ou desagradado, como: tons de voz hostil ou amigáveis; usos de diminutivos, vocativos, superlativos, adjetivos avaliativos, substituições lexicais, e todos os tipos de substituição estilística. Por exemplo: Você é **péssimo/o melhor** (menor/maior avaliatividade);
2. *dispositivos emotivos de proximidade* (distinção central: próximo/distante): essa categoria inclui todos os tipos de escolhas verbais e não verbais que variam as distâncias metafóricas entre: falantes e o conteúdo de seu enunciado e entre o falantes e seus interlocutores. Essa categoria pode ainda ser subdividida em:

⁴¹ Os elementos paralinguísticos são realizações ou manifestações não-verbais que contribuem para a unidade temática da enunciação, uma vez que o sentido de um enunciado não é apenas definido por unidades verbais, mas também por elementos não-verbais presentes em toda e qualquer situação de fala (BAHKTIN, 1999 *apud* CAMPOS; CRUZ, 2008)

- a) *marcadores de proximidade espacial*, que regulam distâncias metafóricas entre eventos interiores e exteriores expressados pelos falantes. Por exemplo, o uso de pronomes demonstrativos: “**Essa/aquela** mentira doeu em mim” (maior/menor proximidade espacial);
- b) *marcadores de proximidade temporal*, que regulam distâncias metafóricas entre “eventos presentes e não-presentes” (CAFFI, 2007, p. 142). Ou seja, distâncias que dizem respeito ao tempo interno ou real. Por exemplo, “Eu **fiquei/estou** muito envergonhada com tudo que lhe disse” (menor/menor proximidade espacial);
- c) *marcadores de proximidade social*, que regulam as distâncias pessoais e interpessoais. Vale destacar que essa subcategoria foi muito identificada em nossas análises, principalmente pelo uso dos vocativos. Por exemplo: “**Senhora/Mulher**, ele sempre me bate quando ele bebe” (menor/menor proximidade social);
- d) *marcadores de proximidade de ordem seletiva*, definidos na literatura como “ordem de referência” ou “topicalização”, que servem para regular as distâncias de conceitos nos discursos e diz respeito a um dado referente no enunciado. Por exemplo: **A mulher apanhou** do marido/ **O marido bateu** na mulher (menor/menor proximidade do *status* do agente da ação); **Maria foi** ao cinema e **seu irmão** também/ **Maria e seu irmão** foram ao cinema (menor/menor proximidade de referentes iniciais);
3. *dispositivos emotivos de especificidade*: (distinção central: clareza/vaguidade) essa categoria, muito fértil em nossas análises, inclui todos os dispositivos linguísticos usados para variar a precisão, acurácia ou menção sobre tópicos, partes de tópicos, o Eu do falante, ou interlocutores do discurso. A especificidade tratada aqui se refere à maneira como um objeto é referido na comunicação: se é feito por meio do nome, ou de maneira implícita. Fenômenos de especificidade incluem particularizações ou generalizações dos tipos, por exemplo: uso de artigos definidos ou indefinidos, pronomes definidos ou indefinidos, referentes inteiros ou partes de referentes. Por exemplo: **O jantar/bife** estava ótimo (menor/menor especificidade); **Alguém/você** pode me ajudar? (menor/menor especificidade);
4. *dispositivos emotivos de evidencialidade*: (distinção central: clareza/vaguidade) essa categoria inclui todas as escolhas que regulam aspectos possíveis de serem inferidos sobre: atenuação, confiabilidade, autoridade, validade, ou valor de verdade do que está sendo expressado. Os usos desses dispositivos sugerem atitudes de confiança ou

dúvida em relação à informação expressa que podem ser dos tipos: julgamento (**pode** estar/**está**); intenções (**talvez** volte/ **irei** voltar); comprometimento com as proposições por meio da modalidade epistêmica: (**acho** que sei/ **sei**); advérbios modais (**possivelmente/certamente**);

5. *dispositivos emotivos de volicionalidade*: (distinção central: auto-assertividade/não assertividade): essa classe inclui todas as escolhas linguísticas e estratégias discursivas empregadas pelos falantes para variar os níveis de auto-assertividade diante dos interlocutores e todas as escolhas usadas para lançar os próprios falantes ou os interlocutores em papéis discursivos ativos ou passivos. Essa auto-assertividade é inferida no discurso por meio do uso de; por exemplo, voz ativa ou voz passiva (**decidi/foi** decidido), o uso de verbo modais em pedidos (**passa** o sal/**pode** **passar** o sal?), escolha do uso de agentes da ação ou pronomes (**quero/você quer** ir embora?);
6. *dispositivos emotivos de quantificação* (distinção central: mais/menos): essa categoria inclui todas as escolhas intensificadoras e desintensificadoras da fala (cf. LABOV, 1984), todas as escolhas de quantificação, graus, medidas, duração, ou quantidade de um dado fenômeno linguístico. Essa quantificação, conforme explica Volek (1987 *apud* CAFFI; JANNEY, 1994), pode ser quase de qualquer tipo: intensidade de uma atividade, duração de uma performance, quantificação de um objeto, intensidade de um advérbio (**extremamente** quente), uso de pronomes relativos como intensificadores (**Que** dia longo!), adjetivos de ênfase (**completa/total** catástrofe), Além disso, fenômenos fonológicos, como alongamento de vogais (é eno:::rme) ; realce prosódico, como aumento do tom de voz (Eu **NÃO** vou!), escolhas estilísticas de repetição (estamos **muito, muito** felizes.)

As autoras declaram que a comunicação emotiva pode ser estudada sob duas perspectivas distintas: a) como um processo ou b) como um produto. A primeira, sob o ponto de vista processual, a qual adotamos, é dinâmica e eminentemente dialógica. Nessa visão, o uso dos dispositivos emotivos na comunicação serve como um parâmetro crucial para avaliar diferentes tipos ou níveis de envolvimento emotivo na interação e a dinâmica da negociação comunicativa entre os interactantes.

Já a perspectiva que concebe o comunicação comunicativa como um produto, é estática e considera o discurso, o texto ou a interação como dados. O perfil emotivo do discurso é analisado no aspecto da qualidade, sendo geralmente interesse da Estilística.

Ressaltamos que, de modo geral, os dispositivos de avaliatividade, especificidade e evidencialidade servem como base para o relacionamento falante-conteúdo e como pano de fundo para o relacionamento entre falante –interlocutor. Em nosso trabalho, o uso de

atenuadores no discurso funcionavam para criar um distanciamento entre a falante (vítima) e o conteúdo. Por exemplo, ao dizerem: “Estou com **uma pessoa**”, uma das vítimas empregava com dispositivo de menor especificidade para estabelecer um distanciamento com o enunciado, a fim de não comprometer sua imagem perante a interlocutora.

No que concerne ao nosso estudo, nosso foco se estabeleceu em estratégias comunicativas que fossem constitutivas de um processo interativo favorável à emergência empática. Logo, observamos a dinâmica da interação nesse prisma. Isso posto, aspectos como, a aprovação da interlocutora (a escritã) e estratégias comunicativas para reduzir o grau de envolvimento do falante (vítima) com o enunciado e com o agressor foram aspectos importantes em nossas análises.

Nessa perspectiva, Bonelli (2014 p.68) destaca que

Quando o foco da ação comunicativa é o interlocutor, as escolhas preferidas são estratégias retóricas e estilísticas direcionadas à expressão da disponibilidade em manter a aprovação do interlocutor, revelação de respeito (por exemplo, baixos níveis de assertividade, avaliações positivas recorrentes, altos níveis de vaguidade e escolhas de demonstração de dúvida de modo polido), assim como estratégias de preservação de face.

Conforme podemos perceber, o fenômeno da empatia na dinâmica da interação é multidimensional, complexo e evoca estratégias linguístico-pragmático-cognitivas diversas.

Nesse sentido, inferimos que a construção da empatia na ação comunicativa dos relatos de BO requer, também, uma abordagem cujo olhar esteja voltado às posições que essas interlocutoras ocupam nessa situação de interação, assim como à forma como as relações interpessoais se estabelecem nesse contexto discursivo.

Isso posto, na seção seguinte, abordaremos questões relativas à construção, preservação e ameaças de faces, que se estabelecem na situação discursiva estudada.

2.2 A imagem social: refletindo pertencimentos

Enquanto seres sociais, nos constituímos por meio da relação que estabelecemos com outros homens. Estamos inscritos em uma sociedade e vivemos num mundo de encontros sociais que envolvem o contato face a face com outras pessoas, que também participam de grupos sociais, desempenham funções sociais, estabelecidas a partir da relação com os outros membros da mesma sociedade.

Tajfel (1968 *apud* RAJAL, 2009) define identidade social como “aquela parte do autoconceito individual que deriva do conhecimento que alguém tem sobre seu pertencimento a um certo grupo social (p. 17) ⁴²,”

O mesmo indivíduo pode desempenhar diversos papéis e ter diversas posições sociais na sociedade: pai, filho, empregado, empregador, goleiro etc. Essas posições sociais desempenhadas pelos indivíduos na sociedade são chamadas de *status* por Preti (2004), as quais se constituem de um conjunto de regras a serem obedecidas, que estão relacionadas às formas de se vestir, de se portar, de falar e até mesmo a postura ética da pessoa quando está desempenhando tal posição.

Nesse mesmo viés, Goffman (1985) mostra que os indivíduos sociais esperam que suas características sociais sejam respeitadas, acreditadas e valorizadas adequadamente. Para Goffman (1985), papel social diz respeito à “promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social”(p. 24). Nesse sentido, quando uma pessoa desempenha esse papel, segundo o autor, implicitamente, ela solicita que seus observadores levem à sério o que está sendo assumido perante eles.

Por outro lado, em nossa sociedade contemporânea ocidental, esses papéis são dotados de dinamismo e flexibilidade, portanto, cada posição social que ocupamos exige que adotemos condutas adequadas. Para Preti (2004, p. 182) essa postura não se constitui uma tarefa fácil, pois exige “uma diversidade de comportamentos, os quais podem, a qualquer momento, entrar em conflito”.

Caso essas condutas não sejam respeitadas, o desempenho social adequado às funções sociais que desempenhamos poderá ser comprometido. Logo, faz-se mister a regulação da construção da imagem que uma pessoa precisa assumir em determinados papéis sociais. Em outros termos, alguém que exerce a função de pai não poderá agir da mesma forma com seu colega de trabalho, ou vice-versa.

Os estudos da imagem social têm recebido atenção desde a era aristotélica, quando foi denominado de *ethos*. Contudo, foi Erving Goffman, sociólogo canadense, quem se aprofundou nos estudos da interação ⁴³ face a face em ambientes naturais e, por meio de exames detalhados e sistemáticos de pequenos comportamentos, começou a descrever unidades naturais de interação construídas a partir deles, assim como a buscar padrões comportamentais que ocorrem quando as pessoas entram na presença imediata de outras.

⁴² that part of an individual's self-concept which derives from his knowledge of his membership in a social group” (TAJFEL, 1968 *apud* RAJAL, 2009, p. 17)

⁴³ Goffman (1982, p. 23) define interação como “toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros”

Como, em nosso estudo, nos interessa, sobretudo, os diversos mecanismos linguísticos utilizados pelas vítimas e escritoras, participantes da interação no momento da confecção do BO, para comunicar ou solicitar sentimentos de empatia, a investigação dos procedimentos que elas empregam para assegurar a imagem social assumida naquela interação é crucial para nosso trabalho. Logo, nos apoiaremos essencialmente nos estudos de Ervin Goffman sobre interações sociais e nos valeremos de suas contribuições sobre os diversos movimentos e processos relacionados, principalmente, à preservação da imagem social (*face*).

2.2.1 O papel da linguagem para a imagem social

Conforme já mencionamos anteriormente, nossa natureza de seres sociais é estabelecida pela relação que temos com outros seres e a língua se constitui “o principal veículo de transmissão de conhecimento cultural e um dos meios mais importantes pelo qual nós ganhamos acesso a conteúdo da mente dos outros” (KRAUSS; CHIU, 2010).

Quando assumimos a condição de falante, consciente ou inconscientemente, revelamos dicas sobre nossa personalidade e fornecemos informações sobre nosso modo de ser, assim como o papel social que ocupamos naquela situação.

Isso se relaciona com a ideia de que a identidade está susceptível a um contexto específico. Por exemplo, Cohen (2000 *apud* RAJAL, 2009) observa que uma mesma pessoa, em um dia, pode ser muçulmana na Mesquita, asiática na rua, asiática britânica em contextos políticos e britânica quando viaja para fora do país. Nesse sentido, “identidades dentro e fora do ambiente doméstico tendem a ser qualitativamente diferentes”⁴⁴ (RAJAL, 2009, p. 17). O que também é observado, por exemplo, entre os adolescentes, cuja linguagem, que funciona como um marcador para distinguir a identidade, pode variar, dependendo do contexto conversacional em que estão inseridos (entre os amigos do mesmo grupo ou entre pessoas que representam um grupo social que exija mais formalidade).

As proposições de Amossy (2005, p. 9) são consistentes com essa questão quando ela afirma que

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.

⁴⁴ Consequently, identities within and outside of the home environment are likely to be qualitatively different”(RAJAL, 2009, p. 17).

Essa noção de “apresentação de si” e de construção de uma autoimagem favorável, que convença os participantes da interação verbal, mencionada por Amossy (2005) no trecho acima, também está de acordo com o que foi apresentado por Tracy; Coupland (1990) e Tracy (1991) sobre a inter-relação entre intencionalidade e discurso e sobre a importância desses conceitos para a compreensão das interações face a face.

A questão da conexão entre intencionalidade e ação comunicativa também foi tratada por Clarke e Delia (1979 *apud* TRACY, 1991). Esses autores sugeriram três tipos diferentes de intenção/objetivo: a) instrumental ou funcional (*task or functional*); b) identificação ou de auto-apresentação (*identity, self-presentation*) e c) relacional (*relational*). Ainda segundo esses estudiosos, cada um desses objetivos está presente em toda situação social, embora a proeminência de cada um deles dependa de um contexto específico. Outras formulações teóricas também apontadas por Tracy (1991) sugerem que os objetivos e intenções comunicativas são estabelecidas, ou fortemente guiadas, pela natureza da situação social. Ou seja, as intenções comunicativas variam de acordo com o evento discursivo em que estão inseridos os atores sociais. Por exemplo, se uma pessoa participa de uma entrevista de emprego (situação social), possivelmente (caso deseje ser contratada), assumirá uma linha que favoreça a manutenção da imagem de alguém confiável e apto a ocupar o cargo ofertado (intencionalidade).

Conforme Penman (1990), o construto de intencionalidade (*goal*) é um dos mais comumente usados em estudos de processo de atribuição de sentido em contextos discursivos. Nesse sentido, o autor privilegia o estudo de faces em uma perspectiva dinâmica e que explore as múltiplas intencionalidades que existem em um contexto discursivo. Corroborando essa ideia, propomos uma abordagem um pouco mais dinâmica sobre a elaboração de faces.

Nossa ideia é que a elaboração de faces, proposta por Goffman (2011), conceba a dinâmica interacional não apenas como um jogo de imagens sociais a serem mantidas, preservadas, ou ameaçadas, mas como um palco, onde imagens sociais, estratégias e intencionalidade contracenam juntas a fim de favorecer a emergência de indícios empáticos no discurso.

Trataremos a seguir o conceito de elaboração de faces proposto por Goffman.

2.2.2 As faces da interação: à procura do alinhamento

Logo no primeiro capítulo de *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*⁴⁵, Goffman (2011) define face como “um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que a pessoa assumiu durante um contato particular” (p. 13). Em outro momento, Goffman (1985, p. 29) define face como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

Por *linha*, Goffman se refere aos padrões verbais ou não verbais adotados pelo ator da ação para mostrar sua versão da situação, dos outros e de si mesmo, podendo ser intencional ou não.

O autor acrescenta ainda que pessoas *estão com a face, têm a face, ou mantêm a face* quando a linha que elas assumiram é consistente com as evidências comunicadas por elas durante o contato e com os juízos e evidências comunicadas pelos participantes. Ou seja, a imagem que alguém reivindica para si em determinadas situações poderá ou não ser confirmada no decorrer do fluxo dos eventos, a depender da compatibilidade de suas ações verbais e não verbais com a imagem escolhida. Do mesmo modo, os outros participantes da interação também precisam interpretar esses eventos de forma a confirmar as avaliações expressas neles.

Um exemplo bem simples de uma face confirmada poderia ser quando alguém se diz com bastante dor e fala isso à outra pessoa demonstrando semblante abatido e esboçando expressões faciais que possam ratificar sua face. Por outro lado, se a pessoa revela isso entre gargalhadas e sorrisos, ou mesmo se suas atitudes não confirmam sua consternação e desconforto físico, a face não será confirmada, pois esses eventos poderão não ser interpretados pelos coparticipantes como uma imagem compatível à linha assumida.

Quando a face de uma pessoa não está alinhada com as evidências apresentadas ou são internamente inconsistentes, é dito que a pessoa está com a face errada. Uma pessoa está com a face errada “quando, de alguma forma, trazemos alguma informação sobre seu valor social que não pode ser integrada, mesmo com esforço, com a linha que está sendo mantida por ela”. Nesse caso, quando as contribuições da pessoa não conseguem ser “costuradas” à ocasião, sua face poderá ser ameaçada. Assim, ela pode perceber que sua face está errada, fazendo com

⁴⁵ O título da obra em inglês é *Interaction Ritual, a study of face-to-face interaction in natural settings* (1967) e foi traduzida para a língua portuguesa em 2011 por Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Embora estejamos utilizando a obra traduzida como referência, mantemos alguns termos da versão original, como, por exemplo, *face*, que é traduzido por *fachada* na versão traduzida.

que ela se sinta, possivelmente, envergonhada, ou inferior, “devido ao que poderá acontecer com sua reputação enquanto participante” (GOFFMAN, 2011, p. 16) .

2.2.2.1 A face da vítima de violência conjugal e suas relações com o enquadramento

No caso das vítimas de violência conjugal que comparecem à DEAM para fazer o BO, a linha mantida por elas é do tipo *institucionalizado legítimo* (GOFFMAN, 2011, p. 15), pois durante a interação, seus atributos são conhecidos e se pode esperar que ela seja apoiada na face assumida, de alguém que sofre mal tratos.

Nesse sentido, Goffman (2011, p. 15), referindo-se à pessoa que participa da interação, explica que “tendo em vista seus atributos e a natureza convencionalizada do encontro, ela terá um pequeno conjunto de linhas abertas para ela escolher e um pequeno conjunto de fachadas para escolher estará esperando por ela”. Em outras palavras, é esperado que a linha assumida pela vítima de violência conjugal que procurou uma delegacia, especializada nesse tipo de atendimento, seja compatível à natureza desse encontro. Pois, ela tem consciência de que precisa manter a face de alguém que decidiu tomar uma decisão para acabar com a violência sofrida e de alguém que precisa da ajuda da polícia para isso.

Nesse sentido, faz-se necessário lançarmos mão do conceito de *enquadramento*⁴⁶. Esse termo foi apropriado por Goffman em *Frame analysis: an essay on the organization of experience* (1986) e aplicado a sequências interativas. Mendonça e Simões (2012, p. 189) explicam que o foco de Goffman “incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: O que está acontecendo aqui?” (..). Para Goffman (1986), o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação.

Segundo Goffman (1986), “as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam eventos, pelo menos os sociais, e nosso envolvimento subjetivo com eles; frame é a palavra que eu uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar”⁴⁷ (p. 11). Em outros termos, para Goffman (1986), a experiência de cada indivíduo é resultado da forma como ele organiza e se enquadra no mundo ao seu redor. Cada ser social emprega a subjetividade, a estrutura de sua

⁴⁶ Esse conceito foi primeiramente proposto por Batson (1954) em seus estudos no campo da psicologia. O autor busca explicar “como as interações ancoram-se em quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos”(MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 188).

⁴⁷ definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events-at least social ones- and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify them”(GOFFMAN, 1986, p. 11).

experiência individual e um conjunto de outros elementos para decodificar e entender os momentos de suas vidas sociais.

Esquemas primários (GOFFMAN, 1986) são eventos que podem variar em níveis de organização, mas são entendidos pelo autor como aqueles cuja aplicação é mais direta em uma determinada cultura. Esses esquemas podem conter estruturas mais nitidamente apresentáveis, contendo postulados, regras, sistemas de entidades etc. e permitem que o usuário perceba e decodifique as ocorrências que o compõem.

Nesse sentido, atribuímos ao momento de confecção de boletins de ocorrência em uma delegacia especializada em atendimento a mulheres, na cidade de Fortaleza, um caráter de esquema primário, pois se trata de uma estrutura socialmente constituída e que serve como pano de fundo para a compreensão dos eventos que o constituem. Ou seja, as ações praticadas sob o prisma desse esquema, são submetidas a avaliações sociais baseadas nas normas referentes a tal prática discursiva. O esquema primário, o momento de confecção de BO, é o responsável por regular a conduta dos participantes e principalmente, a imagem social apropriada para o evento. Com base nessa concepção, Goffman (1986) acrescenta que a ação em esquemas primários requer um gerenciamento de consequências por parte dos atores sociais, ou seja, o implemento de “fazeres guiados”⁴⁸ (p. 22). Além disso, Goffman (1986) assevera que motivação e intenção também estão envolvidos, visto que a implementação desses fatores “ajuda a selecionar qual das diversas estruturas sociais de compreensão deverá ser aplicada”⁴⁹ (p. 22)

Sobre isso, Goffman (2011, p. 15) afirma que além da preocupação com a atividade em curso para manter a face, a pessoa precisa ainda levar em consideração “seu lugar no mundo social”. Isso se deve ao fato de que se ela não mantiver sua face, “os outros podem tomar isto como sinal de que não precisarão demonstrar consideração pelos seus sentimentos no futuro” (p. 15). Em outros termos, essa certa interdependência entre a situação em curso e o mundo social mais amplo, no contexto das vítimas de violência conjugal, possivelmente, diz respeito ao receio que elas têm de serem desacreditadas pelas agentes policiais, caso a face que precisam manter (de vítima, de alguém que sofre) não seja compatível com os eventos manifestados no encontro.

A esse respeito, Goffman (2011) observa também que outro aspecto deve ser considerado em situações de interação, como as *regras de conduta*, as quais, segundo ele, servem de guia e “impregnam todas as áreas de atividade e são mantidas pelo nome a honra

⁴⁸ guided doings” (GOFFMAN, 1986, p. 22).

⁴⁹ (...) their imputation helps select which of the various social frameworks of understanding is to be applied” (GOFFMAN, 1986, p. 22).

de quase tudo”(p. 52). O autor explica que essas regras determinam como a pessoa é coagida moralmente a se conduzir (obrigações) e como os outros são forçados a agir em relação a ela (expectativas).

A vítima, por sua vez, tem a obrigação de fazer qualquer tipo de relato que ameace a face de seu agressor, pois isso compromete a imagem do seu eu. Enquanto da escritã é esperado que demonstre um caráter impessoal, mas que oriente a declarante em relação a seus direitos e opções. Sobre isso, Goffman (2011, p. 55) ressalta que “um ato que está sujeito a uma regra de conduta é, então, uma comunicação, pois ele representa uma forma pela qual os eus são confirmados - tanto o eu para quem a regra é uma obrigação quanto aquele para quem é uma expectativa(...)”.

Trataremos a seguir os movimentos que caracterizam a ação de preservação de faces.

2.2.3 Elaboração de faces: um elemento da interação

A ação de elaboração de faces é ressaltada por Cupach e Metts (1994) como um gerenciamento importante tanto para formação, quanto para a erosão de relacionamentos interpessoais. Essa habilidade, segundo esses autores, depende, contudo, da habilidade das pessoas de estabilizarem e manterem as identidades desejadas para os participantes no momento da interação.

Nesse sentido, Goffman (2011) revela que a preservação da face é condição da interação, logo, o engajamento é necessário para que as chances de se trair e de ter sua face “desmascarada” (perder a face) sejam minimizadas na interação. É claro que no momento em que uma pessoa entra em uma interação, ela está sujeita a uma possível exposição da face que ela deseja resguardar e a ter sua face ameaçada, por isso, ações precisam ser tomadas (elaboração de faces) para tornar o que quer que ela esteja fazendo consistente com a face que ela precisa manter. “A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ - quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada” (GOFFMAN, 2011, p. 20).

Se alguém participa de um contato com os outros sem ter uma linha compatível ao tipo que esperamos que participantes de tais situações tenham, Goffman afirma essa pessoa está *fora de face*. Caso a pessoa sinta que está com a fachada errada, ou que perdeu a face, ela poderá “se sentir envergonhada e inferior devido ao que aconteceu com a atividade por sua causa e ao que poderá acontecer com sua reputação enquanto participante” (GOFFMAN, 2011, p. 16). Além disso, Goffman (2011, p. 95) revela que sinais de constrangimento poderão ser observados: “enrubescimento, balbucios, guaguejo, uma voz estranhamente aguda

ou grave, a fala tremula ou entrecortada, suor, palidez, piscadelas, tremor nas mãos, movimentos hesitantes ou vacilantes, distração e disparates”. Contudo, ele acrescenta que o indivíduo alvoroçado, ou em desconforto, tenderá a ocultar seu estado dos outros presentes e tentará manter a compostura, pelo aprumo, e conduzir-se de volta ao jogo. Nesse sentido, Goffman (1967) chama de *poise* um tipo importante de elaboração de face, pelo qual a pessoa controla seu embaraço e conseqüentemente, o embaraço que os outros participantes possam/poderiam sentir em função de seu próprio desconcerto.

Contudo, para que sejam aplicadas as ações necessárias para o *salvamento de face*, a pessoa que cometeu algum deslize, colocando sua face “em perigo”, precisa ter consciência das interpretações dos outros sobre seus atos, exercendo a *perceptividade*. Se a vítima de uma agressão diz à agente policial que já foi agredida muitas vezes pelo marido e que nunca havia prestado queixa porque não quis, ela falha em perceber os juízos transmitidos simbolicamente à interlocutora nesse contexto discursivo, devido às expectativas que subjazem a essa interação.

Como a preservação de face é a condição da interação, Goffman (2011) propõe duas práticas, que também podem ocorrer simultaneamente:

- a) a de orientação defensiva; para salvar a própria face e
- b) a de orientação protetora; para salvar a face dos outros. Essa prática exige que a pessoa escolha um método que não ponha em risco sua própria face.

Dentre essas orientações, Goffman (2011) sugere ainda dois tipos básicos de preservação de face:

1. *o processo de evasão*⁵⁰: pelo qual a pessoa cria mecanismos para evitar o contato em que seria possível acontecer uma ameaça à sua face. Esse processo é preventivo e envolve estratégias de: retiradas; evasão de tópicos e atividades que levariam a informações inconsistentes; mudança de assunto; demonstração de respeito e polidez; emprego de discrição; emprego de circunlocuções cuidadosas e ambíguas que protejam a sua face e a do outro; emprego de cortesias; neutralização antecipada de ações potencialmente ofensivas; fingimento que nenhuma expressão ameaçadora à sua face ou à face do outro ocorreu; reconhecimento que um evento ocorreu, mas, não atribuir a ele valor ameaçador; ação de esconder ou ocultar que sabe de uma ação que pode ameaçar a face do outro;
2. *o processo corretivo*: esse ocorre quando, em um ocasião, uma pessoa não consegue “evitar a ocorrência de um evento que é expressamente incompatível com os juízos de

⁵⁰ Na obra em inglês, Goffman (1967) chama esse processo de *avoidance*, o qual é traduzido na obra de 2011 como processo de *evitação*. Contudo, nos sentimos mais confortáveis com o termo *evasão*.

valor social que estão sendo mantidos (...)” (GOFFMAN, 2011, p. 26). Essa transgressão estabelece um desequilíbrio da ordem ritual, ameaçando a face que se deseja manter. Nesse ponto, a pessoa deve procurar restabelecer o equilíbrio da imagem, como forma de tentar corrigir o dano à face (tanto sua própria face, como a de outros participantes que ela deseja ajudar). O termo *intercâmbio* se refere à sequência de ações que ocorrem a partir da identificação da ameaça à face com o fim de restabelecer o reequilíbrio ritual⁵¹. As quatro ações clássicas propostas pelo autor para o intercâmbio corretivo são:

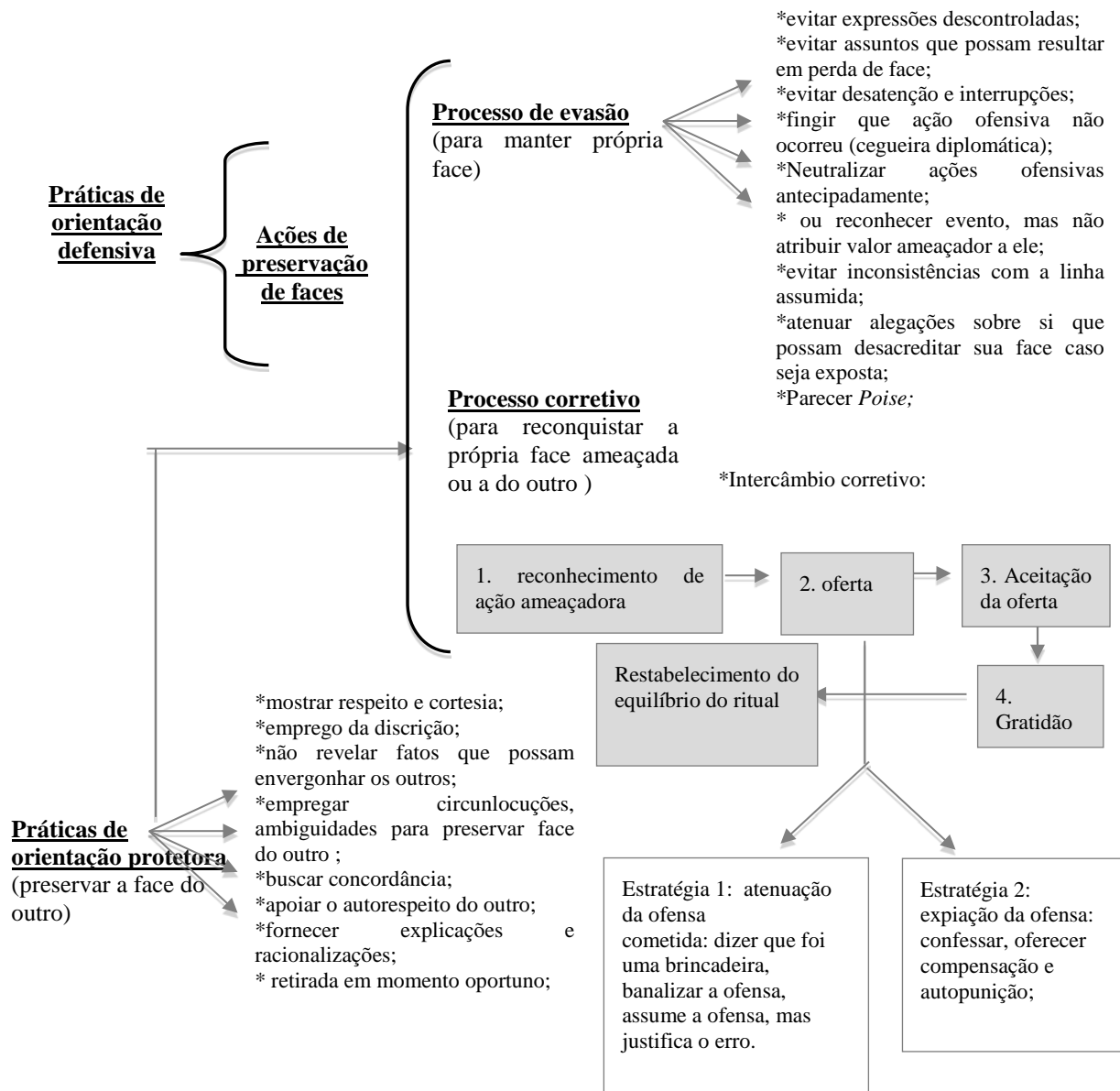
- i. primeiro, algum dos participantes reconhece e chama a atenção ao erro de conduta cometido e sugere que este seja mantido, pois terá que ser resolvido;
- ii. depois, em um segundo momento, ocorre a oferta, na qual um dos participantes (geralmente, o ofensor) tem uma chance de corrigir a ofensa e restabelecer a ordem. Ele pode fazer isso de duas formas: primeiro, atribuindo à expressão ameaçadora um caráter insignificante, atenuando a ofensa. Pode dizer que se tratou de uma brincadeira ou um ato não intencional que não deve ser levado a sério. E segundo, pode admitir o significado do evento ameaçador, mas justificando sua ocorrência por meio de desculpas do tipo “o ofensor não estava dono de si”, “ele estava seguindo ordens de outra pessoa” etc. Além disso, o ofensor poderá fornecer compensações aos “feridos”, mostrar que não trata levianamente os sentimentos dos outros, ou oferecer punição a si mesmo, como meios de promover o restabelecimento do ritual;
- iii. a terceira ação ocorre quando a pessoa, a quem a oferta é feita, aceita, ou não, o pedido de restabelecimento do ritual como satisfatório;
- iv. a ação final ocorre, então, no momento em que a pessoa perdoada comunica algum sinal de gratidão para os que lhe “deram a indulgência do perdão” (GOFFMAN, 2011).

⁵¹ Goffman explica que o termo *ritual* é utilizado pois ele se refere a um componente simbólico das ações do ator que mostram o quão digno ele é de respeito e o quão dignos ele sente que os outros também são de respeito. (2011, p. 26).

Goffman (2011) explica, porém, que essas fases do processo corretivo-desafio, oferta, aceitação e gratidão-funcionam como um modelo, podendo, ser modificadas de forma significativa. Esse processo serve apenas para elucidar que ações estratégicas são adotadas como formas de resgatar a face, que é condição da interação.

Delineamos a seguir o modelo de elaboração de faces proposto por Goffman para facilitar a compreensão de seus elementos, como também de sua dinâmica.

Figura 3: Modelo de Elaboração de Faces



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Goffman (1967)

Por meio da figura anterior, buscamos mostrar os diferentes processos e estratégias na elaboração de faces. Dentro das práticas de orientação defensiva, estão as ações de preservação da própria face, cujos processos estão subdivididos em: de evasão e corretivo. O primeiro diz respeito ao comportamento relacionado ao controle ou contenção de um possível dano à face (da própria pessoa). Nesse processo de evasão (*avoidance*), relacionamos algumas das possíveis ações que funcionam como meios de evitar que a face da pessoa sofra uma ameaça.

O processo corretivo, no entanto, diz respeito à restauração da face já ameaçada e também está inserido nas ações de preservação de face, pois a ação de intercâmbio tem essa finalidade, promover o reequilíbrio do ritual, cuja condição é a preservação de face. Para ilustrar o processo de intercâmbio corretivo, inserimos as etapas do processo em forma de quadros, demonstrados como por setas, a fim de caracterizar a sequência dessas ações. Na segunda ação desse processo, a oferta, ilustramos quais as duas estratégias disponíveis ao ofensor, das quais ele poderá se valer para pedir ao ofendido reconsideração de sua ação ameaçadora.

As práticas de orientação protetora, como dizem respeito à preservação da face do outro, encontram-se separadas das de orientação defensiva. Entretanto, consideramos que essa prática está diretamente relacionada à prática de orientação defensiva, pois quando se preserva a face do outro, também se está preservando a própria face.

Assim, de forma a dar conta de uma discussão sobre aspectos da interação, dentre eles, indícios de movimentos empáticos, procuramos uma melhor compreensão sobre os processos de elaboração de faces, sob um olhar sociopragmático. Acreditamos, além disso, que a verificação da maneira como os falantes produzem linguisticamente uma representação do *eu* pode ser beneficiada por um olhar linguístico-cognitivo, o qual trataremos a seguir.

2.3 A noção de mente corpórea e suas implicações na linguagem

Por meio de uma visão experiencialista, que fornecerá suporte para compreendermos melhor os mecanismos linguísticos que indiciam movimentos empáticos em nosso *corpus*, esboçaremos, nesta seção, um pano de fundo de que servirá de apoio para a apreensão da análise desse estudo. Isso posto, demonstraremos a importância da corporificação na motivação do que é expressivo para a mente humana, pois, acreditamos que ela modela as estruturas cognitivas que estruturam conceitos e linguagem.

A ideia de que temos uma “faculdade” racional separada e independente do nosso corpo, a qual nos diferencia de todos os outros animais é herança da tradição filosófica

ocidental (LAKOFF, 1999). De acordo com a visão tradicional, nossa capacidade para pensamentos significativos e para racionalizarmos “é abstrata e não necessariamente corporificada em qualquer organismo. Portanto, conceitos significativos e racionalidade são *transcendentais*, no sentido em que eles transcendem, ou vão além das limitações físicas de qualquer organismo”. (LAKOFF, 1987, p. xi)⁵².

Segundo a visão objetivista, conforme explica Johnson (1987), o mundo existe independentemente dos que as pessoas pensam dele, portanto, há uma estrutura racional para a realidade independente das pessoas. De acordo com essa concepção, os conceitos são literais e as palavras, símbolos arbitrários que adquirem seu significado devido à sua correspondência direta com as coisas do mundo.

No entanto, a visão objetivista passa a ser questionada no início da década de 80 quando estudos empíricos mostram que a compreensão humana é indispensável para alcançar questões de sentido. Nesse prisma, Lakoff e Johnson (1999, p. 3) destacam que estudos das ciências cognitivas chegaram a três conclusões: “A mente é inerentemente corporificada. O pensamento é, em grande parte, inconsciente. Conceitos abstratos são amplamente metafóricos”. A ideia de mente que prevaleceu por mais de dois milênios na Filosofia ocidental cai por terra com as descobertas que afirmam que os processos cognitivos são indissociáveis dos processos afetivos e corpóreos, e que “nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente fornecem a base mais inconsciente para a nossa metafísica diária, ou seja, nosso sentido daquilo que é real” (LAKOFF, 1999, p. 17).

Lakoff e Johnson (1999) esclarecem que, de acordo com o novo entendimento sobre a razão, a mente é vista como uma extensão do corpo, portanto, inerentemente corporificada. Nesse sentido, os aspectos universais da razão existem apenas em função das semelhanças dos corpos, dos cérebros e dos meios nos quais estamos inseridos. Nesses termos, novas suposições acerca de aspectos relacionados à categorização, conceitualização, linguagem metafórica, dentre outros, passaram a desafiar o objetivismo.

Assim, o corpo humano, que havia sido ignorado, devido à visão que valorizava a mente em detrimento do corpo, passa, então, a ser concebido como mediador das experiências do homem no mundo. Johnson (1987) destaca, nesse sentido, que o termo *experiência* não tem sentido passivo, como se o corpo servisse apenas como um receptor de impressões. Ao contrário, esse termos adquire sentido amplo e inclui aspectos perceptuais, habilidades motoras, dimensões sociais, históricas, emocionais e linguísticas.

⁵² (...) is abstract and not necessarily embodied in any organism. Thus, meaningful concepts and rationality are transcendental, in the sense that they transcend, or go beyond, the physical limitations of any organism. (LAKOFF, 1987, p. xi).

Assim, de acordo com essa nova visão, não existiria, portanto, uma pessoa dotada de uma mente computacional, capaz de fazer sentido do mundo apenas com base nos símbolos de *input* recebidos, manipulados por regras algorítmicas, e que gerariam mais símbolos como *output*. Isso porque, segundo explicam Lakoff e Johnson (1999, p. 6) “as estruturas neurais de nossos cérebros produzem sistemas conceituais e estruturas linguísticas que não podem ser adequadamente relacionadas a sistemas formais que apenas manipulam símbolos”⁵³.

Nessa nova visão, também não existiria uma pessoa chomskyana, cuja linguagem é formada de sintaxe, uma forma “pura” e desprovida de qualquer significado, contexto, percepção, emoção, memória, atenção, ação e da natureza dinâmica da comunicação (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Isso não seria possível, em função dos aspectos centrais da linguagem, que emergem evolutivamente a partir dos sistemas sensoriais, motores e neurais que estão presentes em nós.

Por fim, partimos da abordagem de mente corpórea (*embodiment*) para demonstrarmos que, enquanto seres neurais, precisamos categorizar o mundo que nos cerca. Isso é possível devido à natureza peculiar de nossos corpos, a qual dá forma às mais diversas possibilidades de conceitualização e categorização (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

2.3.1 Esquemas de Imagens

Conforme versamos na seção anterior, a abordagem fenomenológica⁵⁴ sustenta a noção de um pensamento criativo, ligado a nossas orientações corpóreas e interações com o mundo, que dá base a uma noção de linguagem.

Em 1987, Mark Johnson publica a obra *The Body in the Mind* e discute a ideia de que o mundo é compreendido também a partir de estruturas organizadoras de nossa experiência que operam a nível perceptual e motor. Ou seja, são essas gestalts experienciais que nos ajudam a entender e a praticar a manipulação de objetos do mundo, nossos movimentos, e, inclusive, nossa forma de pensar. Assim, Johnson define esquemas de imagens como “um padrão recorrente, dinâmico das nossas interações perceptuais e programas motores que nos dão coerência e estruturam nossa experiência” (JOHNSON, 1987, p. xiv). Ou ainda, “estruturas esquemáticas que estão constantemente operando em nossa percepção, movimentos do corpo no espaço e em nossa manipulação de objetos” (1987, p. 27).

⁵³ The neural structures of our brains produce conceptual systems and linguistic structures that cannot be adequately accounted for formal systems that only manipulate symbols” (LAKOFF; JOHNSON, 1999 p. 6).

⁵⁴ O termo fenomenologia remonta aos estudos de Edmund Husserl e Merleau-Ponty (*A Fenomenologia das Percepções* de 1945) e diz respeito à descrição do mundo sem precisar recorrer a explicações das ciências. Mas, sim, um olhar sobre o mundo que “está lá”, o mundo percebido, vivido e experienciado antes das ciências.

Johnson (1987) postula que os modelos de esquema de imagens são caracterizados pelas nossas experiências sensorio-motoras vivenciadas desde idade tenra, que envolvem os objetos mais centrais e comuns ao nosso convívio. Essas experiências, estruturadas anterior e independentemente de quaisquer conceitos, podem influenciar e impor estruturas futuras daquilo que nós vivenciamos.

Nesse sentido, Gibbs (2005, p. 113) defende que “os esquemas de imagens representam a cola essencial que une experiência corpórea, pensamento e linguagem”, visto que estudos comprovam seu papel na descrição de uma variedade de estruturas linguísticas e de comportamentos. Para esse autor (2005), os esquemas de imagens são aspectos essenciais do pensamento que emergem momentaneamente a partir de interações do cérebro, corpo e mundo. Em outras palavras, são padrões sensorio-motores que são internalizados em função de nossa interação com o mundo, uma simulação da experiência usando o corpo (2005).

Dentre os esquemas mais básicos e mais centrais à nossa experiência humana, identificados por Johnson (1987), estão:

- a) esquema RECIPIENTE: devido à natureza pré-conceitual dos esquemas de imagens, eles são representados geralmente em forma de diagramas. O esquema RECIPIENTE pode ser representado por uma fronteira/borda que divide a parte interior da exterior. Conforme destaca Johnson (1987), conceber o corpo como recipiente é algo primário e origina-se da nossa experiência enquanto seres que ingerem, expelem, inspiram, expiram, por exemplo. A partir dessa orientação, Scheld (2000), baseado em Johnson (1987), indica que outros acarretamentos são licenciados: a) a experiência do recipiente implica proteção de forças externas, ou resistência a elas; b) o recipiente limita e restringe as forças dentro de si; c) logo, um objeto posicionado dentro do recipiente está relativamente fixo dentro dele; d) esta localização implica que o objeto está acessível ou inacessível; e) de acordo ainda com o princípio da transitividade, se B está em A, todo o conteúdo de B está em A. Logo, a partir do esquema RECIPIENTE, que é significativamente representativo para as pessoas em virtude de nossas experiências corpóreas, podem ser feitas projeções metafóricas com seres inanimados partindo da perspectiva de DENTRO-FORA, como, tirar pasta de dente do tubo ou para seres animados, como em “sair da vida de alguém”, expressão muito observada em nossas análises.

- b) esquema PARTE-TODO: surge da nossa experiência corpórea de sermos seres completos formados por partes. Para nos movimentarmos no mundo, precisamos estar conscientes da nossa estrutura PARTE-TODO, assim como a estrutura PARTE-TODO de outros objetos ao nosso redor. A lógica básica desse esquema é assimétrica; se A é parte de B, então B não é parte de A e irreflexiva; A não pode ser parte de A. Além disso, não há casos em que existe o TODO sem que existam as PARTES. Porém, as PARTES podem existir sem constituir um TODO. Se as PARTES existirem em uma CONFIGURAÇÃO, então haverá um TODO. Consequentemente, se as PARTES forem destruídas, o TODO também será. Se o todo está localizado em P, as PARTES também estão (LAKOFF, 1987).
- c) esquema de LIGAÇÃO: pode ser explicado a partir da nossa experiência corpórea com o cordão umbilical, bem como nossa experiência em usar cordões ou fios para assegurar a conexão entre coisas ou seres. Logo, a lógica desse esquema é que duas entidades A e B são ligadas entre si por um elemento de ligação, um elo (LAKOFF, 1987).
- d) esquema CENTRO-PERIFERIA: Lakoff (1987) explica que concebemos nossos corpos como algo que tem centro (o tronco e órgãos internos, por exemplo) e periferia (dedos, cabelo). Da mesma forma, árvores e outras plantas são compostas de um tronco, galhos e folhas. Os centros são vistos como mais importantes do que a periferia, pois os danos causados ao centro apresentam maior risco, portanto, são mais graves. Além de vital, o centro define a identidade do indivíduo, enquanto a periferia não, continua Lakoff (1987): quando uma árvore perde suas folhas, ela permanece a mesma árvore, quando cortamos o cabelo, ainda somos a mesma pessoa. Desse modo, a periferia é vista como parte do centro, mas o centro não é visto com parte da periferia.
- e) esquema ORIGEM-PERCURSO-META: é estruturado a partir da nossa experiência de deslocamento de um lugar (origem) para outro (destino) . Esse esquema também pode ser considerado um dos mais importantes dentro da nossa pesquisa, pois caracteriza o ato da agressão, pois “entendendo-se que os atos violentos sejam dirigidos a

algo ou a alguém, então é possível que o esquema ORIGEM-PERCURSO-META possa estar presente como princípio da categoria” (FELTES, 2007, p.260).

- f) esquemas EM CIMA – EMBAIXO: Conforme Johnson (1987), nossa experiência com a lei da gravidade, que assegura que objetos caiam no chão, geram o esquema imagético “EM CIMA-EMBAIXO”. Além disso, a assimetria do nosso eixo vertical nos possibilita a inclinação para baixo para apanharmos objetos caídos, assim como estender a mão em busca de algo que está no alto, promovendo uma interação harmoniosa com o mundo no qual estamos inseridos. Por exemplo, ao dizermos “estou pra baixo”, relacionamos o sentimento do tipo tristeza ou decepção à posição corporal que adotamos ou percebemos nos outros quando nos sentimos assim. Diferentemente, quando estamos felizes, pulamos de alegria, nosso estado está PRA CIMA.
- g) esquema de FORÇA: esse esquema envolve uma interação com relação de causalidade e consequência, que podem ser de ordem física ou metafórica. Esse esquema inclui outros esquemas de força, como: a força de COMPULSÃO, na qual um vetor F age em uma entidade u , conforme observamos abaixo:

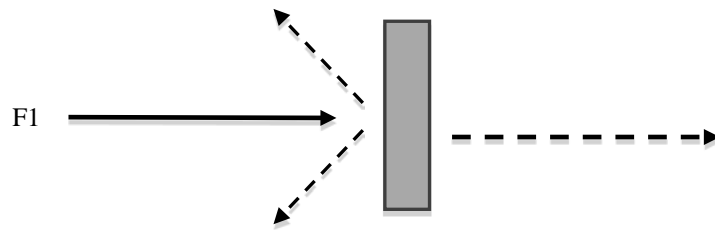
Figura 4: COMPULSÃO



Fonte- Retirado de Johnson (1987, p. 45)

Esse esquema também pode ser considerado um dos mais importantes dentro da nossa pesquisa, pois caracteriza o ato da agressão. $F1$ é a força que incide sobre uma entidade, nesse caso, representado pelo quadrado.

Outro esquema de FORÇA também importante para nosso trabalho é o de BLOQUEIO, pois caracteriza as forças paralisantes que impedem as vítimas de pedirem de agirem. O BLOQUEIO seria, nesse caso, a força paralisante e é representado na figura abaixo pelo retângulo:

Figura 5: BLOQUEIO

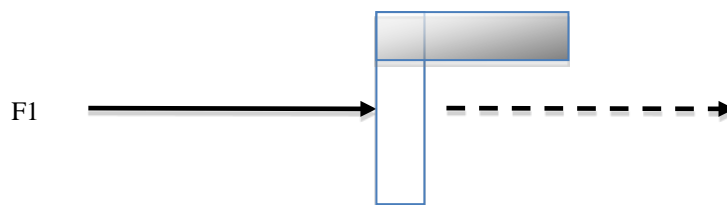
Fonte- Retirado de Johnson (1987, p. 45)

Uma terceira força descrita por Johnson (1987, p. 46) é a contra- força, definida como um aglomerado de forças, igualmente fortes e determinadas, que se encontram e “batem de frente:

Figura 6: CONTRAFORÇAS

Fonte: Retirado de Johnson (1987, p. 46)

Outra força também descrita por Johnson (1987) e que nos interessa em nosso trabalho é a força de REMOÇÃO DE BLOQUEIO, que diz respeito à remoção de uma barreira, ou à ausência de uma estrutura da experiência, que impede a ação. Esse esquema sugere, então, um caminho aberto, cuja passagem estava sendo fechada por esse obstáculo:

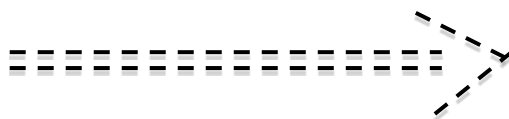
Figura 7: REMOÇÃO DE BLOQUEIO

Fonte: Retirado de Johnson (1987, p. 46)

Além desses esquemas, há mais um que caracteriza uma força que age livre de barreiras. Essa FORÇA diz respeito à noção de nossa capacidade de ação, de movimentação e

de manipulação de objetos. Johnson (1987) explica que, apesar de não existir um vetor de força nessa figura, há vetores em potencial presentes, pois existe um sentido de direcionamento (*directedness*), ou seja, existe uma ideia de capacidade de ação, sem barreiras presentes:

Figura 8: HABILITAÇÃO



Fonte: Retirado de Johnson (1987, p. 47)

Em nossas análises, inferimos que o esquema FORÇA estrutura não apenas conceitos, como, o de VIOLÊNCIA, mas que ele também subjaz os mecanismos que governam os movimentos de empatia que ocorrem na interação estudada nesse trabalho.

2.3.2 Teoria da Metáfora Conceitual

Ainda em 1956, Roman Jakobson já estava convencido que a metáfora e metonímia são manifestações fundamentais para o pensamento humano e linguagem (DIRVEN; PÖRINGS, 2003). Contudo, levou mais de vinte anos para que a Teoria da Metáfora Conceitual (doravante TMC), fosse proposta por Lakoff e Johnson (1980), em *Metaphors we live by*.

Segundo essa teoria de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora passa a ser vista com uma questão de pensamento e os processos de raciocínio humano passam a ser compreendidos como, em grande parte, metafóricos. Não mais tratada apenas como ornamento linguístico ou como uma substituição de um termo pelo outro, a metáfora ganha reconhecimento cognitivo e passa a ser estudada em diversas áreas de conhecimento (LIMA, 2003). Portanto, na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), parte do sistema conceitual humano é estruturado e definido com base na metáfora, que passa a ocupar um lugar central na Linguística Cognitiva como um recurso cognitivo fundamental. Porém, por não sermos conscientes da representatividade das metáforas nas definições de nossas realidades diárias, o estudo da linguagem é uma forma de evidenciar o modo como o nosso sistema conceitual é configurado.

Nesse sentido, os linguístas cognitivos caracterizam a metáfora como um traço essencial da linguagem humana. Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que conceitos emocionais não são tão bem delineados quanto os espaciais e perceptuais. Além disso, conforme nos explica Lima (1999 p.29), “uma estrutura conceitual bem delineada para espaço, por exemplo, emerge do funcionamento perceptual-motor do homem, mas nenhuma estrutura conceitual bem definida para emoção emerge apenas do seu funcionamento emocional”.

Desse modo, Lakoff e Johnson citam, como exemplo, que um conceito abstrato como DISCUSSÃO passa a ser estruturado em termos de outro conceito, mais simples e menos complexo, como GUERRA. Trata-se, portanto, de correspondências conceituais entre os domínios fonte e alvo, como um mapeamento, no qual um domínio conceitual é sistematicamente estruturado em termos de outro. Explicando melhor, existe um domínio fonte que estrutura um domínio alvo, licenciando várias expressões metafóricas que usamos no nosso dia-a-dia ou na linguagem especializada.

Assim, ao descrevermos nossas experiências de discussões (domínio mais abstrato), em termos de guerras (domínio mais concreto), temos um mapeamento entre os domínios fonte e alvo, no qual DISCUSSÃO funciona como o domínio alvo e GUERRA como o fonte, licenciando expressões do tipo: “você venceu, seu argumento é mais forte”.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é, portanto, compreender e experienciar um tipo de coisa no lugar de outro. Porém, de acordo com os autores, o que faz essa metáfora ser uma metáfora conceitual, ao invés de meramente linguística, é a ideia de que sua motivação está no nível do domínio conceitual. Em outras palavras, Lakoff e Johnson sugerem que não apenas falamos em termos metafóricos, mas também pensamos dessa forma.

A questão da interação entre metáforas, fazendo emergir outras mais complexas, foi observada por Lakoff e Johnson (1980), que deram o nome de *sistema de metáforas complexas*. “Esses sistemas são coleções de mapeamentos metafóricos mais específicos que estruturam uma série de metáforas mais específicas, como, por exemplo, A VIDA É UMA VIAGEM” (VYVYAN; GREEN, 2006, p. 299)⁵⁵. Sob esse prisma, Lakoff (2007) propõe as metáforas de ESTRUTURA DE EVENTO, que diz respeito aos mapeamentos que ocorrem entre eventos e espaço. Segundo o autor (2007, p. 283), “O que encontramos é que vários aspectos da estrutura de evento, incluindo noções de estados, mudanças, processos,

⁵⁵ (...) these systems are collections of more schematic metaphorical mappings that structure a range of more specific metaphors, like LIFE IS A JOURNEY” (VYVYAN; GREEN, 2006, p. 299).

ações, propósitos e meios são caracterizados cognitivamente via metáfora em termos de espaço, movimento e força”⁵⁶. Com isso, sugere os seguintes mapeamentos (Quadro 1):

Quadro 1: Metáforas de ESTRUTURA DE EVENTO

<p>ESTADOS SÃO LOCALIDADES (regiões delimitadas no espaço) Exemplo: João está em apuros.</p> <p>MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS (de uma localidade à outra) Exemplo: Ela foi dos quarenta aos cinquenta de repente.</p> <p>CAUSAS SÃO FORÇAS Exemplo: Seu argumento me forçou a decidir.</p> <p>PROPÓSITOS SÃO DESTINOS Exemplo: Finalmente, chegamos ao final do projeto.</p> <p>MEIOS SÃO CAMINHOS (para destinos) Exemplo: Completamos o trabalho por meio de uma rota não esperada.</p> <p>DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS AO MOVIMENTO Exemplo: A falta de recursos não permitiu que ela seguisse adiante.</p> <p>ATIVIDADES DE LONGO PRAZO E COM PROPÓSITO SÃO VIAGENS Exemplo: O governo está sem direção.</p>
--

Fonte: Adaptada de Vyvyan; Green (2006, p. 300)

Em suma, depois que surgiram esses argumentos que defendem que nosso sistema conceitual estrutura as metáforas e que nosso pensamento é, em grande parte, metafórico, diversos estudos, além dos linguísticos, passaram a utilizar a base metafórica para investigar diversos fenômenos e construtos, incluindo as práticas de organização social, mitos, gestos, sonhos, política, moralidade, publicidade e até teorias matemáticas (VYVYAN; GREEN, 2006). Por conseguinte, também adotamos a TMC como recurso linguístico-cognitivo e como suporte para analisarmos aspectos conceituais imbricados na linguagem da empatia.

2.3.3 Teoria da Metáfora Primária

Um dos problemas da TMC, apontado por Murphy (1996 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006), porém, diz respeito à incoerência da hipótese do princípio da invariância, proposto por Lakoff (2007). Segundo essa hipótese, “os mapeamentos preservam a tipologia cognitiva (ou

⁵⁶ What we have found is that various aspects of event structure, including notions like states, changes, processes, actions, causes, purposes, and means, are characterized cognitively via metaphor in terms of space, motion, and force (LAKOFF, 2007, p. 283).

seja, a estrutura de esquema imagético) do domínio fonte, de uma maneira consistente com a estrutura inerente do domínio alvo”⁵⁷ (LAKOFF, 2007, p. 279). Por exemplo, aspectos do domínio fonte, como interiores de algum objeto ou estrutura, fariam correspondência apenas aos mesmos aspectos relacionados a características de interiores no domínio alvo.

Entretanto, de acordo com a discussão de psicólogos cognitivos, vários mapeamentos, que são formados entre os domínios fonte e alvo, são considerados parciais, pois nem todos os aspectos do domínio fonte conseguem ser trazidos e mapeados no domínio alvo. No caso do exemplo, DISCUSSÃO É GUERRA, alguns aspectos do conceito GUERRA não se relacionam tão claramente com o conceito DISCUSSÃO, como, por exemplo: mortes, estratégias de guerra, etc. Ou seja, há elementos que deixam de ser mapeados. Isso trouxe muitas críticas à teoria da metáfora conceitual. Por isso, Grady (1997) aprofunda-se na questão para tentar entender por que o mapeamento não era completo.

Além disso, percebeu-se que várias metáforas conceituais não sugeriam correlações diretas com experiências corpóreas, como é o caso da metáfora conceitual TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. Ao contrário da metáfora MAIS É PARA CIMA, em que a experiência nos revela que à medida que empilhamos objetos ou aumentamos o nível de algum líquido em um recipiente o nível da pilha ou do líquido sobe, em TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS não se pode afirmar quais as experiências de base corpórea dão base a essa metáfora.

Com o intuito de resolver essas questões, Grady (1997) defendeu uma nova motivação para a metáfora conceitual ao propor A Hipótese da Metáfora Primária, cujo postulado está baseado na ideia de que metáforas primárias possuem uma estrutura que emerge automaticamente e inconscientemente a partir de correlações experienciais. Ou seja, as metáforas primárias, que não estão relacionadas a particularidades culturais, têm como base as experiências sensorio-motoras, emocionais e cognitivas básicas, as quais dependem inteiramente da nossa interação com o meio ambiente e com a forma do nosso corpo. Assim, a partir da ligação de várias metáforas primárias, surgem as metáforas compostas.

Em suma, a metáfora atua na compreensão de domínios sem estrutura pré-conceitual própria, por meio de mapeamentos entre domínios. Nesse sentido, o autor assegura que “muitos de nossos pensamentos racionais envolvem recursos de mapeamentos metafóricos” (LAKOFF, 1987, p. 303), o que requer o uso de uma imaginação metaforicamente estruturada.

Assim, nossas concepções metafóricas representam aspectos de nossa vida e de nossas crenças, revelando como categorizamos nossas experiências.

⁵⁷ (...) metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image-schema structure) of the source domain, in a way consistent with the inherent structure of the target domain (LAKOFF, 2007, p. 279).

Ante o exposto, trataremos na seção seguinte como a lógica de nossos conceitos morais funciona em termos metafóricos.

2.3.3.1 *Metáforas da moralidade: as bases de um conceito*

Lakoff e Johnson (1999) afirmam que moralidade tem relação direta com bem estar e que todos nossos ideais morais, como justiça, liberdade e direitos são oriundos de nossa preocupação humana com o que é melhor para nós e como devemos viver. Nesse sentido, os autores defendem que existe um sistema de mapeamentos metafóricos para conceitualizar, dar sentido e comunicar nossos ideais morais, os quais são estruturados, em grande parte, metaforicamente.

Diante disso, acreditamos que o Sistema da Metáfora Moral, proposto por Lakoff e Johnson (1999) oferece uma importante contribuição à nossa investigação sobre a empatia que emerge nas interações entre as participantes dessa pesquisa, pois promove mecanismos que facilitam a observação de conceitos morais que subjazem aos recursos linguísticos do corpus em questão.

Conforme Lakoff e Johnson (1999), os domínios fonte de metáforas da moralidade baseiam-se, especificamente, no que as pessoas em diversos momentos históricos e culturais concebem como sendo bem-estar. Por exemplo, todos preferem a saúde ao invés da doença, a riqueza, ao invés da pobreza, a força, ao invés da fraqueza e assim por diante. No caso dos sujeitos de nossa pesquisa, todas desejam ser, pelo menos, respeitadas pelos homens com os quais convivem, sejam eles maridos ou companheiros.

Contudo, dentre as metáforas propostas pelos autores, abordaremos aqui apenas as metáforas dos *múltiplos eus*, da *autoridade moral*, *ordem moral*, *limites morais*, *essência moral*, *pureza moral*, *moralidade como saúde* e *empatia moral*, a serem tratadas a seguir:

a) A metáfora dos múltiplos Eus

A Metáfora dos Múltiplos Eus diz respeito à indecisão e conflitos de valores. Nessa metáfora, múltiplos valores são conceitualizados como múltiplos eus, onde cada eu representa um tipo de papel social referente a um tipo de valor. A indecisão de valores, nesse caso, é metaforizada como a indecisão do sujeito sobre qual dos seus eus deva seguir.

No caso de nossa pesquisa, essa metáfora é importante em nossas análises, pois diz respeito às faces, às imagens sociais, que as participantes reivindicam para si e protegem na interação.

b) Metáfora da AUTORIDADE MORAL

A autoridade no âmbito moral é modelada pelo domínio da esfera física, por exemplo, a autoridade do pai sobre o filho é oriunda do domínio que o adulto, provedor e educador exerce sobre a criança. Essa autoridade moral tem duas versões: 1) autoridade legítima: que se refere à responsabilidade do pai perante à família (proteção, criação, orientação), gerando nos filhos o imperativo moral de obediência e respeito a ele; 2) autoridade absoluta: que diz respeito à obrigação moral de obediência, respeito, simplesmente por serem seus pais.

A metáfora que caracteriza essa autoridade moral é AUTORIDADE MORAL É AUTORIDADE PATERNAL. Frisamos, no entanto, que a autoridade moral pode ser exercida por outras figuras, como santos, deuses e, até mesmo, pela figura do marido.

c) Metáfora da ORDEM MORAL

Essa ideia, que é baseada na Teoria Popular de Ordem Natural (LAKOFF; JOHNSON, 1999), tem relação direta com a noção de autoridade moral, pois justifica a autoridade que certos indivíduos exercem sobre outros. Essa ordem está, portanto, de acordo com o domínio que ocorre no mundo: Deus tem autoridade moral sobre as pessoas, as pessoas têm autoridade moral sobre a natureza, adultos têm autoridade moral sobre as crianças, homens têm autoridade moral sobre as mulheres. Por conseguinte, essa metáfora legitima relações de poder, consideradas “moralmente naturais”, mas referidas como “moralmente repugnantes”⁵⁸ por Lakoff e Johnson (1999, p. 304)

Além disso, essa ordem moral estabelece linhas de autoridade moral, gerando uma hierarquia de responsabilidade moral. Podemos perceber que essa ordem moral está presente na nossa sociedade patriarcal.

d) Metáfora dos LIMITES MORAIS

Baseada na noção de que a ação é conceitualizada como uma forma de propósito e movimento automotrizes, a ação moral é concebida como um movimento delimitado, a ser realizado dentro de áreas e trajetos permitidos, ao contrário das ações imorais, que são tidas como movimentos que se dão fora do perímetro admitido. De acordo com essa metáfora, se alguém “sair” da área autorizada, ela estará infringindo os modos de vida da sociedade na qual ela está inserida, ameaçando toda a ordem moral.

Frisamos que essa metáfora permeia todo nosso trabalho, pois diz respeito às ações inadmissíveis, segundo a ordem moral, de violência cometidas contra as mulheres.

e) Metáfora da ESSÊNCIA MORAL

⁵⁸ morally repugnat (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 304)

De acordo com a Teoria Popular das Essências “cada pessoa possui uma essência moral que determina seu comportamento moral” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306). Ao julgarmos alguém, estamos, de fato, atribuindo a ela propriedades e hábitos morais que foram adquiridos no decorrer de sua vida, os quais podem ser de dois tipos: virtudes (se forem ações morais), ou defeitos (se forem atos imorais), que formam o caráter. Os acarretamentos dessa metáfora são: “se sabes como uma pessoa tem agido, sabes como é o caráter dela; se sabes como é o caráter dela, sabes como essa pessoa agirá; o caráter básico de uma pessoa é formado no momento em que ela atinge a fase adulta (ou, talvez, antes) (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306)”⁵⁹.

A partir desses acarretamentos, que formam uma base para a discussão de questões sociais, podemos melhor diagnosticar as ações e expectativas que subjazem às manifestações linguísticas das participantes dessa pesquisa. Principalmente das escritãs, que, possivelmente, partem desses pressupostos no momento de aconselhar as vítimas a darem prosseguimento às ações contra seus agressores.

f) Metáfora da PUREZA MORAL

Essa metáfora surge a partir da conceitualização de moralidade como pureza e pureza como limpeza, gerando a metáfora MORALIDADE É LIMPEZA. Esse mapeamento surge a partir da correlação entre os valores positivos do âmbito da limpeza e os aspectos relacionados a “pureza” da racionalidade, que é livre de tentações, paixões e desejos (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Os acarretamentos dessa metáfora são: assim como as impurezas podem destruir uma substância, impurezas morais podem destruir uma pessoa ou sociedade. E assim como as substâncias podem conter impurezas, a sociedade também possui elementos, práticas e indivíduos e impuros e corrompidos.

g) Metáfora da MORALIDADE COMO SAÚDE

A saúde exerce um papel fundamental para todos nós, para que tenhamos uma vida sem restrições e feliz. Desse modo, também existe uma metáfora de BEM ESTAR É SAÚDE. Conseqüentemente, o conceito de imoralidade assume uma relação com o conceito com doença, a qual, segundo Lakoff e Johnson (1999), poderá se alastrar na sociedade, contaminando outras pessoas. Essa metáfora está ligada à MORALIDADE É LIMPEZA, visto que, em geral, relacionamos as impurezas às causas das doenças contraídas.

h) Metáfora da EMPATIA MORAL

⁵⁹ If you know how a person has acted, you know what that person’s character is. If you know what a person’s character is, you know how that person will act. A person’s basic character is formed by the time they reach adulthood (or perhaps earlier) (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 306).

Definida como a capacidade de ver as coisas na perspectiva do outro, ou seja, de ver as coisas e senti-las como o outro sente é o que, em linhas gerais, define a empatia. Como não podemos, de fato, habitar o corpo de outrem e fisicamente ver o mundo pelos seus olhos, diz-se que esse fenômeno da empatia é metafórico. Lakoff e Johnson (1999) explicam que a lógica dessa metáfora pode ser explicada da seguinte forma: se entendemos como o outro se sente e se queremos sentir bem estar, logo, temos interesse que o outro também sinta bem estar.

A empatia moral, contudo, muitas vezes, envolve o processo de transferência de valores. Em outros termos, é quando, ao nos colocarmos no lugar do outro, levamos nosso próprio ponto de vista para enxergar tal situação. Esse tipo de empatia é chamado de egocêntrica. Ao contrário, quando não há essa transferência, apenas uma tomada de perspectiva pelos “olhos do outro”, sob o prisma dos valores do outro, esse processo recebe o nome de empatia absoluta.

2.3.4 Metonímias

Ainda na mesma obra de 1980, *Metaphors we Live by*, Lakoff e Johnson defendem que, além da metáfora, existem um outro mecanismo conceitual, também central ao pensamento e linguagem humana: a metonímia cognitiva.

Conforme argumentam Vyvyan e Green (2006, p. 311), “alguns pesquisadores começaram a sugerir que a metonímia pode ser mais fundamental para a organização conceitual do que a metáfora, e alguns têm ido além, defendendo que a própria metáfora tem base metonímica.” Nesse sentido, Barcelona (2003) acredita que a metonímia não tem recebido a atenção que a metáfora teve na Linguística Cognitiva, apesar de ser até mais básica na linguagem e cognição do que a própria metáfora.

Assim como a metáfora, a metonímia também era conceitualizada como um tropo, um recurso estilístico para a linguagem. Contudo, como a metáfora, ela concebe uma coisa em termo de outra, mas, ao contrário da metáfora, trata da representação de um domínio por uma parte desse mesmo domínio.

Sobre esse aspecto, Lakoff e Turner (1989 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006), acrescentam que ao invés de mapeamentos entre domínios, a metonímia permite que uma entidade assuma o papel da outra em funções dos conceitos que coexistem dentro do mesmo domínio. E “isso explica porque um relacionamento metonímico é baseado em contiguidade ou em proximidade conceitual” (VYVYAN; GREEN, 2006, p. 312).

A metonímia também foi definida como “uma estrutura semântica que funciona como a base para pelo menos um perfil conceitual” (CROFT, 2003 *apud* PAIVA, 2010). Com base no entendimento de Croft (2003), Paiva (2010, p. 110) explica que

essa estrutura pode ser bastante complexa, como por exemplo, o domínio de um objeto físico que envolve matéria, forma, localização espacial, etc. Ele denomina esse tipo de domínio de domínio matriz. No caso da metonímia, ele afirma haver um realce (*highlighting*) do domínio, ou seja, uma ativação mental de um domínio matriz, transformando em principal o que era secundário no sentido literal. Já no caso da metáfora, ocorre um mapeamento (*mapping*) entre dois domínios que não fazem parte da mesma matriz.

No caso do exemplo “*O sanduíche de presunto pediu a conta*”, o termo *sanduíche de presunto* representa uma instância metonímica, pois tanto o domínio alvo (cliente), quanto o fonte, ou veículo, (*sanduíche de presunto*), pertencem ao mesmo domínio LANCHONETE. Kövecses e Radden (1998 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006, p. 312) sintetizam essa visão de metonímia da seguinte forma: “metonímia é um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceitual, o alvo, dentro do mesmo domínio ou MCI (Modelo Cognitivo Idealizado)”⁶⁰. Frisamos que, apesar de esses autores usarem o termo “acesso”, ao invés de “mapeamento”, optamos pelo segundo termo. Acreditamos que o processo metonímico provê *meios* de acessar um determinado alvo dentro do mesmo domínio e não, necessariamente, um acesso livre e direto, como sugere o termo “acesso mental”.

Nesse sentido, o meio de acesso é realizado se consideramos também o contexto de produção. No caso do exemplo dado acima, na perspectiva do garçom, a *comida* pode revelar um aspecto mais saliente de identificação do cliente, do que, por exemplo, a roupa que ele esteja usando. Portanto, o domínio alvo *cliente* pode ser ativado a partir dos mapeamentos realizados entre os elementos constitutivos daquele contexto específico de produção: garçom, cliente, pedido, mesa, comida etc.

Sobre esse aspecto, Panther e Thornburg (2007) corroboram a noção de contexto de produção quando avaliam que os *links* metonímicos que se estabelecem entre os domínios não existem apenas em função de uma necessidade conceitual. Na verdade, a relação entre domínios baseia-se em uma *contiguidade conceitual contingencial* (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 241).⁶¹

60 Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or ICM (Kövecses e Radden, 1998 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006, p. 312).

61 contingent conceptual contiguity” (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 241).

Quanto à forma de representar uma metonímia, dizemos “B por A”, no qual B é o veículo e A é o alvo, por exemplo, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO (por exemplo, o *Congresso Nacional* aprovou novo projeto de lei). Essa forma de representar contrasta com a fórmula da metáfora conceitual que é “A É B”.

Dentre os relacionamentos dos quais fazem emergir metonímias frequentes em nossa linguagem, Kövecses e Radden (2007) sugerem dois tipos básicos: 1) aqueles relacionados à organização parte-todo de um dado domínio; 2) aqueles que envolvem partes de um domínio que representam outras partes. Dentre os exemplos propostos pelos autores, listamos:

1) Relacionamentos PARTE-TODO e TODO-PARTE

TODO PELA PARTE (*América* por EUA)

PARTE PELO TODO (*Inglaterra* por Grã-Bretanha)

A CATEGORIA PELO MEMBRO (*pílula* por pílula anticoncepcional)

MEMBRO PELA CATEGORIA (*aspirina* por remédio para dor)

2) Relacionamentos entre os domínios PARTE-PARTE

Esse tipo de relacionamento metonímico envolve o domínio AÇÃO e suas partes, ou “subestruturas”, que são: agente, paciente, instrumentos, processo e resultado. Do relacionamento entre as partes desse domínio, Kövecses e Radden (2007) prevêm as seguintes relações metonímicas:

INSTRUMENTO PELA AÇÃO (*Escovar* o cabelo)

AGENTE PELA AÇÃO (Ele *prefaciou* meu livro)

AÇÃO PELO AGENTE (*Cantar* espanta os males)

OBJETO ENVOLVIDO PELA AÇÃO PELA AÇÃO (*Chavear* a porta)

AÇÃO PELO OBJETO ENVOLVIDO NA AÇÃO (Dar uma *mordida* no sanduíche)

RESULTADO PELA AÇÃO (*Nivelar* o terreno)

AÇÃO PELO RESULTADO (A *produção* do espetáculo foi excelente)

MEIOS PELA AÇÃO (É preciso *martelar* mais forte)

MODOS DE AÇÃO PELA AÇÃO (Ela *sussurrou* em meu ouvido)

PERÍODO DE TEMPO DA AÇÃO PELA AÇÃO (*Aniversariar* com saúde é o melhor)

TEMPO DE MOVIMENTO PELA ENTIDADE ENVOLVIDA NO MOVIMENTO
(A *13:30* já chegou)

Além disso, Kövecses e Radden (1998) propõem alguns princípios comunicativos e cognitivos para tratar dos termos veículo que estabelecem as relações metonímicas, a saber:

1) HUMANO ACIMA DE NÃO-HUMANO

Em função de nossa perspectiva antropocêntrica, temos a tendência de privilegiar características e atributos humanos aos não-humanos para serem veículos metonímicos. Por exemplo, CONTROLADOR PELO CONTROLADO (O *presidente* arruinou a economia) e PRODUTOR PELO PRODUTO (Ele gosta de ler *Shakespeare*).

2) CONCRETO ACIMA DE ABSTRATO

Esse princípio diz respeito à preferência de termos concretos aos abstratos para serem veículos metonímicos. Por exemplo, CORPORAL PELO EMOCIONAL (Ela tem bom *coração*) ; CORPORAL PELO PERCEPTUAL (Pode falar, sou toda *ouvidos*), VISÍVEL PELO INVISÍVEL (Salve sua *pele*, fuja).

Conforme já mencionamos, o termo “contiguidade” opera na base da maioria das definições sobre metonímia. Contudo, Lakoff e Johnson (1987) concebem esse conceito em termos de toda a variedade de associações conceituais comumente relacionadas a essa expressão. Em outros termos, eles levam em conta a contiguidade metonímica dentro de uma estrutura, ou seja, dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado.

Explicando melhor, um único membro de uma categoria poderá representar todo o grupo através do processo metonímico. Ele passa a servir como “ponto de referência cognitivo”, gerando normas e criando expectativas. Por exemplo, apesar de existirem vários MCI para a categoria mãe (modelo do nascimento, modelo genético, modelo de criação, modelo marital, modelo genealógico), apenas um deles pode representar o cluster de modelos, via metonímia. Ou ainda, um único membro de uma categoria poderá representar todo o grupo através do processo metonímico. No caso do modelo idealizado de mãe, o modelo de mãe barriga de aluguel não representa o ponto de referência cognitivo desse conceito. Já o modelo de criação e de nascimento representam todo o grupo via metonímia.

Há casos, porém, que não é tão fácil fazer uma distinção clara entre metonímia e metáfora. Abordaremos a relação entre esses dois tropos linguísticos abaixo.

2.3.4.1 Interação entre metonímia e metáfora: a metafonímia

Conforme já apontamos, Jakobson, em 1956, já investigava os pólos metafóricos e metonímicos, que ele considera fundamentais à estrutura do comportamento humano. Para ele, o pólo metafórico estava ligado ao potencial paradigmático da linguagem, enquanto o metonímico, ao sintagmático. Esses estudos de Jakobson, que tiveram grande impacto no Estruturalismo francês, foram aplicados também a investigações antropológicas, como questões sobre totemismo e mito, que Levis-Strauss relaciona a sistemas metafóricos (DIRVEN, 2003).

Quase vinte e cinco anos depois da publicação *The Metaphoric and Metonymy Poles* de Jakobson, a Linguística Cognitiva reconhece o papel da metáfora e metonímia como “processos conceituais que contribuem para fornecer uma estrutura ao sistema conceitual humano” (VYVYAN; GREEN, 2006, p. 318)⁶².

Nesse sentido, visto que metáfora e metonímia são consideradas como fenômenos conceituais e como processos cognitivos que refletem a organização do mesmo sistema conceitual subjacente, surgem questionamentos acerca da interação entre esses fenômenos.

Conforme afirma Barcelona (2003), nem sempre é fácil determinar se os domínios fonte e alvo são os mesmos, portanto, uma expressão linguística pode ser interpretada como metáfora ou metonímia. O exemplo fornecido por Riemer (2003 *apud* PAIVA, 2010) para evidenciar a questão da indeterminação é em relação ao verbo em inglês *hit* com a ideia de bater. Por exemplo, em “ela *chutou* ele para fora de casa”, podemos interpretar a ocorrência de uma metonímia ou de uma metáfora. Metaforicamente, se “chutou” fosse interpretado como forçar que alguém saia por meio de gritos, xingamentos e não por meio de ação física. Ou, metonimicamente se interpretarmos como um aspecto da tentativa de expulsar alguém.

Grossens (1990 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006) analisou a interação entre metáfora e metonímia e chamou esse fenômeno de **metafonímia**. De acordo com Grossens, há algumas maneiras pelas quais metáfora e metonímia podem potencialmente interagir, e o autor identifica a forma de interação chamada *metáfora com base metonímica*. Por exemplo, a expressão “ela é *boca-fechada*”, pode ser interpretada como uma pessoa que é calada, que mantém segredo. Essa expressão, por sua vez, é originada da metonímia *boca-fechada*, pois descreve alguém com os lábios cerrados, o que lhe dificulta, ou impede a fala. Logo, essa expressão pode ser entendida como uma característica de um alguém que não fornece muita informação. Em outros termos, essa interpretação é metafórica, pois entendemos a falta de informação significativa em termos de silêncio. Grossens (1990 *apud* VYVYAN; GREEN, 2006), desse modo, defende que a interpretação metafórica só ocorre depois que recorreremos à base metonímica.

Grossens (2003) apresenta quatro tipos de metáfora com base metonímica: (1) com a base experiencial comum, por exemplo, feliz é para cima e tristeza é para baixo; (2) com domínios conceituais relacionados por implicatura. Por exemplo, quando o verbo *ir* é usado para expressar futuro, quando, de fato, seu significado literal seria de *movimento espacial* e não de *intenção sem movimento espacial*, como em “Eu *vou* ser feliz”; (3) com relações metonímicas de parte pelo todo, ou todo pela parte; do produto pelo produtor ou do produtor

⁶² (...) conceptual processes that contribute to providing structure to the human conceptual system”(VYVYAN; GREEN, 2006, p. 318).

pelo produto, etc. Grossens (1995 *apud* PAIVA, 2010) fornece o seguinte exemplo: “o mal (psíquico) é uma ferida (física)”. Nesse caso, a expressão metafórica “você está ferindo meus sentimentos” tem como base a relação entre a categoria MAL e um dos membros dessa categoria, que é “ferida física”; (4) quando os modelos culturais estão inter-relacionados com domínios conceituais, ou seja, modelos entendidos com facilidade em uma sociedade. Por exemplo, as metáforas de transmissão de conhecimento, oriunda da METÁFORA DO CANAL.

Como vimos, as pesquisas demonstradas acima sugerem que descrever individual e especificamente a natureza de processos metonímicos e metafóricos não é uma tarefa fácil. Desse modo, a avaliação de Barnden (2010) corrobora nosso ponto de vista, ao ressaltar que metaforicidade e metonimicidade são relativas ao universo do usuário da linguagem e que esses processos sofrem influência do léxico, do conhecimento enciclopédico e de relacionamentos inter-conceituais de um determinado usuário da língua. “Portanto, em princípio, uma expressão não deveria ser tida como metafórica ou metonímica em sentido absoluto, mas apenas para um usuário em particular” (BARNDEN, 2010, p. ⁶³3).

⁶³ Thus, in principle, an expression should not be said to be metaphorical or metonymic in any absolute sense, but only for a particular user.” (BARNDEN, 2010, p.3)

3 METODOLOGIA

Para que se justifiquem as metodologias, técnicas e procedimentos adotados, é importante um breve relato do processo de pesquisa desde a produção da dissertação de mestrado, defendida em 2011, na Universidade Estadual do Ceará.

O interesse em trabalhar com relatos de violência conjugal surgiu durante o curso de Mestrado. Na ocasião, pesquisamos sobre a categorização e conceitualização de VIOLÊNCIA por seis vítimas de violência conjugal. O envolvimento com os estudos relacionados à violência foi motivado, em princípio, pelo projeto desenvolvido e coordenado pela mesma pesquisadora, Dra. Lynne Cameron, na Inglaterra – *Convivendo com a incerteza: metáfora e a dinâmica da empatia no discurso*, do Centro de Linguagem e Comunicação da Universidade Aberta de Milton Keynes. No Brasil, esse projeto envolveu questões sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros- *Convivendo com a incerteza: metáfora e a constante ameaça de violência urbana no Brasil*, desenvolvido pelo GELP-COLIN (Grupo de Pesquisa sobre Cognição e Linguística) da Universidade Federal do Ceará e coordenado pela Dra. Ana Cristina Pelosi e pelo COMETA (Grupo Cognição e Metáfora), da Universidade Estadual do Ceará, coordenado pela Dra. Paula Lenz Costa Lima.

Somos membro do laboratório de natureza mista (pesquisa e extensão) Linguagem e Cognição- LINC, aprovado pela Resolução No. 1118/2014 do CONSU da Universidade Estadual do Ceará, institucionalizado em 1º. de dezembro de 2014 e nomeada por meio da Portaria No. 06/2015 de 16 de janeiro de 2015 da Direção do Centro de Humanidades. Esse laboratório, antes mesmo de ser institucionalizado, já trabalhava com o projeto de pesquisa “Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais e jogos de linguagem do cotidiano- PRAGMA CULT”, versão 2, com CAAE 19071413.0.0000.5534, com o Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada como Instituição Proponente e com parecer 459.008 e data de relatoria de 29.10.2013. Ressaltamos que nossa amostra só foi coletada depois da aprovação do Comitê de Ética de Pesquisas com seres humanos-COMEPE, argumentando que as pesquisas propostas pelo PRAGMA CULT eram interessantes de pensarem sobre como a Linguística pode repensar a sociedade em que vivemos e que o protocolo das pesquisas atendem aos preceitos éticos de estudos envolvendo seres humanos.

Dessa forma, nos inserimos nas normas que regulamentam, a pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução número 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares.

Desse modo, a partir de nosso engajamento no GELP-COLIN (Grupo de Pesquisa

sobre Cognição e Linguagem), COMETA (Grupo de Pesquisa sobre metáfora) e no LINC (Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Cognição), decidimos, então, investigar no mestrado sobre as representações sócio cognitivas na conceitualização de violência, porém ao invés da violência urbana, propomos focar na violência conjugal.

Percebemos, portanto, que em relação à comunicação de mulheres que foram vítimas de violência no âmbito doméstico, ainda havia muito o quê pesquisar, pois seus relatos na conversação também revelam elementos significativos acerca de sentimentos empáticos e de elaboração de faces, o que necessitam de uma abordagem científica para serem melhor entendidos, como evidenciou a pesquisa de Mestrado. Por esse motivo, decidimos incluir em nossas análises a perspectiva das funcionárias durante as interações discursivas com as vítimas, uma vez que esses dados poderia ajudar a revelar até que ponto a decisão de perdoar ou não seu algoz poderia sofrer interferência da interlocutora da instituição policial.

Em suma, para a tese de doutorado, decidimos aprofundar nosso estudo sobre o fenômeno da violência conjugal iniciado no mestrado. Contudo, nesse estudo, além do escopo Linguística Cognitiva, a qual concebe a linguagem como parte de um sistema cognitivo que abrange percepção, emoções, categorização, processos de abstração e razão, incluímos a investigação de como as situações interacionais moldam as relações ali estabelecidas e fazem emergir indícios empáticos. Para isso, observamos a necessidade de entender melhor até que ponto a estrutura sociocultural compartilhada, ou seja, o enquadramento sociocomunicativo, influenciava nas interações sociais dos relatos de BO. Conseqüentemente, o estudo dos mecanismos verbais, usados para monitorar e proteger a imagem social (face) e para promover gradações de envolvimento/distanciamento entre os interlocutores, foi priorizado nessa pesquisa.

Apesar de se tratar de um campo profícuo para o desenvolvimento de pesquisas, a emergência da empatia em interações face a face apresenta algumas lacunas, que buscamos atenuar com a realização desse estudo. Percebemos, pela análise da literatura, que os estudos sobre a empatia no âmbito da Linguística não propõe uma análise dos mecanismos de elaboração de faces como uma estratégia de ação empática. Nesse contexto, julgamos necessário adotar a noção de elaboração de faces (GOFFMAN, 1967) como um dos instrumentos utilizados para impulsionar os movimentos de empatia em interações face a face. Além disso, buscamos elucidar como a figuratividade e alguns elementos paralinguísticos, presentes nas interações verbais estudadas, contribuem para promover atenuação discursiva e para a emergência da empatia.

Conforme discutido na introdução, apenas o trabalho de Cameron (2011, 2012) e de Martinovsky (2006) contemplam a análise do fenômeno da empatia sob o ponto de vista da

linguagem, mas nenhum desses buscar avaliar o fenômeno da empatia em discursos entre dois indivíduos, mas que envolvam uma terceira pessoa.

Dividimos este capítulo em cinco seções: métodos e coleta de dados, sujeitos, as propriedades estruturais do BO, normas para transcrição e procedimento de análise, as quais abordaremos a seguir.

3.1 Método e coleta dos dados

Segundo Goffman (1967), lidar com a emoção, seja de forma subjetiva, por meio de nossos sentimentos, ou quando a percebemos nos outros, tem sido um interesse constante de participantes em situações sociais e, portanto, é um aspecto importante na análise da conversação.

O interesse da Análise da Conversação na investigação da emoção surgiu com Ervin Goffman, quando em seu artigo *Fun in Games* (1961), observou que a regulagem da emoção é um tarefa constante para os participantes de uma conversa. Para o Goffman (1961), os participantes tentam constantemente ajustar seus estados emocionais visíveis, de acordo com as demandas da situação.

Adotamos, dessa forma, a Análise da Conversação, que é utilizada para verificar modos de análises das trocas verbais autênticas e para responder a questões de como as pessoas criam e resolvem conflitos interacionais. Logo, a Análise da Conversação, quanto à característica metodológica básica, procede, primeiramente, pela indução, pois não existem modelos *a priori*. Para isso, ela parte de dados empíricos em situações autênticas, buscando asserções universais.

Empregamos em nossa pesquisa a forma de observação não-participante para delinear o material sobre o qual fundamentamos nossa análise. Assim, nossa pesquisa, de caráter exploratório-descritivo, apoia-se em dados baseados em uso autêntico e utiliza procedimentos de campo com mulheres que se dirigiram à Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Fortaleza (DEAM) para prestar queixa contra seus maridos/companheiros por violência conjugal.

Percebemos a pesquisa quali-quantitativa como um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão maior visibilidade ao mundo, sendo, portanto, mais apropriada para abordar o tema da violência conjugal.

Desse modo, um trabalho com essa natureza revelou-se rico, visto que através das interações em contextos adequados e de material coletado em ambiente natural surgem um valioso corpus de análise.

Entretanto, nossa pesquisa não teve exatamente caráter etnográfico, uma vez que se baseou em dados obtidos de observação, sem a participação e intervenção da pesquisadora, exceto em alguns momentos, durante os depoimentos.

Dentre os equipamentos disponíveis de atendimento à mulher, optamos por fazer nosso trabalho na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) de Fortaleza. As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher surgiram em meados dos anos 80 como umas das manifestações do movimento feminista, cujas atribuições são de prevenir, registrar, investigar, tipificar e reprimir as infrações penais cometidas contra as mulheres em razão da sua condição de mulher. As novas instalações da delegacia da mulher na cidade de Fortaleza foram inauguradas pela Secretaria da Segurança Pública e Defesa da Cidadania (SSPDC) e pelo Conselho Nacional da Defesa da Mulher (CNDM) em agosto de 2002.

As vítimas são atendidas por ordem de chegada e são levadas à sala de registro de ocorrência, onde uma escritã, das três ou quatro escritãs de plantão, lavra o termo circunstanciado da ocorrência, documento que registra a reclamação da vítima. Antes de serem ouvidas, as mulheres recebem um número de senha e esperam de uma a quatro horas até serem atendidas. Caso tenham crianças de colo, ou tenham mais de sessenta anos, as vítimas recebem atendimento prioritário e são atendidas com menos tempo de espera. Apesar de haver uma televisão e ar condicionado na sala de espera, o ambiente é “pesado” e desconfortável. Não há água disponível para as mulheres que esperam por muitas horas e as janelas, todas fechadas, bloqueiam a visão do lado exterior. Depois de tanto tempo de espera, é comum vê-las conversando entre si, compartilhando suas aflições e os motivos que as levaram à delegacia. Já dentro da sala de registro de ocorrência, finalmente podem relatar à escritã, toda a história que a fez esperar por longas horas. As escritãs, em geral, são bastante respeitosas e revelam um semblante sério e profissional.

A produção do BO consiste do primeiro passo a ser dado para a abertura de um processo legal contra o agressor. O número de relatos de sujeitos deveu-se à natureza qualitativa da nossa pesquisa como estudo exploratório. E pelo fato de se constatar que os quatro casos selecionados, dentre os vários transcritos, são representativos da variedade de relatos coletados, pois representam casos de mulheres que desejam requerer medidas legais e de outras que não têm esse interesse.

Ao todo, foram gravadas dez conversas de áudio de relatos de BO: seis que já haviam sido analisadas em nossa dissertação (JAMISON, 2011) e outras quatro, gravadas posteriormente. A decisão de aumentarmos o *corpus* já analisado na dissertação ocorreu após nosso exame de qualificação de projeto de tese, durante o qual, surgiu a sugestão de um

dos membros da banca de que analisássemos dez relatos, por ser um número mais significativo para verificar padrões de indícios empáticos nos relatos de BO.

Contudo, verificamos que examinar dez transcrições resultaria em análises demasiadamente extensas, visto estarmos lançando mão de várias categorias de análise. Assim, reduzimos esse número para quatro, ao invés de dez participantes e usamos duas transcrições do corpus de nossa dissertação e mais duas do segundo momento de gravação. Duas vítimas (V3 e V4) foram escolhidas pela decisão que tomaram de requerer as medidas protetivas contra o agressor e mais duas que não desejavam requerer medidas legais contra o agressor, mesmo tendo sido agredidas anteriormente pelo mesmo homem (representadas pelas participantes V1 e V2).

Destacamos que os relatos das participantes V1 e V4 desta tese referem-se a V4 e V3 de nossa dissertação, respectivamente. V2 e V3 são participantes referentes à segunda coleta, realizada em 2014.

A seleção dos sujeitos foi feita por meio de um critério: vítimas que tivessem sofrido violência do (ex) marido/companheiro, pois em DEAM também se registram outros casos de violência contra a mulher, que não era nosso interesse. Já as escritãs, não foram escolhidas a partir de nenhum critério específico.

Durante a coleta, aguardamos as vítimas dentro da sala de registro de BO da DEAM e só lá esclarecemos sobre a pesquisa e pedimos que assinassem o termo de anuência. Caso percebêssemos que o BO não era direcionado ao marido ou companheiro, descartávamos a gravação e aguardávamos outra declarante a ser chamada.

Após obtermos expressa autorização da assistente social, responsável por encaminhar e orientar pesquisadores, para acompanharmos e gravarmos alguns BO, demos início às gravações. Os dados foram gravados e coletados a partir de interlocuções espontâneas entre as participantes e a escritã responsável por lavrar o boletim de ocorrência na DEAM. Vale destacar que informações contidas nas transcrições tais como, nomes, endereços, telefones das vítimas e de seus maridos/companheiros foram modificados para que seu anonimato fossem preservado.

A observação foi realizada pela própria pesquisadora durante a sessão de registro de ocorrência. Foi adotada a forma observacional, em vez de entrevistas, devido à violência vivenciada pelas vítimas ser um assunto de considerável carga emocional e afetiva, evitando, por um lado, uma sobrecarga emocional nos sujeitos e, por outro, a influência da visão da pesquisadora sobre o tema.

A cadeira da pesquisadora era posicionada de modo que o rosto da vítima pudesse ser visualizado, para que suas expressões faciais fossem registradas. Utilizamos um gravador de

áudio acoplado ao aparelho de telefone celular Iphone 4s, o qual era posto sobre a mesa e próximo à vítima para gravar a interação.

As gravações de áudio foram feitas em quatro visitas à delegacia. Duas gravações já estavam transcritas, pois haviam sido analisadas na nossa dissertação. As outras quatro gravações foram realizadas durante duas outras visitas à DEAM, realizadas em junho de 2014.

A utilização do bloco de notas, ou diário de campo, também foi bastante útil para resgatar palavras e expressões linguísticas e faciais percebidas durante cada gravação verbal. O diário de campo foi organizado da seguinte forma:

- (a) data;
- (b) início da sessão de registro de B.O. (campo onde marcamos o horário do início dos depoimentos de cada participante);
- (c) pessoas presentes (anotamos quantas e quais pessoas estavam presentes durante a produção do BO);
- (d) final da sessão (campo onde foi anotado o horário do término da sessão);
- (e) descrição do ambiente (campo onde foram registradas as descrições do ambiente durante a produção do BO, por exemplo, como os presentes estavam posicionados espacialmente e o registro de linguagem não-verbal significativa praticada pelos participantes).

Como já conhecíamos o ambiente onde as gravações seriam feitas, visitamos a DEAM apenas mais uma vez para nos apresentarmos às agentes policiais e escrivãs, antes de darmos início às gravações de áudio.

3.2 Participantes da pesquisa

No caso desta pesquisa, os sujeitos participantes foram quatro mulheres que compareceram à delegacia para produzir BO e quatro escrivãs. Como já mencionamos, essas mulheres foram à DEAM para prestar queixa de violência contra seus (ex) maridos/companheiros, mas nem todas estavam dispostas a requerer medidas legais contra eles. Denominados cada vítima pela inicial “v”, acompanhada do número que representa, por exemplo, “V1” simboliza a primeira vítima.

As quatro escrivãs, no entanto, não passaram por nenhum critério de seleção, foram escolhidas aleatoriamente. Como fomos à DEAM em diversos momentos, tivemos a oportunidade de gravar interações com diferentes escrivãs, o que diversificou nosso *corpus* e possibilitou que observássemos padrões de indícios empáticos com vítimas e escrivãs diferentes. Logo, contamos com quatro escrivãs (E1, E2, E3 e E4) em nosso *corpus*.

3.3 As propriedades estruturais e discursivas do BO

Embora não trabalhem com o gênero textual boletim de ocorrência, mas com os relatos orais utilizados para sua confecção, consideramos necessário delinear um breve panorama sobre a natureza desse instrumento que é utilizado para fins de justiça e assim, entendermos melhor a natureza discursiva do que estamos estudando.

Esse instrumento, que constitui um gênero textual de natureza discursivo-enunciativa é produzido cotidianamente por policiais para informar à autoridade policial judiciária (Polícia Federal ou Polícia Civil) a notícia de uma infração penal com os fatos que demandem a intervenção do Estado (TRISTÃO, 2007). Esse documento serve ainda como um registro das mais variadas ocorrências (sobre crimes contra o meio ambiente, furtos, sequestros, acidentes de trânsito, violência contra a mulher etc), que são levadas à polícia pela população de todo o Estado.

Siqueira (2014) esclarece que esses documentos podem ser elaborados, atualmente, por meio eletrônico da própria Secretaria de Segurança Pública. No Ceará, por exemplo, o site da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Pessoal (SSP) disponibiliza uma lista de tipos de infrações penais que podem ser escolhidos de acordo com o fato ocorrido: a) extravio; b) acidente de trânsito; c) furto; d) roubo à residência; e) dano material; f) injúria; g) difamação; h) calúnia; i) desaparecimento de pessoas e j) violação de domicílio. Observa-se que “A responsabilidade do denunciante sobre as informações é reafirmada pela SSP informando, no site, a pena de detenção de 1 (um) ano a 6 (seis) meses em caso de falsa comunicação ou multa, conforme o Artigo 340 do Código Penal Brasileiro”(SIQUEIRA, 2014, p. 79).

Contudo, caso haja a necessidade de prestar maiores esclarecimentos, a queixa deverá ser feita pessoalmente, como é o caso das vítimas de violência conjugal. No caso dessas vítimas, as queixas são registradas em uma Delegacia Especializada ao Atendimento à Mulher (DEAM), conforme prevê a Lei Maria da Penha.

3.3.1 A estrutura organizacional do BO

Tristão (2007) adverte que a Academia de Polícia é o órgão responsável em treinar os policiais na elaboração desse documento, que espera que esse documento seja redigido de forma a transmitir todos os dados indispensáveis envolvidos no ato criminoso. É esperado que o declarante ofereça informações verídicas e detalhadas e de forma objetiva. Caso o BO seja mal redigido, o policial responsável poderá ser penalizado, ou até afastado do cargo.

A estrutura do BO segue normas de padronização da Academia de Polícia, cuja orientação é que o formulário contenha:

1. Parte geral que informa dados gerais sobre o fato relatado, que são: número do BO (fornecido pela central de comunicações da polícia civil e militar), número da folha, órgão que expede o documento, município responsável pela emissão do documento, data da emissão do documento, hora do atendimento, código que indica a natureza da ocorrência, localização da ocorrência, endereço e ponto de referência, data e horário do fato, meio utilizado, causa presumida; qualificação dos envolvidos, código do delito, tipo de envolvimento, grau de lesão, relação vítima-autor, sexo, nacionalidade, naturalidade, nome completo da vítima, nome dos pais, ocupação, número da identidade, escolaridade, CPF-CNPJ, endereço do envolvido, endereço com número e bairro, altura estimada e peso estimado, cor dos olhos, deficiência física, presença de tatuagem e descrição dela, sintomas ou não de embriaguez ou uso de produtos ilícitos, identificação como policial ou não;
2. Parte instrumental: que inclui informações sobre materiais na cena descrita, como: armas de fogo, placas de veículos ou motos, dentre outros. Essa parte varia de acordo com o tipo de ocorrência;
3. Parte do histórico: destinada ao registro do relato oral da vítima;
4. Parte que descreve a natureza da ocorrência;
5. Parte que registra os dados dos policiais, como nome, cargo, número da matrícula na instituição;
6. Parte que informa o responsável pela apreensão, prisão ou condução dos envolvidos;
7. Parte que se refere ao registro dos dados do policial escrivão da ocorrência, como setor em que trabalha, cargo, matrícula, unidade em que trabalha, nome completo assinatura.
8. Parte que registra hora em que foi recebido o documento, unidade, setor, cargo, matrícula, nome completo, assinatura do delator e informação sobre as providências realizadas pela autoridade policial.

Embora a parte do histórico represente um segmento expressivo do BO, pois é onde o relato oral da vítima acerca da violência é inserido, as escrivãs precisam dirigir sua atenção a outros elementos, que juntos, determinam o modo como a interação deverá ser conduzida. Ou seja, esse documento é constituído por partes pré-determinadas que estruturam sua organização conversacional. Desse modo, cabe às escrivãs, estabelecer um espaço

conversacional que colabore para o cumprimento de todas as etapas que constituem esse documento. Trataremos, pois, da noção de tópico discursivo na seção seguinte.

3.3.2 A organização das partes: os tópicos discursivos do BO

A noção de tópico discursivo (doravante, TD) é de extrema importância para o estabelecimento de uma organização conversacional adequada à realização do BO. Fávero (1999, p. 39) define tópico discursivo como “uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência-pelo menos parcial-de objetivos entre os interlocutores”.

Nessa perspectiva, adotamos a noção de TDs para fragmentar as interações entre vítima e escrivãs e facilitar as análises. Dentro dessa ótica, Fávero (1999) explica que os TDs são constituídos por duas propriedades:

- a) *centração*: que diz respeito aos limites bem definidos que norteiam o TD. Ou seja, é o “falar acerca de alguma coisa, implicando a utilização de referentes explícitos ou inferíveis” (FÁVERO, 1999, p. 46). As delimitações e segmentações tópicas são feitas a partir do princípio da centração e pela observação de marcas no discurso que orientam a fala. Essas marcas podem ocorrer pela mudança de referentes, pelo uso de marcadores, como “então”, “acho que, enfim”, pelas pausas, entonações descendentes, dentre outros)
- b) *organicidade*: que se refere à relação de interdependência que se estabelece entre os planos do supertópico e dos tópicos co-constituintes. Trata-se das articulações em termos de proximidade na linha discursiva entre uma informação e a introdução de uma nova. Caso haja uma organização sequencial dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento de outro, diz-se que há uma *continuidade*. Caso contrário, se houver perturbação na sequencialidade, com a introdução de um tópico antes do fechamento do anterior, há um processo de *descontinuidade*.

As perturbações ao tópico, que são comuns em nossas análises, principalmente em ações de preservação e correção de face das vítimas, são ocasionadas por digressões. Fávero (1999, 50) define digressão como “uma porção de conversa que não de acha diretamente relacionada com o tópico em andamento” e enumera três tipos: digressão baseada no

enunciado (quando há relação de conteúdo entre o enunciado principal e o digressivo), digressão baseada na interação (quando há alguma resposta a uma demanda extrínseca ao conteúdo tópico) e digressão baseada em sequências inseridas (quando atos de fala corretivos, esclarecedores, ou informativos são inseridos).

3.3.3 A conexão entre as partes do BO: os turnos conversacionais

Outro elemento essencial à organização conversacional do registro de BO é a dinâmica da alternância de papéis entre falante e ouvinte. A observação da participação de cada interlocutor (turno) e dos procedimentos pelos quais ocorre a troca de falantes consiste em uma ferramenta valiosa para entendermos melhor os mecanismos de envolvimento, distanciamento, digressão, monitoramento, assentimento, dentre outros, que subjazem às ações de elaboração de face e à emergência de empatia.

Em uma interação, há casos em que amBO os interlocutores participam na mesma proporção no desenvolvimento do TD, pois cada um “se engaja na construção do objetivo comum e assim, busca discutir o tópico e discutir seu ponto de vista” (GALEMBECK, 1999, p. 57). Contudo, na visão de Galembeck (1999), há também as conversações assimétricas, nas quais um dos interlocutores “ocupa a cena por meio de uma serie de intervenções de nítido caráter referencial”(p. 58). No caso do BO, consideramos que há uma combinação entre as duas formas de interação, pois há momentos em que a vítima contribui com informações que ajudam no desenvolvimento dos TDs e há outros em que a fala da escritã rege o desenrolar da interação. Contudo, esses encontros são de natureza institucionalizada e têm um objetivo definido, caracterizados por normas convencionalizadas, promovendo uma desigualdade entre as interlocutoras envolvidas na interação de resgistro de BO.

De todo modo, escritã e vítima têm turnos tanto de valor referencial (quando contribui para desenvolver o assunto), como de valor episódico e secundário (quando indicam que estão acompanhando, concordando ou entendendo o que o interlocutor está falando ao dizerem “uhn uhn”, “ahn ahn”, “hum”, “sei”, certo”). Essas intervenções podem ser sinalizadas por elementos paralinguísticos (por exemplo, “uhn uhn”, “ahn ahn”, “hum”) ou linguísticos (por exemplo, “sei”, certo” “né”).

Sobre esse aspecto, percebemos em nossas análises muitos turnos, cujo papel primordial não era de desenvolver o tema da conversação, mas sim de indicar assentimento monitoramento, reforço das palavras do interlocutor, que Galembeck (1999) chama de *turno inserido de função interacional*.

Destacamos que as funções das intervenções são definidas apenas no contexto da interação. Por exemplo, há casos em que a vítima diz “uhn hun” com a função de demonstrar entendimento ou concordância, mas também pode indicar que ela se dispõe a continuar no papel de ouvinte mesmo quando está em um lugar de transição, conforme percebemos em várias ocasiões em nosso *corpus*.

Sobre isso, ressaltamos que a observação das estratégias de gestão de turno entre as interlocutoras revelou-se um instrumento valioso a nossas análises. Percebemos que a forma como a passagem de turnos é feita revela bastante sobre os mecanismos de empatia e de elaboração de faces. Nesse sentido, Galembeck (1999) descreve que as passagens podem ser requeridas ou consentidas. No caso das passagens requeridas, pode haver a presença de uma pergunta direta ou o uso de marcadores discursivos que buscam confirmação (“né?” “não é?” “entende?” “sabe?”). Quando a passagem de turno é consentida, há um lugar assinalado para a transição, que pode ser feita, por exemplo, no final de uma frase declarativa antecedendo uma pausa conclusa.

No entanto, há momentos em que o ouvinte intervém sem que sua participação tenha sido solicitada, é o que Marscusi (1986) chama de *assalto ao turno* (doravante, AsTur). Esse tipo de intervenção também é constante nas nossas análises e sua observação foi muito significativa para nosso estudo, pois indicava, muitas vezes, tanto ações de resposta empática, quanto manifestações de ameaça à face da interlocutora.

3.3.4 Marcadores discursivos: estruturas da coesão e coerência interacional do BO

Considerando que a interação é um processo de construção de sentido, um fenômeno sociocultural, “com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas descritas, analisadas, e interpretadas” (BRAIT, 1999), esta deve ser examinada à luz da análise da conversação e sob o ponto de vista de seus elementos microestruturais.

Nesse sentido, Urbano (1999) defende que texto falado é rico em “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de discutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 1999, p. 81). A literatura da Análise Conversacional chama-os de *marcadores conversacionais*, mas nós os trataremos como marcadores discursivos (MD) para facilitar o trabalho de referência durante as análises.

Essas marcas, típicas da fala, conforme explica Urbano (1999), não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto, mas são elementos que ajudam a construir e dar

coesão e coerência ao texto falado e que articulam as unidades cognitivo-informativas do texto oral e dos interlocutores. Esses elementos, defende Urbano (1999, p. 86), “amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal”.

Nessa perspectiva, a interação entre as participantes durante o registro de BO também é caracterizada por essas marcas dinâmicas que operam como organizadores da interação, indicadores de força ilocutória (MARCUSCHI, 2007), carregam intenções conversacionais, marcas de atividade de formulação verbal e sinais das relações interpessoais.

Há diversos tipos de MD tanto no aspecto estrutural, quanto no formal. Urbano (1999) os subdivide como verbais e prosódicos. Os primeiros podem ser lexicalizados (“sabe?” “sei”, “né?”) ou não lexicalizados, que chamamos de paralinguísticos (“ahn ahn”, “ahh”, “hummm”). Os prosódicos são os alongamentos, pausas, aumento de tom de voz etc.

Em nosso estudo, organizamos os MDs quanto à função discursiva interacional que exercem no discurso. Estabelecemos que eles podem indicar os itens relacionados no Quadro 2:

Quadro 2: Marcadores discursivos identificados nas interações.

<p>[MD Mon]: <i>monitoramento de fala</i>⁶⁴ (por exemplo, “uhn hun”, “sei”);</p> <p>[MD Ass]: <i>assentimento</i> (por exemplo, “entendo”, “uhn hun”)</p> <p>[MD EL]: <i>elicitadores de apoio</i> (por exemplo, “não é?”)</p> <p>[MD Apro]: <i>aprovação</i> (por exemplo, “sei”, “claro”) e</p> <p>[MD Inc]: <i>incerteza</i> (por exemplo, “não sei”).</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora.

Destacamos que os mesmos MD podem exercer funções diferentes, dependendo da situação de uso, conforme verificaremos nas análises.

Além desses elementos, há outros processos de formulação de texto falado que foram identificados em nosso *corpus*: a correção e a hesitação. Essas marcas de esforço de formulação são deixadas no texto e “funcionam como pistas para que o seu interlocutor possa compreendê-lo” (FÁVERO, 2005, p. 142). Nesse sentido, Hilgert (1999, p. 107) acrescenta que “a intenção comunicativa é construída na e pela formulação”, e o planejamento do que dizer irá deixar marcas de sua formulação, como descontinuidades, hesitações e paráfrases.

⁶⁴ Essa categoria de monitoramento de fala também pode ser denominada como “checagem”, cuja característica é a produção de uma pergunta retórica e que não prevê uma resposta pelo ouvinte, mas serve apenas para verificar se ele está entendendo.

Essas marcas, que denominamos de marcadores reveladores de dificuldade de formulação verbal ([DF]), podem ser identificadas por meio de repetições ([DF Rep]), prolongamentos de vogal ([DF PLVo]), anacoluto ([MD: An]) e paráfrases ([Paraf]).

Observemos o Quadro 3, em seguida, com esses códigos que foram usados nas análises:

Quadro 3: Marcadores de dificuldade de formulação verbal e envolvimento

[DF: PVo]	Marcador de dificuldade de formulação: prolongamento de vogal
[DF:An]	Marcador de dificuldade de formulação: anacoluto
[DF:PLV]	Marcador de dificuldade de formulação: planejamento verbal
[DF: Rep]	Marcador de dificuldade de formulação: repetição
[Paraf]	Paráfrase
[Compl]	Complementação do discurso do interlocutor

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre as paráfrases, destacamos que essas podem surgir como um indicador de uma atividade de formulação, mas devem manter uma relação de equivalência semântica com o enunciado de origem (HILGERT, 1999). Em nosso corpus, percebemos que as *reformulações parafrásticas* nos ajudaram a identificar ações de reformulação textual, manifestações de elaboração de faces e indícios de doação empática.

3.4 Normas para transcrição

Como nosso foco é a linguagem autêntica em uso, o corpus analisado foi constituído por situações naturais que precisaram ser gravadas para que tivéssemos maior precisão nas suas análises. Conforme nos mostra Hilgert (1990), “a análise tem que se concentrar necessariamente na produção dos interlocutores e nunca em interpretações e adaptações do pesquisador”, desse modo, seria um grande erro se o analista completasse, baseado na sua interpretação, enunciados truncados ou incompreensíveis, dando prosseguimento às análises.

Destacamos que tivemos o cuidado de modificar **todos** os dados pessoais das vítimas no ato da transcrição, como nomes, endereços e telefones, para preservar seu anonimato.

Além do cuidado em registrar e transcrever os dados orais com precisão, estávamos cientes da linguagem gestual na construção do sentido do enunciado linguístico. Conforme Sweetser (2006) defende, o meio gestual e visual são capazes de prover informações que não

podem ser captadas apenas através do meio oral e auditivo. A capacidade vocal, por ser limitada a sons e estruturas sequenciais e temporais, não é capaz de representar iconicamente relações espaciais, de movimento, tamanho, forma, cuja representação é mais facilmente realizada através de gestos corpóreos e manuais. Entretanto, apesar de reconhecermos a importância da linguagem gestual, não a transcrevemos em nossa pesquisa, uma vez que a coleta de imagens seria um complicador por se tratarem de casos de violência, uma vez que o uso de filmagem poderia inibir a expressão da vítima de violência, prejudicando sua espontaneidade no momento da fala. Assim, decidimos usar apenas gravador de voz, não sendo fácil, portanto, tomar notas de gestos e outras observações ao mesmo tempo.

Segundo nos assegura Marcuschi (2007), não há uma melhor transcrição. Cabe ao analista assinalar aquilo que lhe interessa, baseado em seus objetivos. Detalhes verbais, paralinguísticos (sons emitidos pelo aparelho fonador que não se constituem parte do sistema sonoro), cinésicos (linguagem gestual), proxêmicos (distância entre interlocutores) e até de silêncio podem ser contemplados pelo sistema de transcrição, visto que a interação verbal é organizada por uma estrutura tríplice: linguagem, paralinguagem e cinésica. (STEINBERG, 1988).

Adotamos a proposta de unidades de entonação (CAMERON e MASLEN, 2010), segundo a qual a passagem do tempo representa um papel fundamental na dinâmica do discurso e em sua interpretação. Desse modo, unidades de entonação foram levadas em consideração no momento transcrição. Segundo Cameron e Maslen (2010, p. 100)⁶⁵, “uma unidade de entonação consiste em um trecho da conversa produzida sob um único contorno entonacional, na maioria das vezes, coincidindo com uma única pausa respiratória”.

Du Bois *et al.* . (1993) explicam que as unidades de entonação são marcadas por pausas, e por uma mudança no contorno da entonação na última sílaba. Contudo, os autores ressaltam que se a entonação estiver completa, deve ser sinalizada com um ponto final, caso contrário, devemos marcar com uma vírgula, indicando um tipo de contorno entonacional que denota continuidade. As unidades de entonação podem ser marcadas também com hífen duplo, em caso de truncamento ao final da unidade.

O final de uma unidade de entonação poderá ser marcado também com um ponto de interrogação (?) caso seja identificado ali um contorno entonacional que indique um apelo, evidenciado pelo aumento do tom de voz no final da unidade (DU BOIS *et al.* ., 1993). Lembramos que o ponto de interrogação não é usado necessariamente quando há uma pergunta gramatical.

⁶⁵ An intonation unit is a stretch of speech produced under a single intonation contour, often coinciding with a single breath.” (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 100)

Seguem, a seguir, as convenções que utilizamos nas transcrições de nosso corpus.

Quadro 4: Convenções de Transcrição.

Convenções de Transcrição	
:	Alongamento de vogal (pequeno)
::	(médio)
:::	(grande)
..	Micro Pausas
...	Pausa mais longa, menor do que um segundo
... (2.0)	Pausa de dois segundos
[]	Sobreposições no discurso
[Superposição de vozes
-	Silabação
→	Assalto ao turno
--	Unidade truncada
,	Contorno de entonação que continua
.	Contorno de entonação finalizada
?	Contorno de entonação crescente, um apelo
<@@>	Risos
<XX>	Fragmento discursivo indecifrável
CAIXA ALTA	Aumento do tom de voz, ênfase
(())	Observações da pesquisadora

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Cameron (2011, p. XV) e de Du Bois *et al.* (1993)

Após transcrita, a conversação foi ouvida novamente para que ajustes pudessem ser feitos aos códigos já inseridos e, a partir de então, demos início à análise do *corpus*, cujo procedimento será tratado na seção seguinte.

3.5 Procedimento de análise do *corpus*

Na primeira fase da pesquisa, após a transcrição dos dados, priorizamos compreender melhor os aspectos mais aparentes da interação entre escritas e vítimas. Para isso, lemos atentamente as transcrições de dez ⁶⁶ interações diferentes entre vítimas e escritas e procuramos identificar as possíveis emergências empáticas nesses discursos, assim como em que momento e de que forma esses indícios empáticos ocorriam. Chamou nossa atenção o

⁶⁶ Destacamos que nossa ideia era de analisar dez transcrições inicialmente. Contudo, reduzimos esse número para quatro transcrições pois, após o início das análises, percebemos que essas estavam extensas.

fato de algumas vítimas não desejarem requerer medidas legais contra seus agressores, mesmo quando as escrivãs, implicitamente, as aconselhavam a fazê-lo.

A partir daí, selecionamos algumas transcrições que se encaixavam nessa categoria e passamos a analisá-las mais atentamente. Após algumas leituras, percebemos que essas mulheres apresentavam uma fala hesitante, fragmentada e com demonstrações de dificuldade de planejamento verbal. Além disso, foi possível perceber que, em algum momento de seu dizer, elas entravam em contradição e isso era facilmente detectado pelas escrivãs, que as questionavam em relação às incoerências narradas por elas.

Após essa percepção, voltamos às demais transcrições e verificamos que havia casos em que algumas vítimas manifestavam o desejo de requerer as medidas legais contra seus agressores e que seus discursos não apresentavam as mesmas marcas detectadas nos discursos das outras vítimas.

A partir de então, deduzimos que os mecanismos de preservação de face entre os dois grupos de mulheres apresentavam-se de forma diferente, assim como as demonstrações de empatia pelos seus agressores. Desse modo, nos interessamos em analisar como indícios de movimentos de empatia emergiam nesses discursos e verificar até que ponto as ações de elaboração de face influenciavam na emergência empática.

Assim, propomo-nos a investigar a emergência da empatia e a elaboração de faces (GOFFMAN, 1967) por meio dos dispositivos emotivos de comunicação (CAFFI; JANNEY, 1994, CAFFI, 2007), mecanismos linguístico-cognitivos (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF; 1987, JOHNSON, 1987) e por meio de marcadores discursivos que sinalizam marcas de dificuldade de planejamento verbal, atenuação, distanciamento e envolvimento no discurso.

Para alcançarmos nossos objetivos, recorreremos a uma abordagem teórica que inclui algumas perspectivas da Análise da Conversação que incorpora linhas da pragmática da linguagem.

Para isso, utilizamos os seguintes códigos em nossas análises:

Quadro 5: Códigos usados nas análises

Códigos dos dispositivos emotivos de comunicação utilizados	O que significam
[AVA-]/ [AVA+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior avaliatividade
[EVI-]/ [EVI+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior evidencialidade
[ESP-] / [ESP+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior especificidade
[PROX-]/ [PROX+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior proximidade
[QUA-]/ [QUA+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior quantificação
[VOL-]/ [VOL+]	Dispositivo emotivo de menor ou maior volitividade
Códigos das ações de elaboração de faces	O que significam
[FC: PPF]	Trabalho de preservação da própria face
[FC: PFO]	Trabalho de preservação da face do outro
[FC: AmF]	Trabalho de ameaça à face do interlocutor
[FC: AmFO]	Trabalho de ameaça à face do outro (agressor)
[FC: AtOf]	Manifestação de atenuação de ofensa
Códigos de função de empatia	O que significam
[EMP:EL]	Ação de elicitación empática
[EMP: R+]	Ação de resposta empática favorável
[EMP: R-]	Ação de resposta empática desfavorável
[EMP: AC]	Ação de aceitação da empatia doada
[EMP: D]	Ação de doação empática
Marcadores e discursivos	O que significam
[MD: EL]	Marcador discursivo de elicitación empática
[MD: Mon]	Marcador discursivo de monitoramento
[MD: Ass]	Marcador discursivo de assentimento
[MD: Inc]	Marcador discursivo de incerteza
[DF: PVo]	Marcador de dificuldade de formulação: prolongamento de vogal
[DF:An]	Marcador de dificuldade de formulação: anacoluto
[DF:PLV]	Marcador de dificuldade de formulação: planejamento verbal
[DF: Rep]	Marcador de dificuldade de formulação: repetição
[Paraf]	Paráfrase
[Compl]	Complementação do discurso do interlocutor
Mecanismos linguístico-cognitivos	O que significam
[EsqIm: F]	Esquema imagético de FORÇA
[EsqIm: OPM]	Esquema imagético de ORIGEM-PERCURSO-META
[EsqIm: C-P]	Esquema imagético de CENTRO-PERIFERIA
[EsqIm: TrapF]	Esquema imagético de TRAJETO AO PONTO FINAL
[EsqIm: Vert]	Esquema imagético de VERTICALIDADE
[EsqIm: RemBloq]	Esquema imagético de REMOÇÃO DE BLOQUEIO
[EsqIm: D-F]	Esquema imagético de RECIPIENTE
[Meta]	Metáfora
[Meto]	Metonímia

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Goffman (1967), Martinovsky; Mao (2009), Lakoff (1987), Lakoff; Johnson (1980), Caffi; Janney (1994), Caffi (2007), Hilgert (1999), Rosa (1992) e Fávero (2005).

Ao detectarmos as ocorrências de indícios empáticos, trabalhos de faces, dispositivos emotivos, metáfora, metonímias e esquemas imagéticos, ressaltamos a palavra, ou expressão em **negrito** para que esses fossem relacionados aos códigos que os procediam. Como em “É porque eu convivi com **uma pessoa** [-Esp]”. Frisamos que organização do *corpus*, como a numeração das linhas e a codificação das ocorrências, foi realizada no processador de texto Word.

Cada diálogo foi subdividido em TDs na ordem em que iam surgindo na interação. Alguns trechos dos diálogos precisaram ser suprimidos por não conterem elementos tão significativos a serem analisados. Após as análises de cada interação, organizamos uma tabela e contabilizamos os dados das ocorrências referentes às ações de elaboração de faces e de movimentação empática dentro de cada TD e esboçamos um gráfico, que denominamos “panorama da interação entre vítima e escritã”, a fim de elucidar a dinamicidade desses processos no discurso.

Por fim, agrupamos as duas primeiras interações (V1/E1 e V2/E2) sob a denominação de “empatia defensiva” e as duas últimas (V3/E3 e V4/E4) como “empatia ofensiva” com o propósito de compará-las. Demonstramos, por meio da soma das ocorrências mais expressivas referente às ações de elaboração de faces ([FC:PPF], [FC: PFO], [FC: AmF]) e de movimentação empática ([EMP:EL], [EMP:R+]) de cada grupo, que havia uma diferença dessas manifestações entre esses dois grupos.

Em seguida, aplicamos o teste estatístico de X^2 (Qui-quadrado) para averiguar se há diferença entre os dois grupos. Trata-se de um teste de hipóteses (CONTI, 2014), por meio do qual se busca encontrar um valor de dispersão para as duas variáveis nominais⁶⁷, para analisar estatisticamente a associação entre elas. Esse teste pede que seja adotada uma hipótese nula (H_0) para que ela seja rejeitada por meio do cálculo X^2 , que ocorre da seguinte forma: se o valor encontrado de X^2 nos dados for menor do que o valor do X^2 previamente tabelado, a hipótese nula é rejeitada (H_0) e a hipótese alternativa (H_a) deve ser assumida com válida.

Ou seja, a H_0 deve necessariamente assumir que não existe diferença estatisticamente relevante nas associações estabelecidas entre as variáveis. Em contrapartida, a H_a assume que existe diferença significativa nas associações entre as variáveis.

A fórmula proposta por Karl Pearson⁶⁸ para medir as possíveis não associações entre as proporções observadas e esperadas é: $X^2 = \sum [(o-e)^2/e]$ em que: o = frequência observada para cada classe; e = frequência esperada para aquela classe. Assim, pode-se encontrar o valor

⁶⁷ As variáveis nominais são qualitativas e seus valores só são registrados como nomes, sem ordem entre as categorias.

⁶⁸ Fundador do Departamento de Estatística Aplicada na *University College London* em 1911, o primeiro dedicado à estatística.

de X^2 que, ao ser comparado ao tabelado, revela se H_0 será rejeitada ou aceita e se a diferença é, de fato, significativa em termos estatísticos. Esse teste foi realizado no software SPSS, na versão 21, que é bastante conhecido no ambiente acadêmico.

As variáveis escolhidas para nosso teste foram: a variável independente “discurso” e as dependentes, “tipos de empatia”, que subdividimos em empatia ofensiva e defensiva. Frisamos que essas variáveis foram eleitas para fins de aplicação do teste de frequência X^2 .

Contabilizamos as manifestações referente às ações de elaboração de faces ([FC:PPF], [FC: PFO], [FC: AmF]) e de movimentação empática ([EMP:EL], [EMP:R+]) e, depois, dividimos nos dois tipos de grupos de empatia: defensiva e ofensiva.

Na divisão dos tipos de ocorrências, o agrupamento “empatia defensiva” foi composto pelas ocorrências ([FC:PPF], [FC: PFO], [FC: AmF]) ([EMP:EL], [EMP:R+]) dos discursos de V1/E1 e V2/E2, enquanto que o agrupamento de “empatia ofensiva” foi composto pelas ocorrências dos mesmos mecanismos, mas nas interações de V3/E3 e V4/E4. Ao final, esses dados foram lançados no SPSS 21 para que a frequência entre os grupos fosse calculada.

Destacamos que nossa tese não tem uma preocupação quantitativa, essa análise de frequência serviu para ratificar as constatações feitas ao final das análises.

A seguir, damos início às análises dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção do trabalho, apresentamos as análises realizadas a partir das transcrições dos diálogos entre escritãs e vítimas. Aqui, temos a chance de lançar um olhar mais cuidadoso sobre quatro interações comunicativas de registros de BO. Em cada uma, participaram duas mulheres: uma vítima e uma escritã. Ao todo, são oito participantes diferentes (quatro vítimas e quatro escritãs), que participaram de quatro interações distintas.

Nesse capítulo, concentramos nossa atenção:

- na análise dos dispositivos emotivos da comunicação, que envolvem aspectos linguísticos e paralinguísticos;
- nos processos socio-interacionais, que sinalizam o trabalho de elaboração de faces;
- nas funções empáticas, que indiciam a emergência de movimentos empáticos em cada interação;
- e nos processos linguístico-cognitivos, como o uso de metáfora, metonímia e esquemas imagéticos.

Ao final da análise de cada interação, propomos um gráfico para elucidar o panorama das ações de elaboração de faces e de movimentos empáticos expressivos em cada TD.

4.1 A interação de V1 com E1

A transcrição analisada aqui reproduz um diálogo na DEAM de Fortaleza entre a escritã, identificada como E1, e uma mulher de 39 anos, referida como V1 e como nossa primeira declarante. Ela vai à DEAM para pedir ajuda a fim de reaver seus pertences. Havia saído de casa por causa de conflitos com o ex-companheiro, e na ocasião, todas as suas coisas e de seus filhos, tais como móveis, utensílios domésticos, roupas, inclusive, seu material de trabalho (máquinas de costura), tinham ficado na casa onde atualmente continua residindo o seu ex-companheiro, com quem viveu maritalmente por quase 8 anos.

De fala compassada, V1 assume a linha de alguém que está em desvantagem e sofre prejuízo pela falta de seus instrumentos de trabalho, ratificando, assim, a face de vítima que precisa da ajuda da polícia. Durante quase toda a interação, V1 procura manter a linha, como veremos a seguir, enquanto se vale de medidas de prevenção de própria face e utiliza também recursos linguísticos atenuadores.

No caso dessa vítima, a violência é reincidente e ela, apesar de ir fazer um BO, não tem como objetivo pedir medidas protetivas e nem de chamar o agressor para uma audiência na DEAM. Percebemos aqui que isso se deve certamente ao fato de termos um processo

interacional mal resolvido entre ela e o ex-companheiro. As faces, mesmo na hora da confecção do BO, ainda são preservadas. Inferimos que a intimidade do casal não vem à tona facilmente. Entretanto, no decorrer da interação entre E1 e V1, a face de V1 é ameaçada quando, em seu dizer, evidências comunicativas demonstram inconsistência com a face que ela procura manter.

4.1.1 Tópico discursivo “identificação do agressor”

A primeira fase dessa interação (l. 1-14) está centrada no tópico que denominamos: “identificação do agressor”. E1 coordena a sequencialidade e desenvolvimento do tópico e inicia sua construção ao solicitar à V1 que ela identifique seu agressor (l. 1, 2):

1. E1: É contra quem?
2. o boletim?
3. V1: É porque eu convivi com **uma pessoa** [-Esp] 7 anos,
4. ...aí a gente *tamo* com **oito::** [DF: PVo]
5. dias de separado aí **eu::**, [DF: PVo]
6. ... eu queria **assim**, [DF:MDPLV]
7. .. **pra eu pegar as minhas coisas de trabalho**,
8. .. **Porque eu sou costureira**,
9. **...e eu não tenho condições de comprar outra máquina** [FC: PPF] [FC: PFO][Emp:EL]
10. **Aí::**[DF:PLVo]
11. ... eu **queria** tirar [Evi-]
12. minha-minha roupas [DF:An] [DF: Rep]
13. ... minhas- [DF: An]
14. E1: **→E ele não deixa você tirar?** [AsTu] [Emp:R+]

Quando V1 se refere ao agressor como “uma pessoa”, um atenuador do tipo dispositivo de especificidade é utilizado como forma de demonstrar ao ouvinte uma “distância emotiva ou cognitiva” (CAFFI, 2007, p. 129), o que assegura a face a ser mantida por V1. Verificamos algumas instâncias de dificuldade de formulação: alongamento de vogal (l. 5), planejamento verbal (l. 6, 10), anacoluto e repetição (l. 12), o que indica um esforço cognitivo feito por V1 para preservar seu território pessoal, sua face, ao ser evasiva e buscar afastamento.

O desenvolvimento do tópico é comprometido quando, em seguida, V1 “dá um salto” nas etapas de registro de ocorrência e posiciona-se no momento de informar à polícia o que a motivou a fazer um BO contra o ex-companheiro, o que indica, mais uma vez, uma tentativa de afastamento do contato com a escrivã e, assim, a prevenção da perda de sua face e proteção da face do outro (l. 6-9). No trecho entre as linhas 7 e 9, V1 reivindica a posição de vítima e

linha 33, observamos o uso do marcador pós-posicionado “sabe?” e na linha 40, o “né ?” no discurso da declarante, o que sinaliza um pedido de apoio, de aprovação, da sua interlocutora.

Logo em seguida, há uma inserção por parte de V1 (l. 35) de um novo tópico, o que sugere mais uma tentativa de V1 de proteger sua face, ao “evitar contatos em que seria provável que essas ameaças ocorressem” (GOFFMAN, 1967, p. 15). Além disso, nesse mesmo enunciado, a escolha do presente do indicativo “vivo” (l. 35) remete-nos ao uso de um dispositivo de proximidade temporal, indicando um estado de contiguidade emocional entre V1 e seu agressor.

Embora permaneça tentando proteger sua face e a do seu ex-companheiro, ao reivindicar seu território pessoal, E1, que ocupa um espaço determinado por esquemas contextuais antecipatórios (CAFFI, 2007), os quais a encarregam de conduzir a sequencialidade do tópico e de obter todas as informações necessárias para o registro da queixa crime, dá prosseguimento às perguntas, as quais ocasionam uma ameaça à face de V1 (l. 36-37). Mais uma vez, V1 usa um marcador de menor proximidade espacial (“aquelas”) e outro de menor nível de especificidade (“coisas”) (CAFFI; JANNEY, 1994), para evitar aproximação e atenuar suas revelações. O enunciado “de tá discutindo” (l. 41) revela ainda outro dispositivo atenuador de especificidade, pois, ao omitir o sujeito da oração, provoca indeterminação, aumentando o nível de vagueza e assinalando um afastamento, que se confirma com sua tentativa de mudança de tópico (l. 42-43). Em seguida, a falante exhibe poise (GOFFMAN, 1967), um regulador de constrangimento, que se trata de um recurso para efetivar o reparo de sua face.

4.1.3 Tópico discursivo “razões da ida à delegacia”

Após perceber que V1 não iria fornecer maiores detalhes acerca da agressão sofrida, pois, na tentativa de proteger sua face, mudava e evitava o tópico do detalhamento da violência, E1 toma o turno de V1 com uma sobreposição de fala (l. 57) a fim de obter outras informações, também relevantes ao BO, que dá início a um novo tópico, centralizado nas “razões da ida à delegacia”:

57. E1: **[Aí você quer assim,]** [Emp:D]
 58. ...o seu::
 59. **a sua máquina-** [Emp:D]
 60. V1: **→É .** [Emp:AC]
 61. **Minhas duas máquinas,** [Emp:AC]
 62. ... minhas roupas **né?** [Emp:MD EL] [Emp:EL]
 63. **E minhas coisas do meu menino,** [Emp:EL]

64. ... porque ele tá:: --
 65. E1: →**Certo** . [Emp:R+]

No trecho entre as linhas 57 e 59, há uma repetição na fala de E1 da reivindicação feita por V1 no início do diálogo (suas máquinas), o que demonstra uma doação empática, além de representar um apelo para que V1 colabore com a o estabelecimento do TD. Essa elicitación é recebida positivamente por V1 (l. 60) e ratificada pelo uso de paráfrase das palavras de E1 “minhas duas máquinas” (l. 61), que sinaliza uma reiteração da doação empática de E1 (l. 65), ajudando a restabelecer o equilíbrio da interação, efetivado quando E1 faz um assalto ao turno de V1 para dar continuidade ao registro (l. 65).

Após V1 ter esclarecido o motivo da ida à delegacia e ratificado sua elicitación de empatia, usando o marcador discursivo de elicitación “né” (l. 62), considerados por Fávero (1999) como testadores de apoio. Em seguida, E1 apresenta-lhe uma alternativa para solucionar a questão (l. 67, 68), o que pode ser percebido, também, como uma resposta empática positiva à elicitación de V1 (l. 62, 63).

4.1.4 Tópico discursivo “oferta de alternativa para resolução do problema”

Após V1 revelar à E1 o que a havia motivado a ir à DEAM, à ela é oferecida uma solução para que ela possa reaver seus pertences:

67. E1: **E você quer que a gente chame pra uma audiência?** [Emp:R +]
 [EsqIm: F]
 68. ... **pra conversar com ele?**
 69. V1: **É :::** [FC: PPF][DF: PVo]
 70. .. porque **eu sei que não dá mais certo, mulher** [Prox +]
 71. a gente **ficar** brigando, [Prox +][Meta]
 72. ... **fica:::** [Prox +] [DF:Pvo]
 73. e isso não **é** a primeira ve::z- [Emp:EL] [Emp:D]
 74. E1: →Un-hun [AsTu] [Emp:R-]

Como solução, E1 pergunta se a declarante tem interesse em chamar o ex-companheiro para uma audiência (l. 67), o que corresponde a um indício de resposta empática, já que se trata de uma solução à questão apresentada por V1. Ora, sabemos, porém, que ser “chamado” pela polícia a comparecer à DEAM para uma “conversa” (l. 68) não se trata exatamente de um convite amigável, o que denota existir o esquema de imagem FORÇA COMPULSÓRIA (JOHNSON, 1987) estruturando esse enunciado. V1 concorda com a solução (l. 69) e justifica sua decisão dizendo que “não dá mais certo”, referindo-se ao relacionamento. Logo após, como forma de preservar sua imagem e suavizar o discurso e

gerar algum tipo de efeito na interlocutora (SILVA, 2008), V1 usa o vocativo “mulher” (l. 70), o que corresponde a um marcador de proximidade social (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007), usado nesse caso para aumentar o nível de proximidade com sua interlocutora.

Além disso, V1 faz uso de mais um dispositivo de proximidade temporal (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007) quando, ao invés de usar o pretérito (l. 69-73), usa o tempo verbal no presente e o infinitivo, indicando maior aproximação interior com o evento narrado, que “regula as distâncias entre eventos internos e externos” (CAFFI, 2007, p. 142) (“não dá mais certo, “ficar brigando”, “fica”). Verificamos que em seu enunciado, V1 fornece indícios de uma certa proximidade temporal, indicada aqui pela escolha do tempo verbal, pois, mesmo se referindo a fatos que já aconteceram, a declarante usa o tempo presente, ao invés de dizer “não dava mais certo”, ou “ficava”. Acreditamos que escolha desses recursos, por indicar uma aproximação interna com os eventos” (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007), revela que as possibilidades de manifestação de empatia em relação ao agressor podem ser maiores. Verificamos também o uso de uma linguagem figurada, uma metáfora, na expressão “ficar brigando”, a qual foi licenciada pela metáfora conceitual FICAR É PERSISTIR.

Na linha 74, E1 faz um assalto inserido ao turno de V1 com função interacional (GALEMBECK, 1999), que, nesse caso, indica “reforço, concordância ou entendimento (p. 67)”, o qual pode ser percebido como uma demonstração de resposta empática positiva.

4.1.5 Tópico discursivo: “avaliação de risco de morte”

Na sequência, E1, buscando examinar a situação de risco atual da declarante, pergunta à V1 se seu ex-companheiro ainda a procura e se a agride, o que representa mais uma ameaça à face de V1, pois há uma ameaça ao território pessoal⁶⁹, V1, a qual nega e ainda ratifica sua negação quando repete o “não” por três vezes, o que sugere um maior nível de assertividade e, assim, sugerindo uma medida de proteção à sua face e à do seu ex-companheiro, conforme o TD abaixo “avaliação de risco de morte” nos revela:

79. E1: **Ele liga?**
 80. **..lhe agredindo?** [FC: AmF]
 81. V1: Não.
 82. **Ele não liga não.** [Esp +] [FC: PPF] [FC: PFO]
 83. E1: Certo -
 84. V1: →**Aí**, [AsTu]

⁶⁹ Sobre proteção de face, Goffman (2011, p. 23) declara que “como medida defensiva, ela se mantém longe de tópicos e atividades que levariam à expressão de informações que seriam inconsistentes com a linha que ela está mantendo. Em momentos oportunos, ela mudará o assunto da conversa ou a direção da atividade.

85. ... eu queria **assim**, [MD: PLV]
 86. ... **se a senhora** [Prox-] **pudesse**, [Evi-]
 87. ... **assim**[MD: PLV]...me dar uma- uma carta,
 88. ...**assim**, [MD: PLV]
 89. **pra eu poder pegar minhas coisas**. [Emp:EL] [Fc: PPF] [Fc: PFO]

Como parte dos procedimentos a serem adotados pela autoridade policial consiste em “colher todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e de suas circunstâncias” (Artigo 12o. Lei 11.340/2006), cabe à escritã regular a sequencialidade e o desenvolvimento dos tópicos necessários para o registro do BO. Logo, E1 insiste em saber se a declarante está correndo risco de morte e, por isso, pergunta se V1 está sendo agredida. Podemos inferir que V1 sente sua face ameaçada, pois responde em tom de assertividade e brevidade, ao evitar o tópico, como estratégia de manutenção de sua face e da face do outro, nesse caso, seu agressor (l. 79-82).

Como estratégia de mudar de tópico e afastar-se de perguntas embaraçosas, V1 faz a inserção de um turno, por meio de assalto ao turno de E1 (l. 84), para ratificar seu pedido à polícia: que a ajudasse a reaver seus pertences (l. 84-89). Nesse trecho, verificamos que essa solicitação contém marcas linguísticas de planejamento verbal, que denotam atenuação (l. 86, 87, 88) e no qual a escritã é tratada pelo pronome de tratamento “senhora”, que demonstra respeito, ratifica hierarquia e cria uma distância, como “forma de elevar o status do ouvinte e facilitar a conquista pelos seus interesses” (MORAND, 2000, p. 236). Do mesmo modo, a atenuação pode ser inferida também pelo uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (l. 84), “se a senhora pudesse” para fazer o pedido da carta, o que representa um dispositivo de menor evidencialidade, pois modaliza o pedido, diminuindo o comprometimento da declarante, assim favorecendo sua preservação de face.

Ao final, (l. 89), V1 justifica o motivo de seu pedido, o que representa uma elicitación de empatia, além de manifestar uma medida de preservação de faces.

4.1.6 Tópico discursivo “aconselhamento e oferta de solução da escritã”

No decorrer da interação, fica claro que o motivo de V1 ter ido à DEAM era o de obter da polícia algum tipo de “pedido formal” a ser entregue ao ex-companheiro para poder requerer seus pertences. Porém, E1 informa à V1 sobre a impossibilidade de fornecer tais documentos. Percebemos que E1, ao utilizar a expressão “a gente” (l. 109), lança mão de um dispositivo de maior proximidade social, indeterminando o sujeito da enunciação, pois pode

refere também à interlocutora. Já o atenuador “unhun” (l. 112), dado como resposta à pergunta de E2 (l. 111) enquadra-se no dispositivo de menor especificidade, visto que demonstra vagueza e até um certo ponto, funciona como uma estratégia de prevenção de ameaça a sua face, já que ela precisa manter a linha de vítima. Nesse sentido, Goffman (1967, p. 15) nos lembra que um indivíduo, às vezes, “agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma apenas para dar aos outros o tipo de impressão que irá, provavelmente, levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter”.

E1, então, sugere que V1 vá reaver seus pertences e, em tom de aconselhamento, recomenda que o faça acompanhada, o que nos sugere uma doação empática (l. 113-116), a qual é recebida positivamente por V1 (l. 117). Posteriormente, E1 ratifica sua intenção em ajudar, visto não poder prover a carta solicitada por V1, ao perguntar à V1 se ela gostaria que o acusado fosse “chamado para uma conversa” pela polícia, porém, utilizando a expressão “a gente” na linha 118, que, como já vimos nas linhas 109 e 111, indetermina o sujeito e provoca um sentido de maior proximidade social, visto que não fica claro se fala em nome da instituição ou se o “a gente” inclui a interlocutora. De todo modo, ser chamado para uma “conversa” na delegacia denota um esquema de imagem do tipo FORÇA COMPULSÓRIA subjacente, o que pode ocasionar um constrangimento para V1, que, ao que nos parece, não demonstra interesse em prejudicar o acusado, o que pode ser inferido quando (l. 121, 122), mais uma vez, justifica-se por acatar a sugestão da representante policial. Esse trecho (l. 121, 122), que é marcado por prolongamento de vogal, hesitação e pausa, sugerindo um grau de incerteza ao enunciado, “diluindo também a força ilocutória das asserções” (ROSA, 1992, p. 52), pode ser interpretado como um indício empático, pois a incerteza pode ser considerada como um atenuador de um ato potencialmente ameaçador à face do outro, o acusado.

De acordo com as Normas Técnicas de Padronização das DEAMs (2010), “a atividade investigativa é parte fundamental do inquérito policial (p. 30)”. Portanto, se torna necessário colher todas as provas para que seja analisado, dentre outros fatores, se a mulher corre risco de morte. Para isso, é importante averiguar se há reincidência na violência.

No excerto seguinte, E1 questiona se V1 já havia feito outro BO antes contra o mesmo acusado, a qual admite que sim, mas demonstrando uma evidente dificuldade de processamento cognitivo e formulação textual (l. 134-136), que pode ser um sinal de “estratégias adotadas pelos falantes para resolver problemas que surgem no processamento que é, ao mesmo tempo, de forma e conteúdo” (FÁVERO, 2005, p. 153). Ao mesmo tempo, verificamos o uso do dispositivo “lá”, o que denota uma marcador de menor proximidade, o

4.1.8 Tópico “*motivo pelo qual V1 não fez feito exame de corpo e delito*”

Com a revelação de V1 (l. 141-142), E1 ratifica sua ameaça à face de V1 ao fazer uma pergunta retórica em tom jocoso (l. 143), retomando de forma ecóica a fala de V1 (l. 141-142), o que revela uma possível ameaça de face da declarante.

Por isso, V1, que percebe que interpretações de seus atos foram feitas por E1, faz uso de duas medidas de proteção de face anunciadas por Goffman (1964): a) “emprega cortesia” (GOFFMAN, 1964, p. 229), estratégia demonstrada pelo uso do vocativo “mulher” (l. 144), como dispositivo para diminuir distância social; b) quando reconhece o incidente, mas o “ignora” como uma expressão ameaçadora (GOFFMAN, 1964), o que é evidenciado pela justificativa fornecida a E1 (l. 146-147).

Além disso, na linha 145, podemos perceber um dispositivo de menor evidencialidade (“não sei”), e indicadores de dificuldade de planejamento (l. 145, 146), que indicam um aumento de esforço cognitivo para efetivar o restabelecimento do equilíbrio do ritual, assim como sua face. Isso ocorre porque “se ela sentir que está com a fachada errada ou fora da fachada, provavelmente se sentirá envergonhada e inferior devido ao que aconteceu com atividade por sua causa e ao que poderá acontecer com sua reputação enquanto participante” (GOFFMAN, 2011, p. 16).

Verificamos, então, mais tentativa de preservação de face por parte de V1, quando fornece explicações e racionalizações, antecedido pelo marcador de incerteza “não sei” (l. 145), o que pode indicar uma diminuição “com o comprometimento do locutor enunciador com o seu enunciado” (ROSA, 1992, p. 52). O uso de anacoluto (l. 146) também indicia estar havendo uma dificuldade em formulação.

Em seguida, parte do mesmo tópico, E1 reafirma sua repreensão por meio de mais uma pergunta retórica (l. 149), constituída por um dispositivo de quantificação (de maior intensidade) de forma prosódica, evidenciado pelo aumento do tom de voz de E1, o que demonstra uma rejeição à manifestação de preservação de face exibida por V1.

143. E1: Você não fez o exame de corpo e delito **porque teve pena?** [Paraf] [Fc: AmF]
144. V1: Porque- [DF: An] **mulher**, [Prox+]
145. V1: **Não sei** [MD: Inc] [EVI-] **nem por-** [DF: An] **assim:::--** [DF:MDPLV]
146. ... porque no dia que eu **fui-** [DF: An] [Esp-]
147. ... **foi-era** [DF: PLV] **doze horas da manhã...** [Fc: PPF]
148. E1: **Hum::** [MD Mon]((olha e aguarda resposta da vítima por 2 segundos))
149. ...Ficou com **PENA** [Qua+]? [FC: AmF-] [Emp:R+]

No trecho seguinte, V1 faz uma tentativa de atenuação à ofensa recebida ao responder evasivamente por meio de um marcador de incerteza (l. 150), também categorizado como um dispositivo de menor evidencialidade, indiciando vagueza. Em seguida, a declarante nega o que já havia admitido anteriormente: que estava com pena do acusado (l. 152). A negação constitui uma demonstração de sua tentativa de recuperar a face perdida diante da escrivã.

Contudo, mesmo negando, na linha seguinte (l. 153) é possível identificar mais um indício empático manifestado por uma metáfora “se ele melhorar” (l. 153), licenciada pela Metáfora da Essência Moral (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 308), cujas metáforas conceituais MORALIDADE É SAÚDE e IMORALIDADE É DOENÇA subjazem à expressão metafórica proferida por V1.

150. V1: **Não sei.** [Evi-] [MD: Inc] [FC: AtOf]
 151. **Não,**
 152. **... não era pena.** [FC: AtOf]
 153. ... Mas eu não fui mais.: **Se ele melhorar**[Meta],
 ... **né?** [Emp:MD EL] [Emp:D]
 154. E1: **Achou que ele poderia melhorar** [Emp:R+]
 155. ...né?
 156. V1: **É.**

Verificamos que E1 responde positivamente (l. 154) à elicitación da declarante, como uma demonstração de empatia à crença de V1 de que seu ex-companheiro poderia melhorar, não a ele.

Esclarecemos que o trecho seguinte, compreendido entre as linhas 156 e 248, refere-se, em sua maioria, a coleta de dados pessoais de V1, razão pela qual adiantamos a análise.

4.1.9 Tópico discursivo: “desistência de chamar o acusado para uma audiência”

Consideramos esse momento um dos mais representativos para avaliar os indícios empáticos das vítimas em relação a seus agressores, pois, aqui, elas irão determinar que tipo de medida será tomada para prevenir e combater a violência da qual são vítimas, a ação a ser tomada, conforme já esclarecemos anteriormente.

Abaixo, percebemos que o uso do dispositivo fático de proximidade espacial (l. 248) por E1 denota a abertura de uma enunciado com indício empático em relação à V1:

248. E1: **Olhe,** [Prox+] [Emp:D]
 249. ... caso ele lhe ameaçar,
 250. ... você pode retornar à delegacia,
 251. ... requerer medidas protetivas.

252. .. certo?
 253. V1: **Un-hun::** [MD:Mon]
 254. E1: **Só,**
 255. **... ele ficaria com antecedentes criminais:::,**
 256. **e você teria que processá-lo na delegacia, tá?** [FC: AmFO]
 257. V1: Eu **se::i** [DF: PVo]
 258. **...Quer dizer que aí:::** [DF: PVo] [DF: PLV]
 259. **...se:::** [DF: PVo] [DF: PLV][FC:PPF]
 260. ... eu for lá com os meus *menino*,
 261. ... se eu for pegar minhas máquina,
 262. **... aí:::**, [DF: PVo] [DF: PLV]
 263. **como é que:::**, [DF: PVo]
 264. eu digo? [Emp:D]

Após ter sido informada das consequências para o acusado, caso fossem requeridas medidas protetivas, V1 exibe “uma interrupção no fluxo interacional” (FÁVERO, 2005, p. 154) por meio de marcas de hesitação, como prolongamentos de vogal, pausas e marcadores de planejamento verbal (l. 258, 259, 262, 263, 264), o que revela sua dificuldade em dizer para a E1 que não tem mais interesse em chamar o acusado à DEAM para conversar (l. 257-264). Além disso, sinaliza um trabalho de proteção à própria face, devido ao cuidado que ela teve em formular o enunciado para informar à E1 que não iria chamá-lo a uma audiência. Essa ação também consiste em uma clara demonstração de empatia pelo agressor.

4.1.10 Panorama da interação entre V1 e E1

Como resultado da interação entre V1 e E1, esboçamos uma tabela para facilitar a visualização e compreensão dos gráficos, referentes à correlação entre os movimentos de empatia e os de elaboração de face no desenvolvimento dos tópicos discursivos:

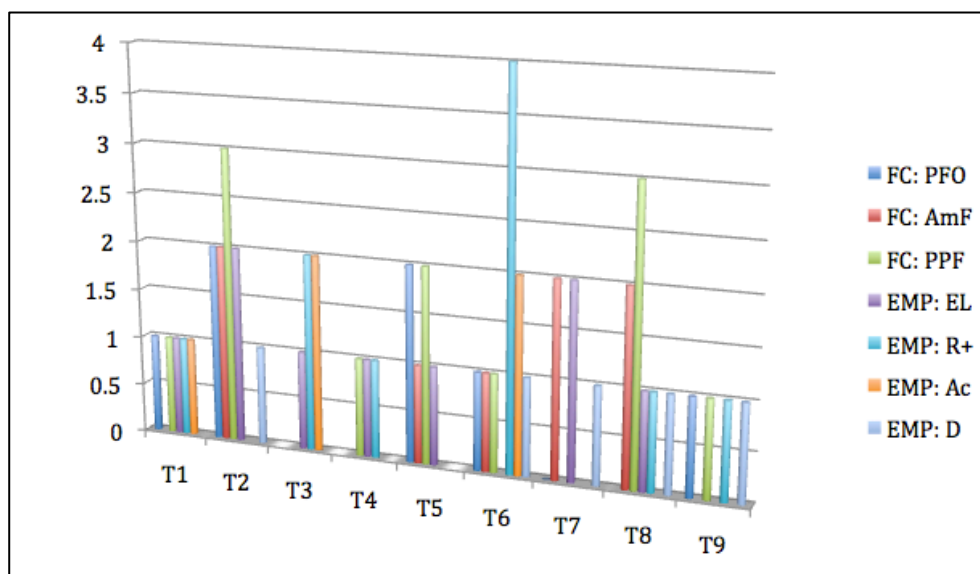
Tabela 1: Movimentos de empatia e de trabalho de faces na interação entre V1 e E1

	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9
[FC:PFO]	1	2	0	0	2	1	0	0	1
[FC:AmF]	0	2	0	0	1	1	2	2	0
[FC: PPF]	1	3	0	1	2	1	0	3	1
[EMP: EL]	1	2	1	1	1	0	2	1	0
[EMP: R+]	1	0	2	1	0	4	0	1	1
[EMP: Ac]	1	0	2	0	0	2	0	0	0
[EMP: D]	0	1	0	0	0	1	1	1	1

Fonte: Elaborado pela autora

Pelos resultados, podemos observar a partir dos enunciados de V1 ocorrências de preservação da própria face [FC:PPF] no decorrer de todo TD. Essa ação foi demonstrada pela cor verde no gráfico abaixo. Ressaltamos ainda que os movimentos de elicitación empática [EMP:EL] emergiram, na maioria das vezes, simultaneamente às ações de [FC:PPF] e dentro do mesmo TD, conforme podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Panorama da interação entre V1 e E1



Fonte: Elaborado pela autora

Constatamos onze ocorrências de indícios de [FC:PPF] nos enunciados de V1. Desse número, foram nos TDs 2 (“Descrição da violência”) e 8 (“Motivo pelo qual V1 não fez o exame de corpo e delito”) que a manifestação de [FC:PPF] obteve maior incidência, com 3 ocorrências em cada TD. Destacamos que as manifestações de [FC:AmF], demonstradas pela cor vermelha no gráfico, praticadas por E1 à V1, também ocorrem em quase todos os mesmos TDs onde foi possível verificar os movimentos de [EMP:EL]. Isso indica que ações de ameaça à face, praticadas por E1 à V1, provocaram reações em V1 de preservação de face e de elicitación empática. Nesse sentido, observamos que movimentos de [EMP:EL] são constantes no decorrer na interação e emergem em quase 78% dos TD, com exceção aos TDs 6 (“Aconselhamento e oferta de solução de E1) e 9 (“Desistência de chamar acusado para a audiência”).

Outro dado significativo é a incidência de [EMP:R+] por parte de E1, que ocorre em quase 67% da interação, concentrando-se no TD 6, momento em que ela aconselha V1 a não ir sozinha à casa do ex-companheiro para reaver seus pertences. Paralelamente aos movimentos de [EMP:R+] manifestados por E1, notamos que nos TDs 3 (“Razões da ida à

delegacia) e 6, V1 realiza ações de aceitação empática [EMP:AC], indiciando a existência de ações empáticas precedentes.

Ademais, podemos perceber que as manifestações de [EMP:D] de V1 em direção ao agressor ocorrem principalmente nos últimos TDs da interação (do TD6 ao TD9). Como vimos, é no final da sessão de registro de BO que precisa ser decidido quais as medidas a serem tomadas para prevenir e combater a violência praticada contra essas vítimas.

Por fim, constatamos que no último TD (“desistência de chamar o agressor a uma audiência”) as ações direcionadas ao agressor se aglomeram. É nesse instante em que percebemos ações de [FC:PFO] e [EMP:D] por parte de V1, quando desiste de pedir que a polícia chame o ex-companheiro para comparecer à DEAM. Embora realize uma ação de ameaça à face do agressor [FC:AmO], E1 manifesta [EMP:R+] à V1, sinalizando que apesar de não concordar com a decisão de V1, respeita.

4.2 A interação de V2 com E2

A segunda declarante é uma senhora de 45 anos, mãe de duas filhas adultas, cujo ex-companheiro, ainda frequenta sua casa, mesmo eles estando separados há mais de quatro anos. Durante a confecção do BO, é revelado que V2 já havia registrado queixa contra o ex-companheiro há quatro anos e que, na ocasião, preferiu apenas “chamá-lo para uma conversa na delegacia”. Dessa vez, a queixa da declarante é que o ex-companheiro não apenas frequenta a casa dela, mas “come, bebe e dorme” na casa da ex-mulher sem demonstrar constrangimento. Nesse sentido, a ida de V2 à DEAM tem como objetivo pedir ajuda à polícia para afastá-lo de sua residência.

4.2.1 Tópico discursivo: “motivo do retorno do ex-companheiro à casa”

Em um primeiro momento, a V2 mantém a face de alguém que está sendo usada, portanto, precisa da intervenção policial, sendo esse seu objetivo com a interação.

Entretanto, tão logo dá-se início o processo interacional, a face de V2 é ameaçada quando a E2 observa nos dados que V2 já havia prestado queixa anteriormente contra o ex-companheiro, sem nunca ter requerido as medidas protetivas. Denominamos esse tópico como “motivo do retorno do ex-companheiro à casa”:

- ((V2 entrega BO à E2))
6. E2 (2.0)... a senhora fez esse em 2010,
 7. ..né?
 8. V2 certo
 9. E2 E não quis a medida na época,
 10. ... quis a audiência.
 11. ... **teve essa audiência?** [Emp: AmF]
 12. V2 **teve a audiência,** [Paraf] [Evi+]
 13. ..né? [MD Mon]
 14. ...**eu passei 3 meses na casa da mamãe** [FC:PPF]
 15. ... enquanto **ele:::** [DF:PVo]
 16. ...**se organizava pra sair** [EsqIm: D-F] [Fc: AtF] [Fc:AtFo] [Emp:D][FC:PPF]
 17. E2: **[Sim]**[MD Mon]
 18. V2: [porque ele] **nunca** trabalhava de carteira assinada... [Ava-]
 19. ...ele só **fazia bico** [Ava-] enquanto eu morava [com ele] [Emp: EL]
 20. E2: [hum]

O que foi dito por E2 (l. 6, 7) representa uma ameaça à face de V2, pois dentro desse contexto discursivo, há uma expectativa por parte da polícia que as vítimas utilizem os mecanismos disponíveis de enfrentamento à violência contra a mulher que foram criados a partir da implantação da Lei Maria da Penha (lei 11.340/06), logo, por não ter requerido as medidas e por ter permitido a permanência do ex-companheiro em sua casa, V2 sente que sua face está sendo ameaçada.

Tendo em vista essa ameaça de face, V2 responde por meio de uma *reformulação parafrástica* (HILGERT, 1999) que, nesse caso, tem como objetivo provocar um alinhamento com sua interlocutora para, em seguida, fazer uma mudança de tópico que force um desvio sobre o assunto que ameaça sua face.

Nesse sentindo, podemos observar, portanto, que V2 mostra sinais de hesitação, como o prolongamento de vogal (l. 15) no momento em que fornece uma justificativa da permanência do ex-companheiro em sua casa (l. 14-16), o que nos remete a uma ação de atenuação tanto de sua própria face como da face do outro, logo, uma manifestação de preservação da própria face. Além disso, é possível verificar um indício de doação empática em relação ao companheiro em função da justificativa (l. 16). Na linha. 16, também podemos perceber o esquema imagético DENTRO-FORA.

Como responsável pelo estabelecimento pela linha discursiva norteadora do BO, E2 usa um marcador lexicalizado de monitoramento (l. 17), o que indica que está acompanhando a formulação da resposta de V2, a qual usa um dispositivo de avaliatividade negativa (l. 18) (“nunca”) para desqualificar a ação do ex-companheiro, enquanto tenta preservar sua própria face e dá indícios de elicitación empática quando especifica que o acusado não trabalhava enquanto morava com ela (l.19). Essa passagem é precedida pelo advérbio de exclusão “só”

(l. 19), antecedendo à ação de “fazer bico”, denotando uma avaliação negativa, que consiste em fazer pequenos trabalhos informais.

Sobre essa questão, o estudo de Jamison (2011) revela que um dos elementos do MCI de violência, subjacentes à fala de vítimas de violência conjugal, é o de MARIDO NÃO PROVIDOR, que, por sua vez, está ligado à ruptura de um outro elemento do MCI de CASAMENTO: alicerce, apoio moral e financeiro. Dessa maneira, podemos associar as declarações feitas por V2 (l. 18, 19) ao seu sentimento de frustração em relação ao casamento.

4.2.2 Tópico discursivo: “motivo do BO”

Nesse tópico, V2 passa a esclarecer o que a motivou a fazer o BO contra o ex-companheiro: sua presença constante em sua casa.

21. V2: ... (1.0) só que o::
 22. ... (2.0) **agora** [Prox+] **o inferno** [Ava-] **continua** [Meta]
 [EsqIm:OPM][FC:AmFO]
 23. ...porque::
 24. ...ele tem um barraco
 25. ...**mas tá 24 horas** [Qua +] [**lá dentro**] [Emp: EL]
 26. E2: [**aahh**] [MD Mon] [Emp:R+]
 27. Ele não sai de **dentro** [EsqIm: D-F] **da sua casa...** [Paraf] [Emp:R+]
 28. V2: ele não sai [Emp: AC]
 29. **porque ele diz::**
 30. **... que a metade da casa é dele.**
 31. **...ele diz que tem a metade dele**
 32. **..e a metade minha** [Emp:EL]
 33. **...mas ele é:: 24 ho--** [DF:An]
 34. ...ele toma banho,
 35. assiste televisão,
 36. ele almoça,
 37. ele JANTA,
 38. **... [ta entendendo]** [FC:AmFO] [MD EL]? [Emp: EL]
 39. E2: [**ele DORME**] [Prox+] [Emp: R+]
 40. V2: ...não
 41. E2: ... vai dormir lá não?
 42. V2: ... não
 43. ... só no barraco

Para caracterizar negativamente a descrição da situação que está passando, V2 usa um dispositivo de proximidade “agora” e um avaliativo negativo (l. 22) . Além disso, a declarante usa uma metáfora para descrever o momento em que vive : “o inferno continua” (l. 22), da qual, por metonímia, entendemos: situação de desespero e sofrimento por inferno. Ou seja, é uma expressão que indicia que a situação de desespero e sofrimento continuam, cuja metáfora

subjacente é CONVIVER COM A VIOLÊNCIA É UM INFERNO e esquema de imagem estruturante é ORIGEM-PERCURSO-META. Assim, podemos dizer que todo esse trecho indicia uma manifestação de ameaça à face do ex-companheiro.

Após caracterizar como se sente, V2 ratifica sua queixa, mas dessa vez, fazendo uso de um dispositivo de uma oração concessiva que promove uma quebra de expectativa em relação à oração anterior (“ele tem um barraco”). Ou seja, embora tenha onde morar, ele ainda passa “24 horas” (dispositivo de maior quantificação) (l. 25), a fim de demonstrar maior intensidade, um exagero, além de corroborar seu protesto. Todo esse enunciado pode ser considerado como uma elicitación empática, cuja resposta positiva ocorre em fala sobreposta (l. 26), indicando compreensão, assentimento, e ainda monitoramento. Além disso, E2 (l. 26, 27) ratifica sua doação de empatia por meio de uma paráfrase empática (SEEHAUSEN; KAZZER *et al.*, 2012) (l. 27). Depois, V2 ainda acrescenta ao seu relato os motivos alegados pelo acusado de frequentar sua casa (l. 29-32), o que dá continuidade ao processo de elicitación empática.

Logo após, podemos perceber uma marca de hesitação no enunciado de V2 evidenciado por um anacoluto (l. 33), o que indica esforço cognitivo no procedimento de reformulação de argumentos. Esses argumentos são formulados de modo a ajudá-la a manter sua face, ameaçar a face do ex-companheiro e, ao mesmo tempo, elicitatar empatia de E2 (l. 38), por meio de um marcador testador de apoio (URBANO, 1999). A resposta positiva de E2 ocorre por meio de uma fala sobreposta na medida em que ela completa o enunciado da declarante com um novo argumento (l. 39), indiciando uma resposta empática favorável.

4.2.3 Tópico discursivo “violência psicológica”

Com o intuito de manter sua face, V2 prossegue ameaçando a face do acusado e revela como suas atitudes a magoam:

44. V2: ... [ele tem] **48 anos mas** usa ele droga. [Qua+] [FC:AmFo]
 45. então,
 46. **...eu não presto**, [Ava-]
 47. **...eu só vivo**[Ava+] **trabalhando** [Meta]
 48. **... eu não presto**, [Ava-]
 49. **sou vagabunda**,
 50. **[sou cachorra]**, [Emp:EL]
 51. E2: **[unhun]** [MD: Mon]
 52. V2: ... **[eu tenho]** que pagar aluguel pra ele [Ava-] [Prox+][FC:AmFO]
 53. ..pra casa dele
 54. ... **(2.0) tá entendendo?** [MD EL] [Emp: EL]
 55. E2: **sei** [MD Mon]

Dentre as estratégias de construção e de manutenção de face, percebemos que V2 busca construir a face negativa de seu ex-companheiro como forma, talvez, de elucidar a violência da qual é vítima à E2. V2 revela que o ex-companheiro é usuário de drogas, que a agride verbalmente (l. 44-50) e que, de forma implícita, a acusa injustamente de ser uma má pessoa. Nas linhas 46, 48, 49 e 50, os enunciados “eu não presto”, eu “sou vagabunda”, “sou cachorra” funcionam como um recurso ecóico das agressões verbais do ex-companheiro, o qual ajuda na elicitación empática, pois atribui mais veracidade à descrição das agressões.

Na linha 47, podemos observar que a metáfora foi usada para caracterizar a intensidade de sua dedicação ao trabalho. Por acarretamento, “viver” indica uma atividade contínua, incessante, logo, “vivo trabalhando” denota que V2 está em constante e ininterrupta atividade laboral. Acrescentamos que essa metáfora é estruturada pelo esquema imagético de CICLO (JOHNSON, 1987). Em suma, “vivo” trata-se de um dispositivo de avaliação que, nesse caso, ajuda a construir uma imagem positiva de V2 e manter sua face.

Nas linhas que antecedem e seguem o enunciado na linha 47, podemos notar que, mesmo sem ter utilizado nenhum marcador adversativo, como “mas”, nas linhas 46-48), há um contraponto em relação ao enunciado anterior e posterior (l. 47). Explicando melhor, podemos inferir que V2 busca construir, ainda mais, a face de alguém que trabalha incessantemente, mas que é considerada pelo ex-companheiro como alguém que “não presta”. É possível detectar aqui outro uso de um mecanismo metafórico para expor a maneira injusta pela qual está sendo tratada. O verbo “prestar” refere-se, nesse caso, a acepção “ter préstimo, ser útil”, o que não se aplica a pessoas, logo, o uso desse verbo (l. 46, 48), aqui, está sendo usado metaforicamente para expressar que, embora trabalhe arduamente, ainda é considerada como alguém que não tem utilidade.

Nas linhas 51 e 55, são usados marcadores de monitoramento, os quais sugerem que V2 está sendo ouvida e que E2 espera que ela prossiga com seu turno de fala. Logo, não podemos afirmar que esses marcadores indicam uma resposta empática positiva, embora tenha sido solicitada por V2 (l.54).

Apos a manifestação de E2 que V2 desse prosseguimento às declarações, a declarante acrescenta outro argumento que ameaça a face de seu ex-companheiro, que favorecerá a construção da imagem que reivindica para si nessa interação: a de que sustenta o ex-companheiro e ainda terá que pagar aluguel da metade da casa onde mora, visto que o bem pertence ao casal. Esse enunciado é antecedido pelo verbo “tenho” (l. 52) que indica uma avaliação negativa, pois denota obrigação, além de estar sendo conjugado no presente, o que sugere uma proximidade temporal em relação à ação, logo, mais uma ameaça à face de seu agressor.

Após a narrativa sobre os fatos, V2 demonstra mais frustração nas linhas 59 e 60, ao informar à E2 que o acusado tem as chaves de sua casa e logo, inferimos que não será fácil fazê-lo sair (l. 59,60):

56. V7: ... porque eu não vou viver na casa dele,
 57. ...ele não vai me dar a casa de graça
 58. ...então,
 59. ... ele disse que ele tem chave da porta, [FC:AmFO]
 60. **e que ele entra::** [Emp:EL]
 61. E2: **a hora que quer,** [Compl]
 62. **.. sai a hora que quer** [Emp:R+]
 63. V7: **isso** [Emp: AC]

No trecho acima, os enunciados (l. 56-60) de V2 indiciam uma manifestação de elicitación empática, cuja resposta positiva é obtida de E2 por meio da complementação do enunciado iniciado por V2 (l. 61, 62), a qual demonstra aceitação na linha 63. Ademais, podemos inferir que seu discurso também constitui uma ação de ameaça à face do agressor, que serve como um instrumento de preservação da imagem que V2 reivindica para si nessa situação.

Além dessas declarações, no tópico seguinte, V2 prossegue mantendo sua face, enquanto fornece mais argumentos para ameaçar a face de seu ex-companheiro.

4.2.4 Tópico discursivo “marido não provedor”

A centração desse tópico consiste no fato do acusado não contribuir para o sustento da casa, o que demonstra ser a maior queixa de V2. Conforme já mencionamos, a esse respeito, Jamison (2011), que estudou a conceitualização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal, concluiu que MARIDO NÃO PROVIDOR representa um dos elementos do MCI de VIOLÊNCIA CONJUGAL OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA. Desse modo, entendemos a importância dada por essa vítima a esse elemento cultural quando o relata à E2, como forma de elicitación empática.

68. V2 ... agora ele não tá mais trabalhando
 69. ...então **eu tenho** [Ava -]que
 70. **... que sustentar** [Ava-] [Meta] [EsqIm:Vert] [FC:AmFO]
ele porque
 71. ... ele não compra --
 72. ... não compra uma farinha
 73. ... ele se acorda onze,
 74. ... quando chega já tem almoço pronto

75. ... tem sopa,
 76. ele toma café::,
 77. **depois ele vai** - - [Emp: EL]
 78. E2: →**lógico** [Evi+] **que a senhora não quer ele mais lá,**
 79. **né isso?** [Emp: D]
 80. **...né assim:?** [MD Aprov]
 81. V2: é,
 82. **eu não quero ele mais lá** [Paraf]
 83. **... mas ele diz que ele entra** [EsqIm:D-F] **a hora que ele BEM:: quiser**
 84. **porque::**
 85. **...a metade [da casa é dele]** [Fc:PPF] [Fc:PFO]

Como é de notar, V2 sente-se muito frustrada com a situação, conforme percebemos quando diz “(...) eu tenho que sustentar ele (...)” (l. 69, 70). Aqui, podemos verificar a existência da metáfora conceitual SUSTENTAR É PROVER, cujos esquemas de imagem subjacentes são os de VERTICALIDADE e FORÇA (JOHNSON, 1987). Salientamos que esses recursos linguístico-cognitivos são imprescindíveis para ajudar na construção de sua face, que nesse caso é de alguém exerce força em sentido vertical para “impedir que alguém caia”.

Todo esse trecho (l. 68-77), enunciado por V2, serve como uma ameaça à face de seu ex-companheiro e ajuda a ratificar a face que vem sendo construída no decorrer na interação, que funciona como mais uma elicitación empática, cuja resposta empática positiva vem por meio de um assalto de turno de E2, precedido por um dispositivo de evidencialidade positiva (“lógico”), o qual, segundo Caffi (2007), regula os níveis de confiança em relação a tópicos específicos, a interlocutora (l. 78). Desse modo, a impositividade trazida pela unidade discursiva “lógico” sugere que a opinião pessoal de E2 está implicitamente sendo revelada: a de “que ela não deveria mais querê-lo lá”, mesmo que existam marcadores de abrandamento “né isso?” e “né assim?” (l. 79, 80), que servem para diminuir a impositividade da asserção (l. 78)

Embora confirme o que E2 havia lhe perguntado em forma de uma *reformulação parafrástica* (HILGERT, 1999) (l. 83), que funciona como uma mecanismo de alinhamento com o interlocutor, V2 faz uso de uma conjunção concessiva “mas”, indicando uma certa contradição à resposta dada anteriormente, uma quebra de expectativa (l. 82), o que nos faz inferir que o uso da paráfrase serve para promover maior envolvimento e alinhamento com a interlocutora para, em seguida, fornecer um argumento contraditório (l. 83). Inferimos, então, que V2 agora demonstra movimentos de proteção não apenas de sua própria face, mas de seu ex-marido também (l. 82-85).

O trecho compreendido entre as linhas 82 e 297 consiste na coleta dos dados pessoais de V2 e em outras conversas paralelas que não nos interessam para a análise, portanto, demos um “salto” ao tópico que se refere ao esclarecimento dado por E2 sobre as opções de V2, assim como das implicações do requerimento das medidas protetivas.

4.2.5 Tópico “*esclarecimento sobre as medidas protetivas e suas consequências*”

Ressaltamos a importância desse TD, pois é durante o esclarecimento das implicações e consequências dos mecanismos de enfrentamento de violência⁷¹ que as vítimas, muitas vezes, demonstram hesitação e até desistem de ir adiante com o pedido de medidas protetivas e com o processo de representação contra o acusado. Assim, esse segmento, apesar de longo, é elucidativo e rico em manifestações linguísticas que denotam insegurança por parte da declarante em relação à qual decisão tomar contra seu agressor.

Como já percebemos no último tópico (l. 79), E2 começa a fornecer indícios de falta de empatia pelo acusado, tendo em vista todas as declarações feitas por V2 para ameaçar a face do ex-companheiro. Aqui, podemos observar que, embora E2 faça uso de atenuadores que provoquem implicitude de sua opinião, há uma expectativa de E2 de que a declarante peça as medidas protetivas dessa vez. E2 fornece esclarecimentos sobre os procedimentos possíveis e cabíveis à V2, de modo a prover informações que orientem sua decisão de sanar o problema e não apenas protelar a tomada dessa decisão, como fez na outra ocasião em que registrou queixa contra o mesmo acusado e optou apenas pela conversa, chamada de “audiência”.

No fragmento abaixo, percebemos mais claramente que a linha de conduta (GOFFMAN, 1986) assumida por E2 demonstra, por meio de atos verbais, sua visão da situação, assim como sua avaliação à respeito da vítima, mesmo que não tenha a intenção de fazê-lo.

298. E2: A senhora quer que eu chame ele **de novo**[Qua+][Esp+] [FC:AmF] aqui?
299. .. ou a senhora **quer** [Prox+] pedir
300. a medida protetiva de urgência à juíza?
301. “que é isso”?
302. ... **a gente** [Prox+] **faz** o pedido desse documento,
303. pra **juíza** determinar o afastamento dele da senhora [Prox+] [FC:AmFO]
304. ... em que ele::
305. ... não **pode** mais [Prox+]entrar **na casa** [Esp+],

⁷¹ Conforme Lei Maria da Penha, no. 11.340/2006 do CP, Artigos 7-11.

306. ... ele não **vai** [Prox+] [Evi+] poder lhe importunar
 307. .. ele não **vai** [Prox+] [Evi+] poder ligar,
 308. .. não **vai** [Prox+] [Evi+] poder ter nenhum tipo de comunicação
 309. ... SE acontecer alguma coisa desse tipo- -
 310. a senhora com **esse** [Prox+] documento que a gente **vai** [Esp+] entregar
311. ... OU dependendo da situação,
 312. ele também **vai tomar** [Prox+] CIÊNCIA,
 313. e **vai assinar** [Prox+] o mesmo documento,
 314. que **a juíza vai mandar-** - [EsqIm:F]
 315. se ele DESCUMPRIR [Qua+],
 316. ... **vai acarretar** pra ele a prisão dele [Vol-] [EsqIm: RemBloq] [FC:AmFo]
 317. ... “como assim”?
 318. **a juíza** [Prox+] [Meto] **foi** [Pro+] á,
 319. achou ele- -
 320. ...mas **tá com medida protetiva** [Meto]
 321. aí, ((nesse momento entra alguém na sala e pede o controle do ar condicionado))

No trecho acima, percebemos que é bastante didática a maneira como E2 explica à declarante as implicações do requerimento das medidas protetivas. Contudo, mesmo mantendo uma *orientação defensiva* (GOFFMAN, 2011, p. 15) para preservar a face institucional, de natureza imparcial, seu discurso tem marcas de falta de empatia em relação ao acusado, pois, de forma implícita, E2 manifesta em seu dizer uma certa sugestividade em relação à qual decisão V2 deveria tomar: o pedido das medidas protetivas. Além disso, representa uma ação de ameaça à face do agressor.

Ainda na linha 298, verificamos que “de novo” funciona como um dispositivo de quantificação e de especificidade. Ao dizer “de novo”, cujo uso seria dispensável nessa oração, há um indício de intensidade e de clareza, cuja finalidade é provocar um desconforto em V2, visto que ela já recorreu a esse recurso anteriormente e não adiantou. Consideramos que esses recursos linguísticos estão relacionados com medidas de preservação de face da própria locutora, E2, cujo papel não é o de indicar qual a medida deve ser tomada pela declarante, mas esclarecê-la, de forma imparcial, sobre suas alternativas.

Na linha 299, o uso de “quer”, ao invés do uso do pretérito imperfeito “queria” denota que se trata de um dispositivo de proximidade temporal positiva, ou seja, aproximando essa opção da realidade, o que indica um maneira de favorecer essa escolha. Verificamos dois dispositivos de proximidade: um social “a gente”, que denota indeterminação do sujeito do enunciado, e outro temporal “faz” (l. 302). O primeiro denota proximidade, pois é inclusivo, ou seja, compreende a locutora, a interlocutora e a própria instituição policial. Já o segundo,

“faz”, por estar no presente do indicativo, caracteriza um evento imediato e “próximo” aos interactantes.

Nessa mesma perspectiva, entre as linhas 305 e 308, também encontramos dispositivos de proximidade temporal que agem de modo a “atrair” esses eventos que hipoteticamente ocorreriam, caso fossem requeridas as medidas protetivas e se houvesse descumprimento do agressor a uma realidade mais próxima.

Ainda em (l. 305), percebemos que E2 usa “na casa” para tratar da residência da declarante, o que consiste em um dispositivos de especificidade, o qual cumpre a função de clareza, também aproximando essa decisão à realidade da vítima.

Outra forma na qual E2 faz alusão à primazia das medidas protetivas em relação à audiência é quando faz referência ao sistema judiciário como “a juíza” (l. 303), o que também sinaliza o uso de um *marcador de proximidade de social*, exercendo a função de “regulador de distâncias metafóricas pessoais e interpessoais” (CAFFI; JANNEY, 1994, p. 356). Ou seja, de um certo modo, ao se referir à instância judicial por meio desse dispositivo, “juíza”, E2 promove uma aproximação, de modo a naturalizar a questão.

Após alertar V2 sobre as determinações das medidas protetivas (l. 305-308), E2 chama a atenção da declarante para as consequências do descumprimento para o acusado. Na linha 310, refere-se ao deferimento das medidas protetivas como “esse documento”, no qual percebemos o uso de um dispositivo de proximidade espacial, “esse”, ajudando a construir uma ideia de um evento real, próximo. Essa ideia de que a situação é real e que pode se concretizar é ratificada pelo uso do futuro do presente “vai entregar” (l. 310), que consiste em outro dispositivo de proximidade temporal, assim como no trecho entre as linhas 312 à 314 e na linha 316.

Ainda na linha 314, é possível perceber um esquema de imagem de FORÇA subjacente à expressão “a juíza vai mandar”, referindo-se à assinatura que será requerida do acusado após o deferimento do pedido.

É importante observar como E2 abrandou a forma em que faz menção à possibilidade do acusado ser preso (l. 315, 316). Primeiro, ela faz uso de um dispositivo de quantificação positiva, ao aumentar o tom de voz quando fala “descumprir”, ao qual, em seguida, atribuirá o caráter de agente da ação “prender”. Todo esse trecho (l. 315, 316) é considerado um dispositivo de menor volitividade, que, conforme já mencionamos, diz respeito às estratégias discursivas para variar os níveis de assertividade do falante *vis-à-vis* seu interlocutor (CAFFI; JANNEY, 1994). Logo, esse recurso manifesta uma forma atenuadora da objetividade da atribuição de um suposto agente à possível prisão do ex-companheiro: o descumprimento de

Mesmo tendo feito uma longa explicação sobre as implicações do requerimento dessa medida para o ex-companheiro, assim como as condições que o fariam ser preso, V2 não faz inserções de turno e escuta E2 atentamente, dando a ela o consentimento de permanecer com o turno de fala. Assim, conforme vemos acima (l. 322-330), E2 ratifica que o acusado só seria preso caso não cumprisse o que foi determinado. Embora seja essa a mensagem dos enunciados, é possível verificarmos o uso de dispositivos emotivos que, de certo modo, não somente servem para atenuar os sentidos, mas também ajudam a preservar a face da locutora e atenuar uma possível ofensa à V2, que poderia ficar constrangida se a mensagem fosse proferida de forma mais direta.

No trecho que compreende (l. 323-325), observamos o uso do dispositivo de menor especificidade em quatro ocasiões:

- 1) Na linha 323, “fazer” é usado como recurso de vagueza onde poderia ter sido dito, por exemplo, “pedir as medidas protetivas”;
- 2) Na linha seguinte (l. 324), como forma de imputar menos clareza, é dito “o problema é” no lugar de “ele só seria preso se”, por exemplo;
- 3) Na linha 325, ao invés de referir-se ao acusado pelo nome, ou até mesmo pelo pronome pessoal, uma metonímia é usada: “**o nome** dele”. Aqui, apenas parte do aspecto experiencial, o nome, é mencionado para representar o todo: o próprio acusado. Nesse trecho, é manifestada uma ação de ameaça à face do agressor;
- 4) Ainda na mesma linha (l. 325), notamos que “precisa ser acionado” também funciona como um dispositivo de menor especificidade, pois, a menos que estejamos acompanhando o desenvolvimento dessa interação, não fica claro o que isso significa.

Para entendermos melhor o uso desses recursos, vale retomar que a definição dada por Roulet de atenuadores (1981 *apud* ROSA, 1992, p. 21), embora se insira na perspectiva de marcadores de atenuação e não de dispositivos emotivos, se enquadra nos mesmos aspectos desse estudo: “ (...) são formas cuja função é “diluir” o conteúdo ou a força ilocucionária de uma intervenção a fim de atenuar a ameaça potencial”. Em outras palavras, E2 busca “aliviar” certos termos em seu discurso que têm o potencial de constranger a ex-companheira, visto que não se sabe se ela ainda o ama e se realmente deseja vê-lo preso, o que também pode ser considerado como um movimento de empatia em relação à interlocutora.

Isso posto, podemos inferir que o emprego desses recursos linguísticos por E2 funcionam como elaboração de face e podem estar relacionados a formas de manter um equilíbrio do ritual dessa interação, na medida em que neutralizam ameaças à face tanto da locutora, como de sua interlocutora.

Na linha seguinte (l. 326), E2 monitora a interação e checa se sua interlocutora está acompanhando sua fala por meio de um marcador de monitoramento “não é”. Como resposta, V2 fornece um marcador de assentimento (l. 327), indicando que sua interlocutora pode permanecer com o turno de fala. Com isso, no trecho seguinte, é possível observarmos a continuação desse movimento de abrandamento no discurso de E2:

333. até o ANO PASSADO,
 334. **...o nome** [Meto]**do homem** [Esp-] **já ficava sujo** [Meta]
 335. **.. com esse documento** [Esp-]
 336. **e hoje** não, [Prox+]
 337. **...entendeu?** [MD: Mon]
 338. ...hoje,
 339. **fica sujo** [Meta] **se a senhora processar** [Esp-]

Conforme já mencionamos, muitas mulheres não vão à DEAM ou até desistem da ação contra os acusados de violência conjugal por não quererem que os nomes deles fiquem “sujos”, ou seja, que seus nomes entrem no registro de antecedentes criminais. E por saberem disso, é que as escritãs informam às vítimas que isso não ocorre mais.⁷²

Na linha 334, mais uma vez, é usada a metonímia “nome” para falar do próprio acusado. Logo, ao dizer: “o nome do homem” vemos um duplo uso do recurso de menor especificidade, em “nome” e em “homem”, pois não há referência direta ao ex-companheiro da declarante, mas à coletividade, o que pode gerar um certo distanciamento emocional, uma ideia de normalidade, de E2 em relação à sanção aplicada mediante descumprimento.

Nesse fragmento, vemos que, novamente, além de uma metonímia (nome pela pessoa), a metáfora da Essência Moral (LAKOFF; JOHNSON, 1999) subjaz à expressão “nome sujo”, dita na linha 334. Como já mencionamos, as metáforas MORALIDADE É LIMPEZA e IMORALIDADE É SUJEIRA estruturam essa expressão, pois não é ao nome que é atribuída a imoralidade, mas à essência do acusado.

Ao se referir à medida protetiva (l. 335), E2 usa “esse documento”, que funciona como um dispositivo de menor especificidade, porque, embora esteja claro a qual documento estejam se referindo, ainda assim, não é dito com clareza por E2.

Quando explica que atualmente o pedido das medidas protetivas não significa necessariamente registrar o acusado em antecedentes criminais (l. 336-339), E2 usa um dispositivo de proximidade espacial “hoje”, que serve para aproximar sua interlocutora do que está sendo proferido que, nesse caso se trata de uma notícia confortante para quem não tem o desejo de “sujar o nome do marido”. Essa declaração é seguida de um marcador de

⁷² Até o ano de 2013, na petição feita pelo Ministério Público para requerer as medidas protetivas, era narrado fato/crime de ação pública incondicionada em tese, da qual o juiz ou promotor poderiam determinar instauração de inquérito policial contra o requerido, cujo nome, a partir daí, teria antecedentes criminais. (AMARAL, 2014).

face de sua interlocutora, ao agir com discrição e tato. Por meio de um marcador de assentimento, V2 indica envolvimento, mas não manifesta pedido de turno de fala, dessa forma, incentivando E2 a prosseguir.

Na linha 359, usa um dispositivo de maior quantificação ao aumentar o tom de voz quando refere a dar ao acusado uma segunda oportunidade para uma conversa, insinuando uma advertência, o que denota uma falta de empatia em relação ao agressor, além de ser uma ameaça à face de V2 e de seu ex-companheiro.

Na linha seguinte (l. 360), percebemos um esquema imagético ORIGEM-PERCURSO- META subjacente à expressão “partir pra isso”. Por se tratar de uma decisão diferente da anterior, essa metáfora sugere um novo direcionamento/caminho, logo, uma nova oportunidade.

Com o ultimato, a face de V2 é ameaçada, pois a linha construída durante toda a interação sofre uma ofensa incidental (GOFFMAN, 2011, p. 21), de caráter não planejado, mas que ocasiona uma perda de face em V2 e, conseqüentemente, constrangimento. Segundo Goffman (2011, p. 96), o constrangimento ocorre pois há uma ruptura com a imagem reivindicada para si e “tem a ver com a figura que o indivíduo representa diante dos outros considerados presentes naquele momento”.

Desse modo, V2 tem sua face ofendida, pois a linha reivindicada desde o início é ameaçada. Então, V2 dá indícios de constrangimento quando em (l 361-365) sinaliza marcas de perturbação emocional (GOFFMAN, 2011), ao apresentar uma fala hesitante, trêmula e entrecortada: a) hesitação e prolongamento de vogal (l. 361); b) hesitação e marca de dificuldade de planejamento verbal (l. 362) e c) anacoluto (l. 363).

Mesmo hesitante, V2 inicia movimento de preservação da face do outro, quando sugere à E2 chamar o acusado para outra conversa (l. 364), por meio de dispositivo de menor evidencialidade, pois aborda de forma indireta (por meio da partícula “se ” para indicar indeterminação e possibilidade) sua decisão: “se chamar pra uma conversa (...)”.

Logo em seguida, E2 faz um assalto ao turno à fala de V2 para alertá-la que, caso ele retornasse para uma conversa, ocorreria o mesmo que já havia sido feito anteriormente (ao falar isso mostra o antigo BO à V2). Com discrição, na linha 366, E2 alerta para a possibilidade de novas ameaças, usando três dispositivos emotivos:

- 1) Menor especificidade (“jeito”): denota vagueza, pois não discrimina qual o jeito;
- 2) Menor especificidade (“viu”): indica vagueza e ambigüidade, pois se refere não apenas ao que V2 viu acontecer, mas ao que ela percebeu/compreendeu (estruturado pela metáfora conceitual COMPREENDER É VER) que não adiantava apenas a conversa, pois poderia ocorrer tudo novamente;

- 3) Maior aproximação espacial (“aqui”): sugere proximidade metafórica física em relação aos fatos narrados no boletim antigo.

Como vimos, embora E2 tenha tentado, por meio de implicitude e empregando a discrição, seu discurso é tomado por marcas de abrandamento, cuja função vai desde a preservação de faces (a sua e a de sua interlocutora) a movimentos empáticos desfavoráveis em relação ao agressor. Contudo, percebemos que manifestações de ameaça à face de sua interlocutora e do agressor estão presentes do decorrer no TD.

4.2.6 Tópico discursivo “decisão de V2: desistência de pedir medidas protetivas”

É necessário que seja dada a sequencialidade do BO. Embora sua face esteja sendo ameaçada, V2 precisa informar qual decisão irá tomar para assegurar sua integridade física e psicológica. Assim, E2, que nesse momento já percebeu a resistência de V2 em pedir as medidas, presume que a decisão de V2 é de chamá-lo à DEAM e, assim, pede que ela confirme (l. 373-375). Ressaltamos que essa ação indicia um movimento de doação empática de E2 em relação à V2. Tais enunciados também aludem às seguintes ações de elaboração de face (l. 373-375):

- 1) Uma de orientação defensiva: a interlocutora conserva sua face social, considerando que empregou de modo implícito indicadores de sua posição pessoal;
- 2) Outra de orientação protetora: a interlocutora preserva a face de V2, na medida em que antecipa sua resposta, poupando-a do constrangimento e poupando sua face;
- 3) Ameaça à face de V2: pois, embora tivesse agido com discrição, procurando poupar V2 do constrangimento, o pedido de confirmação é contingencial, podendo gerar na interlocutora um acanhamento e uma perda de face.

372. E2: e aí?
 373. vou chamar ele aqui? [Fc:PPF] [Fc:PFO] [Fc: AmF] [Emp:D]
 374. ...tentar mais uma vez, [Fc:PPF] [Fc:PFO] [Fc: AmF] [Emp:D]
 375. né? [MD: Mon] [Emp: D]
 376. (3..0)... aí depois, [Emp:R+] [Fc:PFO] [Emp:D]
 377. vai lá na defensoria, [Fc:PFO] [Emp:D]
 378. vai logo se informando [Fc:PFO] [Emp:D]

Mesmo usando um marcador de pedido de confirmação, de assentimento, (l. 375), a resposta de V2 à E2 é um silêncio de quase 3 segundos, interpretados por E2 como uma confirmação. Desse modo, E2 continua com o turno de fala, no qual ela faz a inserção de um novo subtópico “ajuda judicial” (l. 376-378), exercendo uma “manobra protetora”

trecho é seguido pelo elicitador de apoio/empatia “né”, cuja resposta é negativa (l. 391-392) . No entanto, ao fazer a seguinte previsão: “a senhora vai ver que ele vai continuar lhe importunando” (l. 392), E2 indicia um movimento de doação empática em relação à V2, pois faz um aconselhamento.

4.2.7 Panorama da interação entre V2 e E2

A interação entre V2 e E2 apresenta padrões, até certo ponto, similares à interação anterior, pois, assim como V1, a segunda vítima também não tem interesse em requerer as medidas protetivas. Nas duas situações, a violência é reincidente e ambas as vítimas já haviam registrado queixa, embora resistam pedir providências legais mais severas contra seus algozes.

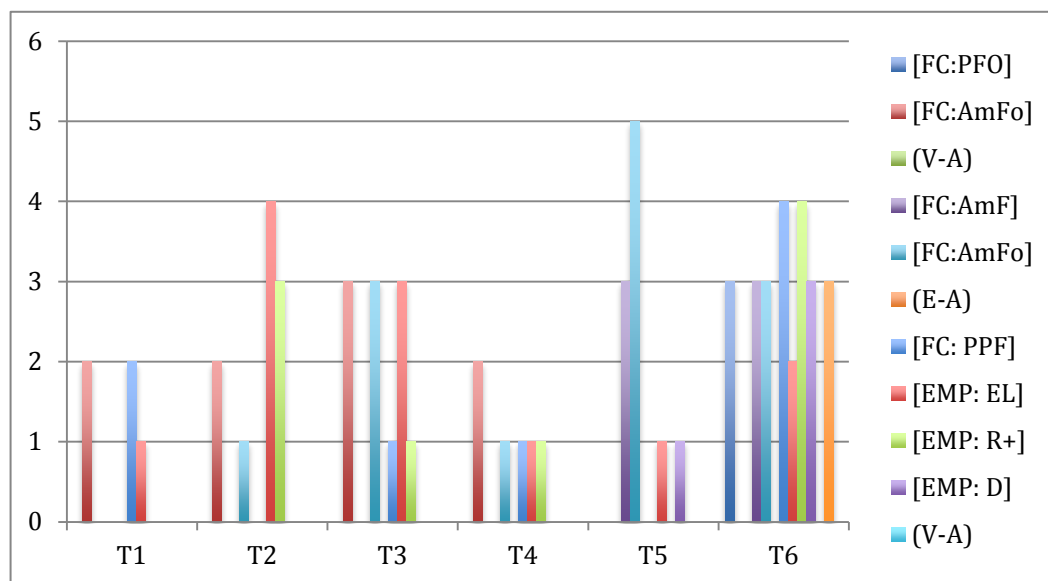
Assim como fizemos na interação anterior, também esboçamos uma tabela contendo as das ocorrências de indícios empáticos e trabalhos de faces nessa interação para demonstrar o modo como as ações assumem mudanças durante o percurso discursivo e com o intuito de facilitar a compreensão do gráfico.

Tabela 2: Movimentos de empatia e de elaboração de faces na interação entre V2 e E2

	T1	T2	T3	T4	T5	T6
[FC:PFO]	0	0	0	0	0	3
[FC:AmFo] (V-A)	2	2	3	2	0	0
[FC:AmF]	0	0	0	0	3	3
[FC:AmFo] (E-A)	0	1	3	1	5	3
[FC:PPF]	2	0	1	1	0	4
[EMP: EL]	1	4	3	1	1	2
[EMP: R+]	0	3	1	1	0	4
[EMP: D] (V-A)	0	0	0	0	1	3
[EMP: D] (E-V)	0	0	0	0	0	3

Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico a seguir representa as ocorrências referentes à tabela anterior e demonstra a oscilação dos movimentos empáticos, assim como dos trabalhos de faces na interação entre V2 e E2 no decorrer dos TD.

Gráfico 2: Panorama da interação entre V2 e E2

Fonte: Elaborado pela autora

Verificamos, pelo números de ocorrências, que, como forma de preservar sua face, V2 manifesta ações de ameaça à face do ex-companheiro [FC:AmFO(V-A)], também demonstrada na cor vermelha no gráfico, nos quatro primeiros TDs (TD1 “motivo do retorno do ex-companheiro à casa, TD2 “motivo do BO, TD3 “violência psicológica” e TD4 “marido não provedor). Destacamos que essa ação é acompanhada por manifestações de elicitación empática [EMP:EL], conforme podemos observar no gráfico na cor laranja. Outro dado expressivo é ocorrência de resposta empática positiva [EMP:R+] de E2 em relação à elicitación de V2, que pode ser verificada na cor azul no decorrer de toda a interação. Contudo, a [EMP:R+] é observada em maior intensidade no TD2, quando V2 narra à E2 pelo que está passando.

Lembramos que os quatro TDs iniciais estão centrados na narração de V2, nos quais os motivos que a conduziram à DEAM e a descrição da violência sofrida são expostos. Percebamos que à medida em que os TDs se desenvolvem e que V2 descreve mais detalhadamente as ações do ex-companheiro à E2, surgem manifestações no dizer de E2 não apenas de [EMP:R+], como também de ameaça a face do agressor [FC:AmFO (E-A)], demonstrados abaixo pela cor lilás. É justamente no TD5, onde E2 esclarece sobre as medidas protetivas e suas consequências, que as manifestações de [FC:AmFO (E-A)] se intensificam. Logo, inferimos que essa ação de E2 indicia uma falta de empatia em relação ao agressor.

Um movimento inversamente proporcional pode ser detectado no TD5 (“esclarecimento sobre as medidas protetivas e suas consequências ao agressor”) e TD6 (“decisão de V2: desistência de pedir medidas protetivas). Notamos que ações de [EMP:EL]

por parte de V2 aumentam, juntamente às manifestações de [EMP:D] em relação ao agressor. Ou seja, quando é chegada a hora de demonstrar que, de fato, não irá requerer as medidas protetivas, apenas deseja chamá-lo para uma conversa, V2 manifesta ações de [EMP:EL], [EMP:D], [FC:PPF]. Esse movimento empático de V2 em relação ao agressor pode ser ratificado pela ausência de manifestações de [FC:AmFO(V-A)] nos dois últimos TDs.

Lembramos que, E2, mesmo havendo demonstrado ações de desaprovação em relação à conduta do agressor, por meio de [FC:AmFO (E-A)], ao final, ela sinaliza resposta empática positiva em relação à solicitação de V2 e de doação empática [EMP:D] direcionada à V2.

4.3 A interação de V3 com E3

A terceira declarante, uma senhora de quarenta e dois anos, V3, traz no colo um menino com aproximadamente 2 anos de idade, filho do agressor, e parece bastante familiarizada com o procedimento de confecção de BO, pois já havia registrado várias queixas na mesma DEAM contra o ex-companheiro. No entanto, mesmo já tendo requerido as medidas protetivas de urgência, V3 continua a receber ameaças dele. Dessa vez, ela retorna à DEAM pois o ex-companheiro, apesar da determinação judicial que recebeu de manter distância da declarante, continua ameaçando-a e agredindo-a verbalmente por meio dos familiares da vítima.

A escritvã que a atende é estudante de Direito e demonstra-se inconformada, pois o agressor aproveita-se do fato de que a medida protetiva não o proibia de se aproximar dos familiares da vítima, apenas da própria, para dar continuidade às perseguições. Diante disso, V3 é aconselhada a voltar ao juizado especial e requerer uma retificação de medida protetiva.

4.3.1 Tópico discursivo: “retorno à DEAM”

Por meio da expressão “dar uma parada” (l. 2), V3 se refere ao intervalo temporal no qual ela não sofreu ameaças do ex-companheiro, indiciando o uso de um dispositivo de menor intensidade, pois tem valor semântico diferente de “ele havia parado”, por exemplo. Podemos dizer que “uma parada” representa uma parte do todo “parar”, logo, uma metonímia, que podem ser identificadas em outras expressões, comuns no Português informal, como em “dar uma lida”, “dar uma olhada” etc., que são comuns no Português informal

Quando começa a narrar o dia em que as ameaças recomeçaram, V3 usa um dispositivo de maior quantificação (l. 6), cuja atribuição de maior intensidade introduz as descrições das atitudes do agressor no dia da última ameaça, ao mesmo tempo em que

elicitam empatia da interlocutora, a qual reage positivamente por meio de um turno inserido com função de desenvolvimento de tópico (GALEMBECK, 1999).

Assim, quando qualifica o evento como “horrível” (l.6), atribui uma conotação negativa à ação do ex-marido, logo, manifesta uma ameaça a face dele.

1. V3: Bem,
2. ...ele **tinha dado uma parada** [Quan-] [Meto] porque
3. ...tinha acalmado,
4. só que domingo,
5. dias das mães,
6. ...**foi horrível** [Quan+] [Emp:EL] [FC:AmO]
7. E3: →**é seu marido?** [Emp:R+]
8. V3: é
9. ...ex-marido
10. ...**tá aqui os BO,**
11. **a protetiva,**
12. **que eu já tenho** [Emp:EL]
13. E3: **você tem uma protetiva?** [Meto/Meta]
14. V3: **TENHO** [Quan+]
15. [...tenho **tudo**] [Quan+]
16. E3: [deixa eu ver]
17. V3: isso aqui é **tudo** [Quan+] é daqui,
18. Esse pacotinho aí ((entrega envelope com documentos à escritã))
19. E3: ((escrivã passa os olhos sob os documento rapidamente))
20. ...**e ele não tem jeito,**
21. **né?** [EMP:R+] [FC:AmFO]
22. V3: [**não**] **tem jeito** [EMP: Ac]

Quando é informada que já havia sido deferida uma medida protetiva em favor dessa mesma declarante, o que representa uma elicitación empática, E3 retoma esse segmento já formulado por V3 (l. 13) em forma de paráfrase, como pergunta confirmativa, gerando uma descontinuidade no fluxo formulativo em andamento de sua interlocutora, com vistas a solicitar esclarecimento sobre o segmento parafraseado, o que sinaliza uma resposta empática positiva.

Nesse mesmo enunciado (l. 13), é possível verificar um *continuum* metonímia-metáfora, pois, na verdade, quem tem a medida protetiva é o acusado e não V3, o que pode gerar ambiguidade. Desse modo, entendemos metonimicamente que “protetiva” está por “deferimento de uma medida protetiva em favor da declarante”, da qual surge a metáfora MEDIDA PROTETIVA É UM ESCUDO, razão pela qual E3 não entende como ela ainda sofre ameaças, pois está sob a proteção desse “escudo”. Tal indagação de E3 suscita uma resposta em E3 formulada a partir de um dispositivo de maior intensidade: o aumento do tom de voz (l. 14), o que dá continuidade aos movimentos de elicitación empática, que são

ratificados pelo uso de outro dispositivo de maior intensidade: “tudo” (l. 15), que se repete em (l. 17).

Mais uma vez, E3 responde positivamente à elicitación empática, contudo, agora indicia a manifestação de *empatia complexa* (LEWIS; HODGES, 2012), pois recorre às próprias representações mentais, suas experiências e seu conhecimento de mundo para simular como sua interlocutora estaria se sentindo e o que ela estaria pensando: “ele não tem jeito, né?”(l. 20-21). Ao dizer isso, E2 sinaliza não apenas uma ação de resposta empática favorável à V3, como também faz uma manifestação de ameaça a face do outro. Em seguida, a aceitação da doação empática de E3 vem em forma de repetição na fala de V3 (l. 22), indicando concordância em alinhamento.

4.3.2 Tópico discursivo: “última agressão sofrida”

Após ter revelado que já havia feito o BO antes, E3 pede que a declarante relate detalhes sobre sua última ameaça sofrida.

95. V3: ...quando foi domingo,
 96. o meu irmão levou meu menino
 97. com um rapaz,
 98. ...que já é até um senhor,
 99. com ele
 100. aí,
 101. **como na juíza** [Meto] é ele que leva--
 102. só que ele **pirou** [Qua+] [Ava-] quando ele viu o **homem** [Esp-]
 103. ...**as barbaridades** [Qua+] que ele disse
 104. ...**faz é nojo** [Meta] [FC: AmFO] [EMP:EL]

V3 explica que, domingo, seu irmão, que é responsável por levar o filho do casal até o pai para visitas, tinha em sua companhia “um rapaz” (l. 97), o que gerou uma reação negativa no acusado (l. 102). Inferimos por esse trecho que o ex-companheiro pode ter sentido ciúmes por não saber quem era o “rapaz” que fazia companhia ao irmão da vítima no momento de entregar a criança ao pai. V3 explica, por meio da metonímia “na juíza” (l. 101), que se trata de uma determinação judicial para que o tio fique responsável em levar o menor ao pai em dias de visitas. Entendemos, metonimicamente que, “na juíza” está por “na determinação da juíza”, ou seja, “quem determina” pela “determinação”.

Em seguida, V3 lança mão de quatro tipos de dispositivos emotivos no mesmo enunciado (l. 102):

- 1) “pirou” funciona como um dispositivo de maior intensidade e menor avaliatividade, usado para descrever a reação do ex-marido, indicando uma ação de elicitación empática;

2) “o homem” é usado como dispositivo de menor especificidade e menor proximidade social, termo usado por V3 para ratificar sua distância social em relação a ele, além de indicar baixo grau de envolvimento.

Ainda na descrição da reação do ex-companheiro ao encontrar “o homem”, V3 acrescenta que ele disse “barbaridades” (l. 103), que funciona como um dispositivo de maior intensidade, enfatizado pela própria posição sintática de destaque em que aparece nessa oração, o que representa o uso de um dispositivo do tipo: marcador de ordem seletiva de proximidade. Logo, ao qualificar negativamente as atitudes de seu ex-marido (l. 103, 104), V3 sinaliza uma ameaça à face dele, o que também indicia uma ação de elicitación empática.

4.3.3 Tópico discursivo: “violência sofrida”

O subtópico sobre “violência psicológica” que se desenvolve nesse trecho é introduzido a partir da pergunta de E3 na linha 105, cujo desenvolvimento é prejudicado quando V3 ainda faz menção ao que havia ocorrido no dia em que o ex-companheiro disse “barbaridades” (l. 103) sobre ela a seu irmão (l. 95-104). Assim, dá prosseguimento à ameaça de face do agressor, ao chamá-lo de “cabra véi”, que funciona como outro dispositivo de menor avaliatividade, seguido por um recurso de maior proximidade social (l. 108), o qual consideramos um mecanismo de alinhamento social com sua interlocutora, facilitando a elicitación empática.

Na linha 109, E3 faz uma inserção de turno com função referencial (GALEMBECK, 1999), usa um dispositivo de menor proximidade social, “senhora”, a fim de promover o desenvolvimento tópico. Como já mencionamos em outros momentos, é necessário avaliar se a vítima corre risco de morte, por isso, E3 faz a pergunta em (l. 109), a qual é estruturada por um esquema imagético de ORIGEM-PERCURSO-META, do qual inferimos que o ato de ameaçar consiste em um dos pontos críticos do PERCURSO, um espaço físico, um “ponto próximo à chegada”, a qual seria a agressão física, ou até mesmo um tentativa de homicídio. Desse modo, nesse contexto discursivo, essa metáfora sinaliza também que outras etapas da violência já “foram percorridas”. Assim, consideramos que na expressão metafórica “chegar a ameaçar” subjaz a metáfora conceitual AMEAÇAR É CHEGAR PERTO DA META.

Apesar de não ter sofrido ameaças diretas, V3 na linha 111, relata outro fato que, pra ela, representa uma ameaça. Observamos um recurso metonímico (l. 111) “na minha esquina”, para ressaltar uma proximidade espacial, logo, uma ameaça. Entendamos, pois, que, metonimicamente, “na minha esquina” está por “na esquina próxima à minha casa”. Essa acusação é seguida por um marcador de elicitación empática (l. 113), que vem em forma de

uma pergunta retórica, um pedido de confirmação, o qual recebe um resposta empática positiva (l. 114)

105. E3: ele te esculhambou?
 106. V3: **o cabra véi** [Ava-] [FC:AmFO]
 107. ...**de 54 anos**,
 108. [**mulher**] [Prox+]
 109. E3: [mas ele] **chegou a ameaçar a senhora** [Prox+]? [EsqIm:OPM] [Meta]
 110. V3: não
 111. ...ele botou um cara na **minha esquina** [Meto] [Prox+]
 112. ...pra observar todo o movimento da minha casa
 113. ...**ele tem esse direito?** [Emp:EL]
 114. E3: **não** [Emp:R+]

Na linha 118, é usada uma metonímia na expressão “viver a vida toda”, na qual “o resto da vida” constitui a parte e “a vida”, o todo. Essa expressão representa um dispositivo de maior quantificação, pois intensifica a força ilocucionária de todo enunciado (l. 118-119).

Quando, em forma de pergunta, V3 faz referência ao ex-companheiro como “uma criatura” (l. 120), a ele é atribuído um valor negativo, indiciando que V3 deseja mostrar para sua interlocutora uma distância social (e afetiva) em relação ao referido, além de indicar uma elicitación empática, o que também ocorre em (l.121). Em seguida, usa um dispositivo de maior proximidade social (l. 122), o que denota mais uma manifestação de elicitación empática, antecedida por revelações de que o acusado não provê o sustento do próprio filho (l. 120-121), que revela mais uma ação de ameaça à face do agressor.

O trecho entre as linhas 124 e 125, há indícios de marcas de dificuldade de planejamento verbal, marcado por hesitações, repetições e prolongamentos de vogal, que antecedem a revelação de que ela tem medo que seu filho e seus irmãos se envolvam na desavença, o que poderia “acabar com sua família”. O verbo “acabar” na linha 128 está sendo usado como um dispositivo de avaliação negativa e metaforicamente, cuja metáfora conceitual subjacente consiste em: ACABAR É DESTRUIR. Outro dispositivo de maior intensidade pode ser verificado quando há um aumento no tom de voz na linha 130, o que corrobora para intensificar o movimento de ameaça de face do ex-companheiro, ao mesmo tempo em que intensifica a elicitación empática.

115. V3: não tem
 116. Então- tá
 118. ...eu tô vivendo- -eu vou **viver a vida toda** [Qua+] [Meto]
 119. ...sendo ameaçada? [Emp:EL]
 120. ...por uma **criatura** [Ava-] [Prox-] que não me dá nada? [Emp:EL]
 121. e que não dá nada pro filho? [Emp:EL] [FC:AmO]

122. ...não tem como, **mulher** [Prox+]
 123. eu não tenho mais condição
 124. ... eu sinceramente- [DF: An]
 125. ...**ai fica:: ele fica** [DF: PIVo] [Rep]
 126. eu fico achando que meu filho vai se envolver
 127. os meus irmão
 128. ...**acabar** [Ava-][Meta] **com minha família?** [Meta] [FC:AmO][EMP:EL]
 129. por causa de uma **criatura** [Ava-]que::
 130. ...não tem a **MÍNIMA** [Qua+] consideração [Emp: EL] [FC:AmO]
 131. E3: **a senhora** [Prox+] só tem um filho com ele?
 132. V3: Graças a Deus!
 133. ...Deus o [livre]
 134. E3: [Foi]casada com ele quanto tempo?
 135. V3: não
 136. Vivi com ele 5 anos- - 2 anos
 137. ...e o resto era
 138. ...**através disso** [Meta] **de- de MEDO** [Qua+][FC:AmO] [EMP:EL]

Ao ser questionada quanto tempo havia sido casada com o acusado (l. 134), V3 declara que foram cinco anos, dos quais dois eram “através de medo” (l. 138). Nessa expressão, percebemos o uso de mais uma metáfora usada por V3 para expressar aspectos de seus sentimentos e pensamentos. Dessa forma, podemos inferir que MEDO É UM INIMIGO INVISÍVEL⁷³ (KÖVECSES, 2000, p. 23) subjaz à expressão usada na linha 138. Além disso, é possível observar que a força ilocutória desse enunciado é ressaltada por um dispositivo de maior intensidade, evidenciado pelo aumento do tom de voz de V3 ao proferir “medo”, assim, caracterizando uma manifestação de elicitación empática e de mais uma ameaça à face do ex-marido.

Ressaltamos que o trecho compreendido entre as linhas 115 e 138 consiste em um subtópico, pois tem uma relação com o TD que norteia essa passagem. Nesse trecho, ela relata sobre suas sequelas psicológicas que as ameaças sofridas ocasionaram.

No excerto abaixo, E3 insere um turno de replanejamento (l. 139) de desenvolvimento do TD, a fim de dar continuidade à sequencialidade e coletar dados importantes a serem inseridos no BO:

139. E3: **[a senhora]** [Prox-] já chegou a registrar BO por lesão corporal?
 140. V3: não
 141. ...nunca agrediu físico não
 142. ...**só verbal**
 143. E3: ele lhe chama de que
 144. ...no telefonema?
 145. V3: **RAPARIGA**, [Qua+]
 146. ...**VAGABUNDA**, [Qua+]

⁷³ FEAR IS A HIDDEN ENEMY” (KÖVECSES, 2000, p. 23).

147. ...tenho tudo aqui gravado,
 148. ...se **a senhora** [Prox+] quiser ouvir? [Emp:EL]
 149. E3: não
 150. ...**vou acreditar no que a senhora** [Prox-] **tá dizendo** [Emp:R+]
 151. V3 ... que eu **tô com macho** [Ava-] **dentro** [EsqIm: D-F] de casa,
 152. ...que eu::
 153. ...**sempre fui vagabunda mesmo** [Emp:EL]
 154. ...**que não quero nada** [Emp:EL]
 155. ...**é::** [DF:PLvo]
 156. ...**[que eu]** [DF:PLV]
 157. E3: [**então**] [MD: PLV] **aonde chega**
 158. ...**ele denigre a sua imagem,** [Meto] [Meta] [FC: AmFO] [Emp:R+]
 159. ...**né?**
 160. ...**COM CERTEZA** [Qua+]! [Emp:Ac]

Ainda na linha 139, percebemos o uso de um recurso de menor proximidade social, “senhora”, usado por E3. O tratamento adequado, segundo Silva (2008), funciona como um regulador do equilíbrio das interações, o qual, nesse caso, é usado por E3 para “suavizar qualquer tipo de imposição e preservar a imagem” (p. 158).

Ao relatar sobre as agressões sofridas, confessa nunca ter havido agressão física, mas verbal (l. 142), o que apontam para a metáfora PALAVRAS AGRESSIVAS SÃO GOLPES FÍSICOS, já tratada em Jamison (2011), reveladas nas linhas 145 e 146 e ressaltadas por meio do dispositivo de maior quantificação, representado pelo aspecto prosódico, o aumento do tom de voz.

Percebemos na linha 148 o uso do pronome de tratamento respeitoso “senhora”, o que representa um dispositivo emotivo de menor proximidade social. Esse recurso, que ajuda a promover um equilíbrio na interação, não serve apenas como apoio para a preservação da face de V3, mas também auxilia na construção de um movimento de elicitación empática (l. 148), o qual obtém resposta positiva na linha 149. Destacamos que, na linha 149, também é possível observar o uso do mesmo dispositivo de menor proximidade social na fala de E3, demonstrando o movimento de resposta empática, de equilíbrio interacional multidirecional e preservação e face.

No trecho entre as linhas 151 e 156, verificamos o mesmo recurso usado por V2 entre as linhas 46 e 49 que servem para enfatizar as ameaças verbais das quais foi vítima e, assim, ajudar na construção de elicitación empática.

Um aspecto relevante sobre o uso de “macho” na linha 151 vale ser salientado. Entendemos que esse item lexical adquire uma conotação negativa quando é usado, em nossa cultura, em construções do tipo: “a mulher está com macho” ou em “a mulher tem um macho”, por exemplo. Logo, nesse contexto discursivo, esse recurso é usado para indicar uma

avaliação negativa. Além disso, V3 também menciona ter sido acusada de “ter macho **dentro** de casa” (l. 151), expressão estruturada pelo esquema imagético DENTRO-FORA. O conceito CASA, nessa expressão, transcende a ideia de estrutura física e atinge dimensões de significado que envolvem a noção de lar, do lugar onde se cria os filhos, onde o submodelo MÃE se sobrepõe ao de MULHER. Logo, nesse contexto discursivo, ser acusada de “colocar macho dentro de casa”, consiste em uma ofensa e, portanto, funciona como um recurso de menor avaliatividade. Assim, ao relatar essa ofensa à E3, V3 busca promover a elicitación empática de E3 e, ao mesmo tempo, preservar sua face.

Na linha 157, verificamos que o marcador discursivo de planejamento verbal “então” funciona também como prefaciador da constatação de E3 na linha 158, a qual corresponde a uma resposta positiva à elicitación empática feita por V3, além de uma ameaça à face do acusado. Observamos na linha 158 o uso de uma metáfora na expressão “ele **denigre sua imagem**”, conforme mostramos abaixo:

- a) metonimicamente, “imagem” está por “pessoa” (SÍMBOLO PELA ENTIDADE SIMBOLIZADA) (GRACIA, 2008);
- b) se denegrir significa tornar negro, manchar, macular, difamar e se IMORALIDADE É SUJEIRA (LAKOFF; JOHNSON, 1999), logo, metaforicamente, DENEGRIR A IMAGEM DE ALGUÉM É SUJAR ESSA PESSOA.⁷⁴

Na linha 159, usa um dispositivo de maior quantificação por meio do aumento do tom de voz para manifestar sua aceitação à resposta positiva de empatia demonstrada por E3.

Como notamos, a partir dos enunciados analisados nesse segmento, é possível verificar que movimentos de elicitación empática e preservação de face são pervasivos durante todo o desenvolvimento desse TD.

4.3.4 Tópico discursivo: “medida protetiva mal elaborada”

Após V3 ter declarado que ainda sofre ameaças do ex-companheiro, apesar de estar amparada pelas determinações das medidas protetivas, E3 certifica-se do modo como as ameaças são feitas e percebe que, de fato, o agressor “cumpre” as determinações, visto que não faz ameaças diretas à V3. Desse modo, E3 detecta uma “falha” no modo como esse documento foi redigido, pois não determina o afastamento do agressor dos familiares de V3, favorecendo sua reaproximação, assim como a continuação das ameaças.

⁷⁴ Acepções retiradas do dicionário Michaelis Online <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=denegrir>> Acesso em : 21/12/2014.

No trecho entre as linhas 250 e 254, percebemos que E3 sente-se incomodada com a forma pela qual esse documento está sendo elaborado e, nas linhas 252 e 253, indicia movimentos de doação empática em relação à V3, na medida em que se propõe a “ligar pra menina lá do juizado” (l. 253). Outros movimentos de doação empática podem ser identificados nas linhas 264 e 265 e no trecho entre as linhas 272 e 274, os quais recebem respostas positivas de aceitação de empatia por parte de V3, nas linhas 266 e 275, respectivamente.

Mesmo V3 tentando fazer inserções de turno, E3 não consente a passagem de turno para a interlocutora (l. 262, 267) e nas linhas 263 e 264 e analisa o que pode ter sido feito errado pelo juizado. Na linha 265, verificamos o uso da metonímia “**a medida** não manda”, do tipo CONTINENTE PELO CONTEÚDO (GARCIA, 2008). Pois, E3 se refere às determinações contidas no documento que “mandam” que ações sejam executadas. Desse modo, inferimos que subjaz a esse enunciado um esquema imagético de FORÇA COMPULSÓRIA (JOHNSON, 1987).

249. E3: problema é que essa/
 250. **...é porque essa medida protetiva foi mal feita**
 251. **... ultimamente eu tô notando**
 252. **eu vou até::** [Emp:D]
 253. **...ligar pra menina lá do juizado** [Emp:D]
 254. **a diretora de secretaria** [Emp:D]
 255. ...a medida protetiva não manda ele se afastar dos familiares
 256. aí
 257. ...o que que acontece aqui?
 258. ...Ele liga pros familiares
 259. ...pra importunar
 260. V3: mas é porque
 261. o único que ele tem o número é esse meu irmão
 262. [Lá na defensoria]
 263. E3: [só que aí ele] deveria ser cientificado
 264. de que **ele não pode fazer contato com os familiares** [Emp:D]
 265. **...só que a medida** [Meto] **não manda** [Meta] [EsqIm:FC]
 266. V3: ...pois é
 267. [...lá no- -no]
 268. E3: [a maioria] dessas medidas
 269. V3: lá na defensoria
 270. ...disseram
 271. ...que tinha que ter uma pessoa pra levar o menino pra ele ver
 272. E3: **não**
 273. ...uma coisa é levar o menino
 274. uma coisa é tá fazendo **esse tipo** [Esp-] [**de coisa/**] [Esp-] [Ava-] [Prox-]
 [Emp:D][FC:AmFO]
 275. V3: [pois é]

Ao se referir às atitudes do agressor, E3 faz uso de dois dispositivos de menor especificidade “tipo” e “coisa” (l. 274), os quais, nesse contexto, geram um sentido de conotação negativa, pois, como são minimamente especificados, denotam vagueza e distanciamento metafóricos internos em relação ao evento (CAFFI, 2007)⁷⁵, logo, ratificando movimentos de doação empática, assim como sua falta de empatia em relação ao agressor de V3.

4.3.5 Tópico discursivo: “motivo do BO”

Embora tenha sido aconselhada a procurar o juizado para solicitar uma retificação das medidas protetivas já deferidas em seu favor, V3 manifesta seu desejo em processar o ex-companheiro (l. 319). Esse desejo é antecedido pelo uso de um dispositivo de maior proximidade “doutora”, o qual evidencia o caráter assimétrico dessa interação, além de ser um mecanismo que colabora para a construção de uma imagem positiva da declarante.

Na linha 314, é possível percebermos que um esquema do tipo TRAJETO AO PONTO FINAL (JOHNSON, 1987, p. 26) subjaz a construção da expressão “até ontem”. Explicando melhor, é esse esquema que licencia a ideia de que houve um percurso percorrido, mas que chegou ao fim, determinado pelas ações ofensivas do ex-companheiro. Também, verificamos a metáfora TEMPO É ESPAÇO (LAKOFF, 1993) subjacente a essa expressão, pois, “ontem” pode ser entendido com um “ponto de chegada”.

Isso, portanto, nos leva a crer ter existido um movimento de doação empática de V3 em relação ao agressor, o qual é contraposto na linha 317 quando V3 relata ter constatado que seu agressor nunca a deixaria em paz. Na linha 316, constatamos uma metáfora subjacente à expressão “(...) me **deixe em paz**”: ESTADOS SÃO LOCALIDADES (LAKOFF, 1993, KÖVECSES, 2000, p. 52). Assim, “em paz” seria o “lugar” almejado por V3, mas que, por conta das constantes ameaças sofridas, V3 constata que ele “NUNCA” deixaria (l. 317). O lamento de V3 é ressaltado pelo aumento de seu tom de voz (l. 317), o que representa um dispositivo de maior quantificação, gerando um maior apelo empático, acrescido à ameaça à face do outro. Interessante notar que todo esse movimento é confirmado na linha seguinte (l. 318) por meio de uma repetição, o que denota seu intuito de reiterar sua opinião, de facilitar a intercompreensão, assim como de destacar seu apelo empático.

⁷⁵ Consideramos que o uso dos dispositivos de menor especificidade (l. 274), nesse caso, também servem como marcadores de distanciamento metafórico interior em relação ao tópico referido. Ou seja, quando nos reportamos sobre algo com pouca clareza, há também uma intenção de criar um posicionamento que denote falta de “intimidade” com o tópico, logo, que é o que Caffi (2007, p. 142) chama de “marcadores de proximidade espacial” (*spacial proximity markers*), os quais que regulam distâncias metafóricas.

Diante do que foi dito, V3 revela que deseja “um **processo** por danos morais” (l. 319), expressão na qual se pode verificar a metonímia EFEITO PELA CAUSA (GARCIA, 2008), pois “processo” é o efeito da causa “ação judicial”. Em seguida, V3 usa a expressão metafórica “eu não vou mais **aguentar**” (l. 321) para expressar sua frustração em relação às constantes ameaças. Há nessa expressão a metáfora primária subjacente DIFICULDADES SÃO PESOS (GRADY, 1997), a qual justifica o uso do verbo “aguentar” (l. 321), pois expressa o quão difícil é para V3 viver sob constantes ameaças e medo. Do ponto de vista da construção empática, todo o trecho compreendido entre as linhas 312 e 321 representa um momento de “desabafo”, no qual V3 expõe seus pensamentos e sentimentos à E3, indiciando uma sequência de enunciados com função de elicitación empática e de preservação de sua face. Esse aspecto pode, portanto, ser comprovado na linha 322, quando E3 dirige-se à V3 como “amiga”, um dispositivo de maior proximidade social, logo, um indício significativo de resposta empática positiva. Paralelamente, detectamos ainda o uso do pronome de 2^a. pessoa do singular “tu” na linha 323, outro recurso de maior proximidade social, de caráter informal, o que ratifica o alinhamento interacional entre as interactantes V3 e E3.

Atentamos na linha 324 para um avanço na construção empática de E3 em relação à V3 quando o uso de um marcador de opinião pessoal prefaciador “na minha opinião” (ROSA, 1992) é identificado nesse cotexto. Nesse trecho, podemos inferir que há um elemento a mais no processo da construção da empatia, pois, aqui, E3 se dispõe não apenas a orientar V3 (l. 335-326), mas o faz com uma marca em seu discurso que revela um indicativo de um doação empática, não apenas de respostas positivas, como vinha ocorrendo.

312. V3: ...**doutora**, [Prox+] [Fc:PPF]
 313. sinceramente,
 314. ...**eu até ontem**, [EsqIm: TraPF] [Meta]
 316. eu dizia,
 316. ... “eu quero só que ele se afaste de mim e me deixe **em paz** [Meta] [Emp:D]”
 317. ...mas ele não vai deixar **NUNCA** [Qua+] [Emp:EL] [FC:AmFO]
 318. ...**ele não vai deixar nunca** [Rep] [Fc:PPF] [Emp:EL] [FC:AmFO]
 319. ...EU quero um **processo por danos morais** [Meto]
 320. ...O que der
 321. ...eu não- - eu não vou mais **aguentar** [Meta] [Emp:EL]
 322. E3: **amiga**, [Prox+] [Emp:R+]
 323. ...**tu** [Prox+] vai fazer o seguinte [Emp:R+]
 324. ...**no meu entendimento**, [Emp:D]
 325. ...precisa ser feito um inquérito
 326. por descumprimento dessa medida protetiva
 327. V3: **hummm** [MD:Mon]

Há na linha 327 um marcador de monitoramento que indica, nesse caso, que V3 consente que E3 mantenha seu turno de fala, indiciando, possivelmente, sua incompreensão sobre o que precisa ser feito.

Ainda incerta sobre o que aconselhar, visto a peculiaridade da questão, E3 dirige sua fala seguinte à pesquisadora, a qual ela acreditava ser uma estudante de Direito (l. 331). Observamos o uso de uma metonímia na linha 332 do tipo INSTITUIÇÃO PELOS SEUS PRINCIPAIS CONSTITUINTES quando ela se refere aos juristas. Outra metonímia é identificada na linha 336 quando E3 se refere às cláusulas da lei (PARTE PELO TODO). Como a medida protetiva não pode ser revogada, pois é válida pelo tempo em que a requerente precisar, no caso de V3, será preciso solicitar uma correção junto ao Juizado da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, que determine que o acusado se afaste não apenas da vítima, mas também de seus familiares.

331. E3: ... **Meu sonho** [Prox+] [Esp+] era que existisse uma jurisprudência
((E3 olha pra mim nesse momento))
332. ...que o **supremo** [Meto] [Pro+] dissesse alguma coisa
333. quanto aos prazos das medidas protetivas
((ela demonstra frustração e balança a cabeça em desaprovação))
334. V3: **ele diz mesmo que BO e medida não [serve de nada]**[FC:AmFO]
335. E3: [porque] se **o supremo** desse um prazo
336. ...**a lei diz** [Meto] que é satisfativa da vontade do autor
337. ...que é pra durar enquanto a mulher precisar::
338. ...a medida protetiva é enquanto
339. ...a mulher NECESSITAR
340. ...ela não vai ser revogada
341. **Aí a gente** [Prox+] fica nessa **situação** [Meta]
342. ...**a coitada** [Emp:D] **da mulher fica** [Meta] **nessa situação** [Meta] **aqui**
((vira-se pra vítima e diz))
343. **MINHA FILHA**, [Prox+] [Qua+] [EMP:D]
344. ...um dia eu vou ser delegada da mulher,
345. ...aí,
346. ...eu prendo “**tudin**” [Emp:D]

O uso de dispositivos de maior proximidade espacial e maior evidencialidade na expressão “meu sonho” (l. 331) denotam haver um expressivo grau de envolvimento de E3 nessa interação, o qual pode ser ratificado na linha 341 quando, mais uma vez, verificamos o uso de “a gente”, um dispositivo de maior proximidade, pois, embora indique indeterminação do sujeito, pode ser entendido como inclusivo nesse enunciado (E3+ V3). Ainda no mesmo enunciado, a metáfora ESTADOS SÃO LOCALIDADES (LAKOFF, 1993) subjaz à expressão “ficar nessa situação”, pois se trata de um “lugar” cuja “saída” é difícil, devido aos entraves legais. Além dessa metáfora, verificamos a mesma ocorrência metafórica vista em (V1.1. 71-72) do verbo “ficar”. O indício de manifestação empática é significativamente

reiterado ainda no enunciado seguinte por meio de uma reformulação parafrástica, antecedida pelo referente “**a coitada** da mulher” (l. 342).

O movimento de doação de empatia ainda pode ser verificado quando E3 se refere à declarante como “minha filha” (l. 343), o qual representa o dispositivo de maior proximidade social e ainda de maior quantificação, evidenciado pelo uso do aumento do tom de voz da locutora. Todo esse enunciado precede uma promessa (l. 344-346), culminando em uma expressiva ação de E3 de doação empática em relação à V3.

4.3.6 Panorama da interação entre V3 e E3

A interação entre V3 e E3 difere das anteriores em alguns aspectos. Primeiramente, V3, ao contrário de V1 e V2, já havia requerido as medidas protetivas contra seu ex-marido. O regresso à DEAM tem como finalidade apenas para informar à polícia sobre o descumprimento dele às determinações judiciais. Em segundo lugar, os movimentos de trabalho de face e empáticos nessa terceira interação emergem de forma diferenciada, conforme podemos verificar na tabela abaixo:

Tabela 3: Movimentos de empatia e de elaboração de faces na interação entre V3 e E3.

	T1	T2	T3	T4	T5
[FC:PFO]	0	0	0	0	0
[FC:AmFo] (V-A)	1	1	3	2	0
[FC:AmF]	0	0	0	0	0
[FC:AmFo] (E-A)	0	0	1	2	2
[FC:PPF]	0	0	0	0	1
[EMP:EL]	2	1	4	0	2
[EMP:R+]	1	0	3	0	2
[EMP:D] (V-A)	0	0	0	0	1
[EMP:D] (E-V)	0	0	0	2	3

Fonte: Elaborado pela autora

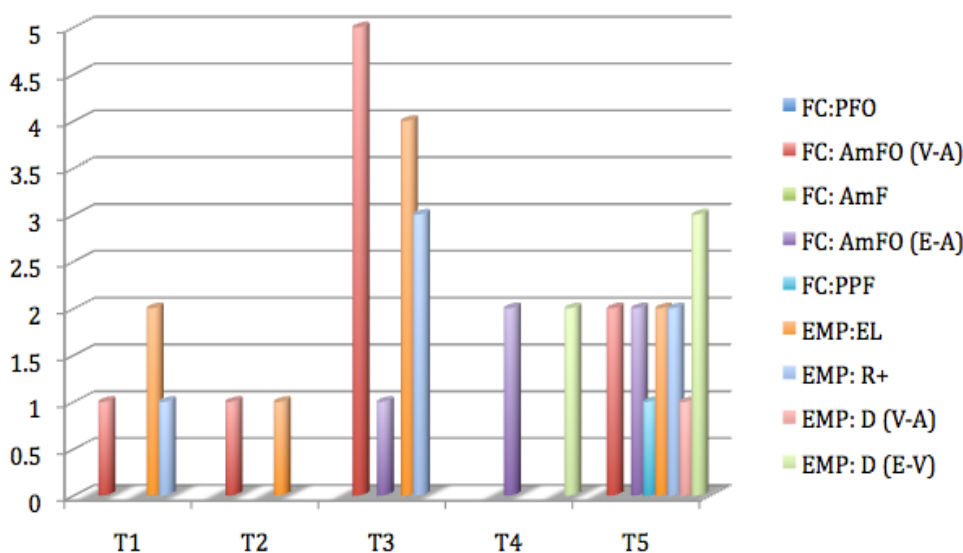
Verificamos que:

- nos TDs analisados, não há manifestações de ameaça à face de V3;
- a ação de preservação da própria face por parte de V3 só foi observada no último TD;
- manifestações na fala de V3 de preservação da face do outro também não foram detectadas;

- d) ações de ameaça à face do agressor por parte de V3 [FC:AmFO (V-A)] foram detectadas no último TD, enquanto que nas outras interações, isso não ocorreu;
- e) movimentos de doação empática no sentido vítima-agressor também não emergiram nos TDs que verificamos.

Podemos constatar, no gráfico a seguir, que a maior ocorrência foi a de ameaça à face do agressor por parte de V3 [FC:AmFO (V-A)], destacada na cor vermelha no TD3 (“violência sofrida”). Em TD3, destacamos a maior ocorrência de movimento de elicitación empática [EMP:EL], com 45%. Destacamos que a ação de resposta empática positiva [EMP:R+] de E3 em direção à V3 também teve índice expressivo no mesmo TD, com 57%. Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 3: Panorama da interação entre V3 e E3



Fonte: Elaborado pela autora

Ao observarmos o desenvolvimento dos movimentos de empatia no decorrer na interação, é possível perceber que ações de [EMP:EL] e de [FC:AmFO (V-A)] se intensificam na metade do diálogo, assim como as ações de [EMP:R+]. Os dados também mostram que as ações de [EMP: R+] acompanham, embora em menor proporção, as ocorrências de [EMP:R+]. Dessa forma, deduzimos que a resposta empática positiva é impulsionada pelas solicitações empáticas realizadas por V3.

Outro dado significativo é a incidência de doação empática [EMP:D (E-V)] em direção à V3 que ocorre no final da interação, no TD5. Conforme podemos observar, essa ação não é detectada nos TDs iniciais, apenas nos dois últimos, sugerindo uma manifestação de empatia avançada por parte de E3. Em outros termos, acreditamos que a estabilização de

doação empática ao final da interação indica que foi necessário um esforço cognitivo maior por parte de E3 para que ela atingisse esse estágio de ressonância empática, ao ponto de provocar nela um comportamento pró-social.

4.4 Interação de V4 e E4

A quarta declarante, que tem 19 anos, procura a DEAM, pois está sofrendo ameaças de morte e sendo perseguida pelo ex-companheiro, o qual não aceita que ela tenha outro namorado.

Dentre os outros relatos, esse se constitui como o mais breve e objetivo, pois a V4, quando procura a DEAM, já está decidida em relação à providência que vai tomar: pedir as medidas protetivas.

Tão logo o relato se inicia, já percebemos que o desenvolvimento dos TDs é estabelecido com facilidade. A sequencialidade e o desenvolvimento dos tópicos dessa interação são beneficiados pelo processo colaborativo de V4, em cujo discurso não se detectam hesitações e nem marcas de dificuldade de planejamento verbal.

4.4.1 Tópico discursivo “Motivo do BO”

A centração do primeiro TD é bem delineada pelas perguntas e respostas objetivas das interactantes. Nesse TD fica evidente que as ameaças de morte e agressões verbais praticadas pelo ex-companheiro motivaram V4 a registrar o BO.

Além de relatar que sofre ameaças de morte, V4 faz menção às agressões verbais por meio da expressão “fica me **esculhambando**” (l. 6), que constitui um dispositivo de avaliação negativa, cujo significado é ⁷⁶ “desmoralizar, desprestigiar alguém” e que é agravado pelo o que é dito posteriormente: “no meio do rua” (l. 6), cuja estrutura subjacente consiste em um esquema imagético CENTRO-PERIFERIA. Dessa forma, se algo está “no meio da rua”, está no centro da esfera pública, longe de casa, logo, se foi dito algo para desmoralizar V4 publicamente, sua privacidade não está sendo resguardada, causando-lhe vergonha e humilhação, o que representa um agravante à agressão verbal sofrida. Todo esse trecho representa uma ameaça à face do agressor, além de ser uma manifestação de ação de elicitación empática, pois a descrição mais detalhada das agressões sofridas, funcionam como um “convite” à transposição da interlocutora ao lugar de vítima.

⁷⁶ Acepções retiradas do site do Dicionário Michaelis Online <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=esculhambar>> Em: 22/12/2014.

Na linha 7, verificamos que “chamar” é usado metaforicamente, pois aqui, não tem o sentido de “nomear”, mas de xingar. Assim, V4 declara à E4 os nomes pelos quais é chamada “no meio da rua” (l. 7-8).

Interessante notar que, quando se refere às razões que levam seu ex-companheiro a agir assim (l. 9), V4 faz uso de dois dispositivos emotivos: o primeiro, “arrumar”, nesse contexto, exhibe maior avaliação (conotação positiva), e o outro, “uma pessoa” de menor especificidade:

- 1) “arrumar” (l. 9) é usado metonimicamente, (CAUSA PELO EFEITO) pois V4 não se refere ⁷⁷ a “organizar” ou a “pôr em ordem” algo, por exemplo, mas sim a “encontrar um namorado”. Metonimicamente, quando se arruma, ou se organiza algo, fica mais fácil de encontrarmos coisas. Logo, trata-se do uso de um dispositivo de menor especificidade, pois denota vagueza em relação à ação referida, que é, de fato, “namorar”;
- 2) “uma pessoa” (l. 9) complementa o abrandamento da expressão “arrumar uma pessoa”. É possível observarmos aqui mais um recurso de menor especificidade, pois não há um referente claro. Logo, denota-se uma maior distância social.

Ante o exposto, é possível inferirmos que há um movimento de preservação de face de V4, visto que ela não expõe diretamente que está com outro namorado. Igualmente, observamos que há uma repetição dessa expressão no enunciado seguinte (l. 10), o que denota uma reiteração da construção de sua imagem positiva diante de E4.

Dando prosseguimento ao TD, V4 relata as ações de seu ex-companheiro nas linhas 12 e 13 e emprega um dispositivo de menor avaliação, “vagabundo”, o qual indica uma conotação mais negativa às ameaças sofridas.

- | | | |
|-----|-----|--|
| 1. | E4: | Ele é o que seu? |
| 2. | V4: | Ex- marido. |
| 3. | E4: | E o que é que ele faz? |
| 4. | V4: | Ele me ameaça |
| 5. | | ... diz que vai me matar,[FC: AmFO] |
| 6. | | ... fica me esculhambando [Ava-] no meio da rua , [EsqIm: Rcp]
[FC:AmFO] [EMP:EL] |
| 7. | | ... me chamando [Meta]de quenga, |
| 8. | | ... de rapariga. |
| 9. | | Não deixa eu arrumar [-Esp] nem uma pessoa , [-Esp] [Fc:PPF] |
| 10. | | ... quando eu arrumo uma pessoa ele eu fica :: [Meta] |
| 11. | | ...atrás, |
| 12. | | ...perseguido. |
| 13. | | ... Diz que vai me matar. [FC:AmFO][EMP:EL] |

⁷⁷ Acepções retiradas do site do Dicionário Michaelis Online <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=esculhambar>> Em: 22/12/2014.

14. Ontem mesmo,
 15. ele colocou duas-dois **vagabundo** [Ava-] dentro de um
 carro
 16. ... **atrás** [EsqIm: F-T] do-**da** [DF:An] **pessoa que eu tô** [Esp-]
 [Fc:PPF]
 17. pra dizer que quer me matar. [Emp:EL]
 18. E4: Quando foi isso?
 19. V4: Ontem.

Por meio do esquema imagético FRENTE-TRÁS, V4 estrutura a expressão “ir atrás” (l. 16) para se referir à ação de seu ex-companheiro de perseguir o atual namorado, assim, a metáfora subjacente seria IR ATRÁS DE ALGUÉM É PERSEGUIR. Sobre os recursos de abrandamento com função de construção de imagem positiva, V4 emprega o dispositivo de menor especificidade ao dizer: “a pessoa que eu tô” (l. 16) para se referir à pessoa com quem ela está namorando, o que indicia um trabalho de preservação de face. Inferimos também que a hesitação mostrada na linha 16 quanto ao uso “do-da”, sinaliza mais uma preservação de face, ao usar a implicitude para se referir ao provável namorado. Em outros termos, o “do” nos conduziria à palavra “namorado”, o que foi evitado. Por outro lado, paralelamente à preservação da face de V4, complementamos que todo o trecho entre as linhas 4 e 18 representa também uma ameaça à face do agressor.

No que diz respeito à construção da empatia, conforme já mencionamos anteriormente, inferimos que, de modo geral, todo o trecho que compreende o TD referente aos motivos do BO, no qual as agressões sofridas pelas vítimas são descritas, corresponde a uma elicitación empática.

4.4.2 Tópico discursivo “desejo de V4”

Dando prosseguimento à sequencialidade do BO, E4 investiga qual é a decisão da declarante em relação às medidas que deseja serem tomadas contra a violência sofrida (l. 24), empregando um dispositivo de maior proximidade social “tu”.

Sem demonstrar sinais de hesitação, V4 confirma que deseja que o agressor seja chamado, mas, agora, para “**tomar** medida protetiva” (l. 27). Do ponto de vista da figuratividade, podemos inferir que “tomar” está sendo usado metaforicamente, cuja metáfora conceitual MEDIDA PROTETIVA É UM NEUTRALIZADOR DE AÇÕES VIOLENTAS subjaz a essa expressão. Assim, nessa expressão, podemos inferir que o verbo “tomar” tem valor semântico correspondente ao da expressão “tomar remédio”.

Percebemos que E4 mantém um tratamento informal com V4 no decorrer do TD (l. 28, 33), por meio de dispositivos de maior proximidade social: um na forma de pronome

pessoal do caso reto na segunda pessoa do singular e o outro, como pronome possessivo também na segunda pessoa do singular.

Em termos de preservação de face na fala de E4 (l. 36-37), é possível notar que um dispositivo de menor evidencialidade modaliza sua asserção, na medida em que diminui o comprometimento da locutora com o obstáculo de teor burocrático apresentado à V4, e, assim, favorecendo a preservação de sua face social, o que também demonstra ser um indício de resposta empática positiva.

Mesmo estando certa de que irá solicitar medidas protetivas de urgência, V4 não consegue fazê-lo, pois precisa informar dados específicos, como o nome da mãe do agressor, o qual ela não tem. Por isso, na linha 41, V4 indicia um certo desconforto com a situação, antecipado pelo uso de um marcador de planejamento verbal (l. 39) e ratificado pelo emprego de um dispositivo de menor quantificação “só” (l.41). O que representa uma solicitação empática.

24. E4: Aí **tu** [Prox+] quer o que?
 25. que ele seja chamado aqui?
 26. V4: É.
 27. Agora pra **tomar medida protetiva** [Meta]
 28. E4: **Tu** [Prox+] sabe o nome da mãe dele?
 29. V4: Sei.
 30. ... Pera aí,
 31. ...Tenho que ver dentro da minha bolsa.
 32. ...É Eliane-
 33. E4: Me dá aí só **tua** [Prox+] identidade.
 ((15 s – a vítima procura))
 34. V4: Não tenho aqui
 35. Tem não aqui...
 36. E4: **Só posso** [Evi-] pedir a medida protetiva
 37. **se tiver** [Evi-]o nome da mãe dele viu?
 38. V4: O nome da mãe dele todin, é? ((Escrivã confirma com a cabeça))
 39. Aí:: [MD:PLV]
 40. ... enquanto isso,
 41. ... ele vai **só** [Qua-] ser chamado aqui é? [EMP:EL]
 42. E4: Não.
 43. Se tu trouxer o nome da mãe **daqui** [Prox+]**pra amanhã**, [EsqIm:
 OPM] [Meta]
 44. ... **tu** [Prox+]traz e **eu faço** [Vol+] [Evi+] **a medida** [Meto] amanhã.
 45. Faça o BO hoje...[EMP:R+]

Na expressão “daqui pra amanhã” (l. 43), evidenciada na fala de E4, podemos verificar o emprego do esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, onde o conceito HOJE é entendido em termos de ponto de origem e AMANHÃ, como a meta. Além disso, nessa mesma expressão, verificamos o uso do dispositivo de maior proximidade espacial

“daqui”, que faz parte da metáfora conceitual subjacente TEMPO É ESPAÇO FÍSICO. Inferimos, portanto, que essa expressão, devido ao seu grau de informalidade e proximidade, indicia um movimento de resposta empática de E4 em relação à V4. Tal movimento pode ainda ser confirmado por meio do uso dos dispositivos:

- de maior proximidade social “tu” (l. 44): indiciando aproximação metafórica com sua interlocutora;
- de maior evidencialidade “eu faço” (l. 44): apontando para uma maior envolvimento e confiança do locutor em relação ao que está sendo dito e de maior volicionalidade, pois fornece ao agente conversacional, E4, um papel ativo, de maior asserção.

Ainda na linha 44, verificamos o uso da metonímia “faço a medida”, justificada pela contiguidade, a qual, na verdade, diz respeito a “fazer o pedido de medida protetiva” ainda a ser encaminhado para o Juizado. Desse modo, a conotação de informalidade e proximidade no discurso de E4 indicia movimentos de resposta empatia positiva em relação à V4.

4.4.3 Tópico discursivo “violência psicológica e risco de morte”

Assim como nos outros relatos, mesmo havendo um momento no início da sessão de confecção de BO no qual as vítimas relatam o que as motivaram a procurar a DEAM, como parte da sequencialidade desse gênero discursivo, é necessário que as escritas façam uma averiguação sobre aspectos específicos de violência psicológica à qual as declarantes estejam sendo submetidas. Por isso, as informações se repetem para que possam ser registradas no BO. Do mesmo modo, é imprescindível a investigação da polícia a respeito do risco de morte que a vítima pode estar correndo.

Na linha 68, E4 retoma uma informação já fornecida anteriormente por V4 e pede que a confirme. Como em outros momentos (V1-l. 71, 72; V3-l.125, 342), aqui, “fica” também é licenciado pela metáfora FICAR É PERSISTIR e usado por E4 em um enunciado que fornece indícios de doação empática, por ser de natureza parafrástica. Ou seja, na linha 68, E4 reelabora o enunciado de origem, dito por sua interlocutora (l. 6-17), indicando envolvimento interativo, logo, um indício expressivo de doação empática, o qual é confirmado no trecho entre as linhas 69 e 76.

Como já tratamos (l. 4-17) sobre os aspectos linguísticos proferidos no fragmento seguinte (l. 73-76), visto que se trata de uma reformulação, nessa ocasião, destacamos apenas que os mesmos dispositivos emotivos são empregados por V4 para apontar: persistência nas

agressões verbais (l. 73) e difamações proferidas publicamente (l. 74-75). Assim, podemos deduzir que esse trecho representa uma manifestação de ameaça à face do agressor.

Já nas linhas 80 e 81, V4 fornece um dado novo, o que indicia uma manifestação de elicitación empática.

68. E4: Aí ele **fica** te perturbando desde- [Emp:D]
 69. V4: → **É:::** [Emp: Ac]
 70. ...Perturbando,
 71. ...ameaçando que vai me matar,
 72. vai mandar me matar,
 73. **fica me esculhambando**, [Ava-][FC:AmFO]
 74. **no meio da rua**, [Prox+] [EsqIm:C-P] [FC:AmFO]
 75. **...aonde ele me vê**, [Prox+][FC:AmFO]
 76. **... me esculhamba...** [Ava-]
 77. E4: Ele usa droga?
 78. V4: Não
 79. ... nem usa droga nem bebe.
 80. ...É namorada dele ligando pra mim, [EMP:EL]
 81. **... me esculhambando...** [Ava-]

Para dar forma e organização linguística às suas intenções comunicativas, E4 reelabora (l. 84) o enunciado de origem de V4 (l. 5) no intuito de facilitar o desenvolvimento tópico e agilizar o registro dos fatos no BO:

83. E4: Ele diz o que?
 84. Que vai te matar?
 85. V4: **É**,
 86. ... Que vai me matar,
 87. ... que se me pegar na moto **com alguém** [Esp-],[FC:PPF] [FC:AmFO]
 88. ... vai **mandar me derrubar**, [EsqIm:F] [FC:AmFO]
 89. ... que vai **mandar me matar**, [EsqIm:F] [FC:AmFO]
 90. ... vai me **dar uma surra**, [EsqIm:F] [FC:AmFO]
 91. ...Que se ele **me pegar** [Meta] [Prox+]**com alguém**, [Esp-] [FC:PPF] [FC:AmFO]
 92. ... vai dar uma surra **na pessoa** [Esp-] e em mim, [EMP:EL] [FC:PPF]
 93. ... Diz que eu não posso andar **com meu namorado** [Esp+] [EMP:EL]
 na
 moto
 94. e com o filho dele,
 95. E4: Que mais?
 96. V4: Aí **me esculhambou** [Ava-] **no meio da rua**, [EsqIm:C-P]
 97.me **chamou** [Meta] de quenga, [Ava-]
 98. ... de vagabunda,
 99. E4: Rapariga? [Emp:R+]
 100. V4: Foi. ((E4 digita))
 101. E4: Pois amanhã **tu** [Prox+] vem, [Emp:R+]
 102. ... viu?
 103. V4: Tá bom.

No último excerto dessa interação, notamos movimentos ratificadores de preservação de face, ameaça à face do agressor e elicitación empática:

- a) percebemos o uso de um dispositivo de menor especificidade em mais algumas ocasiões: (l. 87), (l. 91) e (l. 92), indicando menor comprometimento com esse aspecto do enunciado;
- b) além disso, verificamos o emprego de uma esquema imagético do tipo FORÇA nas linhas 88 e 89 quando V4 se refere às ações de seu agressor;
- c) O emprego do recurso de maior quantificação pode ser identificado em todo o trecho entre as linhas 88 e 90, devido à repetição de “vai mandar”. A repetição desse termo nos enunciados sinaliza uma intensificação ilocucionária, que serve para reativar simultaneamente a preservação da própria face, assim como a ameaça à face do ex-companheiro.

Ao final dessa sessão, percebemos que movimentos de resposta empática são manifestados por E4 quando, mais uma vez, faz reformulações dos enunciados de origem de V4 (l. 99) e faz uso do dispositivo de maior proximidade social (l. 101).

4.4.5 Panorama da interação entre V4 e E4

De todas as interações analisadas, essa se constitui como a de menor extensão, no entanto, também revela marcas significativas de ações empáticas atreladas a trabalhos de elaboração de faces.

V4, assim com V3, havia optado pela solicitação de medidas protetivas contra seu agressor. Não identificamos marcas de hesitação e nem de dificuldade de formulação enunciativa, ao contrário do discurso de V1 e V2.

Vejamos na tabela abaixo as ocorrências de movimentos empáticos e de trabalho de faces detectadas nos TD dessa interação:

Tabela 4: Movimentos de empatia e de elaboração de faces na interação entre V4 e E4

	T1	T2	T3
[FC:PFO]	0	0	0
[FC:AmFo] (V-A)	3	3	5
[FC:AmF]	0	0	0
[FC:AmFo] (E-A)	0	0	0
[FC: PPF]	2	0	3
[EMP: EL]	1	1	3
[EMP: R+]	0	1	2
[EMP: D] (V-A)	0	0	0
[EMP: D] (E-V)	0	0	0

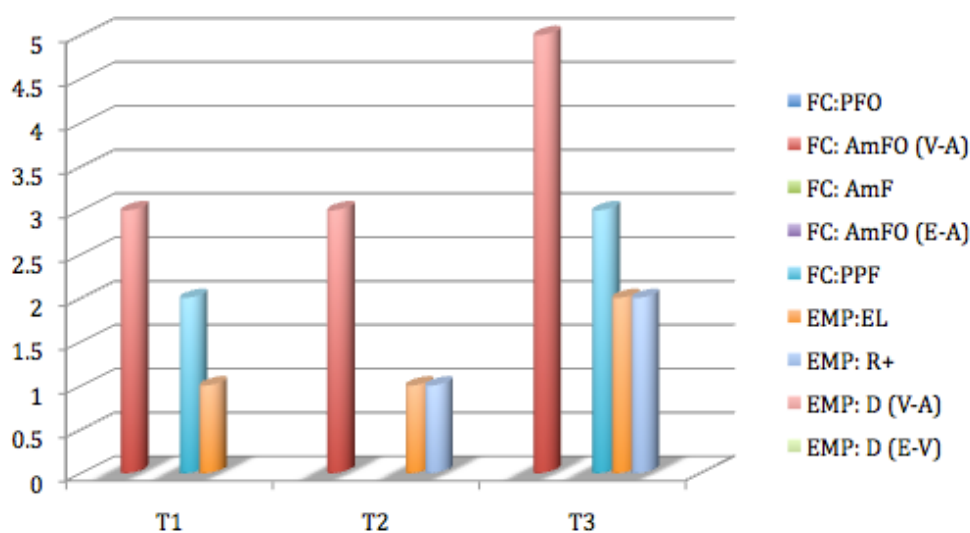
Fonte: Elaborado pela autora

Conforme percebemos pelos números da tabela acima, não foi possível detectar ações de ameaça à face da vítima [FC:AmF] por E4 e nenhuma ação de proteção à face do agressor [FC: PFO]. Todos esses fatores podem ser explicados pela motivação e intencionalidade de V4, cujo desejo é requerer amparo judicial.

No tocante à ação de preservação da própria face [FC:PPF], foram detectadas algumas ocorrências no primeiro e no último TD. À ação de [FC:PPF] pode ser atribuído o fato que V4 não se sentiu à vontade em revelar que estava com outro namorado e por isso, usava dispositivos de menor especificidade para se preservar. Em contrapartida, nos discursos de V1 e V2, ações de [FC:PPF] ocorreram com mais frequência e estavam atreladas às ações das escritãs de ameaça às faces das vítimas, por não terem a intenção em requerer medidas legais contra o agressor.

Ao observarmos também no gráfico a seguir, percebemos ações de ameaça à face do outro [FC: AmFO (V-A)] no discurso de V4 nos três TDs. Contudo, a maior incidência [FC: AmFO (V-A)] foi no último TD, denominado “violência psicológica e risco de morte”. Paralelamente à ocorrência de [FC: AmFO (V-A)], assim como nas interações anteriores, é possível notar ações de elicitación empática [EMP:EL] no mesmo TD.

Gráfico 4: Panorama da interação entre V4 e E4



Fonte: Elaborado pela autora

Do ponto de vista da dinâmica dos movimentos de empatia, percebemos no gráfico que as ações de [EMP:EL] e de [EMP:R+] só se nivelam nos TDs 2 e 3. Na mesma perspectiva, é possível inferir que a incidência das ações de [FC:AmFO (V-A)] possivelmente contribuiu para as manifestações empáticas emergirem.

4.5 Empatia ofensiva e empatia defensiva: dois movimentos de interação

Conforme observamos nas análises, fenômeno da emergência da empatia nos relatos de violência de vítimas de violência conjugal tem caráter dinâmico e envolve a ação de outros mecanismos, como, por exemplo, dos trabalhos de elaboração de faces. Nesse sentido, percebemos em nossas análises, diferentes comportamentos das ações de elaboração de faces em relação aos movimentos de indício empático.

Verificamos que, nos discursos das vítimas (V1 e V2) que não tiveram interesse em prejudicar o ex-companheiro legalmente, as ações de preservação de face ([FC:PPF]), de preservação da face do outro ([FC:PFO]) e de ameaça à face da vítima pela escritã ([FC:AmF]) tiveram incidência bem menor do que em relação ao discurso das duas outras vítimas (V3 e V4), que estavam dispostas a requerer medidas legais contra seus agressores.

Com base nas ocorrências de movimentos empáticos (elicitación e resposta empática favorável) e de ações de elaboração de faces (ameaça à face, preservação da própria face e da face do outro) de cada interação, verificamos que V1 e V2 adotaram uma postura defensiva, por isso denominamos a ação predominante desse grupo como “empatia defensiva”. Já as ações de elaboração de faces de V3 e V4 receberam o nome de “empatia ofensiva”.

Logo, baseados nos dados de cada interação, esboçamos uma tabela para elucidar os diferentes comportamentos discursivos:

Tabela 5: Comparação do N° de manifestações entre as empatias defensiva e ofensiva nas interações das VVC⁷⁸

	Participantes	Emp: EL	Emp: R+ (E → V)	FC:AmF ⁷⁹ (E → V)	FC: PPF	FC: PFO
Empatia defensiva	V1 e E1	9	5	8	14	7
	V2 e E2	12	9	6	6	3
TOTAL		21	14	14	20	10
Empatia ofensiva	V3 e E3	10	6	0	1	0
	V4 e E4	4	3	0	5	0
TOTAL		14	9	0	6	0

Fonte: Elaborado pela autora

Como nosso foco é averiguar o comportamento das ações de elaboração de faces nos diferentes grupos de vítimas, iniciamos observando as três últimas colunas da tabela acima. A análise dos dados apresentados na Tabela 5, permite observar que há ocorrências de ameaça à face das vítimas ([FC:AmF]) no primeiro grupo (V1/E1 e V2/E2). São oito ocorrências no discurso de V1/E1 e seis no discurso de V2/E2, totalizando quatorze.

⁷⁸ VVC por “vítimas de violência conjugal”.

⁷⁹ Ressaltamos que essa ação de ameaça à face é praticada pela escritã em direção à vítima.

Porém, no segundo grupo, não foi possível detectar nenhuma ocorrência de ameaça à face das vítimas pelas escritas [FC:AmF]. Acreditamos que isso ocorre pois, no segundo grupo não há necessidade de confrontação por parte das escritas, pois essas vítimas estão certas que irão requerer ações legais para se protegerem contra um novo evento violento. Em contrapartida, V3 e V4 não sofrem ameaça a suas faces, pois elas mantêm a decisão de pedir a ajuda da justiça para inibir futuras ações violentas dos agressores.

Do mesmo modo, se compararmos as ações de preservação de face ([FC:PPF]) nos grupos acima, também poderemos constatar que a frequência dessa ação no grupo que representa a empatia defensiva foi mais expressiva do que no grupo de V3/E3 e V4/E4. No primeiro grupo, detectamos quatorze e seis ocorrências, respectivamente, totalizando vinte no grupo. Já no segundo grupo, uma e cinco ocorrências, totalizando seis. Inferimos que isso ocorre pelo fato de que a imagem social reivindicada pelo segundo grupo mostra-se mais estável do que a do outro, por não precisarem “esconder” das escritas que não tinham a intenção de prejudicar seus agressores.

Outro dado interessante foi a averiguação das ações de proteção à face do outro ([FC:PFO]) (do agressor) nos dois grupos. Constatamos que, no grupo que representava as ações de empatia ofensiva, as manifestações que demonstravam proteção à imagem do agressor não foram detectadas. Contudo, no grupo de empatia defensiva, houve um total de dez ocorrências: sete em V1 e três em V2. Esse dado é significativo

Com respeito aos movimentos de empatia, podemos identificar que, no primeiro grupo, houve mais manifestações de elicitación empática ([EMP:EL]) do que em relação ao segundo. Enquanto que no grupo de empatia defensiva detectamos nove ocorrências no discurso de V1 e doze no discurso de V2, totalizando vinte e uma ocorrências, no segundo grupo esse número é reduzido. V3 e V4 produziram, respectivamente, dez e quatro ocorrências de ([EMP:EL]), com o total de quatorze. Desse modo, notamos que as mulheres cuja intenção não era de prejudicar seus agressores legalmente evocavam de suas interlocutoras mais empatia do que as outras que estavam decididas a recorrer às determinações da Lei da Maria da Penha.

No tocante às respostas empáticas ([EMP:R+]), percebemos que esse número foi proporcional às ocorrências de elicitación. Foi possível detectar que resposta empática por parte das escritas também é observada nos dois grupos, embora em momentos e de formas diferentes.

Embora os dados apresentados acima nos revelem que há diferença nas ações de empatia e de elaboração de faces entre os grupos, precisamos verificar se essa diferença também era estatisticamente significativa. Para isso, aplicamos o teste do Qui-quadrado (X^2)

uma abordagem quantitativa dos dados acima para detectarmos frequência dessas ocorrências. Em nosso teste, a hipótese nula H_0 foi a de que não existe diferença significativa em termos estatísticos entre as manifestações linguísticas de empatia e de ações de elaboração de faces entre os grupos de empatia defensiva e ofensiva. A hipótese alternativa de H_a era a negação de H_0 : de que há diferença significativa em termos estatísticos entre as manifestações linguísticas de empatia e de ações de elaboração de faces entre os dois grupos. Após a aplicação do teste do Qui-quadrado no programa SPSS 21, obtivemos o seguinte resultado: $X^2=4,00$; $df=1$; $p<0,05$. Desse modo, podemos dizer que a hipótese nula foi rejeitada e que a hipótese alternativa deve ser aceita, pois foi possível verificar diferença significativa nas manifestações linguísticas de empatia e de ações de elaboração de faces entre os dois grupos.

4.6 A dinâmica da empatia em interações de registro de BO por vítimas de violência conjugal

Pelo que podemos observar, a partir de nosso *corpus*, a atividade discursiva envolve múltiplos fatores e diferentes atos, que ocorrem simultaneamente e também em diferentes escalas temporais, sendo, portanto, um sistema dinâmico complexo.

Neste estudo, a atividade discursiva envolve um eu (a vítima) e um outro (a escritã), falando ainda sobre um terceiro. Desse modo, indícios empáticos emergem de maneira dinâmica e multidirecional. Ou seja, ora percebemos indícios empáticos no sentido vítima → agressor, ora escritã → vítima, ou mesmo no sentido vítima → escritã.

Partimos da ideia de que antes mesmo de a conversa ser iniciada, as interactantes já haviam acionado um dispositivo favorável à emergência de sentimentos de empatia direcionados de uma para a outra. Isso ocorre, pois há uma predisposição mútua à escuta empática em registros de queixa de violência conjugal.

Contudo, verificamos que o sentimento de empatia poderá crescer ou diminuir, como resultado dos elementos e agentes que se inter-relacionam no decorrer do evento comunicativo. Percebemos também que essa inter-relação muda com o tempo, gerando padrões empáticos imprevisíveis e não lineares. Isso é permitido, pois sistemas cognitivos, afetivos e socioculturais de cada participante, interagem entre si em intensidades e modos variados e em diferentes pontos da interação. Esse aspecto foi demonstrado por meio dos gráficos apresentados ao final da análise de cada interação, nos quais foi possível observar a dinamicidade das ações empáticas em diferentes tópicos discursivos.

Inferimos que os sistemas individuais de cada interactante conectam-se, primeiramente, com um sistema de ordem sociocognitiva e cultural mais amplo.

Relacionamos esse sistema maior ao fator norteador de toda interação: o enquadramento. O enquadramento, que é acionado por cada indivíduo no momento de uma ação comunicativa, é o responsável pela determinação das regras de conduta da instância discursiva.

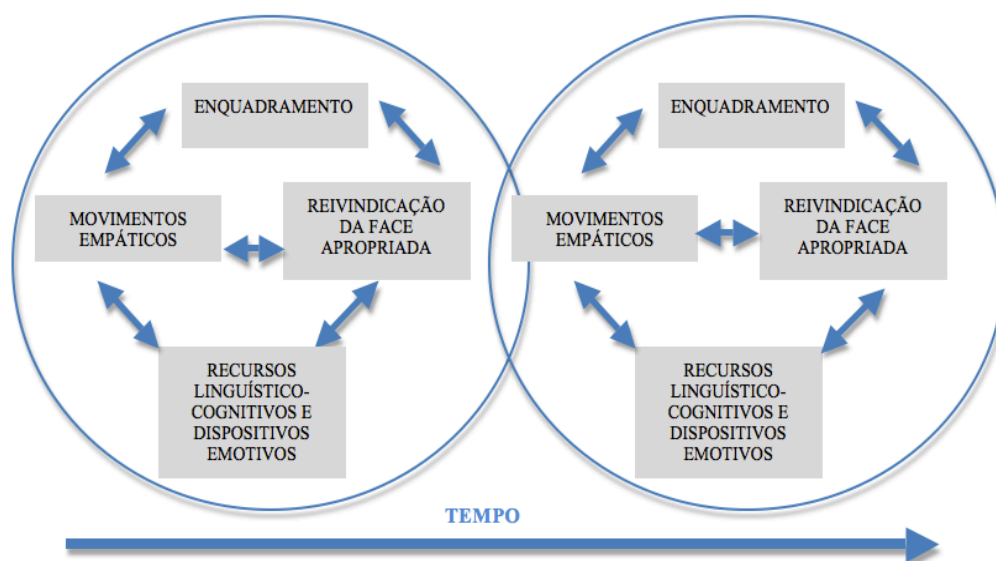
É a partir da noção de enquadramento que a situação interacional se organiza e que os papéis sociais são definidos. No caso das participantes dessa pesquisa, cada uma reivindica uma imagem social apropriada para as regras da interação comunicativa da qual fazem parte. Enquanto a declarante precisa manter a face de vítima, à sua interlocutora convém preservar a imagem de uma representante da instituição policial.

Contudo, no decorrer da interação, o fluxo da conversa aciona sentidos e emoções que suscitam reações em outras áreas. Sistemas e subsistemas, que interagem contínua e dinamicamente, podem provocar uma falha no processo de construção da face adequada à situação interacional da qual os indivíduos fazem parte. Isso ocorre porque nem sempre os indivíduos são capazes de controlar seus atos sociais e linguísticos e paralinguísticos, gerando efeitos que colocam em risco o processo interativo. Essas mudanças ocasionam uma desestabilização no sistema, o que vai exigir uma reorganização dos agentes envolvidos e um realinhamento dos papéis sociais dos participantes.

De todo modo, foi possível perceber que movimentos de empatia estavam alinhados ao (re) equilíbrio das faces e à (re) organização do fluxo interacional. Em outras palavras, seja em ações de preservação ou de correção de face, foi possível detectar a atuação de movimentos empáticos interagindo com os outros subsistemas.

Como o intuito de facilitar a compreensão da dinamicidade da empatia em interações de registro de BO por vítimas de violência conjugal, delineamos o modelo a seguir:

Figura 9: A dinâmica do sistema da empatia em interações de registro de BO por vítimas de violência conjugal



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme procuramos representar no modelo, sistemas e subsistemas de cada participante (representados pelos círculos) interagem internamente e entre si, de forma contínua, cíclica e multidirecional. O subsistema de enquadramento sociocomunicativo promove no sujeito o acesso à reivindicação da face apropriada à situação interacional da qual ele faz parte. Consequentemente, mecanismos linguístico-cognitivos, como os esquemas de imagem, metáfora e metonímia, juntamente aos dispositivos emotivos da comunicação e recursos paralinguísticos, são acionados a fim de materializar as estruturas conceituais subjacentes à toda engrenagem. O subsistema da linguagem, portanto, funciona como uma das “portas de acesso” às adesões de ordem sociocultural de cada indivíduo, como, também, aos processos cognitivos da empatia.

Destacamos, portanto, que o sistema da linguagem afeta todos os outros, pois ele é um dos responsáveis em acionar ou inibir os processos sociocognitivos e afetivos relacionados à empatia. É na linguagem e pela linguagem que os processos de elicitación, doação ou recusa empática se consolidam e se modificam. Do mesmo modo, é por meio dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos que moldamos as estratégias de atenuação ou de ênfase discursiva que regem o trabalho de elaboração de faces. Em suma, são os recursos linguísticos e paralinguísticos que promovem a transposição do ouvinte ao mundo do falante, do *eu* ao mundo do outro. Ou seja, é durante a interação que os participantes entram em contato com a face social do outro e com os processos empáticos que essa face acarreta.

As setas bidirecionais indicadas dentro do sistema de cada indivíduo indicam que as conexões entre subsistemas são dinâmicas e não lineares. Cada subsistema está sujeito à influência de outros, assim como estão aptos, também, a modificá-los. Por exemplo, a compreensão empática da escritã pode ser abalada se a vítima falhar em preservar a face apropriada àquela situação interacional. Do mesmo modo, a ameaça à face da vítima pela escritã pode ocasionar uma desestabilização da doação empática da vítima em direção a seu agressor.

Essas mudanças, portanto, podem ocasionar uma reorganização no enquadramento sociocomunicativo, forçando representações mentais mais complexas para que possa, novamente, reparar e preparar as estratégias discursivas. Essas ações ocorrem durante todo o tempo em que perdurar o processo comunicativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese teve como objetivo geral observar e analisar a emergência de indícios empáticos fornecidos por vítimas de violência conjugal e escritãs, durante o registro de BO, e verificar até que ponto as ações de elaboração de faces participam dos movimentos empáticos durante essas interações.

Para isso, buscamos averiguar, na dinâmica da interação dessas mulheres, quais os mecanismos linguísticos e paralinguísticos que indiciavam movimentos de empatia. Em nível macro, nós identificamos e segmentamos os tópicos discursivos de cada interação, a fim de facilitar a análise dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos proeminentes em cada um desses tópicos. Após a segmentação dos tópicos, detivemo-nos em identificar e codificar, sob a perspectiva dos *dispositivos emotivos da comunicação* (CAFFI; JANNEY, 1994; CAFFI, 2007) os mecanismos linguísticos; incluindo metáforas, metonímias e esquemas de imagens, e paralinguísticos que sinalizavam manifestações de distanciamento, envolvimento, atenuadores de força ilocutória, marcadores de dificuldade de formulação verbal e outras ações que indiciavam esforço cognitivo das declarantes.

Com posse dessas identificações, procuramos verificar até que ponto essas indicações linguísticas e paralinguísticas caracterizavam manifestações de movimentos empáticos (elicitação, resposta empática favorável/desfavorável, aceitação ou doação empática) e/ou de ações de elaboração de faces (preservação da própria face/ face do outro, ameaça à face/face do outro). No que se refere ao sentimento empático, para embasar nossos resultados, discutimos no capítulo de fundamentação teórica sobre as dimensões neurais e interacionais do fenômeno da empatia e sobre a perspectiva das *funções de empatia* (MARTINOVSKY; MAO, 2009), que se refere aos movimentos empáticos.

Constatamos que, em geral, vítimas de violência conjugal procuram preservar sua face durante a interação com as escritãs no processo de registro de BO, independentemente de seu desejo de requerer, ou não, medidas legais contra seus agressores. Atribuímos esse fato ao processo de enquadramento, responsável por organizar as regras de conduta apropriadas à tal evento comunicativo. Assim, inferimos que suas ações tinham sido orientadas por objetivos e estratégias, pois elas haviam ido à DEAM para solicitar algum tipo de ajuda policial, o que requeria conduta e face apropriadas.

Nesse sentido, verificamos que além das estratégias de alinhamento interacional e preservação da própria face, algumas vítimas optam em desqualificar as ações dos ex-companheiros, executando uma ação de ameaça à face do outro, como forma de promover movimentos de elicitação empática.

Contudo, tal mecanismo de elicitación também pode envolver a ativação de outros recursos como, o uso pelas vítimas de dispositivos linguísticos de proximidade (social, espacial ou temporal), que funcionam como atenuadores e criam distância cognitiva emotiva em relação ao agressor no discurso, auxiliando, assim, no trabalho de preservação de território pessoal da vítima.

Além disso, frisamos que esses dispositivos linguísticos de proximidade ainda podem promover o equilíbrio na interação com as escritas quando são usados como ratificadores de hierarquia. Por exemplo, quando as vítimas se referem às escritas como “senhora”, se estabelece um aumento na distância social entre as interactantes, auxiliando no processo de elicitación empática.

Observamos que ações de preservação de face também podem ser reconhecidas pelas marcas de esforço cognitivo deixadas no discurso, como anacoluto, repetição, prolongamento de vogal e preenchimento de pausas por elementos paralinguísticos. Tais marcas tendem a ocasionar uma reação de desconforto na interlocutora, contribuindo para o fortalecimento de uma ação de elicitación de empatia nas escritas .

Entretanto, em situações de registros de BO, é possível que a imagem que a vítima deseja ser manifesta não se concretize, caso haja uma manifestação sua de doação empática em direção a seu agressor, provocando uma possível ameaça à sua face e, assim, um situação de conflito na interação. Nesse sentido, podemos afirmar que apesar de as escritas ocuparem espaços determinados pelo enquadramento social que determinam que elas mantenham sua face institucional, sua opinião pessoal é, em geral, revelada, embora venha acompanhada de marcadores de abrandamento que inibem sua impositividade.

Assim, ainda que procurem manter sua face institucional por meio de ações que denotam um descomprometimento com suas asserções, percebemos que as escritas demonstram ações de resposta empática favoráveis às elicitaciones de empatia das vítimas, por exemplo, por meio de marcadores de proximidade social, que também funcionam como reguladores do equilíbrio das interações.

No que tange às diferentes manifestações empáticas, ratificamos, por meio do cálculo de frequência Qui-quadrado, que em casos de “empatia defensiva” as ocorrências dos mecanismos de orientação defensiva e protetora de faces são mais significativas do que no grupo de “empatia ofensiva”. Em outras, palavras, no grupo de vítimas que não desejava representar o agressor legalmente, as ações de proteção da face do outro e de proteção da própria face foram mais expressivas, demonstrando uma relação com os movimentos de doação empática. No mesmo grupo, foram identificadas mais ocorrências de ameaça à face do agressor por parte das escritas, indiciando falta de empatia.

Tais resultados demonstram, desse modo, que embora a confecção de boletins de ocorrência em DEAM se constitua como um evento discursivo de natureza estruturada e bem definida, trabalhos de preservação de faces podem ser observados como propulsores de movimentos que indiciam a emergência empática.

Quanto às metáforas, constatamos que elas se apresentam na conversa entre vítimas e escritãs durante os registros de BO e desempenham algumas funções. O Sistema da Metáfora Moral, por exemplo, estrutura muitos conceitos morais que subjazem à dinâmica interacional entre vítima e escritã. Nesse sentido, identificamos que a Metáfora da ESSÊNCIA MORAL e a metáfora MORALIDADE É SAÚDE/ IMORALIDADE É DOENÇA, que promovem expressões metafóricas do tipo “ele vai melhorar” ou “ele tinha dado uma parada”, estruturam bases conceituais para que vítimas desenvolvam sentimentos de empatia em relação a seus agressores.

Além dessas metáforas, identificamos que o esquema imagético CICLO subjaz a expressões que caracterizam a violência sofrida pelas mulheres, (“**viver** sofrendo”, “o inferno **continua**”), ajudando na construção de argumentos com função de elicitación empática das vítimas. Do mesmo modo, a metáfora PALAVRAS AGRESSIVAS SÃO GOLPES FÍSICOS também foi usada para caracterizar a violência pelas vítimas e promover ações de solicitação de empatia nas escritãs.

Quando se referiam às ações de ameaças, muitas vezes, foi possível identificar no discurso das escritãs o uso do esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, denotando que o “ato de ameaçar” representa um dos pontos críticos do “percurso da violência”.

Já no que se refere ao conceito de empatia, percebemos que o esquema imagético BLOQUEIO DE FORÇA exerceu um papel importante, pois licenciou expressões do tipo “não fiz o exame de corpo e delito porque tive pena”, funcionando como uma força paralisante às ações de combate à violência pelas vítimas.

No mesmo sentido, constatamos que o esquema imagético FORÇA COMPULSÓRIA se mostrou como base do conceito AÇÃO POLICIAL, fato que pode influenciar a vítima no momento da decisão de requerer as medidas legais contra seus agressores. Nessa mesma perspectiva, identificamos que a metáfora MEDO É UM INIMIGO INVISÍVEL (KÖVECSES, 2000) também exerceu um papel importante na estruturação de atitudes e crenças que desfavorecem a tomada de atitude das vítimas, pois o medo as inibe.

Ao final desta pesquisa, concluímos que esta tese não apenas respondeu ao nosso problema de pesquisa, mas também promoveu diversas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa científica sobre a linguagem e, mais precisamente, sobre as manifestações da emotividade no discurso. Entre os ganhos, destacamos que se lançou um novo olhar sob a

questão das crenças, atitudes e valores que estão envolvidos na ação da vítima em registrar um boletim de ocorrência contra seu agressor, que também exerce a função de ex-companheiro, o que favorece uma construção empática por parte da declarante.

Buscamos desenvolver uma discussão que demonstrasse que a natureza interacional da empatia é dinâmica e que depende, antes de tudo, do processo de enquadramento, que servirá de base para as mudanças dentro do sistema. Do mesmo modo, procuramos evidenciar que, muitas vezes, apesar de sermos biologicamente habilitados a sentir empatia pelos outros, nem sempre a ação de “se colocar no lugar do outro” é percebida, ou levada à consciência. No caso desse estudo, observamos que, na maioria das vezes, é preciso que a vítima “solicite” de sua interlocutora essa tomada de perspectiva para que ela consiga mostrar-se empática.

Nesse sentido, Brooks (2011) assevera que o problema não consiste em sentir a empatia, mas modificá-la em uma ação moral. Nem sempre teremos a oportunidade de conversar com quem está precisando de ajuda para que sejamos convencidos a agir moralmente. Na verdade, infelizmente, estamos criando mecanismos de blindagem contra os estímulos à empatia. E isso acontece, principalmente, com aqueles que se escondem atrás de “escudos” institucionalizados.

Em suma, nossas constatações não podem ser generalizadas a vítimas e a funcionárias de diferentes contextos geográficos e sócio-culturais, pois se referem a um grupo de mulheres de uma sociedade cearense, porém, entendemos que esse estudo representa um ponto de partida para uma melhor compreensão acerca do fenômeno da empatia no contexto sociointeracional, do qual outras pesquisas poderão expandir, validar ou refutar os posicionamentos que aqui realizamos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. *In*: Amossy, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, p. 2005.

BARNDEN, John. Metaphor and metonymy: making their connections more slippery. *In*: **Cognitive Linguistics**. (Vol. 34). Walter de Gruyter, 2010. Acesso em 9 de fev, 2015. Disponível em < <https://www.scribd.com/doc/103667963/Cognitive-Linguistics-Issue1-4-Vol-21>>

BAAREN, Rick van, JANSSEN, Loes; CHARTRAND, Tanya; DIKJSTERHUIS, Ap. Where is the love? The social aspects of mimicry. *In*: **Philosophical transactions of the royal society**. p 2381-2389, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

BATSON, David. These things called empathy: eight related but distinct phenomena. *In*: DECETY, J.; ICKES, W. **The social neuroscience of empathy**. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology Press, 2009.. 3-13.

BERMAN, Jeffrey. **Empathic teaching: education for life**. University of Massachusetts Press, 2004.

BONELLI, Laura. Disaffiliation and pragmatic strategies of emotive communication in a multiparty online conflict talk. *In*: _____. D'ERRICO, F. VINCIARELLI, A.; POGGI, I. *In*: **Conflict and negotiation: social research and machine intelligence**. Springer Computation Social Sciences, 2014. Disponível em <https://www.academia.edu/7550736/Disaffiliation_and_pragmatic_strategies_of_emotive_communication_in_a_multiparty_online_conflict_talk> Acesso em 20 dez 2014.

BRAIT, Beth. O Processo Interacional. *In*: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais: Projetos paralelos NURC/SP**. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, p.189-214, 1999.

BROOKS, David The opinion pages. *In*: **The New York Times**. Publicada 29 de Setembro de 2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/09/30/opinion/brooks-the-limits-of-empathy.html?_r=0> Acesso em 12 de fev, 2015.

BUCHHOLZ, M.B. Patterns of empathy as embodied practice in clinical conversation: a musical dimension. *In*: **Frontiers in psychology**, Vol. 5, p. 1-20, 2014.

CAFFI, Claudia. **Mitigation**. Studies in Pragmatics 4, Amsterdam: Elsevier, 2007.

CAFFI, Claudia; JANNEY, Richard W. (Eds.) Involvement in language. *In*: **Special issue of Journal of Pragmatics**, 22, p. 325-373, 1994.

CAMERON, Lynne. **Metaphor and reconciliation: The discourse dynamics of empathy in Post-Conflict Conversation**, Routledge, London, 2011.

_____. **The interactional dynamics of empathy: A model.** Living with Uncertainty project. 2012. Disponível em
<<http://www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/p6.shtml>> Acesso em: 20 nov 2014.

CAMERON, Lynne, MASLEN, Robert; LOW, S. A selective Survey of Research in Published Studies using Metaphor nalysis. *In*: CAMERON, L. & MASLEN, R. (Ed) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities.** UK: Equinox Publishing Ltd, 2010.

CAMERON, Lynne., MASLEN, Robert., TODD, Zazie, MAULE, John, STRATTON, Peter; STANLEY, Neil. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, 24, 2, p. 63 – 89, 2009. Disponível em
<http://oro.open.ac.uk/16538/1/Cameron_Discourse_dynamics.pdf> Acesso em 15 nov, 2014.

CONTI, Fátima. **Muitas Dicas** - <http://www.cultura.ufpa.br/dicas/> - Laboratório de Informática - ICB – UFPA, 2014. Disponível em
<<http://www.ufpa.br/dicas/biome/biopdf/bioqui.pdf>> Acesso em 12 dez, 2014.

CUPACH, William; METTS, Sandra. **Facework.** California: Sage Publications, 1994.

DAMÁSIO, Antonio. **The feeling of what happens: body and emotion in the making of Consciousness.** New York: Harcourt Brace, 1999.

DECETY, Jean (Ed.) Introduction: Why is empathy so important? *In*: **Empathy: from bench to bedside** (Social Neuroscience). Cambridge: The Massachussets Institute of Techonology Press: p. vi- ix, 2012.

DEKEYSER, M.; ELLIOT, R. ; LEIJSSSEN, M. Empathy in psychotherapy: dialogue and embodied understanding. *In*: DECETY, J.; ICKES, W. (Eds.). **The social neuroscience of empathy.** Cambridge: The Massachussets Institute of Techonology Press, p. 233-265, 2009.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Linguística II.** São Paulo: IESDE Brasil S.A., 2009.

DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast.** Mouton De Gruyter: Belim, New York, 2003.

DU BOIS, John W., SCHUETZE-COBURN, Stephan, CUMMING, Susanna, PAOLINO, Danae. Outline of discourse transcription. *In*: EDWARDS, Jane A.; LAMPERT, Martin D.(Eds), **Talking data: transcription and coding in discourse research.** Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1993. 45-89.

FAVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. *In*: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais: Projetos paralelos NURC/SP.** São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, 1999.p. 33-54.

_____. A cortesia nas interações cotidianas. *In*: PRETI, D. (Org.) **Cortesia verbal: Projetos Paralelos-NURC/SP.** Vol. 9. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, 2008. p. 305-322.

_____. Processo de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. *In*: PRETI, D. (Org.) **Discurso oral culto: Projetos paralelos NURC/SP.** São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, 2005.

GALEMBECK, Paulo de Tarso O turno conversacional. *In*: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos Oraís**: Projetos paralelos NURC/SP. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, 1999.p. 55-80.

_____. Preservação de face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *In*: PRETTI, D (Org.) *In*: **Discurso oral culto**: Projetos paralelos NURC/SP. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, p. 173-194, 2005.

GALLESE, Victorio. The Roots of Empathy: The Shared Manifold Hypothesis and the Neural Basis of Intersubjectivity. **Psychopathology**, 2003; p.171–180.

GARCIA, Afrânio da Silva. Metonímia: amplitude e precisão. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viifelin/32.htm>>. Acesso em: dez 2014.

GIBBS, Raymond. The Psychological Status of Imagem schemas. *In*: HAMPE, B.; GRADY, J. (Ed.) **From perception to meaning**: image schemas in Cognitive Linguistics. De Gruyter, 2005.

GIBBS, Raymond; CAMERON, Lynne. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. **Cognitive Systems Research**: p.p. 1-12, 2007.

GOFFMAN, Ervin. Fun in Games. *In*: _____. **Encounters**, Harmondsworth: Penguin, 1961.p. 15-72.

_____. **Interaction Ritual**: essays on face to face behaviours. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

_____. **Frame Analysis**: An Essay on the Organization of Experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo de The Presentation of Self in Everyday life. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Ritual de interação**: Ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva de Interaction Ritual: essays on face to face behaviours. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 1997. PhD Dissertation – Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

HILGERT, José Gastón. A Paráfrase: Um procedimento de constituição do diálogo. São Paulo: USP, 1990 (Tese de Doutorado).

_____. Procedimento de formulação: a paráfrase. *In*: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos Oraís**: Projetos paralelos NURC/SP. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, 1999.p. 103-128.

IACOBONI, Marco. **Mirroring people**: the science of empathy and how we connect with others, Picador, 2009.

JACKSON, Philip ; MELTZOFF, Andrew; DECETY, Jean. How do we perceive the pain of others? A window into the neural processes involves in empathy. **Neuroimage**. Elsevier. Vol.

24 p. 771-9., 2005.

JAMISON, Kaline G. **Quem casa quer casa:** a conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal. 2011. (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

JASPAL, Rusi. Language and social identity: A psychosocial approach. **Psych Talk**. 2009. Disponível em <https://www.academia.edu/200226/Language_and_social_identity_a_psychosocial_approach> Acesso em 14 jan. 2015.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind:** the bodily basis of meaning, imagination and reason. Chicago, USA: Cambridge University Press, 1987.

KEYSERS, C. **The Empathic brain:** How the discovery of mirror neurons changes our understanding of human nature, Social Brain Press, 2011.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and emotion:** language, culture and body in human feeling. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltan. **Metaphor and emotion:** language, culture and body in human feeling. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KRAUSS, Robert; CHIU, Chi-Yue. Language and social behavior. *In:* D. Gilbert, S. Fiske & G. Lindsey (Eds.). **Handbook of Social Psychology** (4 ed.), Boston: McGraw-Hill, 2010. Vol. 2. p. 41-88.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. *In:* ORTONY, A. (Ed.) **Metaphor and thought**, 2 ed., Cambridge University Press, 1993.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. *In:* VYVYAN, E.; BERGEN, B; ZINKEN, J. (Eds.) **The Cognitive Linguistics Reader**. London: Equinox, 2007. p. 267-315.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh:** The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. **Complex systems and Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008 .

LEWIS, Karyn; HODGES, Sara D. Empathy is not always as personal as you may think: the use of stereotypes in empathic accuracy. *In:* DECETY, J. (Ed.) **Empathy:** from bench to bedside. Cambridge: The MIT Press, 2012.

LIMA, Paula Lenz C.L **Desejar é ter fome:** Desejar e novas ideias sobre antigas metáforas conceituais. 1999. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Departamento de IEL, Unicamp, Campinas, 1999.

_____. A nova tipologia da metáfora. **Humanidades e Ciências Sociais** (UECE), Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 17-26, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da conversação**. Série Princípios 82. 6a ed. São Paulo: Editora Ática: 2007.

MARTINOVSKI, Bilyana. Cognitive and emotive empathy in discourse. **Proceedings of CogSci**. 2006, Vancouver, Canada., 2006. Disponível em: <http://ict.usc.edu/files/publications/Martinovsky%20Cognitive%20and%20Emotive.pdf>
Acesso em : 20 de, 2014.

MARTINOVSKI. Bilyana; MAO, Wenji. Emotion as an argumentation engine: Modelling the role of emotion in negotiation. **Journal of Group Decision and Negotiation**. Vol. 18, no. 3, 2009.

MENDONÇA, Ricardo F.; SIMÕES, Paula G. Enquadramento: diferentes operacionalizações de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol 27 N. 79. Jun, 2012.

MORAND, David. Language and power: an empirical analysis of linguistic strategies used in superior subordinate communication. *In: Journal of Organizational Behavior*. Vol 21, John Wiley & Sons, Ltd. 2000.

MORSE, Janice *et al.* . Exploring empathy: a conceptual fit for nursing practice. **Image**. Vol. 24, 1992. p. 273-280.

PANTHER, K; THORNBURG, P. Metonymy. *In: GEERAERTS, D.; CUYKENS, H. (Ed.) The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 236-263.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes A metonímia como processo fractal multimodal. **Veredas Online** – Atemática – 1/2010, P. 07-19 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN 1982-2243 Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-1.pdf>> Acesso em 20 de dez, 2014.

PENMAN, Robyn. Facework and politeness: Multiple goals in courtroom discourse. *In: Multiple Goals in Discourse*. Multilingual Matters: Clevedon, Philadelphia, 1990. P. 15-38.

PRETI, Dino. A oralidade na escrita: o diálogo de ficção. *In: PRETI, D. (Org.) Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.117-215.

RADDEN, Gunther “The metaphor TIME AS SPACE across languages”. **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht** 8, 2–3, 226–239., 2003. Disponível em <<http://www.ualberta.ca/~german/ejournal/Radden.pdf>.> Acesso em 11 dez 2014.

ROSA, Maria. **Marcadores de atenuação**. São Paulo, Contexto, 1992.

RUUSUVUORI, Jim. Emotion, affect and conversation. *In: SIDNELL, V; STIVERS, T. The Handbook of Conversation Analysis*. Wiley-Blackwell, 2013.

Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. Secretaria Nacional da Segurança Pública- Ministério da Justiça. **Normas Técnicas de Padronização das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres- DEAMs**. Edição Atualizada, Brasília, 2010.

SEEHAUSEN, Maria *et al.* Effects of empathic paraphrasing- extrinsic emotion. **Frontiers in Psychology**, 2012. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3495333/>> Acesso em 12 dez. 2014.

SETO, Kim. Distinguishing Metonymy from Synecdoche, *In*: PANTHER, K.; RADDEN, G.(Eds.), **Metonymy in Language and Thought**. Amsterdam: John Benjamins 1999.

SIQUEIRA, Karina A. **Ortodoxia e heterodoxia nos relatos do sujeito coletivo mulher vítima de violência doméstica: amar a si mesmo como ao próximo**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

SILVA, Luiz Antonio. Cortesia e formas de tratamento. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 157-192.

STEIBERG, Martha. **Os elementos não-verbais da conversação**. São Paulo: Atual, 1988.

STUEBER, Karsten. **Rediscovering empathy: Agency, Folk, Psychology and the human Sciences**. Cambridge: The MIT Press, 2006.

THE FIVE ACES GROUP, Language is a complex, adaptive system: position paper. *In*: ELLIS, N. C. & LARSEN-FREEMAN, D. (orgs). **Language as a Complex Adaptive System**. Ann Arbor: Language Learning, 59. Language Learning Research Club. University of Michigan: Wiley-Blackwell, 2009, (pp. 1–26)

THOMPSON, Eva. Empathy and consciousness. **Journal of Consciousness Studies** Volume 8, No. 5-7, May-July 2001 Disponível em <http://www.imprint.co.uk/pdf/Thompson.pdf> > Acesso em 20 dez, 2014.

TRACY, Karen.; COUPLAND, N. (Eds.) **Multiple goals in discourse**, Clevedon: Multilingual Matters), 1990. P. 1-13.

_____. **Understanding face to face interaction: issues linking goals and discourse**. New York: Routledge, 1991.

TRISTÃO, Roberto Mauro de Souza. **O boletim de ocorrência sob o aspecto da dêixis de base espacial como processo de instauração e manutenção de referência**. 2007. p. 141. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em: 02 de fevereiro, 2015.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais: Projetos paralelos NURC/SP**. São Paulo: Humanitas Publicações FFL/CH, p. 81-102, 1999.

VILLAÇA, Ingedore G.; BENTES, Anna Cristina. Aspectos da Cortesia na Interação Face a Face. *In*:PRETI, D. (org.) **Cortesia verbal: Projetos Paralelos NURC/SP**. Vol. 9. São Paulo: Humanitas, 2008.

VYVYAN, Evans.; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

ZAHAVI, Dan; OVERGAART; Soren. Empathy without isomorphism: a phenomenological account. *In*:DECETY, J. (Ed.) **Empathy**: from bench to bedside. Cambridge: The MIT Press, 2012.

ZAKI, J. Empathy as choice. **Scientific American**, 2003. Disponível em <<http://blogs.scientificamerican.com/moral-universe/2013/07/29/empathy-as-a-choice/>> Acesso em 29 dez de 2014.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Sou **Kaline Girão Jamison**, aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, estou desenvolvendo uma pesquisa sobre violência conjugal na Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, venho solicitar, por meio deste documento, seu consentimento para colaborar no desenvolvimento da pesquisa intitulada: *Movimentos de Empatia no discurso de vítimas de violência conjugal e* que tem como objetivo principal verificar a construção de empatia nos relatos de vítimas de violência conjugal.

Não será utilizado qualquer tipo de questionário nem haverá nenhuma espécie de direcionamento de seu dizer. As informações gravadas nos atendimentos serão utilizadas somente para os objetivos da pesquisa. A senhora terá inteira liberdade de desistir a qualquer momento de participar desse processo. As informações ficarão em sigilo e seu anonimato será preservado. De nenhum modo, a pesquisa lhe trará prejuízo, nem financeiro, nem psíquico. Sua participação será de extrema importância para o processo da pesquisa.

Em caso de mais algum esclarecimento entrar em contato com a pesquisadora responsável nos telefones abaixo:

Kaline Girão Jamison

9983-1869

Dados do entrevistado:

Nome:

Endereço:

Telefone para contato:

Data de nascimento:

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Declaro que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

TranscriçõesVítima 1

- E1:** É contra quem,
... o boletim?
- V1-** É porque eu convivi com uma pessoa 7 anos,
... aí a gente *tamo* com oito::
dias de separado aí eu::,
... eu queria assim,
... pra eu pegar as minhas coisas de trabalho,
... Porque eu sou costureira,
...e eu não tenho condições de comprar outra máquina.
Aí::
... eu queria tirar
... minha-minha roupas
... minhas-
- E1:** →E ele não deixa você tirar?
- V1:** Bom,
... eu não conversei com ele,
...assim,
...entendeu?
Eu::
eu queria assim,
... que se ele pudesse assim é::
me dar minhas coisas de trabalho,
...sabe
- E1:** Você saiu de casa?
- V1:** Saí.
- E1:** Por que?
... ele te ameaça,
é?
- V1:** Não,
... porque ele fica::
-- quando ele bebe,
... ele fica agressivo,
sabe?
Aí,
... eu já vivo com ele há 7 anos a gente sempre
((<XX>))
- E1:** E ele te ameaçava?
... te agredia?
- V1:** Não,
... ele me agredia.
...Aqueles coisas de::
de sempre né?
De tá discutindo,
... aí,
... eu saí.
- E1:** Ele te agredia com palavras?
- V1:** Também .

- E1:** Fisicamente também?
- V1:** Ele dizia “porque você é assim e aquelas de nome
.. essas coisas::
Aí,
... eu falei pra ele:
“... olha, ((e balança cabeça negativamente, sinalizando uma reprovação em relação ao comportamento do companheiro))
... E eu tenho um filho de 13 anos e ele fica:: é::
...não querendo criar o menino,
... que eu tenho que [botar o menino pra estudar no interior::]
- E1:** [Aí você quer assim,]
...o seu::
a sua máquina-
- V1:** →É .
Minhas duas máquinas,
... minhas roupas né?
E minhas coisas do meu menino,
... porque ele tá: --
- E1:** →Certo ...e você não conversou com ele e não sabe se ele vai deixar o não?
- V1:** É verdade.
- E1:** E você quer que a gente chame pra uma audiência?
... pra conversar com ele?
- V1:** É :::
... porque eu sei que não dá mais certo, mulher.
A gente ficar brigando,
... fica:::
e isso não é a primeira ve::z-
- E1:** →Un-hun,
... Agora assim,
...nesses dias,
... Você estão separados há oito dias né?
- V1:** É...
- E1:** Ele liga?
Ihe agredindo?
- V1:** Não.
ele não liga não.
- E1:** Certo -
- V1:** →Aí,
... eu queria assim,
... se a senhora pudesse,
... assim...me dar uma- uma carta,
...assim,
pra eu poder pegar minhas coisas.
- E1:** Olha,
..assim,
... carta né?
Na realidade,
... você teria que entrar na defensoria pública,
... na justiça,
pra requerer seus pertences,
seus direitos né?

- Mais a sua má::quina,
... né?
- V1:** Pois é.
...minhas coisas de trabalho-
- E1:** →Suas coisas de trabalho.
... Então,
... a gente poderia chamá-lo,
... pra uma conversa aqui na delegacia.
Dar uma carta assim,
pra você chegar lá::,
pedindo,
não tenho ((reforça balançando a cabeça negativamente))
...A gente não tem essa condição de dar essa carta.
A gente vai fazer o boletim de ocorrência né?
- V1:** Un-hun.
- E1:** Você poderia até tentar::
... ir lá::,
... conversar com ele,
... mas não é bom ir sozinha.
- V1:** Pois é::
- E1:** Você quer que a gente chame?
... pra conversar?
- V1:** É.
... porque eu sei que::
eu e ele não dá mais certo.
- E1:** Deixa eu ver aqui seus dados,
... tá certo?
- V1:** An-hã
- ES:** Então,
... você saiu porque não dava mais certo,
... ele lhe agredia::,
quando bebe fica agressivo::--
- V1:** →An-hã,
... fica agressivo
- E1:** É::,
a última vez que::,
... ele lhe agrediu com pala::vras,
... foi quando?
- V1:** Foi ::
...hoje tá fazendo:::,
foi de sexta pra sábado.
- E1:** Passado?
- V1:** Sim.
... é:::
que:: hoje é quinta né ?
Sexta-feira,
...amanhã,
vai fazer:::--
- E1:** →Sexta-feira passada?
- V1:** An-hã.
- E1:** Dia vinte e sete né?

- V1:** É.
- E1:** Dia vinte e sete,
Mais ou menos que horas?
- V1:** É:::
É::
..... foi mais na madrugada né? (tópico- ultima agressão)
- E1:** Na madrugada?
- V1:** É.
- E1:** Isso foi em casa né?
- V1:** Foi.
- E1:** Seu endereço?
- V1:** Rua Rodrigues de Andrade 118
- E1:** É o primeiro boletim é ?
...que você faz?
- V1:** Foi::
... eu eu fiz esse aqui mas já tá com::
... Foi lá na delegacia da Parangaba:: ((entrega boletim para que a escritã leia))
(justifica por
- E1:** Humm. ((lê boletim))
E você nem fez exame de corpo e delito né?
- V1:** Não,
... não.
... A gente tem ^pena né?
Que a pessoa seja preso?
- E1:** Você não fez o exame de corpo e delito porque ^teve pena?
- V1:** Porque-mulher,
... a gente quer se saia da vida da gente pra não voltar mais,
entendeu?
- E1:** Mas,
... porque foi
... que você não fez o exame?
- V1:** Não sei nem por- assim::--
Não,
... porque no dia que eu fui—
... foi/era doze horas da manhã...
- E1:** Hum:: ((olha e aguarda resposta da vítima))
- V1:** da noite,
... aí eu num/ num sei o que foi-quando eu cheguei::--
eu disse
“ ... não,
... doutor,
...eu quero que ele saia de dentro da minha casa”
... Aí,
Voltou::,
...pronto.
Aí eu não tive mais coragem de ir.
- E1:** Ficou com pena?
- V1:** Não sei.
Não,
... não era pena.
... Mas eu não fui mais:: Se ele melhorar ... né?
- E1:** Achou que ele poderia melhorar,

- ...né?
- V1:** É.
- E1:** A senhora convive com ele há quanto tempo?
- V1:** Vai fazer-tá com oito anos::
- E1:** Oito anos,
né?
[Nome dele?]
- V1:** [A gente que evitar],
Mulher,
... porque tem filho,
... João da Silva.
- E1:** João?
- V1:** da Silva
- E1:** Tem quantos filhos com ele?
- V1:** NÃO,
... não tenho filhos com ele não.
- E1:** Aí bebe né?
- V1:** Bebe.
- E1:** Aí quando ele tá embriagado fica agressivo?
- V1:** É::
... fica desse jeito.
- E1:** Várias vezes ele lhe agrediu né?
- V1:** An-hã.
- E1:** A casa é de vocês ou é alugada?
- V1:** É alugada.
- E1:** ((Escrivã digita e fala alto ao digitar))
... sofreu várias vezes,
... agressões físicas.
.... E verbais também?
- V1:** É:: ((escrivã digita))(12s)
Aí,
... eu tenho um filho,
...mulher...
de vinte e um,
... de dezoito,
... e esse de treze::--
Aí,
... pra evitar,
...mulher,
...eu tenho que::,
assim,
... a gente tem medo,
... assim de acontecer uma coisa pior né?
Que::
...o meu mais velho ontem disse,
“Olha mãe,
... se eu souber que o Junior triscou um dedo na senhora,
... não vai prestar::”
...Aí a gente fica com medo,
... né ?
... que:: -
- E1:** → Como foi que ele falou?

- V1:** O meu menino.
 ... meu filho de vinte e um::
 “ Olha mãe,
 ... é melhor a senhora se separar,
 ... não dá mais certo,
 ... porque se ele for agredir a senhora,
 ... se EU souber não vai prestar::”
 A gente fica::< né?
 Aí mulher,
 ... tem que deixar logo.
 ...Viver-eu vou viver minha vida com meus meninos .né?
 Meus três filhos-
- E1:** →Mas tu sabe saiu de casa e levou os filhos?
- V1:** Levei.
 ... Todos os meus três.
- E1:** Foi na sexta-feira?
 ... foi nesse dia?
- V1:** Foi ...
- E1:** Aí,
 ... na sexta-feira,
 ... no dia vinte e sete?
 ...como foi?
- V1:** Aí,
 ... né,
 ...só que eu tenho meu filho que::,
 quando ele bebe,
 ... sempre eu não deixo ele dentro de casa.
 ... Sempre eu deixo na minha vizinha,
 que a gente tem medo né?
 ... dele:: bêbado,
 fazer alguma coisa com o menino né?
- E1:** An-hã...
- V1:** Aí,
 ... pra evitar tudo,
 ... eu tiro::-
 o meu de vinte e um não mora comigo né?
- E1:** Não mora com você né?
- V1:** Não.
 Mora com o pai dele.
 ... Aí,
 .. sempre ele vai lá em casa “ mãe,
 ... como é que tá as coisas?
 “Não,
 ... tá bem”,
 ... eu digo.
 “Pois espero que esteja mesmo”.
 ... Aí,
 ... a gente não vai dizer né?
 Porque a gente tem medo.
 Porque um filho de dezoito e outro com vinte é um HOMEM.

- E1:** Você tem dois filhos?
V1: Tenho TRÊS.
E1: Ah::
 ...Um mora com o pai.
 ... e outros?
V1: O meu mais novo mora comigo.
E1: Só o mais novo,
 né?
V1: É :::
E1: Sim,
 ... aí,
 ... sexta-feira,
 ... como é que foi?
V1: Não ::,
 ...aí,
 ...ele::,
 só foi dizer umas coisas,
 “ Sabe de uma coisa?
 ... eu vou é sair:”
E1: Lhe agredindo com palavras ^de novo,
 né?
V1: Foi.
 ... Aí,
 ... eu disse
 “ ... sabe de uma coisa?
 ... eu vou é sair.”
 Quando eu esperei ele sair,
 ... eu saí.
 ...Entendeu?
E1: Ele lhe agred/ ele lhe chamou de que?
V1: Mulher,
 ...tu acredita que eu nem lembro mais?
E1: Palavrão?
V1: Foi
 ...só as coisa dele bebo,
 e a gente né,
 ... fica ^tão tensa,
 ... que:::,
 que aí eu num
 ... num lembro mais .
E1: Com palavrão né?
 Com palavra de baixo calão?
V1: An-hã.
 Foi::
 ... me chama de “ troço”,
 ... sua “ troço”,
 ... abestada:::
 .. sabe?
 ... assim::
E1: Troço,
 ... abestada ::: ((escrivã repete palavras ao digitar))(8s)

- O que mais?
- V1:** É jumenta::,
...é tudo isso.
- E1:** Dentre outros né?
- V1:** É.
- E1:** Não lhe ameaçou?
- V1:** Não.
... não
... não.
- E1:** Aí você resolveu sair de casa:::
- V1:** É:::
resolvi sair:::
... Não é a primeira vez que eu saio de casa.
SEMPRE a gente volta,
... briga,
...mas “na/não,
vou -vou melhorar”,
... tal::
... Mas não muda.
... mulher:::,
Não muda não :::
É melhor eu sair de uma vez mesmo:::
Aí,... eu só queria minhas coisas de trabalho né?
Minhas máquina:::
- E1:** saiu de casa::: ((digita e fala em voz alta))
E foi morar de que?
de aluguel?
- V1:** Não,
... eu to::
... eu to numa casa de uma tia do meu ex-marido:::,
Por enquanto que a gente vai ver se consegue alugar um canto pra gente:::
- E1:** Duas máquinas,
né?
- V1:** É.
((1 minuto e meio digitando))
- E1:** Aí... você tem::,
você tem medo de ir lá e tirar suas malas,
...não é? (4s)
Nós vamos chamá-lo pra uma audiência:::
- V1:** Un-hun::: ((balança a cabeça afirmativamente,em sinal de consentimento))
- E1:** Olhe,
... caso ele lhe ameaçar,
... ficar lhe ameaçando,
... lhe importunando,
... Vocês estão separados né?
Ele não tá ligando pra você?
... nada né?
- V1:** Não,
...não.
- E1:** Mas,
... se houver alguma outra coisa,
... se ele continuar lhe ameaçado,

- ... lhe importunando,
 ... você pode retornar à delegacia,
 ... requerer medidas protetivas.
 ... As medidas protetivas,
 ... a gente encaminha pro juizado de violência doméstica,
 ... pedindo ao juiz pra::
 ...pra ele não se aproximar de você,
 ... não frequentar o mesmo lugar que você frequenta,
 ... certo?
- V1:** Un-hun::
 Eu sei.
- E1:** Só,
 ... que::
 ... aí,
 ... ele ficaria com antecedentes criminais:::,
 e você teria que processá-lo na delegacia tá?
- V1:** Eu sei::
- E1:** Então,
 ... o boletim vale por seis meses.
 ...caso você queria retornar por um outro motivo,
 ... é só você:::,
 ... tá?
- V1:** Eu sei::
 Quer dizer que aí:::
 ... por exemplo,
 ...se:::
 ... eu for lá com os *meus menino*,
 ... assim,
 ... se eu for pegar *minhas máquina*,
 ... aí:::,
 como é que:::,
 eu digo?
 assim::: -
- E1:** → Você quer tentar?
- V1:** Eu queria,
 ... né?
 Porque,
 ... mulher:::,
 ... eu não posso tá muitos dias sem trabalhar né:::?
- E1:** Você quer que a gente chame pra uma audiência?
 ... ou você acha que ((<XX>)) é agressivo?
- V1:** Não.
 ... eu queria assim:::,
 se você :::
 ... é:::
 ... me entender,
 ... assim:::,
 ... é:::,
 Por exemplo,
 ... se eu for lá com meus meninos tir-
- E1:** → Retirar suas máquinas?

- ... as SUAS máquinas né?
Pronto.
- V1:** É:::,
Aí,
... por exemplo,
... aí:::,
... se ele não quiser me dar,
... aí e:::u-
- E1:** → Aí,
... pronto:::,
aí ... você retorna então.
... não é isso?
- V1:** É :::
- E1:** Tá legal,
... tá certo.
... Vou fazer só o boletim de ocorrência né?
...qualquer coisa,
...você retorna.
- V1:** Tá certo.

Vítima 2

- V2** Oi
..é porque eu trouxe esse papel aqui
.. só pra::
...refrescar a memória,
né?
- E2** pra refrescar nossa memória
né?
...Ó
(2.0)... a senhora fez esse em 2010,
..né?
- V2** certo
- E2** E não quis a medida na época,
... quis a audiência.
... teve essa audiência?
- V2** teve a audiência,
..né?
...eu passei 3 meses na casa da mamãe
... enquanto ele::
...se organizava pra sair...
- E2:** [Sim]
- V2:** [porque ele] nunca trabalhava de carteira assinada... (1.0)
...ele só fazia bico enquanto eu morava com ele
- E2:** [hum]
- V2:** ...então,
aí,
eu fiquei três meses,
ele saiu

- .. e depois eu voltei pra casa
 ... (1.0) só que o::
 ...(2.0) agora o inferno continua
 ...porque::
 ...ele tem um barraco
 ...(1.0) mas tá 24 horas [lá dentro]
- E2: [aahh
 Ele não] sai de dentro da sua casa...
- V2: ele não sai.
 porque ele diz::
 ... que a metade da casa é dele.
 tudo bem,
 ...isso aí eu acho que eu concordo.
 ...ele diz que tem a metade dele
 ..e a metade minha
 ...(1.0) mas ele é 24 ho--
 ele toma banho,
 assiste televisão,
 ele almoça,
 ele JANTA,
 ... [ta entendendo]?
- E2: [ele DORME]
- V2: ...não
- E2: ... vai dormir lá não?
- V2: ... não
 ... só no barraco
 ...e o barraco dele
 ...é pra ele dormir e usar drogas, viu?
- E2: [humm]
- V2: ... [ele tem] 48 anos mas usa ele droga.
 então,
 ...eu não presto,
 ...eu só vivo trabalhando
 ... eu não presto,
 sou vagabunda,
 sou cachorra,
- E2: [unhun]
- V2: ... [eu tenho] que pagar aluguel pra ele
 ..pra casa dele
 ... (2.0) tá entendendo?
- E2: sei...
- V2: pra casa dele
 ... (1.0) porque eu não vou viver na casa dele,
 ...ele não vai me dar a casa de graça
 - escrivã pausa por 3 segundos para reler o que havia escrito-
- E2: é:::
 ...esse período agora,
 em relação à casa
 que a senhora --
 ... na verdade convive com ele há quanto tempo

- ...assim
 ... maritalmente,
 ...vamos dizer?
- V2: ... desde <xx>
 E2: ...desde 2010,
 né?
- V2: é.
 então não adianta que
 ..que ele não sai.
 ... ele disse
 ..que ele::
 .. que ele tem chave do primeiro portão,
 ...tem da grade,
 ... tem da porta,
 e que ele entra::
 E2: a hora que quer,
 .. sai a hora que quer
- V2: isso
 ...ele trabalhava--
 ele tava trabalhando
 ...tudo bem
 ...de carteira assinada --
 na firma,
 ...saiu
 ... depois entrou NOUTRA
 ... e saiu,
 mas,
 ... agora ele não tá mais trabalhando
 ...então eu tenho que
 ... que sustentar ele porque
 ... ele não compra --
 ... não compra uma farinha
 ... ele se acorda onze,
 .. dez hora,
 ... uma hora da tarde
 ... quando chega já tem almoço pronto
 ... tem sopa,
 ele toma café::,
 depois ele vai - -
- E2: →<xx> ele fazer isso <xx>
 dele ir pra casa da senhora
 ...lógico que a senhora não quer ele mais lá,
 né isso?
 ...né assim::?
 [a senhora não] quer ele mais na sua casa não?
- V2: [não]
 Eu não quero ele mais lá
 ... mas ele diz que ele entra a hora que ele BEM:: quiser
 ...sai e entra
 porque::
 a metade [da casa é dele]
- E2: [Ó] --((tenta interromper a declarante, que continua))-

- V2: .. e ele ele só *veve* (sic) comprando tijolo pra passar parede
 .. no meio da COZINHA
 ... pra ser [a metade dele]
- E2: [quer ser o dono da casa]
 né?
- V2: isso,
 isso
- E2: ó::
 além dele fazer essas coisas aí com a senhora
 ... ele por acaso continua lhe agredindo
 .. com essas palavras aqui?
- V2: com essas daí não,
 ... mas
 ...CACHORRA,
 ... VAGABUNDA
 [aí]
- E2: [então ele continua lhe agredindo com palavras,
 né?]
- V2: [aí--]
 ..quando eu::
 ... (2.0) trabalhava
 ... ele me seguia
 .. botou na cabeça que eu tinha um MACHO
- E2: certo,
 ...tô vendo aqui
 HOJE,
 ele ainda diz isso?
- V2: sim,
 agora piorou.
 Essa semana agora,
 ...ele disse que
 ... a ficha caiu
 eu perguntei
 por que::?
 [... “porque::”]
- E2: [passou::]
 ahn,
 diga
- V2: porque--
 a minha filha mais nova,
 tem vinte anos
 ... “ eu descobri quem é o pai da menina”
 e agora,
 tu vai sair de dentro da minha casa
- E2: ele lhe disse isso,
 né?
- V2: disse
- E2: agora,
 ..eu preciso saber--
 ele andou fazendo alguma AMEAÇA a senhora?
- V2: (balança a cabeça negativamente)
 [nã/]

- E2: [só diz]que a ficha tava::,
o quê ?
caiu o que?
- V2: a ficha caiu porque [ele]
- E2: [DESCOBRIU que a filha que tinha não é de::le,
... que sabe quem é o pa::i
- V2: que sabe quem é o pai
... pra poder me tirar de dentro da casa dele
... porque simplesmente,
nessa/nesse [papel aqui::]
- E2: [si::m]
- V2 ... ele me jogou de casa pra fora porque descobriu que eu tinha um macho/
- E2: [nessa época --] – tenta interromper a declarante
- V2: [na praia] do futuro e
.. e um macho no outro/o- -
... o zelador do [prédio]/
- E2: [qua- -]
qual foi a ultima vez que ele lhe desagrovou?
foi nesse dia que ele disse que a ficha caiu?
ou,
...de lá pra cá ele [fez algo mais com a senhora?]
- V2: [ah::]
...ah
... ele todo dia--
- E2: faz TODO dia?
- V2: é::
ele me esculhamba...
- E2: vamo começar um diferente aqui
...crime de violência doméstica
- começa a digitar-
- V2: ele é cheio de direito,
viu?
- E2: ... certeza – diz ironicamente-
- V2: ... todo cheio de direito
- E2: qual seu endereço?
rua?
- V2: o endereço é rua Maurílio
- E2: Maurílio
... ah,
tá aqui
-digita-
...(3.0) qual um ponto de referência de lá?
- V2: é
...La Maison
- E2: no bairro Vicente pinzon,
né?
- V2: é
-escrivã digita- (2.0)
- E2: só no finalzinho vou mais duas perguntas pra senhora
... as duas últimas perguntas
...pra senhora decidir o que vai fazer contra ele,
certo?

- V2: certo
 - escritã continua a digitar e a ler em voz alta os dados da declarante- (5.0)
 - escritã cantarola-
 - escritã conversa com alguém e sai da sala-
 - depois de 3 minutos, escritã volta-
- E2: e o nome dele
 .. como é que é?
- V2: Antonio da Silva Feitosa
- E2: desempregado?
- V2: ele tava trabalhando de carteira assinada
 ... ele trabalho::u
 ... em duas firmas [e]
- E2: [e] agora?
- V2: agora não
- E2: pronto
- V2: ... (1.0) acho que tá com quase um ano
 ... que ele ta desempregado
 ... mas ele trabalhou
- E2: desempregado –repete ao digitar-
 qual a idade dele que a senhora disse?
 48?
- V2: 48
- E2: quantos filhos tem com ele?
- V2: ... tem a de 20 e a de 22
- E2: duas filhas?
- V2: é::
- E2: com ele,
 .. né?
- V2: com ele
 uma casada e
 .. a outra mais nova
- E2: não moram mais com a senhoras?
 ... as meninas?
- V2: a de 20 mora
- E2: certo
 ...duas filhas
 uma de 23 anos e 22?
- V2: não
 ...uma de 22 anos e uma de 20
- (escrivã digita) (1:30)
- V2: ... e ele continua me dando macho,
 viu?
 ... (3.0) e os nomes são os mesmo (sic)
 ... (1.0) prostituta
 ... diz que sou prostituta
 ..manda eu tomar no cú
 só não faz me bater,
 .. mas os nome que ele chama comigo é os mais lindo do mundo
 ... (3.0) toma banho,

assiste televisão,
 janta,
 almoço
 E2: ce::rto
 V2: ...tudo isso

(digita por mais 2 minutos)

E2: e a senhora quer que eu chame ele de novo aqui?
 .. ou a senhora quer pedir a medida protetiva de urgência à juíza?
 que é isso?
 ... (2.0) a gente faz o pedido desse documento
 pra juíza determinar o afastamento dele da senhora
 ... em que ele::
 ... não pode mais entrar na casa,
 .. ele não vai poder lhe importunar
 .. ele não vai poder ligar,
 .. não vai poder ter nenhum tipo de comunicação TAMBÉM
 ... (2.0) SE
 ... acontecer alguma coisa desse tipo- -
 ... a senhora com esse documento que a gente vai entregar
 ... OU dependendo da situação,
 ... ele também vai tomar CIÊNCIA
 .. e vai assinar o mesmo documento
 ... a juíza vai mandar- -
 se ele DESCUMPRIR
 ... vai acarretar pra ele a prisão dele
 ... como assim?
 a juíza foi lá,
 achou ele- -
 ...mas tá com medida protetiva/
 (nesse momento entra alguém na sala e pede o controle do ar condicionado)
 E2: ... aí:: é assim
 ... então se a senhora quiser fazer
 o problema é ele descumprir a sentença,
 aí o nome dele precisa ser acionado,
 não é?
 V2: anhan
 E2: enquanto ele tiver cumprindo,
 beleza.
 não tem nada com a lei Maria da Penha- -
 porque <xx>
 antigamente,
 até o ANO PASSADO,
 ...o nome do homem já ficava sujo
 .. com esse documento
 e hoje não,
 ...entendeu?
 ...hoje,
 fica sujo se a senhora processar
 ...como é processar?
 arranja duas testemunhas,
 ... vem pra cá no dia marcado

pra DEPOR contra ele
 e ele DEPOIS é chamado
 <xx>
 aí::,
 sim,
 o nome dele fica sujo,
 ...e a senhora fica respaldada na lei--
 e a SUA medida protetiva
 ...por conta DESSE PROCESSO
 ... isso se a senhora quiser fazer o processo
 também,
 ... né?
 o que eu tô dizendo aqui,
 a senhora é quem vai escolher fazer.
 ... a medida só vale 6 meses,
 ... (2.0) mas,
 se senhora processa
 ... a medida,
 dependendo do crime,
 ... se estende por dois anos,
 entendeu?

V2: anhan

E2: aí,

... então
 ...(2.0) a qualquer momento,
 se ele:: DESCUMPRIR,
 ...a senhora tem que dizer pra gente o que ele fez,
 pra pedir a prisão dele.

V2: e se chamar ele aqui?

...como é que fica?

E2: aí,

a gente vai dizer tudo de novo isso pra ele
 ... (1.0) a gente vai tentar fazer da melhora forma possível
 pra ver se/se --
 entende
 ...de uma vez--
 ele lhe DEIXA em paz--
 ... a senhora que vai falar
 se a senhora quer que eu CHAME
 DE NOVO
 ...ou se a senhora quer partir pra isso

V2: aí

...se/se
 ... se chama/
 se chamar pra uma conversa
 [...aí]

E2: [aí] ele vem do jeito que a senhora viu aqui

é uma forma de dizer
 ... “ah
 ..vamo tentar
 ...mais uma vez”
 é a VÍTIMA que escolhe

- (2.0) “não,
 ... não quero levar ele agora não”
 ... não quero pedir isso à juíza agora não”
 mas o cabra as vezes faz
 e depois ela tem medo de dizer aqui pra gente
 pra não pedir a prisão dele,
 ...porque não quer nem que ele seja preso
 ... (2.0) então, a decisão é da senhora
 ...pra pedir essa medida,
 eu ainda vou precisar saber o nome completo da mãe dele,
 ... e o endereço dele,
 mas,
 ... se ele já tá direto na sua casa
- V2: [mas--]
- E2: [... o po] licial vai lá e bota ele pra correr de lá
- V2: mas só que
 ...pra pegar tudo isso
 tem que pegar a carteira dele
 ... aí eu pego,
 né?
- E2: ... se a senhora não sabe o nome da mãe,
 né?
 fica difícil.
- V2: não
 fica difícil,
- E2: ... mas tá com o nome dele aqui
 .. mas,
 uma vez feita a medida protetiva,
 o pedido dela
 ... a senhora não pode desistir,
 ... VIU?
 ...porque vai pra juíza
 (2.0)... compreendeu?
- V2: anhan
- E2: as vezes,
 .. as mulher vem aqui
 “ei,
 eu queria desfazer”
 eu digo
 não,
 pode não
 ... e::
 a juíza não aceita desistência de ninguém não
 <xx> que é uma burocracia tremenda
 ... vai ter que conversar::
 ... aí,
 o negócio é:--
- V2: ... então,
 quer dizer que
 ...se chamar aqui,
 ... só vai CONVERSAR::
 pra ver se ele se afasta,

- ... só isso?
- E2: aqui,
...Dona:
... Ivone?
Dona Ivone,
... a gente aqui não pode chegar e dizer
“ei,
Antonio,
vai se embora da casa da mulher”
... então,
assim
... a decisão está em suas mãos
... (2.0) a gente não tem
... a gente não pode--
como é que a polícia traz uma pessoa presa?
..quando ela ta cometendo um DELITO
... que é flagrante.
a policia vai lá na sua casa
e ver ele cometendo alguma coisa--
... se a polícia entender que ele tá cometendo alguma coisa contra a senhora
a obrigação é trazer preso
...ou então,
por mandado judicial
...o que é mandado judicial?
... por exemplo,
A MEDIDA PROTETIVA é um mandado judicial
... eu chego na sua casa e o homi tá lá dentro
minha senhora,
“eu tenho a medida”
... “aí é?”
bem,
... bota as mãozinhas aí pra traz e vamos pra delegacia,
acabou-se.
... AQUI
.. vai ter a conversa
pra dizer pra ele o que vai acontecer se a senhora entrar com isso
... vocês vão procurar um entendimento
a gente não PODE,
Dona Ivone,
... mandar uma pessoa EMBORA de uma casa assim não
- V2: ... o pior é que eu/eu
ele/ele TEM a casa dele/ele--
... [eu não/]
- E2: ... [pois então],
Dona Ivone,
... é esse tipo de coisa que a senhora tem que resolver AQUI,
ou pedir à juíza pra botar ele pra correr de lá
... a decisão está em suas mãos
...(1.0) diga aí
- V2: ... (4.0) como é que eu vou pegar os documentos dele pra--
- E2: ... eu achei ele aí
... se for a mesma pessoa

é o Antonio da Silva Feitosa?

V2: ... eu posso só chamar minha filha um pedacinho pra--

E2: a senhora fique ciente que--
as vezes é por isso que eu não deixo entrar,
sabe por que?

V2: an?

E2: porque INFLUENCIA
(3.0)... as vezes,
a filha entra,
a mãe entra junto
e a filha nem quer fazer
... ai eu deixo lá fora a mãe
e a filha diz “não,
mas eu não quero fazer isso”
... já aconteceu isso
... mas eu vou FAZER diante do que a SENHORA vai me dizer
... (4.0) mas vamo lá falar com ela
...então a senhora quer com a juíza já pra botar ele pra fora
e se ele descumprir ele tem que ser preso mesmo?
ou a senhora quer que eu chame ele primeiro aqui?

(vítima não fala nada e escritã continua)

E2: é o Antonio Livramento Feitosa
...(2.0) vá lá chamar a sua filha

(declarante sai e vai chamar a filha e volta logo em seguida com a filha)

E2: essa menina é a de 20 anos
... que ele quer o DNA?

V2: ...não
[é a outra]

E2: [é a outra]

V2: essa daqui é a casada

E2: bem,
a sua mãe ta com uma dúvida cruel aqui
... se quer que eu chame ele DE NOVO

V2: pra conversar

E2: ...pra conversar com ele::
pra ver da melhor forma possível
... é um forma que a gente faz pro cabra não ir logo pra lei
pra não responder,
pra não ser preso.

Filha: anhan

E2: AGORA,
existe a medida protetiva
...aí já é pra juíza
a gente faz um pedido desse documento,
pra EXPULSAR ele de lá
mas só ela que pode
... (2.0) se ELA determinar
... o oficial vai lá,
manda sua mãe assinar o documento

e o seu pai
 e diz pra ele que a medida tanto é pra ele se AFASTAR--
 ele não pode se aproximar nem 100 metros
 se ele ultrapassou os 100 metros
 ..e tá atrás da sua mãe--
 ele não pode tá nem no mesmo ambiente
 ele não pode incomodar também as pessoas que residem lá com ela
 se ele ULTRAPASSOU
 ...BOTOU O PÉ
 ...tem que chamar logo é a polícia
 ...mostra o documento,
 a polícia chega e
 diz que tem a medida protetiva
 ... aí::
 ...tem que mostrar pro policial
 e é O-BRI-GA-ÇÃO do policial se pegar ELE,
 levar ele preso

Filha: bom,
 ... como ele diz que tem direito à metade da casa
 (escrivã interrompe)

E2: Ahhh,
 eu se::i (diz com desdém)
 depois ela resolve

Filha: aí
 se a gente colocar esse de não entrar em casa
 ... ou 100 metros de distância dela
 ... depois disso
 ... a gente vai resolver o negócio da casa e tudo?

E2: depois ela vai na defensoria pública
 ... tudo direitinho
 ... vai ver lá os direitos
 pra dar os direitos dele pra se livrar dele
 ... (2.0) fique ciente que se pedir esse documento,
 nem ele pode se aproximar,
 nem pode se comunicar
 e nem a sua mãe com ele
 porque tem que pedir a prisão dele se ele descumprir
 ...tem que vir dizer pra gente,
 viu?
 Ele vai tomar ciência disso

Filha: por mim,
 eu mandava logo ficar logo distante
 ... ele não tem jeito
 a senhora sabe

E2: conversem aí
 ... volto já

(escrivã sai da sala e filha e declarante conversam, mas não é possível compreender)
 (depois de 3 minutos, a escrivã volta)

E2: e aí?

V2: vou chamar ele aqui.

E2: tentar mais uma vez,
 né?

- ... (3.0) aí depois,
vão lá na defensoria,
vão logo de informando
- V2: porque ele disse que ele
se vender a parte da casa- -
a desculpa dele é que ele tá lá
...porque a parte da casa é dele
e se eu comprar ele some
- E2: é que o que ele diz,
né?
- V2: anhan
... (2.0) mas a gente/
ele quer resolver comigo lá em casa
a gente vamo vê se a gente resolve aqui,
né?
- E2: isso é H dele
...a senhora vai ver que ele vai continuar lhe importunando
- V2: pois é
... então vamo ver
- E2: ...(3.0)eu já tava pensando que a senhora tava resolvendo outra coisa
- V2: foi bom,
né? (@@)
... mas me diga uma coisa
como é que vai chegar pra ele
... se ele vive mais lá em casa?
- E2: vou mandar pra sua casa
...vamo mandar pra lá?
- V2: e se não encontrar ele lá?
porque ele é igual assim
a uma carrapeta?
- E2: não tem ninguém em casa não?
pra receber o papel?
- V2: a filha dele pode receber?
- E2: o nome da mãe dele é Maria da Silva?
- V2: isso,
Isso
- E2: pois eu vou anotar o nome da mãe dele aqui
...pra senhora nunca mais esquecer,
...se for pedir a medida protetiva,
viu?
- V2: ta certo
- E2: pronto
Pois agora vou terminar aqui o B.O. (começa a digitar)
(4.0)... que no momento NÃO QUER as medidas protetivas (digita)
...no momento não deseja
(3.0)... a declarante disse que está separada (digita e lê o que escreveu, mas é
incompreensível)
(5.0)... mas ele tem as chaves de casa (lê ao digitar)
e fala que entra entra e sai a hora que bem quer,
né?
- V2: e as coisas dele
ele vendeu tudo,

- viu?
 ...vendeu fogão,
 vendeu televisão,
 vendeu TUDO
- E2: dele?
 e a senhora tem o que?
- V2: não
 ele vendeu tudo
 ...ele não tem nada,
 tipo USANDO lá
 tá entendendo?
 por que ele não ficou--
 pra fazer as coisas na casa dele?
 por que?
 Porque [tem a]
- E2: pois é
 ... eu gostaria também de saber (diz ironicamente)
- V2: porque tem a otária aqui,
 né?
 ...quem tem besta não compra cavalo,
 né?
 ...[ele vendeu tudo]
- E2: <xx>
 ... mas a opção é da senhora,
 né?
- V2: pois é
 ...tem geladeira pra tomar água,
 ...tem televisão pra assistir,
 né?
 ainda tem mais
 ele disse que vai cortar os canos da água,
 porque os cano da água é dele,
 mas quem paga água sou eu
 ... toma banho TODO SANTO DIA
 ... lava roupa lá
 eu não lavo a roupa dele não
 quem lava a roupa dele tudo é ele
 (2.0)... os cano é dele,
 mas quem paga a água sou eu,
 né?
 e ele ameaça a tirar os fio da luz,
 ...porque os fio da luz é dele,
 ...quem paga a energia sou eu,
 (3.0) não sei porque ele não fica na casa dele
 ... tem energia na casa dele,
 ...tem água na casa dele
 só não tem mais nada
- (barulho da impressora)
- E2: mas não tem a senhora lá,
 pra sustentar ele e fazer as coisas pra ele
- V2: ele passa a noite toda fumando baseado
 aí dorme

- ...quando chega uma hora da tarde tem comidinha,
tem suco,
...banheiro pra tomar banho,
- E2: humm
- V2: ai quando fuma o baseado
<xx>
fica dando pancada nas portas,
pancada na geladeira,
e quando ele ta com baseado na cabeça,
... ele
<xx>
- E2: eu que não queria um homem desse na minha casa não
...não era nem besta
(2.0) tudo que a senhora ta dizendo,
...Dona::
...Ivone
é porque a senhora consente
(vítima tenta falar, escritã interrompe)
deixa eu lhe dizer,
.. ó
... a verdade é essa
... não existe esse negócio da casa ser dele não
... HOJE existe a opção da mulher se livrar de gente assim,
é só ela querer,
certo?
- V2: ... é::
- E2: mas isso aqui,
na hora que a senhora quiser fazer a medida,
... a senhora faz
<xx>
então,
a gente só vive na situação que a gente quer
(3.0) ta certo?
Ele diz “a casa é minha”,
Mas a senhora pode dizer “a casa TAMBEM é minha”
- V2: dá pancada nas coisas,
dá pancada nas portas,
...ele diz que faz tudo isso porque a casa É DELE
- E2: eu sei que a senhora fala isso,
porque é um desabafo
mas HOJE
... a mulher não pode mais ficar só falando não
ela tem que agir,
viu?
- V2: semana passada,
ele quebrou a janela,
porque eu disse a ele,
porque eu escondi o--
eu tirei o fio da televisão
... para ele não assistir televisão mesmo
(2.0)... ele diz que pode quebrar a janela/
(escritã interrompe e dirige a fala à filha)

- E2: .. converse logo com sua mãe,
 porque na hora que ela vier aqui pra essa audiência que eu to marcando,
 ela vem preparada
 <xx>
 e acabou-se
 então,
 Do/dona
 Ivone,
 ...não adianta falar do leite derramado não,
 certo?
 ...tem que se mexer
 porque enquanto a senhora fala--
 ...só falar não adianta
 ... eu tenho que AGIR,
 (2.0)... viu?
 eu tenho que pensar e fazer mesmo o que é melhor pra mim
 ... e pra minha filha que mora comigo
 e acabou-se
- V2: pois é
 .. porque essa aqui é casada,
 né? (refere-se à filha)
- E2: e eu espero que o marido dela seja bom
 (@@@)
 ...tchau
 (declarante e filha despedem-se e saem da sala)

Vítima 3

- V3 Bem,
 ... ele tinha dado uma parada porque
 ... tinha acalmado,
 ...só que domingo,
 dias das mães,
 .. foi horrível
- E3 →é seu marido?
- V3 é
 ... ex-marido
 ... tá aqui os BO,
 a protetiva,
 que eu já tenho
- E3 você tem uma protetiva?
- V3 TENHO
 [... tenho tudo]
- E3 [deixa eu ver]
- V3 isso aqui é tudo é daqui,
 Esse pacotinho aí ((entrega envelope com documentos à escritã))
- E3 (escrivã passa os olhos sob os documento rapidamente)
 ... e ele não tem jeito,
 né?]
- V3 não] tem jeito

- domingo ele pediu pra ver o menino
era dias das mães
... eu não queria deixar,
mas meu irmão
“não, ‘vamo’ levar
...pra evitar problemas”
- E3 a senhora tem guarda do bebê?
V3 tenho
E3 ai
... como é que ficam as visitas?
V3 ... ah,
... a juíza botou pra dias::
de domingos e segunda
E3 pra ele ver o bebê?
V3 unhun
...foi]
- E3 aí domingo- -]
V3: só que ele não tá ficando
... ele não quer
porque ele
...ele tá ficando só um pouco
à tarde
... questão de meia hora
... na praça,
próximo a minha casa
o meu irmão que leva
... só que agora
... tá - -
domingo agora ele exagerou mesmo
eu tenho até as gravação]
- E3 a senhora trouxe as testemunhas nessas datas?]
V3 trouxe
... eu trouxe tudo tudo
... foi feito tudo
inquérito,
tudo tudo desses daqui
TUDO
(2.0) aí aqui::
...tem as gravações
das ligações dele domingo
... das ligações dele
e eu:.]
- E3 a senhora] já foi atendida até por mim,
né?
V3 já::
... já sim
por isso que eu tava ali me benzendo
né?
... é ela que vai me atender de novo
...é ela que vai me atender de novo (@)
- E3 ô meu Deus (@)
V3 ele não veio nenhuma audiência

... (1.0) ele não [veio nenhuma]
 E3 [não vem né?]
 ...não tem jeito
 V3 não
 .. ele não vem
 ... ele não vem [nenhuma]
 E3 [humm]
 V3 aí,
 ... quando foi domingo
 ... eu abri- -
 porque eu trabalho no hospital do coração 24 horas
 ... tô saindo do plantão hoje
 aí/
 aí eu vim em casa/
 e eu ainda fazia faxina nas horas vagas
 só que eu tava com muito pouco tempo pra ele aqui (aponta pro filho de colo)
 ...aí
 não,
 ...vou abrir uma minilavanderia [em casa]
 E3 [e quem] é que cuida dele?
 V3 a fu/
 ... a minha filha
 ... eu tenho uma filha de 21 anos
 aí eu disse
 não,
 ... eu vou parar mais um pouco em casa
 porque eu tô muito fora de casa
 ... então,
 ... vou abrir uma minilavanderia”
 ... e abri uma minilavanderia
 e é até um homossexual que
 .. me ajuda
 ... uma pessoa que tava necessitada também
 ... eu ajudo ele e ele me ajuda
 ... um rapaz né?
 e ele é homossexual
 ... quando foi domingo,
 o meu irmão
 ...levou o menino
 com um rapaz,
 ... que já é até um senhor com ele
 ... porque o filhinho do meu irmão
 .. também passa o final de semana com ele
 .. que ele também é separado
 ... aí ele mora comigo
 e o filhinho dele tava lá em casa
 .. que tava lá em casa
 aí
 aí como na juíza é ele que leva
 só que ele pirou quando ele viu o homem
 ... as barbaridades que ele disse
 ... faz é nojo

- E3 ele te esculhambou?
V3 o cabra véi
... de 54 anos,
[mulher]
- E3 [mas ele] chegou a te ameaçar?
V3 não
... ele botou um cara na minha esquina
... domingo
... pra observar todo o movimento da minha casa
... ele tem esse direito?
- E3 não
V3 não tem
então/ tá
eu tô vivendo/ eu vou viver a vida toda
...às custas de ameaça?
... de uma criatura que não me dá nada?
e que não dá nada pro filho?
.. só conta vantagem?
(2.0) não tem como, mulher
..não tem como
eu não tenho mais condição
eu não/
... (1.0) eu sinceramente/
... aí fica/ ele fica
eu fico vendo a hora meu filho se envolver
os meus irmão
... acabar com minha família?
por causa de uma criatura que/
... não tem a MINIMA condição
- E3 só tem um filho com ele?
V3 Graças a Deus!
...Deus o [livre]
- E3 Foi casada com ele quanto tempo?
V3 não
Eu fui junta com ele 5 anos/ 2 anos
.. e o resto era
... através disso de/ de MEDO
- E3 Faz dois anos que tá separada?
V3 mulher, que eu tô separada faz
Vai fazer isso
- E3 ele era bebezinho quando se separou?
V3 era
(nesse momento, a depoente pega o celular para mostrar algo a escritã)
... ó
ó as conversas dele
(gravação inteligível)
- E3 quem é?
V3 é ele
- E3 tá falando com quem?
V3 com meu irmão
(continua mostrando trechos da gravação por 10 segundos)
... isso aqui

- foi até não sei que horas da noite
- E3 ligando,
.. né?
- V3 ó
(continua a mostrar a gravação de áudio à escritã por mais 15 segundos)
todo homem ele diz isso
- E3 e esse rapaz quem é?
- V3 não
.. esse aqui é meu irmão!
- E3 não
.. ma esse “macho” que ele tá dizendo aí
- V3 não tem nada a ver
não tem nada a ver
... o menino me AJUDA
lá dentro de casa porque eu tenho uma minilavanderia
... entendeu?
O menino não tem anda a ver, mulher
Eu não tenho ninguém não
... ora se eu tô louca, é?
botar a vida de ninguém no precipício
.. e a MINHA, também?
...Eu tenho 5 filho
... (3.0) eu tenho 5 filho,
... eu vivo minha vida e::
... e/
(continua a mostrar a gravação por 1 segundos)
... isso aqui é meu irmão que tá ouvindo
- E3 ... (4.0) e teu irmão não sabia de nada?
- V3 sabe, mulher!
... meu irmão mora comigo
(barulho de conversas paralelas, impressora e a gravação ao fundo)
... (5.0) ele mesmo disse que botou um cara pra me vigiar
- E3 .. ele não pode
... ele é muito baixo
... muito/muito nojento
(escrivã conversa com outra pessoa que entra na sala e a vitima a interrompe)
- V3 ... (5.0) ollha essa aqui
.. só escuta
- E3 tu gravou?
- V3 TODAS
... tem dez mensagens
- E3 ... (3.0) e ele não veio pra audiência e [nem]/
foi feito um flagrante?
- V3 [não]
Nada, nada, nada
porque quando a gente chama ‘os homi’
que ele vem chegar
... a viatura nem chega na hora
... (3.0) sim e eu me mudei,
viu?
... (2.0) eu tô agora na Rua João Pereira
eu já me mudei porque ele foi/

E3 vou alterar seu endereço
 V3 ele já botou maior barraco/
 E3 /a confusão não foi no domingo
 ... foi no domingo?
 V3 domingo AGORA
 ... não,
 ... essas ligações agora/
 E3 não
 essa última briga
 V3 não,
 eu não falei come ele
 ... essas coisas ele fez tudo entre ele e meu irmão
 eu [não/]
 E3 [mas] a senhora disse que teve as ofensas que [ele/]
 V3 foi com isso aqui
 E3 ele disse ofensa no telefone?
 V3 é
 E3 ele lhe telefonou?
 V3 não
 Ele liga pro do meu irmão
 ... ele não tem mais meu chip
 ... ele não tem,
 [ele/]
 E3 e isso aí foi seu irmão que gravou?
 V3 foi
 E3 ele ligou pro seu irmão e proferiu várias ofensas contra você?
 V3 exatamente
 E3 certo
 ... isso foi no sábado?
 V3 DOMINGO
 E3 domingo
 V3 domingo de tarde
 E3 domingo ele ligou pro seu irmão [e/]
 V3 [ele] viu o menino primeiro
 ... depois que ele viu o menino
 foi por volta de 8 hora da noite
 ... ele começou [a/]
 E3 na sua presença ele não disse nada?
 V3 ele/ele
 ele não tem contato comigo
 ele [não/]
 E3 [então] ele cumpre a medida
 O problema é que essa/
 .. que [ele]
 V3 [ele] cumpre assim, né?
 Ele manda gente ficar na minha esquina,
 ... ele vai até a rua e volta
 E3 ... ele não lhe telefona?
 ... só seu familiar, né?
 V3 é
 E3 ... é porque essa medida protetiva foi mal feita
 (2.0) ultimamente eu tô notando

- era até bom/
eu vou até
.. ligar pra menina lá do juizado
a diretora de secretaria
... a medida protetiva não manda ele se afastar dos familiares
... (2.0) aí
... antes,
..mandava
... a lei MANDA
... a lei prevalece,
... [é claro]
- V3 [anhan]
E3 aí
... o que que acontece aqui?
...Ele liga pros familiares
...pra importunar
- V3 mas é porque
o único que ele tem o número é esse meu irmão
Porque lá no juizado
[Lá na defensoria/]
- E3 [só que aí ele] deveria ser cientificado
de que ele não pode fazer contato com os familiares
... só que a medida não manda
- V3 (1.0)... pois é
[...lá no/no]
- E3 [a maioria] dessas medidas
V3 lá na defensoria
...disseram
... que tinha que ter uma pessoa pra levar o menino pra ele ver
- E3 não
.. uma coisa é levar o menino
uma coisa é tá fazendo esse tipo [de coisa/]
- V3 [pois é]
aí eu disse
a única pessoa que eu tenho é esse meu irmão
... (2.0) por que?
... porque é a única pessoa
... porque a minha filha tentou levar
... ele fica esculhambando,
... fica diz/dizendo as coisas comigo
... e ele não vai aceitar
- E3 ... você já fez
.. já apresentou testemunha
...[já fez tudo?]
- V3 [já]
... eu já fiz tudo
... eu tenho inquérito aberto aqui e tudo
- E3 (2.0)... ele te ofende verbalmente,
... [é isso?]
- V3 [verbalmente] (declarante funga)
E3 ... ele fala o que contra a sua pessoa?
V3 ... ele

- ... só não me chama de santa
 ...mas de rapariga,
 [vagabunda/]
- E3 [ele disse isso tudo]
 V3 ... disse [tudo isso]
 E3 [certo]
 V3 ... e ainda disse mais
 ... que se um homem
 ... nesse palavrão
 ... se um homem não tiver comendo ela,
 você tá comendo ela
 ... ou ele te comendo
 (escrivã esboça reprovação com o que ouviu)
- V3 ... (4.0) agora..
 ... eu
 ... doutora,
 sinceramente,
 ...eu até ontem,
 eu dizia,
 ...eu quero só que ele se afaste de mim e me deixe em paz
 ... mas ele não vai deixar NUNCA
 ... ele não vai deixar nunca
 ... (2.0) ele não vai deixar nunca
 ...EU quero um processo por danos morais
 ..O que der
 ... eu não/ eu não vou mais aguentar
 (nesse momento entra alguém na sala e conversa com a escritã por 20 segundos)
- E3 amiga,
 ...tu vai fazer o seguinte
 ...(2.0) no meu entendimento,
 ... precisa ser feito um inquérito por descumprimento dessa medida protetiva
- V3 humm
- E3 ... mas,
 ... como o Marcelo não sabe dizer
 ... porque,
 ... mulher,
 ..porque esse negócio desse medida protetiva,
 Oh meu Deus do céu, (escrivã, nesse instante, olha pra mim ao dizer isso, pois acreditava que eu era uma estudante de direito)
 ... (2.0) MEU SONHO era que existisse uma jurisprudência
 ... que o supremo dissesse alguma coisa
 quanto aos prazos das medidas protetivas (ela demonstra frustração e balança a cabeça em desaprovação)
- V3 ele diz mesmo que BO e medida não [serve de nada]
 E3 [porque] se o supremo desse uma prazo
 ... mas o supremo não diz isso
 ... nem a lei
 ... a lei diz que é satisfativa da vontade do autor
 .. que é pra durar enquanto a mulher precisar::
 .. e no dia que a juíza esteve aqui dando uma palestra sobre isso,
 ... ela deixou muito claro:
 ... a medida protetiva é enquanto

- ... a mulher NECESSITAR
 ... ela não vai ser revogada
 ... ela [INDEPENDENTE do policial]
- V3 [no meu caso]
 E3 [porque ela é um processo especial]
 V3 ...[eu tenho que estar vindo]
 E3 ... [ela nem é uma cautelar]
 V3 [... de seis me seis meses]
 E3 Nem é uma tutela antecipada
 Ela é uma medida inominada
 ... que tá lá pelo meio do nosso ordenamento jurídico
 ... é que NINGUÉM decide o que que ela é
 ... (1.0) porque se o supremo dissesse o que que ela é
 ...pacificaria,
 ... né?
- (Eu concordo com a cabeça e digo: “é”)
- E3 Aí a gente fica nessa situação
 ... a pobre da mulher fica nessa situação aqui
 (vira-se pra vítima e diz:)MINHA FILHA,
 ... um dia eu vou ser delegada da mulher,
 ...aí,
 ... eu prendo “tudin”
 ... (1.0) porque quando eu trabalho com a doutora Rena,
 ... ela como delegada,
 ... eu como inspetora,
 eu BOTO PRA LASCAR
 ...e ela assina tudo
 ... (1.0) mas como a gente tá com uma delegada novata que eu não conheço,
 ... não [sei/]
- V3 Doutora Rena tá de licença?
 E3 tá de licença maternidade
 V3 olhe,
 ... no dia que eu/
 ... a doutora Rena,
 na última audiência,
 ... que ele não veio,
 aí
 ... a Maria pegou e ligou pra Doutora Rena,
 ela disse:
 ...“pedir a medida/
 a prisão preventiva urgente”
- E3 a doutora Rena PEDE
 ...se a doutorada Rena fosse a delegada,
 eu ia pedir aqui embaixo mesmo
 ... porque eu JÁ SEI que ela defere
 que ela assina e agente manda pra juíza,
 ... entendeu?
 ... o problema é que eu/é/cada/
 por conta dessa lei que não tá pacificada,
 ...não/ cada um entende em coisa diferente
 ... eu não sei o que que a delegada que tá aí entende
 ... o que que ela vai fazer,

- ... entendeu?
 Então, eu vou lhe aconselhar você fazer o seguinte:
 ... você ir no Ministério Público,
 ... na Rua Valderi Uchoa,
 ... (2.0) NÃO SEI o número
 ...vou já perguntar ali na recepção
 V3 é esse prédio aqui perto da antiga delegacia da mulher?
 E3 ... ali é o juizado
 ... (2.0) porque o Ministério Público,
 ...vai fazer alguma coisa
 ... (2.0) eu gosto desse Ministério Público
 ... (3.0) promotoria da mulher! (diz ao encontrar o telefone)
 ... minha filha vai ligar pra esse número 32142673
 ... (3.5) aí a minha filha
 ... (2.0) vai lá,
 ... tá certo?
 ... aí,
 ...vai contar a sua situação,
 ...que você está totalmente DESASSISTIDA,
 pela justiça,
 ... que já tem um monte de B.O
 ...e que até hoje
 ...sua situação nunca se resolveu,
 ... tá bom?
- V3 tá
 E3 Qual era o endereço que a senhora estava no domingo?
 V3 Rua Manoel Pereira numero 89
 E3 Qual é o bairro?
 V3 Messejana
 E3 Na Paupina,
 ... né?
- V3 ...é
 E3 um ponto de referencia lá?
 V3 Água Santa Sofia
 E3 Água Santa Sofia?
 V3 é..
 E3 ... (5.0) ele é pai do bebê
 .. é,
 Maria?
- V3 .. é
 E3 e o bebê tem quantos anos?
 V3 Um ano e onze meses
 ... tá fazendo
 E3 .. ele é grande
 ... né?
- V3 ... é
 E3 Grandão!
 ... será que meu bebê vai ser grande?
 ... o pai dele é grande?
- V3 ... é
 E3 Qual é o nome da tua mãe,
 Maria?

V3 Maria Lucimar dos Santos
 EI,
 Eu não posso fazer outro BO não?

E3 ... Lucimar (digita nome)
 ... BO de que?

V3 disse AQUI,
 mulher

E3 eu não tô fazendo,
 criatura?

V3 AH! @@
 (nesse instante, o filho da vítima começa a chorar)

E3 Maria Lucimar?

V3 ... dos Santos

E3 ... dos Santos (digita)
 ...(2.0) telefone?

V3 87751322

E3 (escrivã digita e lê em voz alta)
 ...está sofrendo difamações e perseguições do
 ... ex-companheiro,
 é, Maria?

V3 ..isso

E3 qual é o nome dele?

V3 Sergio Francisco Rodrigues

E3 Sergio? (digita)

V3 Francisco Rodrigues

E3 você viveu quanto tempo?

V3 cinco anos
 (2.0)... assim
 foram cinco anos assim
 ...é::
 ... três dentro de uma casa
 ... e os outros dois
 .. se encontrando
 ... pra ver se resolvia a situação
 ... pra ver se acalmava
 ... até eu tomar essa [decisão]

E3 [você] já chegou a registrar BO por lesão corporal?

V3 não
 .. nunca me/me::
 .. me agrediu físico não
 ... só verbal
 (2.0) ele nunca me deu um empurrão

E3 (20.0) como é o nome do irmão
 ... que recebe o telefonema?

V3 Jeani

E3 ele lhe chama de que
 ... no telefonema?

V3 RAPARIGA,
 ... VAGABUNDA,
 ... tenho TUDO aqui gravado,
 ... se a senhora quiser ouvir::

E3 não

- ... vou acreditar no que a senhora tá dizendo
 ... e qualquer coisa
 ... a gente pede a gravação
 ...(3.0) rapariga
 vagabunda?
- V3 é::
 (2.0) que eu tô com macho dentro de casa,
 ... que eu::
 .. sempre fui vagabunda mesmo
 ... que não quero nada
 ... é::
 todo canto é/
 .. é muitas coisas (sic)
 ... ele diz mais
 ... que é eu
 ... minha família todinha
 ... [que eu]
- E3 [então] aonde chega
 ... ele denigre a sua imagem,
 .. né?
- V3 ... COM CERTEZA!
 ... ele ligou foi pra uma marido de uma colega MINHA
 ...dizendo que eu devia a ele quatro mil reais
 aonde eu nunca/
 ...eu nunca fiquei devendo dinheiro a ele
 ... até a pensão da filha dele EU pagava
 ... (3.0) aonde ele nunca deu NADA a esse aqui
 ... eu disse pra ele
 Sergio,
 ...se preocupa se Davi tem um tênis,
 ...se Davi tem um pacote de fralda,
 ... um pacote de leite
 .. ele/
 a UNICA coisa que ele dá ao Davi
 ... é um biscoito recheado pequeno
 uma garrafa d'água mineral
 ... mais tarde,
 ... quando vai ver o menino
 ...é a UNICA COISA
 ...a única preocupação dele
 ... é com MACHO MEU
 ...(2.0) se eu tenho MACHO
 ... quem anda na minha vida
 ... na minha casa,
 ... com quem saio
 ..O MEU vizinho,
 botou a moto na minha calçada,
 ... na minha calçada
 ... porque a calçada dele é alta
 .. e ele só bota a mota dele pra dentro quando ele pega a esposa dele
 ...(2.0) ele/domingo
 ...ele disse que a moto que tava na minha calçada era do MEU MACHO

...(2.0) então
 ... TODO mundo é meu MACHO
 ... todo mundo!
 .. eu tenho macho no hospital,
 .. eu tenho macho/
 ... AONDE eu passo eu tenho macho
 ...(2.0) diz que vai pra defensoria
 .. que vai tomar a guarda do filho dele
 ... porque ele não quer o filho dele criado por RAPARIGA

(permanecem em silêncio e depois de 10 segundos e entra uma pessoa na sala e a escritã conversa rapidamente com ela. A vítima repreende o filho por estar fazendo barulho. A escritã permanece digitando).

Depois de 2.3 minutos:

V3 tem um::
 ...um telefone dele aqui
 ... anota aí (mostra papel pra escritã)
 Logo em seguida, escritã lê o BO à declarante e ao final, diz:
 E3 Minha filha vai levar esse BO até à promotoria,
 ... contar sua situação e ver o que
 ...realmente
 ...se pode fazer em relação a essa medida protetiva
 ... pra ESTENDER
 .. pra ele não fazer contato
 ...ESTENDER as medidas protetivas
 ... CONFORME MANDA o artigo
 ...tá certo?
 V3 ...Tá

Vítima 4

E4: Ele é o que seu?
 V4: Ex- marido.
 E4: E o que é que ele faz?
 V4: Ele me ameaça
 ... diz que vai me matar,
 ... fica me esculhambando no meio da rua,
 ... me chamando de quenga,
 ... de rapariga.
 Não deixa eu arrumar nem uma pessoa,
 ... quando eu arrumo uma pessoa ele eu fica::
 ...atrás,
 ...perseguido.
 ... Diz que vai me matar.
 Ontem mesmo ele colocou duas-dois vagabundo dentro de um carro
 ... atrás do-da pessoa que eu tô pra dizer que quer matar.
 Aí eu fui lá na casa dele e ele foi e disse
 “... se você quiser dar parte de mim,
 ... pode ir,
 ... que ^eu não tenho medo não...”

- Aí começou a me esculhambar no meio da rua.
- E4:** Quando foi isso?
- V4:** Ontem.
- E4:** Que horas... mais ou menos?
- V4:** Dez e meia
- E4:** da noite?
- V4:** da noite ((fala baixo))
- E4:** onde foi?
- V4:** Foi lá em frente à casa dele.
- E4:** Qual o endereço?
- V4:** Rua Uruguai,
...790
- E4:** Bairro?
- V4:** Panamericano
- E4:** Foi no meio da rua ou foi dentro da casa dele?
- V4:** Foi no MEIO da rua
- E4:** Fica próximo a quê?
a casa dele?
- V4:** Próximo ao supermercado Pinheiro
- E4:** Aí tu quer o que?
que ele seja chamado aqui,
é?
- V4:** É.
Agora pra tomar medida protetiva.
- E4:** Tu sabe o nome da mãe dele?
- V4:** Sei.
... Pera aí,
...Tenho que ver dentro da minha bolsa.
...É Eliane-
- E4:** → Pra adivinhar não dá não,
Me dá aí só tua identidade.
- ((15 s – a vítima procura))
- V4:** Não tenho aqui,
Tem não aqui...
- E4:** Só posso pedir a medida protetiva se tiver o nome da mãe dele,
viu?
- V4:** O nome da mãe dele *todin*, é? ((Escrivã confirma com a cabeça))
Aí,
... enquanto isso,
... ele vai só ser chamado aqui é?
- E4:** Não.
Se tu trazer o nome da mãe daqui pra amanhã,
... tu traz e eu faço a medida amanhã.
Faço o BO ^hoje... ((Nesse momento, a escritã dirige-se a mim para esclarecer a
razão da exigência do nome da mãe do agressor))
Porque teve muito problema aqui com homônimos e você acaba-va botando,
... sujando o nome de uma pessoa quando na verdade era outra.
Aí a gente-era,
... era um problema seríssimo,
... Aí agora a gente só faz se tiver o nome da mãe pra não acontecer esse problema.
...Porque o prejuízo que a outra pessoa causa?
Que causa pra outra pessoa?

- Vai ficar com o nome sujo,
 ... antecedentes criminais
 ... pode ser presa a pessoa...
 ((Dirige-se novamente à vítima e dá prosseguimento às perguntas))
 Qual teu endereço? Rua Rio Grande do Norte 772?
- V4:** É.
- E4:** Fica próxima a que?
 a tua casa?
- V4:** Fica próxima fábrica Stop-jeans.
- E4:** Fábrica o que?
- V4:** Stop-Jeans
- E4:** Teu telefone?
 ... qual é?
- V4:** 88619090
- E4:** Só tem esse é?
 ...tem fixo não? ((demonstra certa irritação por ter recebido um número de celular))
- V4:** Tenho o do meu trabalho...
- E4:** Diz.
- V4:** É:::
 ...3290-0328
- E4:** É própria ou alugada?
 a tua casa?
- V4:** É própria.
- E4:** Tu era casada ou só conviveu?
- V4:** Só convivi 5 anos
- E4:** tem filhos?
- V4:** Tenho 1,
 tem 3 anos.
- E4:** Qual é o nome dele?
- V4:** Antonio
- E4:** Todo
- V4:** Antonio Sousa Costa.
- E4:** É Antonio?
- V4:** É o nome do meu filho?
- E4:** Não...
- V4:** É Alberto Pereira Costa.
- E4:** É Roberto?
- V4:** ALBERTO.
- E4:** Não,
 é porque eu tô “moquinha”
- V4:** É Alberto Pereira Costa.
- E4:** Tu tinha QUINZE anos... era?
 ((vítima confirma com a cabeça a idade que teve o filho))
- E4:** Com quinze anos eu ainda brincava de boneca...((escrivã digita informações))
 Como é o nome dele?
- V4:** Antonio Sousa Costa
- E4:** Quantos anos?
- V4:** três
- E4:** Separada faz quanto tempo?
- V4:** Cinco meses
- E4:** Aí ele fica te perturbando desde-
- V4:** → É:::

- ...Perturbando,
 ...ameaçando que vai me matar,
 vai mandar me matar,
 fica me esculhambando,
 no meio da rua,
 ...aonde ele me vê,
 ... me esculhamba...
- E4:** Ele usa droga?
V4: Não.
 ... nem usa droga nem bebe.
 ... É namorada dele ligando pra mim,
 ... perguntando se eu ainda tenho alguma coisa com ele,
 ... me esculhambando...
- E4:** Ele diz o que?
 Que vai te matar?
V4: É,
 ... Que vai me matar,
 ... que se me pegar na moto com alguém,
 ... vai mandar me derrubar,
 ... que vai mandar me matar,
 ... vai me dar uma pisa,
 ...Que ele pegar me ((<XX>))com alguém,
 ... vai dar uma surra na pessoa e em mim,
 ... Diz que eu não posso andar com meu namorado na moto e com o filho dele.
 Porque o filho é DELE e não pode
 ... se vê [vai me derrubar.]
- E4:** [Aí ele diz vou te matar?]
V4: Foi ...
E4: Que mais?
V4: Aí me esculhambou no meio da rua,
me chamou de quenga,
 ... de vagabunda,
 ... vive me chamando de arrombada.
- E4:** Rapariga?
V4: Foi.
E4: Que mais?
 Diz só mais uma?
V4: Só isso.
 ...arrombada,
 ... quenga,
 ... rapariga
- ((escrivã digita informações por 1 min e 5 s))
- E4:** Amanhã tu vem,
 ... ^viu?
V4: Tá bom.
 ...Pode vir a partir de que horas?
E4: Amanhã.
 Qualquer pessoa pede.
V4: Un-hun...
E4: Tu quer representar?
 Tu quer continuar né?
 Quer que ele seja processado,

- né:?:
- V4:** É:....
- E4:** Amanhã quando tu trouxer o nome da mãe dele,
... tu traz também o nome de duas testemunhas,
... viu?
- V4:** Certo.
- E4:** Porque vai precisar..
..Aí tu traz logo AMANHÃ pra tu não ter que vir OUTRA vez.
- V4:** Certo.
Mas as pessoas *não precisa* vir não né?
Só o nome...
- E4:** ^Não,
só o nome.
Por enquanto não. (22 s)
Pode guardar seus documentos.